

O PIOR DOS NOSSOS MEDOS

HÁ UM DIA EM QUE TEMOS
DE ENFRENTAR
O PIOR DOS NOSSOS MEDOS.
ESSE DIA CHEGOU.

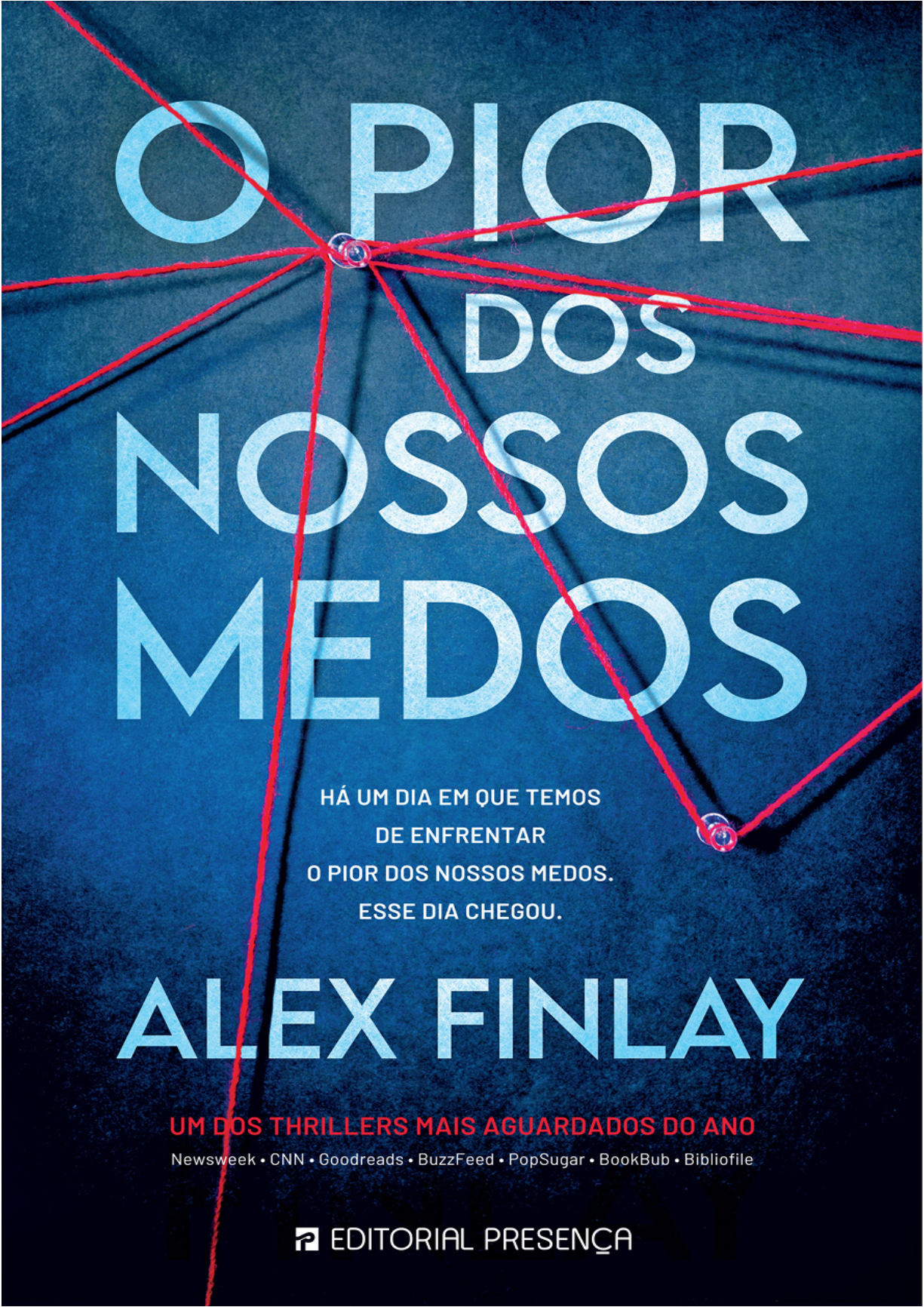
ALEX FINLAY

UM DOS THRILLERS MAIS AGUARDADOS DO ANO

Newsweek • CNN • Goodreads • BuzzFeed • PopSugar • BookBub • Bibliofile

 EDITORIAL PRESENÇA





O PIOR DOS NOSSOS MEDOS

HÁ UM DIA EM QUE TEMOS
DE ENFRENTAR
O PIOR DOS NOSSOS MEDOS.
ESSE DIA CHEGOU.

ALEX FINLAY

UM DOS THRILLERS MAIS AGUARDADOS DO ANO

Newsweek • CNN • Goodreads • BuzzFeed • PopSugar • BookBub • Bibliofile

 EDITORIAL PRESENÇA

O PIOR DOS NOSSOS MEDOS

FICHA TÉCNICA

Título original: *Every Last Fear*

Autor: *Alex Finlay*

Copyright © 2021 Alex Finlay

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023

Tradução: *Sónia Lopes*

Revisão: *Marta Pinho/Editorial Presença*

Design da capa © David Baldeosingh Rotstein

Imagem da capa © Sally Mundy/Arcangel

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, fevereiro, 2023

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O PIOR DOS NOSSOS MEDOS

PRÓLOGO

Encontraram os corpos numa terça-feira. Dois dias depois de a família ter perdido o voo de regresso a casa. Seis dias depois de todas as mensagens de texto e atualizações nas redes sociais terem parado. A última publicação era uma *selfie* a dizer que tinham chegado ao México: o pai e a mãe a fazerem beicinhos exagerados, a adolescente de faces rosadas e envergonhada, o rapazinho de óculos escuros de plástico e um sorriso com um espaço entre os dentes.

O alojamento não era em frente à praia. Ficava fora de mão, uma estrutura pequena ao fundo de um beco não alcatroado, entalhada num terreno à beira da selva em Tulum. O cheiro atingiu um polícia local em cheio quando o gerente da propriedade abriu a porta da frente. A empregada contratada para limpar após a saída dos hóspedes encontrava-se sentada no alpendre de cimento, com as mãos a percorrer as contas de um rosário, o rosto manchado de lágrimas.

O local estava sufocante.

E repleto do zumbido das moscas.

Mas, apesar da decomposição no ar, não havia sangue ou quaisquer sinais óbvios de crime. Foi quando o polícia percebeu que tinha de sair dali.

No espaço de uma hora, homens de fatos brancos anticontaminação caminhavam a custo pela propriedade de olhos fixos em sensores de monitorização da qualidade do ar portáteis. Encontraram a mãe deitada no sofá, petrificada, com um livro aberto sobre o peito. No quarto, a rapariga estava em cima da cama feita, com a mão ainda a agarrar o telemóvel. O rapaz estava aconchegado, pacificamente, o urso de peluche a seu lado.

A equipa inspecionou o fogão e a caldeira.

Depois deambularam sombriamente até ao pátio para verificar a conduta exterior do gás. Foi quando deram com o rasto de sangue. E com o pai... ou pelo menos o que restava dele.

CAPÍTULO 1

MATT PINE

— Noite difícil? Parece que dormiste aqui connosco.

Matt estudou o tabuleiro de xadrez, ignorando o negro calejado sentado à sua frente na mesa em mau estado, em Washington Square Park.

— Não estás com frio? Onde é que tens o casaco?

— Chiu, Reggie — disse Matt, enxotando as perguntas com uma mão. — Estou a tentar concentrar-me. — Continuou a planear a jogada no tabuleiro. Uma brisa fresca matinal avançou pelo parque e Matt esfregou as mãos por causa da friagem. Estava *demasiado* frio para abril.

Reggie produziu um som divertido.

— Leva o dia todo. Não vai fazer diferença.

Em dois anos Matt nunca vencera um único jogo contra o sem-abrigo de West Village Bobby Fischer. Por vezes perguntava-se o que teria levado aquele homem altamente inteligente a acabar nas ruas, mas nunca inquiriu. Moveu o bispo, capturando o peão na casa G7.

Reggie abanou a cabeça, como que desiludido com ele. Com os olhos no tabuleiro, disse:

— Diz lá, acabaste de chegar de uma festa ou algo do género?

— Sim, em Goddard. — Matt apontou com a cabeça para Goddard Hall, uma torre de tijolo castanho-desbotado à saída do parque.

— Goddard? A dar-te com as caloiras — comentou Reggie com uma gargalhada rouca. Sabia mais sobre a NYU do que a maioria dos estudantes de mestrado. Talvez fosse isso; talvez já tivesse andado na universidade.

Era estranho, porque as pessoas normalmente faziam confidências a Matt, contavam-lhe as suas histórias de vida, os seus segredos, os seus problemas. Ele achava que era por ter uma daquelas caras. Ou talvez fosse porque preferia ouvir, observar, a falar. E, céus, se Reggie falava. No entanto, apesar da sua tagarelice incessante, Reggie não oferecia quaisquer pistas sobre a sua vida antes do parque. Matt procurara sinais do seu passado. O homem tinha sempre um saco verde ao estilo do exército; se calhar fora militar. Tinha as mãos e as unhas sempre impecavelmente limpas; talvez tivesse trabalhado em saúde. O seu vocabulário de rua por vezes parecia genuíno, outras vezes, forçado. Talvez

ocultasse a sua verdadeira identidade, um fugitivo, um criminoso. Ou então era só um tipo que se deparara com tempos difíceis, adorava jogar xadrez e não sentia necessidade de justificar a sua vida a um irritante estudante universitário.

— Assim é que é. Toda a noite fora com as alunas da universidade mista. — Reggie soltou novas risadas. — O que é que a tua ruiva bonita pensa do assunto?

Uma pergunta justa. Mas a ruiva bonita acabara tudo com Matt no dia anterior. Daí as bebidas em demasia no Purple Haze. Daí a festa fora de horas em Goddard e a brincadeira no andar de cima com Deena (ou seria Dana?). Daí estar às sete da manhã no parque com o cabelo de quem acabou de acordar e sem maneira de voltar para a residência — o seu cartão de acesso, a chave do quarto e o telemóvel encontravam-se no bolso do casaco perdido.

Reggie moveu a torre para a casa G8 e depois lançou um sorriso satisfeito de dentes amarelos.

— Começo a perguntar-me como é que conseguiste entrar para aquela prestigiada instituição. — Reggie contemplou o edifício das candidaturas, com a bandeira roxa da NYU a ondular ao vento.

— Agora começa a parecer o meu pai — retorquiu Matt, movendo a sua torre para a E1. Ergueu os olhos para Reggie. — Xeque.

Reggie moveu o rei para a D8, mas era demasiado tarde.

Rainha para a G3. O xeque-mate era inevitável.

— Filho da... — disse Reggie. Chamou um jogador numa das outras mesas. — Ei, Elijah, vem cá ver isto. O Affleck derrotou-me. — Reggie chamava sempre a Matt «Ben Affleck», o seu diminutivo depreciativo para «rapaz branco».

— Tenham cuidado com o homem silencioso — começou Reggie num tom semelhante ao de um pregador, citando algo que Matt não reconheceu. — Pois enquanto os outros falam, ele observa. E enquanto os outros agem, ele planeia. E quando finalmente descansam, ele ataca.

Reggie largou uma nota amachucada na mesa.

— Não vou ficar com o seu dinheiro. — Matt levantou-se e estalou as costas.

— Ah, vais, pois — ripostou Reggie, dando um piparote à nota na direção de Matt. — Estás a estudar cinema... vais precisar — casquinou.

Matt recolheu o dinheiro com relutância. Ergueu o olhar para as nuvens negras a avançar sobre a cidade. Adorava o cheiro da chuva iminente.

— Pelo menos deixe-me oferecer-lhe o pequeno-almoço na cantina. Tenho

senhas de refeição que sobraram.

— Ná — respondeu Reggie. — Da última vez não me pareceu que tenham gostado lá muito...

Reggie tinha razão. A «esquerda caviar» tinha os seus limites, como Matt aprendera junto do privilegiado corpo estudantil da New York University. Ele era uma raridade para a maioria dos colegas, um apolítico do Centro-Oeste.

— Que se lixem — replicou Matt, gesticulando para que Reggie se juntasse a ele, quando ouviu uma voz conhecida atrás de si.

— Aqui estás tu. Andámos à tua procura em todo o lado.

Matt virou-se e viu o assistente da sua residência. Porque é que havia ele de andar à sua procura? Phillip normalmente só aparecia se a música estivesse demasiado alta ou se os corredores cheirassem a erva.

— Estão agentes federais na residência — declarou Phillip com voz preocupada. — Querem falar contigo.

— Agentes?

— Sim, o FBI apareceu às seis da manhã. Disseram que não atendes o telefone.

— O que é que eles querem? — perguntou Matt. Provavelmente era por causa do irmão mais velho. Desde o raio daquele documentário que tudo andava à volta de Danny.

— Não sei. Mas se andas a fazer alguma coisa fora da residência que não devias, eu não...

— Relaxa, meu. Não ando... — Matt fez uma pausa, inspirou. — Obrigado por me avisares. Vou ver o que eles querem.

Phillip soltou um suspiro exasperado e afastou-se lentamente.

— Arranjaste sarilhos? — perguntou Reggie.

— Acho que é melhor ir descobrir. O pequeno-almoço pode ficar para outra altura?

Reggie assentiu.

— Tem cuidado, Affleck. Agentes federais a baterem à porta às seis da manhã nunca pode ser boa coisa.

Meia hora depois, Matt estava sentado na sua pequena cama na residência, o quarto a girar.

A agente principal do FBI — Matt não se lembrava do nome dela — estava outra vez a falar, mas era só uma algaraviada. Quando ele não respondeu, a

agente ajoelhou-se à sua frente com uma expressão preocupada. O parceiro, um tipo esguio num fato escuro, pairava ao fundo, mudando o peso de um pé para o outro.

— Falei com o reitor — estava a agente a dizer — e arranjaram-lhe um psicólogo especializado em luto. E não tem de se preocupar com as aulas.

Matt tentou então levantar-se, mas as pernas cederam, o sangue a afluir-lhe à cabeça. A agente redirecionou-o para a cama.

— Todos? — perguntou Matt. Ela já lho dissera duas vezes, mas ele não acreditava.

— Lamento imenso.

Mãe.

Pai.

Maggie.

Tommy.

Levantou-se outra vez, disse algo e depois cambaleou para a casa de banho. Deixou-se cair de joelhos e esvaziou as entranhas na sanita. Abraçou a bacia suja, sem saber ao certo há quanto tempo ali se encontrava.

A dada altura ouviu uma batida suave na porta.

— Só um minuto — conseguiu dizer. Agarrando o lavatório, elevou-se. Abriu a torneira e salpicou a cara com água, depois olhou de relance para o seu reflexo no espelho. O aspeto exterior coincidia com o que sentia.

De regresso ao quarto, a agente estava sozinha, tendo o seu parceiro saído.

— Como pôde uma coisa destas acontecer? — perguntou Matt, o som da sua voz estranho, rouco e distante.

— Julgam que se tratou de um acidente bizarro, uma fuga de gás. Mas é o que estamos a tentar perceber. Tanto o FBI como o Ministério dos Negócios Estrangeiros estão a trabalhar no caso. Contactámos as autoridades mexicanas. Eu sei que esta é a pior altura possível, mas preciso de lhe fazer algumas perguntas.

Matt voltou a sentar-se, fez sinal com a cabeça para ela continuar.

— Pelo que percebemos, estavam de férias.

— Hum-hum, eram as férias da Páscoa dos meus irmãos mais novos. — As palavras ficaram-lhe presas na garganta. — Decidiram ir à última hora. As minhas férias não coincidiam, por isso não pude... — Interrompeu-se, lutando contra as lágrimas.

— Quando é que foi a última vez que soube deles?

Matt pensou.

— A minha mãe mandou uma mensagem do aeroporto no dia em que partiram. A Maggie mandou uma há uns dias. — Sentiu uma pontada de culpa. Não lera, e muito menos respondera à mensagem da irmã mais nova.

— E o seu pai?

Ele abanou a cabeça, cada parte de si entorpecida. Não se falavam desde a discussão nas férias de Natal. O coração afundou-se-lhe. A última coisa que Matt lhe dissera...

— Para a cronologia dos acontecimentos, para nos ajudar a perceber as coisas, é importante vermos essas mensagens. Se não se importar...

— Sim, claro. Mas o meu telemóvel está no casaco, que eu deixei nalgum lado ontem à noite.

— Sabe onde? — perguntou a agente. Era compreensiva, mas Matt conseguia perceber que estava a ficar impaciente.

— Acho que ficou no bar. — Agarrara nas suas roupas ao molho antes de se escapulir do quarto da rapariga, por isso tinha de estar no bar.

A agente assentiu.

— Posso levá-lo lá.

— Não me parece que estejam abertos a esta hora.

— Como é que se chama?

— Purple Haze, na East Thirteenth.

A agente tirou o telemóvel e caminhou para a outra ponta do quarto. Olhou pela janela salpicada de chuva, murmurando ordens a alguém.

— Não quero saber. Digam-lhes para mandarem alguém para lá já — declarou, voltando para junto de Matt. — Está em condições de ir até ao bar comigo? — A agente deu alguns passos para a porta.

Como que em transe, Matt assentiu.

— Não quer ir buscar um casaco ou um guarda-chuva? Está a chover.

Matt abanou a cabeça e seguiu-a para o exterior.

Uma pequena multidão juntara-se no corredor, estudantes boquiabertos. Matt não sabia se a notícia da sua família se espalhara ou se pensavam que ele estava a ser preso por ter feito alguma coisa.

A agente — ainda não conseguia evocar o nome dela — abriu caminho até ao elevador. Lá dentro, Matt perguntou:

— A comunicação social já sabe?

A agente lançou-lhe um olhar entendido.

— Já chegou às redações, mas não divulgaram o seu apelido. Normalmente aguardam um pouco para dar tempo de a família ser avisada.

— Sabe o que vai acontecer quando descobrirem, não sabe? — Matt abanou a cabeça com repulsa. *O raio do documentário da Netflix.*

A agente anuiu.

As portas do elevador escancararam-se e foram recebidos por uma turba de jornalistas e *flashes* de câmaras ofuscantes.

CAPÍTULO 2

A viagem até ao bar foi uma névoa. Matt ia sentado no banco de trás no para-arranca de Greenwich Village, sentindo-se atordoado pelas notícias e pelos *paparazzi* a arremessar-lhe perguntas: *Porque não estava no México com a sua família? Como se sente? Acha que foi mesmo um acidente? O seu irmão sabe?*

A agente limitara-se a cortar pela multidão, agarrando Matt pelo pulso e arrastando-o a reboque. Quando um tipo com uma câmara se atravessou à frente deles a caminho do carro, ela exibira o distintivo calmamente e olhara-o de alto a baixo. Ele afastara-se de rabo entre as pernas. Os *paparazzi* de Nova Iorque não eram tímidos, por isso o tipo deve ter pressentido que ela não era para brincadeiras.

Agora, Matt olhava pela janela, a estrada molhada manchada com as luzes vermelhas dos faróis. Os seus pensamentos regressaram aos jornalistas. *O seu irmão sabe?*

Danny não tinha televisão, Internet ou telefone, claro. Mas o pai de Matt dizia sempre que as notícias — em especial as más — arranjavam maneira de penetrar nos muros das prisões à velocidade da luz. E como o documentário lhe conferira o estatuto de celebridade, em breve saberia.

O carro parou em frente ao Purple Haze. O local parecia mais enegrecido à luz do dia, com as portas de segurança de enrolar em metal cobertas de grafítis. Sacos do lixo molhados da chuva amontoavam-se no passeio. Um homem de fato de treino balançava nos calcanhares sob o toldo. Espreitou para o carro como se estivesse à espera deles e avançou.

— É dos federais? — perguntou, inclinando-se para poder ver para dentro do carro. Era corpulento e estava a perder cabelo. O suor perlava-lhe a testa, apesar do frio.

— Agente especial Keller — disse ela, muito profissional. Matt tinha por fim um nome.

— Recebi um telefonema por causa de um problema no bar — afirmou o homem com um sotaque de Brooklyn. — O nosso negócio é legal, por isso...

— Não me interessa que tipo de negócio tem — interrompeu Keller. Nada de amabilidades. Nada de paninhos quentes. Keller fez um gesto indicando Matt no banco de trás. — Ele deixou o casaco aí dentro ontem à noite. O

telemóvel está no bolso. Precisamos que nos deixe entrar.

O dono hesitou. Comprimiu os lábios.

— Bem, tem, aah, tem um mandado?

Keller fez-lhe uma expressão ameaçadora.

— Quer mesmo que arranje um? Posso ter de voltar com uma equipa de agentes, digamos, às onze da noite. Quem sabe o que iremos encontrar.

O dono ergueu as mãos em derrota.

— Ouça, iria buscar as coisas dele se lá estivessem — afirmou. — Mas deixo que o meu segurança leve o que tenha ficado esquecido depois de fecharmos.

— Fantástico — comentou a agente Keller, soltando um suspiro. — Preciso do nome e da morada dele.

— Não sei se tenho...

— Nome e morada ou voltamos a ter um problema.

— Certo, certo. Dê-me um minuto.

A agente Keller anuiu e o dono desapareceu dentro do estabelecimento. Voltou com um *post-it* contendo a informação rabiscada. Keller sacou-lho da mão, depois arrancou com um solavanco.

Vinte minutos mais tarde, encontravam-se em frente a um edifício alto de vidro em Tribeca. Keller virou para a entrada de uma garagem e parou junto ao segurança. Este examinou as suas credenciais, depois fez sinal para que entrasse.

— O segurança vive aqui? — perguntou Matt enquanto percorriam o estacionamento subterrâneo. Era um edifício de luxo num bairro de luxo, não um sítio onde seria de esperar que o brutamontes de uma discoteca vivesse.

— Não. Mande uns agentes localizarem-no.

— Então o que é que há aqui?

Keller estacionou num lugar ao lado de uma fila de sedãs escuros idênticos.

— Alguém tem de dar a notícia ao seu irmão.

— Desculpe, o quê? — respondeu Matt. Tentou decifrar o que ela estava a dizer. Depois: — Não.

Deu-se uma longa pausa enquanto ela procurava o olhar dele.

— Eu sei que é muito — disse. — E não vou fingir que sei pelo que está a passar. Mas falei com a sua tia e ela disse que os seus pais haviam de querer que fosse o Matt a dar a notícia.

Os pelos dos braços de Matt eriçaram-se.

— Ele está *aqui*? — perguntou, sabendo que isso não fazia sentido.

— Não exatamente. Temos de ir para o terraço.

Era a primeira vez que andava de helicóptero, e Matt não sabia se o estômago às voltas se devia ao voo ou ao dia surreal. A água do Hudson estava picada, o céu, de um cinzento sinistro. A agente Keller estava sentada ao lado dele com as costas direitas, o rosto inexpressivo.

Não era conversadora. E não fazia várias coisas ao mesmo tempo. Não se punha a olhar para o telemóvel ou a ler o jornal. A sua função era acompanhá-lo à Fishkill Correctional, no norte do estado, e era isso que estava a fazer. Matt nunca percebera porque é que Danny, condenado pela morte da namorada no Nebraska, estava preso em Nova Iorque. Era a sua terceira prisão em sete anos.

Quando o helicóptero atravessou uma zona de turbulência, Matt pensou em Tommy. Nas viagens em família, enquanto todos ficavam com os nós dos dedos brancos de se agarrarem ao apoio de braço até mesmo com a mais pequena turbulência, o irmãozinho ria-se, deliciado. Nem uma sombra de medo. Teria adorado este percurso.

Matt engoliu um soluço, imaginando Tommy no avião para o México sem fazer ideia de que seria o último voo da sua vida.

O helicóptero desceu sobre um pequeno aeródromo numa zona rural. Matt desapertou o cinto, tirou os auscultadores e seguiu a agente Keller para o exterior. As hélices rodopiavam e ele curvou-se num reflexo que vira milhões de vezes nos filmes. Keller caminhava direita.

Falou com um homem num fato formal ao lado de um SUV preto à espera deles junto à pista. Não era o parceiro anterior da agente especial, mas eram parecidos. Fato escuro, óculos de sol, expressão impassível. Neo de *Matrix*. Keller e Matt subiram para o banco de trás e o veículo seguiu por estradas rurais até se avistar a fortaleza de cimento.

Por essa altura as palmas das mãos de Matt transpiravam, a cabeça latejava. A realidade estava a assentar.

Desapareceram mesmo.

E em breve teria de tirar ao irmão mais velho quase tudo o que lhe restava neste mundo.

CAPÍTULO 3

EVAN PINE

ANTES

— Evan, ainda bem que conseguiu vir. — A Dr.a Silverstein gesticulou para que se sentasse à sua frente no sofá de pele.

Os olhos de Evan vaguearam pelo gabinete. Observou os diplomas emoldurados, a secretária arrumada, o relógio de pêndulo que ficava deslocado no edifício de escritórios sem charme nem floreios.

— Desculpe não ter telefonado na semana passada — disse Evan. — Pode cobrar-me pela consulta...

— Não diga disparates. Vi as notícias sobre o seu filho na televisão. Lamento imenso, Evan.

Ela dizia sempre o nome dele. Um defeito de profissão, presumia ele. Imaginava uma Dr.a Silverstein muito mais nova a tirar apontamentos diligentemente na aula de Psicologia. *Repetir várias vezes o nome do paciente para mostrar que estamos a ouvir.*

Ele não devia ser tão duro com ela. Era uma boa psicóloga. E devia ser difícil acompanhar alguém que só ia às consultas por causa do ultimato do cônjuge.

— O que se segue? — perguntou ela. — A nível legal, quero dizer. Em relação ao Danny.

Evan não queria falar sobre isso, mas ali não havia como fugir.

— Os advogados dizem que chegámos ao fim do caminho. O Supremo Tribunal recusou-se a ouvir o caso, por isso acabou. — Encolheu os ombros.

Silverstein ofereceu-lhe um olhar compassivo.

— E como é que está o Danny? Teve oportunidade de falar com ele?

Evan pensou no telefonema em que dera a notícia. Visualizou o rosto do filho encostado ao telefone sujo em Fishkill, sabendo que provavelmente iria passar o resto da vida ali, ou noutro buraco miserável qualquer.

— Recebeu a notícia melhor do que eu esperava. Na verdade, passou a maior parte do nosso telefonema a falar dos Linkin Park.

A expressão da Dr.a Silverstein era curiosa. Evan percebeu que ela não fazia ideia do que é que ele estava a falar.

— São uma banda. No dia em que liguei ao Danny por causa do recurso,

disseram na rádio que teria sido o aniversário do vocalista. Morreu há uns anos. O Danny e eu costumávamos... — Esmoreceu. A mente saltou para a recordação de eles os dois a regressar a casa de carro depois do treino de futebol, Danny, malcheiroso e transpirado, a pôr o rádio aos berros, ambos a cantar a plenos pulmões a letra de «Numb».

— Era algo que os unia? — perguntou Silverstein. — A música...

Evan sorriu, apesar de tudo.

— No secundário o Danny era obcecado pela banda. Nunca percebi porquê. As canções deles estão tão cheias de raiva. São músicas sobre a angústia existencial adolescente, relações destroçadas entre pais e filhos... o oposto do Danny e eu. — Mais adequadas a Evan e Matt.

— Como é que o resto da família está a lidar com a notícia? A Olivia? — Antes de Evan ter começado as suas sessões individuais no ano anterior, o clã Pine costumava encaminhar-se para aquele mesmo consultório a cada dois sábados para fazer terapia familiar, por isso Silverstein conhecia bem a família e o seu tipo de disfunção.

— A Liv? — disse Evan. — Acho que ela fez as pazes com o facto de que o Danny não vai ser libertado.

— E como é que isso o faz sentir?

Costumava fazê-lo sentir-se zangado. Enraivecido. Mas agora tinha inveja — inveja de a mulher não passar cada momento em que estava acordada a sentir que fora atirada para o lago Michigan com blocos de cimento amarrados aos membros. Uma vez Evan lera sobre o afogamento secundário, quando uma pessoa morre lentamente horas ou até dias depois de sair da água. Era assim que ele se tinha sentido nos últimos sete anos, com o oxigénio a ser-lhe lentamente roubado dos seus órgãos danificados.

— Eu percebo. Tivemos todos de encontrar formas de lidar com isso.

A Dr.a Silverstein pareceu ver nitidamente para lá da sua sensatez forçada. Mas por agora já sondara o suficiente.

— E o resto dos miúdos?

— A Maggie está-se a aguentar. — Sorriu ao pensar na filha. — Está concentrada em terminar o último ano do secundário, o que ajuda. Mas ela sempre foi a minha lutadora... Acredita que o irmão mais velho vai sair da prisão, independentemente do que diz o Supremo Tribunal.

A Dr.a Silverstein esboçou um sorriso triste.

Evan continuou.

— O Tommy, bem, é demasiado pequeno para perceber. E a Liv protege-o de tudo. — Pouco depois da detenção de Danny, Liv soubera que estava grávida... que ia ter um bebé numa «idade avançada», como dissera o médico diplomaticamente. Não planeada e no momento menos oportuno do mundo, de alguma forma a gravidez e aquele rapazinho salvaram-nos, especialmente Liv.

Silverstein aguardou um longo momento. Outro truque dos psicólogos.
Deixar o paciente preencher o silêncio.

Como Evan não mordeu o isco, Silverstein perguntou, por fim:

— E o Matthew?

Evan olhou para o chão.

— Ainda não falámos.

— Já passaram o quê? Quatro meses? — O tom era factual, não de julgamento.

Evan acenou com a cabeça, cruzou os braços. Não queria entrar em detalhes, e ficou surpreendido por a Dr.a Silverstein não insistir.

Ela olhou para Evan pensativamente.

— Às vezes — disse —, depois de um acontecimento traumático, e, à sua maneira, julgo que esta decisão do tribunal foi um trauma em si, pode ser bom para uma família recomeçar. Passar tempo longe dos sítios do costume. Divertir-se, até.

— Estilo irmos de férias? — retorquiu Evan, tentando ocultar o tom *mas que raio* da sua voz.

— Talvez. Ou irem só algum tempo para fora juntos. Em família.

— Adorava, mas não podemos mesmo... a nível financeiro, digo. — Suspirou ruidosamente, decidindo que mais valia fazer render a sessão. — Dispensaram-me.

— Quem? — perguntou Silverstein com uma voz preocupada. — A sua empresa?

— Sim. Vinte e cinco anos e puf. — Imitou uma explosão com as mãos.

— O que se passou? — Os olhos da Dr.a Silverstein desviaram-se para o relógio de pêndulo, como se agora estivesse com receio de ir precisar de mais tempo.

— O inevitável.

— O que quer dizer com isso, Evan? — Estava inclinada na cadeira, os dedos entrelaçados, contacto visual total.

— Quero dizer que não os censuro. É uma grande firma de contabilidade, e as

minhas horas de expediente têm sido terríveis, em especial desde que pedi transferência para o escritório de Chicago. Perdi o meu cliente principal há seis anos. E vamos ser realistas: a série.

— Refere-se ao documentário?

Evan tentou não perder a paciência, mas que outra série poderia ser? O motivo por que todos sabiam ou queriam saber de Danny Pine. O motivo por que a decisão do Supremo Tribunal de se recusar a rever a sentença de prisão perpétua de Danny chegara aos noticiários nacionais. O motivo por que Evan se permitira pensar que o filho voltaria para casa ao fim de sete longos anos. O fenómeno da cultura *pop Uma Natureza Violenta*.

— Sim — respondeu Evan. — Viu-o, não viu?

— Vi, sim.

— Bom, então sabe.

— Não sei bem ao que se refere.

— Dei a impressão de ser um lunático.

— Não.

Evan lançou-lhe um olhar desiludido.

— Acho que deu a impressão de ser um pai devastado por o filho ter sido injustamente preso por homicídio.

— E um lunático.

Ela não respondeu. Mas concordava. Via-o nos seus olhos.

Graças a Deus não abordou as questões que o haviam assombrado durante a semana. *Como vai arranjar dinheiro? Como vai pagar o empréstimo? As propinas da Maggie?*

— Está bem?

Evan recostou-se, exalou sonoramente.

— É engraçado, quando recebi a chamada a dizer que o tribunal recusara o recurso do Danny, estava a ouvir uma música dos Linkin Park, lançada pouco antes da morte do vocalista. Ao longo dos anos, as músicas dele tinham-se tornado menos zangadas, mais melancólicas. — Evan engoliu o nó na garganta. Conseguia sentir a Dr.a Silverstein a perscrutá-lo. — A canção dizia que ninguém queria saber se uma estrela se apagava num céu com milhões de estrelas.

Silverstein semicerrou os olhos.

— O vocalista dessa banda... — começou. — Como é que ele morreu?

— Suicidou-se — respondeu Evan. A palavra pairou no ar.

— Evan — disse Silverstein por fim, com a voz muito séria —, está a...

— Claro que não.

A Dr.a Silverstein inclinou-se mais.

— Os medicamentos que está a tomar — disse num tom mais suave — podem causar pensamentos intrusivos a algumas pessoas.

— Não se esqueça da fadiga, problemas sexuais e insónias... Todos bastante úteis a alguém que já está deprimido.

A Dr.a Silverstein contraiu o rosto.

— Aprecio o humor, mas estou a falar a sério. Os medicamentos podem causar pensamentos suicidas. Podem levar uma pessoa a pensar que só há uma solução.

Ou talvez levem o paciente a ver finalmente a verdade.

— Não tem nada com que se preocupar, Dr.a Silverstein — declarou Evan. — Estou bem.

Pela sua expressão, Evan percebia que ela não acreditava nele.

Como ele dissera, era boa psicóloga.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 1
«Um Corpo no Ribeiro»

SOBRE ECRÃ NEGRO — GRAVAÇÃO DO 112

OPERADOR

Ligou para o 112, qual é a emergência?

INTERLOCUTOR

(com a respiração pesada)

Estou em Stone Creek, a passear o cão. E há um corpo... a-a-
acho que é uma rapariga.

Um cão ladra em fundo. Parece aterrorizado.

INTERLOCUTOR

Tem de mandar alguém para aqui imediatamente.

OPERADOR

Um momento, senhor. Diz que viu o corpo de uma rapariga? Ela
está a respirar?

INTERLOCUTOR

Não, a cabeça dela, há tanto sangue... Santo Deus...

INSERT — SEGMENTO DE NOTICIÁRIO REGIONAL

PIVÔ

Deu-se um grande desenvolvimento esta noite no caso do
assassínio de Charlotte Rose.

A adolescente de Adair foi vista pela última vez numa festa
numa casa e encontrada espancada até à morte em Stone Creek. As
nossas fontes dizem-nos que ocorreu uma detenção esta noite, o
namorado da vítima, Daniel Pine.

INT. ESTÚDIO

EM LEGENDA:

«Louise Lester, Instituto para as Condenações Injustas»

LESTER

De início estava cética, quero dizer, o instituto recebe milhares de pedidos de ajuda de prisioneiros que afirmam ser inocentes. E este veio da irmã de doze anos do recluso. Mas depois examinámos a ata do julgamento.

Lester abana a cabeça em repulsa.

A teoria da acusação era que o Danny e a Charlotte estavam numa festa, a Charlotte disse-lhe que estava grávida e discutiram. Depois o Danny embebedou-se a valer e algum tempo depois da festa os dois voltaram a discutir, ele empurrou-a e ela caiu, sofrendo uma concussão na cabeça fatal. O Danny então entrou em pânico, transportou o corpo para o ribeiro num carrinho de mão e esmagou-lhe o crânio com uma rocha grande, um enorme banho de sangue. Mas ele não tinha sangue nenhum nas roupas, não havia ADN, nenhum tipo de prova física. Nem um vestígio. Parece obra de um adolescente bêbedo e cambaleante? E depois descobrimos que o procurador sonegara provas ilibatórias à defesa...

CAPÍTULO 4

MATT PINE

A divisão feita de blocos de cimento da prisão cheirava a lixívia. Matt examinou a agente Keller, que estava sentada em silêncio à sua frente. Era uma mulher de poucas palavras. Mas transmitia uma confiança que era reconfortante. Mesmo numa prisão de segurança máxima entre assassinos, violadores e o pior que a sociedade tinha para oferecer — com os uivos débeis daquelas almas malditas mesmo do outro lado da porta —, estava calma e composta.

— Está a demorar — comentou Matt, só para quebrar o silêncio. Estavam ali há uma boa meia hora.

Keller acenou com a cabeça.

— Não o vejo desde que éramos miúdos — continuou Matt, a falar por nervosismo. Nunca fora visitar Danny à prisão. O pai dizia sempre que era assim que Danny queria. Recusava-se a deixar que os irmãos o vissem enjaulado como um animal.

Por isso, Danny estava parado no tempo na mente de Matt. O arquétipo da estrela de futebol americano de uma cidade pequena. Danny não era nenhum Tom Brady, mas em Adair, Nebraska — onde as luzes das sextas à noite só ficavam atrás dos enclaves no Texas —, o irmão fora uma grande figura.

— Que idade é que ele tinha quando o levaram? — perguntou Keller, como se estivesse a lutar contra o desdém pela conversa de circunstância.

— Catorze.

Outro aceno.

— Eram chegados? Quero dizer, antes de...

— Sim — mentiu Matt. Quando eram pequenos, costumavam brincar juntos durante horas, a construir fortalezas, a trepar às árvores, a brincar com os legos. No entanto, quando Danny entrara para o secundário e se tornara uma celebridade na terra, Matt deixara de fazer parte do seu universo. Além disso, a relação do pai com Danny sugava todo o ar à volta. O pai simplesmente não via Matt.

E depois a bonita Charlotte fora assassinada. Vista pela última vez numa festa de secundário, fora espancada até à morte num local desconhecido, o corpo

deixado no ribeiro perto de casa deles. A polícia encontrara sangue num carrinho de mão escondido nos arbustos densos ao longo do caminho que atravessava a propriedade dos Pines. Nunca ninguém percebeu porque é que o corpo de Charlotte fora movido. Ou porque é que o seu crânio fora esmagado com uma rocha enorme *post mortem*. Só tinham a certeza de uma coisa: o autor do crime era o namorado, Danny Pine.

A partir desse momento, nada voltara a ser como dantes. Era o Ano Zero para a família Pine. Havia antes de Charlotte e depois. Agora Matt tinha um novo Ano Zero.

— Então não o vê desde... — Keller não terminou a frase.

— Os meus pais mantiveram-nos longe do julgamento. Falámos ao telefone, mas sim.

A última vez que Matt vira Danny em liberdade fora na noite em que Charlotte fora assassinada. Essa noite fora decisiva para Matt noutro aspeto. Jessica Wheeler pedira-lhe que se escapulisse para se encontrar com ela. Foi antes de ele ter telemóvel, e ela passara-lhe um bilhetinho na aula de Ciências do nono ano, o culminar de semanas de namoriscos. Jessica dobrara o bilhete em quatro e atara-o com uma fita vermelha, como uma embalagem em miniatura. Matt lembrava-se de puxar o laço, o coração a esvoaçar enquanto lia a mensagem.

ENCONTRO NO MONTE HOJE ÀS 3 DA MANHÃ?

SIM OU NÃO

ASSINALA UMA DAS OPÇÕES

O Monte era um famoso local de namoro no cimo de uma colina isolada perto do ribeiro. Um sítio para ver as estrelas e tomar más decisões. Ele, evidentemente, assinalara o *sim*. E ficara chocado ao constatar que ela estava de facto lá: com uma lanterna na mão, de pijama e pantufas. Deitados de costas na relva fria, admiraram as estrelas que salpicavam o céu negro como tinta, as nuvens a desenrolar-se frente à lua.

— *Isto faz-me lembrar a cena do Um Amor para Recordar em que estão a ver as estrelas* — disse Matt. — *Já viste esse filme?*

Ela abanou a cabeça.

— *É antigo e não é lá muito bom. Não há muitas adaptações do Nicholas Sparks que sejam boas. Mas essa cena era razoável.*

— *Sempre gostaste assim tanto de filmes? Quero dizer, tipo, comparas sempre as coisas a cenas de filmes.*

Matt sorriu.

— *Desculpa. A minha família fica maluca com isso.*

— *Eu acho que é querido.*

— *Um dia quero fazer filmes. A NYU tem uma faculdade de cinema espetacular. O meu avô, antes de adoecer, dizia que os filmes são a poesia do nosso tempo.*

Ela virou-se para olhar para ele.

— *Nicholas Sparks... Alguma vez viste O Diário da Nossa Paixão?*

— *Claro. Os críticos detestaram-no, mas é um clássico de culto. A cena do beijo à chuva é considerada...*

Jessica pôs-lhe um dedo sobre os lábios. Retirou-o e a sua boca tocou suavemente na dele. Arrumou o Ryan Gosling e a Rachel McAdams a um canto.

Matt tocou nos lábios involuntariamente, recordando a eletricidade a trespassar cada pedaço dele, quando a porta se escancarou.

— Matty?

Matt pôs-se de pé, apanhado de surpresa pelo recluso diante dele. A estrela de futebol adolescente era um homem adulto. Ainda tinha um aspeto atraente, o cabelo louro, o maxilar anguloso. Mas Matt viu uma dureza nos olhos azuis outrora límpidos do irmão. E, a julgar pelo relance frio de Danny, era óbvio que não estava feliz por ver Matt.

— O que é que estás aqui a fazer? — perguntou-lhe. — Disse ao pai que não queria que... — Interrompeu-se, olhou para Keller. — Quem é a senhora?

— Porque não te sentas? — disse Matt.

Dado que Danny não se sentou, o guarda puxou uma cadeira.

— Senta-te, Dan — disse ele. Foi severo, mas com um tom de preocupação subjacente, como se soubesse o que se avizinhava.

Danny sentou-se, de olhos fixos em Matt.

Keller disse:

— Vamos dar-lhes um momento.

O guarda pareceu acolher a oportunidade de sair da divisão. Sim, definitivamente sabia o que se avizinhava.

— Mas que raio se está a passar, Matty?

Matt engoliu em seco, lutando contra as lágrimas nos olhos, o nó na garganta.

— Houve um acidente.

— Um acidente? — repetiu Danny. — Que acidente? O que é que...

— O pai e mãe. A Maggie e o Tommy. Estavam no México a passar as férias da Páscoa. Morreram, Danny.

— Morreram? — A voz de Danny estava tingida de medo e incredulidade.

— Julgam que foi uma fuga de gás. Na casa que arrendaram — continuou Matt.

Danny pousou as palmas das mãos na mesa e inclinou-se para trás, como se estivesse a distanciar-se das palavras de Matt. O músculo no maxilar do irmão pulsava. Começou a falar, mas foi como se as palavras lhe tivessem sido arrancadas da garganta.

Nos dez minutos seguintes, Matt viu o irmão mais velho a despedaçar-se em milhões de bocadinhos, tal como lhe acontecera nessa manhã.

Por fim, alguém bateu à porta. A cabeça do guarda assomou à porta.

— Temos de o levar de volta — disse ele. — Despeçam-se. — O guarda ia fechar a porta outra vez quando dirigiu um olhar penetrante a Danny. — E recompõe-te.

Danny limpou as lágrimas com a camisa. Matt percebeu que o guarda estava a dizer a Danny para se controlar. Não estavam num sítio onde se pudesse mostrar fraqueza.

— Telefone-te quando souber mais pormenores — disse Matt.

Danny não respondeu.

Matt ficou ali sentado, sem saber o que mais dizer. O que mais podia ele dizer? Os pais e os irmãos tinham desaparecido. E eles mal se conheciam.

O guarda regressou e conduziu Danny para a porta.

Antes de abandonar a divisão, Danny virou-se para Matt e disse:

— Não voltes cá, Matty. — Engoliu em seco. — Eles desperdiçaram demasiado da vida deles comigo. Não desperdices a tua.

E depois desapareceu.

Keller estava à entrada e assistira à despedida.

— Está bem? — perguntou.

Matt não respondeu. Estava lixado por ela o ter obrigado a fazer aquilo.

Outro guarda apareceu para os acompanhar até à saída da prisão. Guiou-os ao longo de uma linha amarela pintada no chão de cimento. Matt sentia os olhares dos reclusos nas traves acima deles. Enquanto esperavam que a porta de segurança apitasse para poderem passar, Matt perscrutou o local desolador. Na ponta mais afastada, viu o guarda a conduzir Danny à sua cela.

O irmão ainda caminhava com o gingar de uma estrela de futebol americano de uma cidade pequena. Talvez fosse só para os outros prisioneiros verem. Mas passados todos aqueles anos, ainda tinha o mesmo andar presunçoso.

A mente de Matt regressou àquela noite com Jessica. O seu próprio passo saltitante depois de a ter levado a casa. Eram quase quatro da manhã e o seu sorriso brilhava tanto que provavelmente se via no negrume do trilho. O caminho perto de casa onde distinguiu o vulto do irmão — com o casaco da equipa de futebol e aquele gingar — a empurrar um carrinho de mão na direção do ribeiro.

CAPÍTULO 5

Matt foi o caminho todo com a cabeça encostada à janela traseira do *Suburban*. A chuva pulsava ao longo do vidro.

Keller estava sentada no lugar do passageiro com o telemóvel pressionado contra o ouvido. Por algum motivo, não regressavam à cidade de helicóptero. Não sabia ao certo há quanto tempo durava a viagem. Uma hora? Duas?

O SUV fez um desvio da I-87 e parou numa estação de serviço. O agente que ia a conduzir, de óculos escuros, embora estivesse a choviscar, saiu e começou a encher o depósito.

Keller virou-se para trás.

— Vou buscar café — disse, abrindo a porta. — Quer alguma coisa?

— Um *Mountain Dew* seria ótimo — respondeu Matt. — Preciso de acordar.

Keller fez uma careta desaprovadora e dirigiu-se para a pequena loja de conveniência.

Os pensamentos de Matt regressaram a Danny. Imaginou o irmão na cela, a lutar contra as lágrimas. Que sítio terrível, onde qualquer sinal de emoção era considerado uma fraqueza, uma presa fácil. Pensou nos músculos de prisão do irmão e nos seus olhos frios.

Keller regressou com um café e um pequeno saco de plástico da loja. Em vez de voltar para o banco da frente, sentou-se no de trás com Matt. Tirou uma garrafa de água e uma maçã do saco e entregou-lhos.

— Já não tinham *Mountain Dew* — disse, claramente a mentir. — De qualquer maneira, na academia ensinaram-nos que a água é melhor para acordar do que a cafeína.

— Ah, sim? — retorquiu Matt, fitando o copo de papel com café na mão de Keller.

Ela lançou-lhe um sorriso cúmplice e deu um gole. O condutor ligou o motor, mas Keller manteve-se atrás. Matt percebeu que ela queria falar sobre algo.

— Ouça — começou enquanto o veículo voltava para a autoestrada —, sei que não é o melhor momento, mas precisamos da sua ajuda.

Matt endireitou-se. Bebeu um grande trago de água.

— Claro.

— As autoridades mexicanas estão a ser difíceis quanto... — Keller respirou

fundo — quanto a autorizarem a sua família a voltar para casa. Dizem que precisam da assinatura de um membro da família em alguns documentos antes de os corpos poderem ser entregues.

— Tudo bem. Eu assino o que quer que enviarem.

— É esse o problema. Eles não querem enviar os documentos. Precisam que vá lá alguém pessoalmente.

— Desculpe?

— Estamos a explorar as nossas vias diplomáticas, mas as autoridades locais estão a ser uma chatice. Não têm sido particularmente comunicativos quanto à informação e agora dizem que precisam de um membro da família lá em pessoa.

— Porque é que haviam de fazer isso? — perguntou Matt.

— Pode ser por estarem preocupados com o turismo. O que aconteceu não é a melhor estratégia de relações públicas do mundo. Ou pode ser um burocrata qualquer a exercer o seu poder. Ou — olhou Matt nos olhos —, ou podem estar a esconder alguma coisa.

Matt refletiu.

— Se acha que é necessário — declarou —, então sim, claro. Quando é que tenho de ir?

— Marcámos-lhe um voo para amanhã de manhã.

Matt exalou. Será que a merda da semana podia melhorar? Fez um aceno evasivo e continuou a olhar pela janela. Não estava especialmente pronto para viajar. Tinha menos de cem dólares na conta. E recusara com teimosia dinheiro dos pais depois da discussão com o pai.

Ficaram em silêncio bastante tempo enquanto o veículo avançava para o Henry Hudson Parkway e entrava em Manhattan.

A chuva amainara e de repente houve uma aberta entre as nuvens, o sol a brilhar através da obscuridade. A tonalidade dourada dos edifícios lembrou a Matt uma das tradições familiares. No mês de julho, a firma de contabilidade do pai fazia o seu encontro anual em Nova Iorque e a família toda ia. A ocasião coincidia com o «Manhattanhenge», um dos dois dias por ano em que o sol poente se alinhava perfeitamente com a grelha retangular de Nova Iorque. Quando a bola incandescente do sol ficava emoldurada pelos arranha-céus, à medida que mergulhava abaixo da linha do horizonte. Matt recordou o último Manhattanhenge antes do Ano Zero — a família sentada num café na Fourteenth Street, o pai e a mãe de mãos dadas, tocados do vinho e de estarem na cidade. Danny a apreciar as raparigas a pavonearem-se com óculos escuros à

estrela de cinema e saias curtas. O nariz de Maggie num guia, a declamar factos sobre o acontecimento solar raro.

Matt aparecera no mesmo café no ano anterior: todos nos seus lugares designados, o pai ao lado de Maggie, que estava à frente da mãe. Ao lado da mãe, Tommy, que ficara com o antigo lugar de Danny. E Matt de fora, a tentar espremer-se na mesa pequena. Toda a gente a fazer um frete, a fingir que o ritual ainda tinha significado. *Os novos, mas não melhores, Pines*. E agora doía-lhe por dentro que ambas as versões da sua família estivessem mortas. Depois de toda a amargura, raiva e saudades dos Pines originais, daria tudo para ter a sua bizarra família pós-Ano Zero de volta. Daria tudo para pedir desculpas ao pai pelo que lhe dissera. Para dizer à mãe o que ela significava para ele. Dizer a Maggie que era uma luz na sua vida. Dizer a Tommy que era o salvador da família. Mas essa vida, apesar das suas mágoas, terminara. A devastação, a fragilidade do que haviam tido, era quase demasiado para ele aguentar.

— Onde quer que o deixemos? — perguntou Keller. — Na residência?

— Acha que já se foram embora?

— Quem? Os jornalistas?

— Sim.

Keller franziu o rosto.

— Duvido. Tem um amigo que possamos...

— Podem levar-me para a East Seventh, se não se importarem.

O motorista olhou para Keller através do retrovisor e ela acenou com a cabeça. O veículo deslocou-se aos arrancos entre os outros carros até o trânsito ficar parado. O condutor ligou as luzes intermitentes assentes no tabliê e os carros em frente desviaram-se, abrindo uma passagem estreita.

Matt olhou novamente pela janela enquanto a multidão em final de dia seguia a pé a caminho de *happy hours*, comboios suburbanos e apartamentos atravancados.

Por fim, o SUV aproximou-se da berma na Seventh.

— Aqui? — inquiriu Keller, olhando de relance para a barbearia degradada e para a lavandaria ao lado.

— O meu amigo vive no último andar. — Matt ergueu o olhar para o edifício de quatro andares a precisar de ser pintado.

Keller anuiu.

— Acabei de receber uma mensagem de que temos o seu telemóvel — disse.

— Posso trazer-lho antes do seu voo amanhã, se der para si.

— Está bem.

— Também irá um agente consigo ao México.

— Não preciso de uma ama — replicou Matt.

— Será só para ajudar a que...

— Preferia ir sozinho.

Keller franziu o rosto.

— Muito bem. Mas pelo menos deixe que o nosso funcionário consular o vá buscar ao aeroporto. Ele leva-o a Tulum.

Como Matt não objetou, Keller retirou uma folha da mala e entregou-lha.

— Aqui está a informação do seu voo.

Matt permaneceu em silêncio.

— O seu amigo tem um número de telefone para onde possamos contactá-lo?

— Não o sei de cor. Está no meu telemóvel. — A arte de lembrar um número de dez dígitos fora abolida pela Apple.

— Certo. Aqui estão os meus números. — Entregou-lhe um cartão de visita.

Matt lançou-lhe um olhar. Sarah Keller, secção de crimes financeiros. Por um momento, perguntou-se como é que uma agente especializada em crimes financeiros tinha acabado a fazer de sua ama-seca. Presumira que o FBI estava envolvido, ou por causa de Danny e do documentário, ou por causa de ser a morte de americanos no estrangeiro. Fosse como fosse.

Abriu a porta e saiu para o passeio. As nuvens tinham regressado, o sol escondido de novo atrás delas.

— E, Matt? — disse Keller mesmo antes de ele fechar a porta. — Lamento muito a sua perda.

Matt olhou para a agente federal, e acreditou nela.

CAPÍTULO 6

Matt premiu novamente a campainha do prédio degradado. Mais uma vez ninguém respondeu. Olhou para ambos os sentidos da rua. Cada lado exibia carros amolgados e prédios sem elevador com aparelhos de ar condicionado projetados sobre o passeio. Olhou através das janelas escurecidas da barbearia. Só o contorno de quatro cadeiras de frente para os espelhos. Matt tocou à campainha mais uma vez e, como foi ignorado, percorreu um beco que dava para as traseiras. Havia uma escada de incêndio decrepita pegada à estrutura. Estava ferrugenta e dava a ideia de um acidente à espera de acontecer. Matt deu um salto, agarrou no degrau de baixo e puxou. A escada deslizou para baixo com um estampido sonoro.

Matt trepou com esforço até ao quarto andar. Chegado ao parapeito estreito de metal, espreitou pela janela. E lá estava Ganesh. Inconsciente, sobre a mesa de centro objetos diversos relacionados com erva, suficientes para fornecer uma loja de canábis. A janela estava aberta uma nesga, e o barulho da televisão escapava-se para o exterior. Matt bateu no vidro.

Dado que Ganesh não se mexeu, Matt encaixou os dedos debaixo do caixilho da janela e levantou-a. A janela estava empenada devido à decadência e à idade, e ficou encalhada a meio. Ele rastejou pela abertura.

— Ganesh — chamou Matt, mas o amigo não se mexeu. Estava completamente apagado, de boca escancarada, ainda com os óculos de armação de plástico, um pacote de batatas fritas no colo.

— Ganesh — chamou outra vez, mais alto, acima do ruído da Fox News na televisão montada na parede.

Ganesh endireitou-se de supetão, sobressaltado. Olhou em volta, depois pareceu relaxar quando se deu conta de que era Matt.

— Meu, pregaste-me um cagaço — disse Ganesh. Falava com um leve sotaque indiano, mal discernível, e soava mais britânico que indiano.

— Desculpa, como não estavas a atender a campainha, eu... — Matt apontou com o queixo para a janela. Tinham feito o mesmo uma vez quando Ganesh se esquecera das chaves. Pelo menos desta vez Matt estava sóbrio.

— Na boa. — O cabelo encaracolado de Ganesh estava uma lástima. Sacudiu migalhas de batatas fritas da camisa, depois lançou-lhe um longo olhar triste.

— Já ouvi... Recebeste as minhas mensagens? Não sei o que dizer.

Matt anuiu. Nada do que Ganesh dissesse — nada do que alguém *pudesse* dizer — faria a mínima diferença.

Ganesh inclinou-se e tirou um bongo cilíndrico comprido da mesa de centro. Isqueiro numa mão, bongo na outra, fez sinal a Matt, oferecendo a primeira passa.

Matt ergueu a mão em recusa. Nunca fora dado a erva. E sempre achara estranho que Ganesh, um republicano rígido, usasse a droga como muleta. Mas supunha que era esse o enigma do seu companheiro de quarto do primeiro ano. Ganesh estava a terminar o curso de quatro anos em três e já fora aceite na faculdade de medicina para fazer a especialização em neurociências. O que se adequava, o próprio cérebro de Ganesh poderia proporcionar anos de estudo. Era um conservador que escolhera ir para a liberal NYU. Era um imigrante que adorava entoar «Construam o muro». Era sofisticado e, no entanto, altamente suscetível às teorias da conspiração dos noticiários dos canais por cabo. Crescera numa *penthouse* de dez milhões de dólares em Bombaim, mas escolhera viver numa espelunca na periferia de East Village.

Ganesh soprou uma baforada de fumo e apontou o comando para a televisão.

— O idiota do assistente da residência estava na televisão a falar de ti. A tua miúda também.

— Ex-miúda — corrigiu Matt.

— Eu gravei — disse Ganesh. Correu as gravações que o ecrã exibiu e carregou numa das notícias da estação local. Apareceu o rosto betinho de Phillip.

— Estamos todos destroçados — disse Phillip.

— O senhor é amigo chegado de Matt Pine? — perguntou a jornalista loura de microfone na mão.

— Oh, sim. Não sou só o assistente da residência. Somos como família.

Ganesh tossiu uma nuvem de fumo ao ouvi-lo.

A seguir aparecia Jane, o seu longo cabelo a ondular como se tivesse acabado de sair do cabeleireiro, os olhos molhados e cintilantes.

— O senhor e a senhora Pine eram maravilhosos. Tratavam-me como se fosse da família. E a irmã do Matthew, a Margaret, era uma rapariga tão especial... Era o rochedo da família, e ia para o MIT no outono. E o Tommy — a voz de Jane falhou — era um rapazinho querido.

A emoção era verdadeira. Ainda no dia anterior Jane dissera a Matt que o

amava, mas que ele não lhe podia dar aquilo de que ela precisava. Fosse lá o que isso fosse. O rompimento não devia tê-lo surpreendido. E, no entanto, para um tipo supostamente tão observador, definitivamente não o previra. Ela provinha da antiga aristocracia, criada num apartamento de tirar o fôlego no Upper West Side, destinada a casar com um daqueles tipos da Stern que iam de fato e pasta para as aulas. Matt às vezes suspeitava que Jane namorava com ele — um aluno de cinema com uma bolsa de estudo — só para irritar os pais.

O ecrã mudou para uma imagem de Danny tirada do documentário. Matt alcançou o comando e desligou a televisão.

Ele e Ganesh ficaram sentados em silêncio durante bastante tempo, Matt perdido nos seus pensamentos, Ganesh pedrado, a mastigar mais batatas fritas de sal e vinagre, sem entulhar a conversa com banalidades. Era uma das coisas de que Matt mais gostava em Ganesh. Nunca fazia conversa de chacha. Quando o documentário saíra no primeiro ano de Matt, Ganesh mantivera-o mentalmente são durante o caos. «Não stresses, mano», dissera. «Vamos fazer limonada com isto e usar a série para engatar miúdas.» Não fora o pior conselho.

Agora Ganesh estava a dizer:

— Ia passar por uma festa em Brooklyn, se quiseses vir...

— Acho que vou ficar por aqui. Importas-te que durma cá hoje?

— Na boa, meu, enquanto precisares. Será como nos velhos tempos — respondeu Ganesh, como se o ano de caloiros tivesse sido noutra vida. De certa maneira, tinha.

— Posso faltar à festa — acrescentou Ganesh. — Se quiseses companhia, posso...

— Não, vai. Foi um longo dia. Vou só dormir um bocado.

— Fixe, fixe, fixe — disse Ganesh. Desapareceu para o quarto e reapareceu com uma camisola com capuz e a cheirar a desodorizante *Axe*.

— A tua ex não para de me mandar mensagens à tua procura. Ela e toda a gente. Queres que...

— Não lhes digas onde estou, por enquanto. Quero ficar sozinho um bocado. De manhã dou notícias a todos.

Ganesh anuiu.

— De certeza que não queres vir? Para desanuviaries a cabeça?

Matt recusou em silêncio. Não era uma situação em que pudesse fazer limonada.

— Vai tu, diverte-te.

Ganesh encheu o bolso da camisola com o que restava do saco de erva na mesa de centro e saiu.

Enfim sozinho, Matt enrolou-se no sofá de Ganesh e chorou.

CAPÍTULO 7

SARAH KELLER

A agente Keller deslizou a chave na fechadura da pequena casa em estilo de rancho, as traças rondando a luz do alpendre sobre ela. Readington, Nova Jérсия, não era um bairro luxuoso, o que não fazia mal. Teria sido impossível a nível de dinheiro, dado o seu salário do FBI. Mas era seguro, repleto de famílias da classe trabalhadora e casais jovens nas suas primeiras casas.

À entrada, deteve-se perante o som vindo da cozinha. Deixou as chaves suavemente dentro da taça na mesa da frente e insinuou-se pelo vestíbulo, caminhando com cuidado, evitando a porção do soalho de madeira que rangia.

Junto à cozinha o ruído era mais forte. Um som rítmico parecido com maracas.

E risadinhas.

Permanecendo em silêncio, Keller espreitou.

Ao fogão estava Bob, a fazer pipocas à moda antiga, agitando-as ao lume até formarem uma cúpula de papel de alumínio. A pouco mais de meio metro de distância, os gémeos observavam-no em ação. Michael tinha o pijama de dinossauros e Heather, a camisa de noite de algodão com a Bela.

Bob agarrou na fina pega de metal, chocalhando a forma de alumínio com rapidez, e os dois contorceram o corpo à mesma velocidade que os abanões. Parou de repente, e os gémeos ficaram petrificados — as mãos de Michael no ar como um espantalho, Heather a tentar conter o riso. Bob fez então oito largos com a forma enquanto a gordura fritava e os miúdos descreveram movimentos circulares com as ancas, girando *bula-hoops* invisíveis.

Keller sentiu um calor percorrê-la. Bob era careca, e não da maneira polida e com estilo dos jovens agentes do FBI. Tinha um dónute antiquado de cabelo preto espesso. A barriga encostava-se à sua *T-shirt* gasta da digressão de uma banda. Mas evocava uma aura de estrela de cinema aos olhos dos filhos. E de Keller.

Algumas raparigas queriam casar com o pai. Era o motivo por que tantos casais eram infelizes, desconfiava Keller: mulheres à procura de uma versão idealizada do primeiro homem das suas vidas. Mas Keller não tinha ilusões quanto ao pai. Enquanto o pai era um advogado temido que passava demasiado

tempo preocupado com as aparências, Bob era um pai a tempo inteiro que... bem, olhem para ele. Enquanto o pai achava que deixar transparecer emoções era para os fracos, Bob tinha o coração ao pé da boca e chorava a ver filmes e nos espetáculos escolares dos filhos. Enquanto o pai tinha tido um caso com a secretária, encarnando o *cliché* mais velho do mundo, Bob era tão leal como um labrador. Acima de tudo, era boa pessoa.

— Mamã! — exclamaram os gémeos em uníssono quando finalmente a viram a espiar da entrada.

Keller ajoelhou-se e aceitou o apertão, e sentiu aquela sensação que adorava.

Bob pousou a forma das pipocas sobre um bico apagado e aproximou-se para lhe dar um beijo.

— Vamos ver o *Frozen*! — anunciou Heather.

— Outra vez — comentou Keller, olhando para o marido. — Mas já não passa da hora de deitar?

— Por favooooor, mãe, por favor — pediu Michael.

— O papá disse que podíamos — acrescentou Heather.

— Deixem a mamã descansar um minuto — interveio Bob. — Teve um longo dia. — Olhou para Keller. — Queres que te faça alguma coisa para comer?

— Comprei uma sanduíche — respondeu Keller.

— E que tal um copo de vinho? — perguntou ele enquanto cortava a cúpula de alumínio e deitava as pipocas numa taça de plástico.

— *Isso* podia beber.

Ele olhou para os gémeos.

— Vão pôr o filme — disse. — Nós já lá vamos.

Michael pegou na taça de pipocas e caminhou silenciosamente para a sala com a irmã a segui-lo de perto.

— Comam devagar! — gritou Bob depois de eles terem saído. — Ainda se engasgam com as pipocas.

Keller sentou-se à mesa pequena da cozinha enquanto Bob tirava um copo de vinho do armário e o pousava diante dela. Exibiu-lhe a garrafa e, num sotaque francês a fingir, disse:

— Só o melhor da coleção do Trader Joe. — Encheu o copo.

Keller fez girar o vinho no copo, depois pôs o nariz no copo antes de o provar e o rodopiar na boca.

— Não é nenhum Whole Foods 2019, mas não está mau.

Ele sentou-se ao lado dela:

— Dia longo, não?

Keller expirou pesadamente.

— Levei-o lá acima à prisão de Fishkill para contar ao irmão.

— Como é que ele está?

Keller bebeu um gole de vinho.

— Tem vinte e um anos. Os pais e os irmãos mais novos estão mortos, e o irmão mais velho está preso. E não nos esqueçamos do circo mediático.

Bob ouvia enquanto Keller lhe contava o seu dia cansativo.

— Não parava de pensar na família dele — continuou. — O rapazinho era da mesma idade dos gémeos.

Bob pousou a mão sobre a da mulher.

— Por falar neles, está tudo muito sossegado lá dentro. Volto já. — Deixou a cozinha para ir ver os miúdos. Regressou com Heather num braço, Michael no outro, ambos ferrados a dormir.

— Oh, queria aconchegar-me a eles — disse Keller.

— Vê o lado positivo. Querias mesmo ver o *Frozen* outra vez?

Bob levou os gémeos para os respetivos quartos. Quando voltou para a cozinha, Keller disse:

— Desculpa andar a trabalhar tanto ultimamente.

— Não te ponhas a pedir desculpa.

Keller esvaziou o resto do copo.

— Achas que há uma ligação com a firma de contabilidade do pai? — perguntou Bob enquanto voltava a encher-lhe o copo.

A investigação à Marconi LLP por suspeita de lavagem de dinheiro era o único motivo por que fora arrastada para aquela confusão com os Pines.

— Duvido. O Evan Pine não era um peixe graúdo na empresa. Só estava na minha lista de pessoas a entrevistar porque tinha sido despedido — afirmou Keller. Os empregados despedidos eram sempre os que estavam mais dispostos a lavar a roupa suja.

— É uma grande coincidência, apesar de tudo — comentou Bob. — A firma anda enrolada com o cartel, e a família morre no México.

— Foi o que disse o Fisher, mas é uma hipótese remota. Está só a usar essa ligação para nos envolver num caso de perfil mediático, cair nas boas graças do Ministério e da sede.

— Então achas que não passou de um acidente?

— Não disse isso.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 3
«Seus Idiotas de Merda»

ECRÃ NEGRO

O som do murmúrio da multidão é interrompido pela voz do JUIZ a anunciar que o júri chegou a um veredito. *FADE IN PARA:*

IMAGENS DA SALA DE AUDIÊNCIAS

O juiz lê o veredito e a audiência é um misto de aplausos e soluços. O juiz pede ordem quando um homem se levanta. Aponta furiosamente para o juiz, depois para o procurador, o advogado de defesa, e por fim para a tribuna do júri.

EVAN PINE

Seus idiotas de merda! Deviam ter vergonha, deviam todos ter vergonha.

JUIZ

Ordem! Não quero cenas neste tribunal.

EVAN PINE

Ele está inocente, suas bestas. Seus idiotas de merda!

DOIS AGENTES DA SEGURANÇA confrontam Evan Pine, segue-se uma luta e ele é arrastado do tribunal.

EVAN

Ele é inocente. O meu filho é inocente!

CAPÍTULO 8

EVAN PINE

ANTES

Evan examinou o homem de olhar selvagem com curiosidade. Com a camisa amarrotada e o cabelo desgrenhado, o homem parecia um daqueles sem-abrigo que pregam na rua e dão a missa à saída do metro. Ou um comentador dos noticiários dos canais por cabo zangado e com os copos.

— Desde que temos o ADN — vociferou o homem — ficámos a saber uma coisa que parece que as pessoas ainda não perceberam: prendemos um número chocante de inocentes. E sabe que mais? Cerca de um quarto deles confessou. Por isso, quando dizem que os inocentes não confessam crimes que não cometeram, bem, é treta. E os adolescentes têm taxas mais altas de confissões falsas que os adultos. Limitam-se a dizer à polícia o que ela quer ouvir. Um estudo de pessoas ilibadas através de testes de ADN descobriu que quarenta por cento eram miúdos que fizeram uma confissão falsa...

Evan clicou no rato do portátil e pôs a Netflix em pausa. *Treta*. Não era uma palavra que usasse. Mas ali estava Evan, para vinte milhões de espectadores verem. Uma vez cometera o erro de ler a secção de comentários de um dos fóruns do documentário.

O pai passou-se dos carretos.

Está tão devastado, não consegue ver com clareza.

Libertem Danny Pine!

Buuu, choramingas de merda, espero que o filho dele apodreça na cadeia pelo que fez àquela pobre rapariga.

Atrás das câmaras, os realizadores do documentário, Judy e Ira Adler, alimentavam subtilmente a chama de Evan. Tinham boas intenções, os Adlers. Acreditavam que Danny era inocente. Mas, no rescaldo, Evan não conseguiu evitar sentir-se zangado com eles. Por terem explorado as suas vidas pessoais para o entretenimento público. Por lhe terem dado esperança. Clicou no rato e o seu rosto voltou a mover-se.

Uma voz ouviu-se atrás das câmaras: Judy.

— Mas, se o Danny não esteve envolvido, como é que sabia que a cabeça da

Charlotte tinha sido esmagada com uma rocha?

— Ele não *sabia* nada — retorquiu Evan, zangado com a pergunta. — Aqueles dois polícias forneceram-lhe todos os pormenores. Veja a gravação, por amor de Deus.

O ecrã saltou para o agora infame vídeo do interrogatório. Mostrava Danny com a cabeça baixa sobre a mesa na sala de interrogatórios sem janelas. A polícia tinha ido buscá-lo a casa cedo naquela manhã. Evan estivera a trabalhar fora da cidade. Liv andara nas suas tarefas e não vira as chamadas de Maggie.

O polícia corpulento, o detetive Ron Sampson, bateu com a mão aberta na mesa, provocando um sonoro estrondo. Danny deu um salto, endireitando-se, a cara inchada e encharcada em lágrimas.

A outra polícia, Wendy White, com o seu cabelo frizado e franja de 1985, disse:

— Conta-nos o que fizeste, e nós resolvemos isto. Podes ir para casa.

— Eu não fiz nada.

— *Para de mentir!* — exclamou Sampson, a voz a deixar transparecer a frustração de várias horas de interrogatório.

Evan sentiu uma pontada de culpa por ninguém, nem Evan nem Liv nem um advogado, ter lá estado para ajudar o filho. Danny fizera dezoito anos duas semanas antes. Tecnicamente era adulto, por isso os polícias não tinham de notificar os pais. Mesmo assim, se Evan tivesse apanhado outro voo e se não estivesse dentro do avião, ou se Liv tivesse estado em casa... Evan deteve-se, decidindo não ir outra vez por esse caminho.

Sampson continuou a encarnar o polícia mau:

— Temos as tuas impressões digitais na rocha. — Era mentira.

White:

— Diz-nos só a verdade e podemos fazer com que vás para casa. Podemos falar com a tua mãe e o teu pai e esclarecer isto tudo. Tenho a certeza de que não foi nada que tivesses planeado.

Danny abanou a cabeça.

Sampson:

— Vamos prendê-lo já. Tenho a certeza de que os amiguinhos de cela se vão divertir à grande com um jovem rijo como este.

White:

— Não, ainda não — disse num tom suave. — Diz-nos só a verdade, Danny, e nós fazemos com que vás para casa.

Exausto e lavado em lágrimas, Danny disse-o por fim:

— *OK*.

— *OK* o quê? — perguntou White.

— Fui eu.

— Foste tu o quê? — continuou Sampson. Pôs uma mão sobre o ombro de Danny num gesto reconfortante. — Conta-nos o que fizeste à Charlotte.

— Magoei-a com uma rocha.

— Muito bem — disse White. — O que fizeste com a rocha?

— Eu... aah... aah... atirei-lha. — A entoação era mais de uma pergunta.

— Sabes que não serias capaz de atirar uma rocha tão grande, Danny — retorquiu Sampson, afastando a mão do seu ombro. — Estou farto — declarou o polícia, pondo-se de pé, a cadeira a arranhar o chão de linóleo com um barulho estridente. Tirou as algemas com grande aparato.

— O que é que fizeste com a rocha pesada? — continuou White numa voz urgente, como se estivesse a tentar intercetar o parceiro.

Danny abanou a cabeça, disse algo ininteligível.

— Já nos disseste que foste tu, e temos a prova. A única coisa que vai ajudar é se nos disseres o que lhe fizeste à cabeça.

Danny engoliu em seco.

— Bati-lhe com a rocha.

— Onde é que lhe bateste? — interrogou Sampson, voltando a sentar-se.

— Na cabeça.

— Lindo menino — disse White. — Estás a ir bem.

— Quantas vezes é que lhe bateste com a rocha? — continuou Sampson.

— Uma.

— Para de mentir, Danny — disse Sampson —, temos provas.

— Diz só a verdade e nós resolvemos isto, podemos tirar-te daqui — afirmou White. — Uma vez não faria com que a cabeça dela ficasse esmagada daquela forma.

Danny engoliu um soluço.

— Diz só a verdade — incitou White.

— Duas vezes.

— Não — disse Sampson.

— Três — respondeu Danny.

— *OK*, bom trabalho, Danny, estás a ir muito bem — disse White. — Agora porque é que o fizeste? Foi porque discutiram na festa?

Ele acenou com a cabeça, de olhos postos no chão.

— Muito bem, Danny.

— E depois usaste o carrinho de mão e levaste-a para o ribeiro.

Danny pousou a cabeça na mesa.

— *OK*.

Os dois polícias entreolharam-se e Sampson fez um leve aceno com a cabeça a White. Tinham o que precisavam.

Danny levantou a cabeça e olhou para ambos os detetives. Em voz baixa, perguntou:

— Já posso ir para casa?

Evan apunhalou o teclado do portátil com o dedo, desligando a Netflix. Por muitas vezes que visse o vídeo, o sangue fervia-lhe sempre nas veias, os punhos cerravam-se. Lembrava-se de Danny a chorar quando Evan chegou por fim à esquadra. Não havia som mais dilacerante do que o nosso filho a chorar. Danny estava em completo choque, a perguntar quando é que podia ir para casa, preocupado porque tinha um projeto da escola para entregar na segunda-feira.

Evan agarrou na garrafa que estava na bancada e serviu-se de um grande copo de *whisky*. Funcionava tão bem — não, funcionava ainda melhor — como a sua sessão de terapia desse dia.

A casa estava sossegada. Liv e Tommy estavam no Nebraska, a tratar do pai de Liv. Andava a causar problemas no lar outra vez, e Liv tinha de os convencer a não o mandarem embora. Maggie ia passar a noite em casa de uma amiga. Se havia uma boa altura, era agora.

Na bancada da cozinha, com as luzes baixas e as cortinas corridas, clicou outra vez com o rato e abriu o *site* de *homebanking* na conta-poupança. Menos de dois mil dólares. A conta à ordem não estava melhor. E a prestação caía na semana seguinte. Conseguira esconder o seu logro — as dezenas de milhares que gastara em advogados e investigadores para Danny. Mas a revelação estava prestes a chegar. Imaginou Liv a olhar para o extrato pela primeira vez. Evan a confessar que fora despedido, que andava a fingir que ia para o trabalho.

Imaginou a cara da mulher. A angústia, que se transformaria em fúria quando inevitavelmente insistisse em examinar o resto das contas. Veria que a poupança para a faculdade de Maggie se reduzira a 12 332 dólares, insuficiente para cobrir sequer o custo do quarto na residência do MIT.

Fechou o *site* e configurou um *e-mail* automático para ser enviado a Liv no dia

seguinte de manhã. Dizia-lhe para ligar para a polícia e garantir que Maggie permanecia em casa de Harper até terem retirado o corpo. Dizia-lhe onde encontrar os ficheiros no computador com mensagens para todos os filhos. E dizia-lhe onde encontrar a informação sobre o seguro de vida, que confirmou que seria pago mesmo em caso de suicídio. Uns bons dez milhões.

Pensou no aviso da Dr.a Silverstein. *Os medicamentos podem levar uma pessoa a pensar que só há uma solução.*

Mas ele não estava a ser influenciado. Começara como um sussurro ao seu ouvido. A voz da razão, a insinuar-se na sua consciência, confirmando o seu derradeiro medo: «Eles ficam melhor sem ti.» Estava a fazer isto por eles. Para os poupar à ruína financeira. Para os poupar a terem de viver com alguém que estava destruído. Era o que a voz não parava de dizer. Mas lá no fundo ele sabia que não era de todo por eles.

Era por si.

Para cortar o manancial de desespero.

Enfiou o punhado de comprimidos na boca e empurrou-os com o *whisky*. Desceram com dificuldade, e teve de suprimir um reflexo de vômito. Serviu outro copo e emborcou-o com rapidez enquanto esperava que os comprimidos fizessem efeito.

Evan não era um homem religioso. Mas gostava da ideia da religião convencional, com ênfase na parte *convencional*. Como contabilista, encontrava virtude na organização e na ordem. E havia algo nos rituais e tradições das religiões — regras em grande medida com o objetivo de fazer de nós pessoas melhores — que era apelativo. No Nebraska Liv insistira que fossem à igreja todos os domingos. A fé ajudara-a a ultrapassar a morte da mãe quando tinha dez anos. Depois da condenação de Danny e de se terem mudado para Naperville, no Illinois, Evan perdera toda a paciência para isso. Ainda assim, enquanto aguardava que os comprimidos fizessem efeito, disse as palavras à mesma: «Por favor, Deus, perdoa-me. E cuida deles.» Como que em resposta, o iPhone tocou. E não era o toque habitual.

Olhou para o ecrã. Era uma chamada por FaceTime. Normalmente não usava o FaceTime e não reconheceu o número. Ia ignorar, mas, se se tratasse de intervenção divina, era melhor atender.

Passou o dedo pelo telefone. O ecrã estava escuro, mas ouviu música e o burburinho de uma multidão, como numa discoteca ou bar. A sua própria imagem flutuava no pequeno retângulo no canto superior direito. Tinha

praticamente o mesmo aspeto com que aparecia no documentário. A câmara andou aos safanões, depois apareceu o rosto de uma mulher. Estava obscurecido, mas, mesmo assim, ele conseguiu perceber que estava assustada. Estava a andar depressa, aos encontrões às pessoas, com a respiração pesada e a música abafada a infiltrar-se ritmadamente pelos minúsculos microfones do telemóvel. Por fim, alcançou uma luz soturna e parou.

O coração de Evan também parou. Não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Aproximou mais o rosto do ecrã.

Ela disse qualquer coisa para a câmara, mas ele não conseguiu perceber. Mas foi a cara — as sardas, o cabelo louro-acobreado, a pequena cicatriz na testa — que provocou formigueiro em todo o seu corpo. Evan esfregou os olhos com os punhos fechados. Pura e simplesmente não podia ser.

Tateou à procura do volume, aumentando-o.

Ela voltou a falar, e desta vez as palavras ouviram-se bem.

— Ajude-me.

Uma mão agarrou a mulher pelo cabelo e o telefone deu uma guinada com violência e ficou preto.

Evan pestanejou várias vezes, tentando processar o que acabara de ver. Correu para o lava-louça e enfiou dois dedos pela garganta. O vômito projetou-se da sua boca. Um líquido castanho e cápsulas de comprimidos. Muitas ainda estavam intactas.

Sentia as pernas fracas e os pensamentos baralhados. Não sabia se era do choque ou se algum dos comprimidos chegara à corrente sanguínea. Precisava de se manter acordado. Precisava de compreender o que acabara de ver.

Agarrando no iPhone, procurou o número. A identificação da chamada dizia moloko bar e dava-lhe a origem: Tulum, México. Atordoados, carregou no número. A sua própria imagem projetou-se no ecrã enquanto tocava. Mas ninguém atendeu.

Atende, pensou.

Por favor, atende, Charlotte.

CAPÍTULO 9

MATT PINE

Matt tentou dormir, mas a mente andava às voltas demasiado depressa e as molas do sofá de Ganesh fizeram o resto. Fitando o teto rachado do apartamento do amigo, escutava os sons de Nova Iorque. Um gato a gemer (pelo menos achou que era um gato). Sirenes à distância. Os camiões do lixo a fazer os seus estrondos. Lutou para identificar o que estava a sentir. Era mais do que mágoa, um guisado de culpa, remorso, pena e dor — mas também algo mais familiar: uma profunda e inabalável solidão.

Desde que Danny fora preso que a solidão era uma companhia constante. Começara no verão em que se mudaram do Nebraska para o Illinois depois de terem sido corridos da sua cidade. Nada era mais solitário para um miúdo do que uma mudança durante o verão. Era difícil fazer amigos. Não havia escola, os miúdos da vizinhança estavam fora em acampamentos, férias ou a trabalhar.

Os filmes tinham sido o refúgio de Matt. Passara a primeira metade do verão a ver Scorsese, Hitchcock, Kubrick, Coppola e Nolan. Preocupada, a mãe incentivava-o a sair de casa para apanhar ar. Incitava-o a sair do quarto e, quando Tommy estava a fazer a sesta, jogavam jogos de tabuleiro em silêncio ou conversavam baixinho e fingiam que estava tudo normal. Um dos tipos do novo escritório do pai era membro de um *country club* e arranjava a Matt um emprego como *caddie* na segunda metade do verão.

Matt adorava o emprego. Foi onde conheceu Chad, o chefe dos *caddies*. Chad era um antigo jogador de golfe profissional que se safara na vida com o seu sorriso (e o seu fundo fiduciário). Os *caddies* passavam a maior parte do dia na cabana que lhes estava destinada, à espera de que a chuva ou as pausas no relvado passassem, a ouvir Chad debitar a sua sabedoria, vendo-o namoriscar com Angela, a universitária de peito grande que andava num carrinho de golfe a vender cerveja de uma geleira.

Chad dava conselhos a Matt e aos outros adolescentes. Sobre levarem raparigas para casa («Tenham um ambientador perto da porta; vão achar que o apartamento está superlimpo»). Sobre os clientes («Não se incomodem a dar graxa; eles dão sempre a gorjeta prevista, a não ser que estejam a tentar impressionar um cliente ou uma rapariga»). Sobre a educação superior («A

faculdade é uma fábrica de flores de estufa para otários iluminados; o único bom motivo para ir para lá é por causa das miúdas»). Sobre a vida («O meu pai era rico, um diretor executivo com uma sala repleta de prémios, e ninguém se importou nem um bocadinho quando morreu»). Matt dava por si a saltar da cama, ansioso pelo seu turno. Não porque gostava do jogo — carregar com sacos de golfe no calor pegajoso de Chicago era duro. Mas porque fazia parte da tribo.

Depois veio a manhã em que alguém sussurrou ao ouvido do gerente do *country club* que o irmão de Matt fora preso. Por homicídio. E Chad, com os olhos baixos, pediu a Matt para devolver o boné e o colete. Matt nunca mais voltou a ver Chad, mas imaginava que continuava lá, a fazer o que adorava, a babar-se para as raparigas dos carrinhos de golfe, a dar conselhos a adolescentes tristes de catorze anos.

Com o tempo, a solidão de Matt metamorfoseou-se numa mescla de raiva e ressentimento, e ele começou a meter-se em brigas. Sentia uma pontada de culpa quando se lembrava de que fora uma briga — no pátio da escola depois da condenação do irmão — a despoletar a mudança da família para o Illinois, quando os pais decidiram que estava na altura de saírem de Dodge. Durante a maior parte do tempo, Matt conseguira manter o monstro enjaulado desde o secundário, esse lado de si escondido de todos — bem, quase todos. Depois de regressar das férias de Natal e de uma explosão enorme com o pai, um rapaz de uma fraternidade cometera o erro de dizer algo nojento a Jane numa festa. Matt visualizou a cara ensanguentada do rapaz, Jane a chorar pedindo-lhe que parasse, puxando-o para longe.

Matt sentou-se, ligou a televisão. Às quatro e meia, era canal atrás de canal com anúncios e advogados a perguntar: «Ficou ferido num acidente?»

Quando já não aguentava mais, decidiu ir correr. O exercício ajudava-o sempre a concentrar-se. Desacelerava-lhe os pensamentos, queimava energia nervosa. Mantinha o monstro ao largo. Àquela hora da madrugada também lhe permitiria esgueirar-se para a residência antes de os *paparazzi* chegarem para o turno da manhã.

Entrou no quarto de Ganesh. O amigo não se importaria que levasse roupas de desporto emprestadas. Dentro do roupeiro desarrumado, pescou uma *T-shirt* amarrotada da *Under Armour* e uns calções. Ganesh era um tipo grande — ganhara mais de treze quilos desde o primeiro ano, um resultado da fome que tanta erva dava —, pelo que Matt ficava a nadar nas roupas. Mas não contava

ver ninguém, por isso serviam.

Foi pelas escadas imundas até ao rés do chão e correu sob os focos de luz dos candeeiros ao longo da Seventh. O asfalto sabia-lhe bem por baixo dos pés. As nuvens tinham-se dispersado e o ar cheirava a fresco.

Ganhou velocidade quando chegou à Cooper Square, correndo nos passeios rachados, atravessando a estrada salpicada de cones laranja das intermináveis obras rodoviárias. Quando viu o arco de Washington Square Park, estava alagado em suor e os pensamentos estavam mais claros. Começou a formular um plano.

Usaria o cartão de crédito, o que os pais lhe tinham dado para emergências — emergências *a sério*, brincara a mãe, não para comprar pizzas com urgência —, para fazer a viagem ao México. Keller dissera que as autoridades só precisavam da sua assinatura, e traria a família para casa. Telefonaria à tia para combinar os preparativos. A tia Cindy era uma pessoa com uma personalidade forte e saberia o que fazer. Tinha de lhe telefonar de qualquer forma, para saber como estavam ela e o avô. Quando regressasse do México, decidiria o que fazer com a casa, os carros, o dinheiro, o regresso à faculdade, Danny.

Estava a começar a sentir-se assoberbado outra vez.

Enquanto corria, ouviu a voz do pai. Antes da constante tensão entre ambos, o pai conseguia sempre afastá-lo do precipício. Dizia: «Como é que se come um elefante?» Pegava-lhe no queixo com a palma da mão, olhava-o nos olhos e respondia à pergunta: «Uma dentada de cada vez.»

Quando Matt era mais novo, a mensagem perdia-se nos seus pensamentos divagantes. Dizia ao pai: «Que tipo de pessoa havia de comer um elefante? Como é que o cozinhava? E os elefantes não são uma espécie em perigo?»

O pai sorria, despenteava-lhe o cabelo. «Uma dentada de cada vez, Matty.»

Matt meteu pelo parque. Na zona mais escura, aquela que os estudantes sabiam que deviam evitar, viam-se figuras a espreitar dos arbustos. Àquela hora, uma pessoa podia dar consigo numa cena de *28 Dias Depois*, a fugir de viciados em anfetaminas aos tremeliques ou de *zombies* letárgicos dos opioides. Passou pela zona do xadrez, os pensamentos saltando para o seu último jogo com Reggie. A adrenalina temporária da vitória nesse jogo fora-lhe roubada como tudo o resto.

Pelo canto do olho, viu um vulto. A silhueta de um tipo alto de boné. Provavelmente um tipo casado à cata de uma relação anónima com alguém do mesmo sexo, outra característica encantadora da madrugada no parque.

Correu até ver a luz acesa no vestíbulo da torre da sua residência. Recuperando o fôlego na passadeira, examinou a área e não viu carrinhas das notícias nem fotografos. O trânsito passava a grande velocidade, a cidade acordava.

— Tens lume? — perguntou uma voz atrás dele.

Matt virou-se. Era o tipo do boné. Estava enterrado na cabeça, obscurecendo-lhe as feições. Tudo o que se via era a metade inferior do seu rosto. Tinha uma cicatriz que ia da narina ao lábio, como se tivesse feito cirurgia ao lábio leporino. Segurava um cigarro entre os dedos.

— Lamento, não tenho. — Disse-o com firmeza, no tom educado de *não te metas comigo* que era preciso assumir com as criaturas mais agressivas do parque. Matt voltou-se para a estrada, à espera do semáforo enquanto os carros passavam a voar.

Foi quando sentiu o empurrão vindo de trás, e mergulhou no trânsito.

CAPÍTULO 10

Matt bateu com força no asfalto, sentindo uma dor quente a disparar pela anca. Mas a sensação foi amortecida pelo medo que o acometeu ao ver as luzes ofuscantes a avançar na sua direção. O corpo de Matt retesou-se enquanto se preparava para o impacto. As luzes desapareceram quando o veículo guinou e se deteve a chiar. Agora Matt só via explosões de pontinhos de luz, mas sentiu alguém a apalpar-lhe as roupas, a revistá-lo bruscamente, vasculhando com a mão no bolso dos calções. Começou a dar sapatadas na figura enevoada, e quando a visão regressou ao normal, o homem já desaparecera. A porta do táxi que não o atingira por um triz escancarou-se e o condutor acorreu.

— És estúpido, rapaz? — exclamou o taxista. — Podia ter-te matado.

Matt pediu desculpa, embora não soubesse porquê, uma vez que fora empurrado para o meio do trânsito. Assaltado mesmo em frente ao tipo, embora o assaltante tivesse escolhido a pior vítima possível, um estudante universitário com roupas emprestadas, sem carteira, dinheiro ou telemóvel. Os olhos de Matt dardejaram em volta, à procura do homem do boné. Um tipo obeso apressou-se a ir ter com ele e ofereceu-lhe uma mão para o ajudar a levantar-se.

Matt apoiou-se para se conseguir erguer de supetão e os dois alcançaram o passeio. O flanco de Matt doía da queda. Ficou a ver o taxista voltar intempestivamente para o seu táxi por entre a cacofonia das buzinas.

Matt virou-se para agradecer ao homem que o ajudara, quando foi atingido pelos *flashes* de uma câmara.

— Importa-se? — disse Matt, percebendo que o tipo era um dos *paparazzi*.

— O senhor disse que estava bem. — O tom era de que isso lhe dava permissão para invadir o espaço de Matt.

— Viu quem me empurrou? — perguntou Matt.

— Empurrou-o? — O *paparazzo* pronunciou-o quase com alegria. Como se o valor das fotos tivesse acabado de aumentar. — Estava mesmo a chegar aqui. Não vi nada até ouvir a confusão. Pensei que tinha tropeçado. — O tipo percorreu a rua com o olhar. — É o Matt Pine, não é?

Matt não respondeu. Começou a caminhar na direção do átrio da torre da residência.

— Alguém o empurrou? — continuou o homem, começando a acompanhá-

lo. — Quem havia de querer fazer tal coisa?

Matt continuou a andar, sentindo a dor a intensificar-se na anca e na perna, de ter batido no asfalto.

— Como se sente? Os mexicanos disseram-lhe o que aconteceu à sua família? Falou com o seu irmão? Acha que isto vai ajudar o Danny a receber um indulto? — perguntou o homem ao mesmo tempo que tirava fotografias com a câmara.

Matt queria mandar o homem dar uma curva. Esmurrá-lo na cara. Mas limitou-se a coxear até à entrada da residência. Desviando o rosto da câmara, carregou no botão vermelho do intercomunicador. Por fim, apareceu um guarda que lhe abriu a porta com um zumbido.

Normalmente, os guardas não eram amigáveis e mandavam as pessoas irem ao centro estudantil arranjar um novo cartão de acesso antes de as deixar entrar. Mas nesse dia o guarda limitou-se a pôr uma mão no ombro de Matt.

— Vamos levar-te para o teu quarto, Matt.

O guarda devia ter visto as notícias. Acompanhou-o silenciosamente ao décimo andar e destrancou-lhe a porta do quarto. Jane estava à entrada. Tinha os olhos congestionados e um aspeto atipicamente em desalinho. Lançou os braços à sua volta. Matt reparou que a área comum, a pequena cela de prisão que passava por sala de estar, se encontrava repleta de amigos. O grupo do primeiro ano estava no sofá do IKEA, nos pufes e espalhado pelo chão. Garrafas de cerveja e vinho vazias da vigília empilhavam-se no cesto de reciclagem ao canto.

Matt lera algures que não havia amigos como os do primeiro ano, e era verdade. Tinham todos vivido em Rubin Hall, conhecida informalmente como «a residência dos pobres». Era um hotel dos anos 1960 convertido. Famoso pela sua squalidez e ausência de ar condicionado. Só se colocava Rubin na lista de opções de residência se não se tinha outra hipótese. Era a opção de alojamento mais barata, e a universidade concentrava ali os alunos com bolsas. Durante a primeira semana do primeiro ano houvera uma onda de calor, por isso Matt e os outros inquilinos do seu piso deram uma festa de pijama na área comum, o único sítio com ar condicionado. Fora ali que conhecera aquela que se tornara a sua família universitária. Lançou os olhos em redor.

Kala pôs-se de pé, com um aspeto deslumbrante e cheio de estilo, apesar de ter estado acordada toda a noite. Andava na escola de teatro Tisch e mudara muito desde aquele primeiro ano em Rubin. Na altura o seu cabelo era de um

louro muito exagerado e a sua pronúncia de parque de caravanas demasiado cerrada. Tinham ficado amigos quase instantaneamente — um pomo de discórdia entre ele e Jane —, em parte por causa da adoração de ambos por programas de televisão e filmes antigos, em parte porque Matt nunca julgara o facto de Kala ter as suas raízes no Oklahoma rural. Afinal de contas, a sua família fora corrida de uma pequena cidade do Nebraska.

Kala tinha sido a primeira a abordar Matt depois de o documentário ter saído e de todos terem ficado ao corrente do seu segredo — do seu irmão encarcerado e da sua família caída em desgraça. Kala confidenciara-lhe que o pai dela estava preso. Na altura, não tinha dito porquê. Mas, à medida que se tornaram mais íntimos, Matt veio a saber que era por ter abusado da mãe de Kala. E Matt tinha o pressentimento de que o abuso não se ficara pela mãe.

Kala abraçou-o, segurando-o durante muito tempo. Sussurrou-lhe ao ouvido: — Sempre estiveste disponível para mim, e eu estarei sempre disponível para ti. Adoro-te.

Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas.

Woo-jin também lá estava. Com dois metros e quatro, era difícil não o ver. Baixou-se para lhe dar um abraço desajeitado. Woo-jin era da Coreia do Sul e tinha ganho uma bolsa para jogar basquetebol. Era um rapaz sossegado, com vergonha do seu sotaque vincado. Quando tivera dificuldades nas aulas, Matt dera-lhe explicações.

A seguir viu Sofia. Estava com o seu casaco militar verde, que se adequava à sua personalidade militante. Nenhuma causa era demasiado trivial para Sofia. Encarava as relações com o mesmo fogo e paixão. Apaixonara-se seis vezes durante o primeiro ano, com Matt a dissuadi-la de terminar cada relação. Sem surpresa, parecia aquela a quem a notícia mais afetara. Tinha a maquilhagem dos olhos esborratada das lágrimas, o seu longo cabelo castanho-avermelhado desgrenhado. O corpo de Sofia estremeceu quando o abraçou. Fez com que Matt também estremecesse.

Seguiu-se Curtis. Era o cérebro do grupo. Vencera o concurso nacional de soletração com nove anos, o segundo rapaz negro a ganhá-lo, o primeiro do atroz sistema de ensino público do Mississípi. Tinha uma média quase perfeita e ofertas de bolsas de todas as universidades de elite. Aceitara a da NYU não por razões académicas, mas porque era a única que tinha uma congregação da sua pequena e obscura seita religiosa nas redondezas. Depois de estar o dia todo nas aulas, assistia aos encontros durante duas horas, noite sim, noite não. Não

bebia, não tomava drogas, não praguejava, nem sequer ingeria cafeína. E fora-lhe difícil adaptar-se ao ambiente descontraído da NYU. Ele e Matt tinham longas conversas à noite sobre religião e as batalhas de Curtis com a tentação. Matt dissera-lhe que precisava de ter fé na sua fé.

— Estou a rezar por ti, meu amigo — disse Curtis enquanto o puxava para um abraço.

— Sei que sim — respondeu Matt, a voz a falhar-lhe. — Acho que bem preciso.

O único que faltava era Ganesh. Sempre fora o solitário do grupo. À sua maneira contraditória, adorava multidões, mas mantinha toda a gente à distância.

Matt abarcou aquele grupo de pessoas que adorava. Por fora, cada um era objetivamente atraente. Quase que os imaginava num *remake* de *Felicity* (uma referência que só Kala perceberia), estudantes bonitos da NYU prontos para enfrentar o mundo. Mas, tal como a vida, cada um deles era mais complicado que isso. Ganesh chamava ao grupo a «Ilha dos Brinquedos Desaparecidos». Sofia repreendia-o, uma vez que a referência vinha de *Rudolfo, a Rena do Nariz Vermelho*, que ela achava que era racista e homofóbico por razões que Matt não conseguia compreender.

Por fim, Matt disse ao grupo:

— Obrigado por terem vindo. Significa muito para mim.

Ouviu-se um coro de *estamos aqui para ti, seja o que for que precisas* e afins.

— Se não se importarem, adorava tomar um duche e descansar um pouco...

O grupo começou a dispersar, reunindo as suas coisas. Fizeram outra procissão de abraços à porta.

Jane deixou-se ficar para trás. Depois de o último do cortejo ter saído, disse:

— Onde é que tens estado? Estava preocupada. Telefonei para todo o lado, e não atendias o teu telefone, e o Ganesh ignorou as minhas mensagens e...

— Depois conto-te. Mas preciso de algum tempo para mim.

O rosto de Jane franziu-se.

— Matt, eu nunca teria... Se soubesse, não teria...

— Eu sei. Não faz mal. — Esperou junto à porta, em sinal de que ela devia ir-se embora. Não queria ter aquela conversa naquele momento.

— Foi um erro — disse ela.

Matt esboçou um sorriso fugaz.

— Não foi, não.

— Vamos conversar. — Era óbvio que não se ia embora.

Ainda no dia anterior ficara levemente devastado por terem acabado. Mas depois do que acontecera, via as coisas como elas eram. Matt e Jane nunca teriam futuro. Os seus amigos de Rubin surpreendiam-se que tivesse durado um ano. Caramba, Matt surpreendia-se que Jane tivesse demorado tanto a perceber que ele era um projeto muito maior do que ela previra. E dissera-lhe coisas maldosas no fim: que ele era um molho de brócolos. Que nunca seria ninguém se não comesse a concentrar-se. Nos estudos. Nela. Que precisava de falar com alguém sobre a raiva que tinha em relação ao pai. Ao irmão. Que depois de ter agredido o rapaz da fraternidade ela tinha medo dele.

A parte pior era que tivera razão em tudo e agora nada disso importava.

— Matthew, por favor, fala comigo.

Seguiu-o quando ele entrou na casa de banho e abriu o chuveiro. Ficou a observar enquanto tirava as roupas ridiculamente grandes de Ganesh. Matt viu Jane por duas vezes refrear-se de perguntar sobre a indumentária. Entrou para a cabina do duche e deixou que a água quente lhe batesse na cara. Através do vapor da porta do duche, viu a silhueta de Jane desaparecer.

Depois de se secar com a toalha, regressou ao quarto. Jane estava sentada na cama, com os cantos da boca descaídos.

— Vais falar comigo? — perguntou, vendo-o enfiar umas calças de ganga e uma *T-shirt*.

— Não sei bem o que há a dizer.

Puxou um saco de desporto de debaixo da cama e começou a enchê-lo de roupa. Procurou na cómoda a pequena bolsa de documentos, a que a mãe lhe fizera. Continha as coisas de que os adultos precisavam — o cartão da segurança social, o passaporte, a certidão de nascimento. Fora também lá que a mãe guardara o cartão de crédito para emergências. Como a bolsa não estava logo à vista, Matt arrancou a gaveta do móvel e despejou-a no chão. E lá estava ela, a bolsa expansível do tamanho de um envelope. Apanhou-a do chão.

— O que é que estás... Onde vais? — perguntou Jane enquanto ele se dirigia para a porta.

— Buscar a minha família.

CAPÍTULO 11

Matt saiu intempestivamente do edifício, com Jane a chamar por ele. Furou pelos fotógrafos e acenou a um táxi para ir para o LaGuardia. No banco de trás, foi sacudido no assento de vinil rachado durante bastante tempo, a olhar para o vazio. A cena final de *Michael Clayton*. O táxi meteu travões a fundo, depois guinou, contornando um carro que se lhes atravessara no caminho, o taxista a praguejar pela janela.

Se tivessem batido, apercebeu-se Matt, poucas pessoas se teriam importado. Jane exibiria a sua perturbação, e claro que o grupo de Robin Hall se reuniria, contaria algumas histórias e faria alguns brindes a Matt Pine. Mas em breve seria esquecido. Seria mencionado num contexto mais lato relativo ao azar, a famílias amaldiçoadas ou a tragédias famosas. Um Pine injustamente preso por homicídio, quatro Pines mortos num acidente bizarro durante as férias, e o outro — como é que se chamava? — morto num acidente de carro a caminho do aeroporto para reclamar os corpos dos familiares falecidos. Diriam *aproveita o dia*, não vás acabar como os Pines.

Hoje não, pensou enquanto o táxi parava com um solavanco junto ao terminal do aeroporto. Lá dentro, deu à assistente da companhia aérea com uma expressão obstinada o número de confirmação que a agente do FBI lhe entregara e recolheu o bilhete. A seguir encontrou um multibanco e suspirou de alívio quando, após várias tentativas, se lembrou do código para o cartão de crédito destinado a emergências: 1010. O código predefinido dos pais, 10 de outubro, o dia e o mês em que se tinham conhecido na faculdade. Outra vaga de dor consumiu-o. Guardando os quinhentos dólares no bolso, submeteu-se então à tortura das viagens aéreas dos tempos modernos — filas compridas, tirar os sapatos, nada de líquidos — e em breve estava na porta de embarque, com o saco pendurado ao ombro.

Matt ficou bastante tempo sentado na cadeira de plástico flexível, a olhar inexpressivamente para a pista através das grandes janelas. Os aviões descolavam e aterravam ao sol da manhã. Milhares e milhares de estranhos que nunca mais se cruzariam, coincidindo neste ponto no tempo. Grãos de areia na praia. Formigas numa colina. Precisava de afastar os pensamentos mórbidos.

Por volta das nove e meia, a porta de embarque estava a ficar cheia de gente.

Foi nessa altura que Matt teve a sensação de que alguém o observava. Perscrutou a multidão — os homens de negócios a tagarelar aos telemóveis, os universitários com almofadas para o pescoço, o raro viajante vestido que nem um brinco entre as massas desmazeladas —, mas não viu quem seria. Contudo, não tinha dúvidas de que estava a ser observado. Conhecía a sensação.

Recusara-se a participar no documentário, mas não pudera fugir às fotografias de família nem às imagens de antigos noticiários espalhadas ao longo de dez episódios dramáticos com uma banda sonora de fundo cheia de violoncelos e violinos. Depois de ter estreado, as pessoas muitas vezes olhavam para ele com aquele ar de *Conheço-te de algum lado?*. Os verdadeiros crentes, fiéis a Danny Pine, reconheciam-no, e Matt tinha de recusar *selfies* ou pedir desculpas por não ser muito de abraços. À sua revelia, tornara-se parte de um mistério nacional, um jogo de pistas em que jornalistas — e detetives da Internet — concebiam teorias elaboradas e passavam uma quantidade de tempo inacreditável a tentar provar quem era o culpado.

O programa atingira o objetivo. Uma jovem bonita desfigurada da forma mais macabra. O típico rapaz americano injustamente acusado. Uma cidade pequena vista da pior perspetiva — e, claro, os suspeitos ignorados.

O documentário apontava para um em especial, Bobby Ray Hayes. Estava preso por ter matado diversas jovens. Abusava sexualmente das raparigas, assassinava-as e depois esmagava-lhes os crânios com pedras grandes. Os *media* chamavam-lhe, sem ficarem a dever nada à criatividade, «o Esmagador». Dependendo do tipo de vocabulário, o clã Hayes seria apelidado de ralé, burgesso ou bimbo. Depois do documentário, chamaram-lhes isso e mais. E o mais novo da ninhada — um perigo com olhos de tubarão chamado Bobby Ray — parecia saído, sem tirar nem pôr, de uma audição para o papel de um arrepiante assassino de mulheres.

Matt reparou num homem num fato de aspeto caro a fingir não estar a olhar para ele. Encaixava no perfil. Os «fãs» de Danny Pine eram decididamente um grupo bem na vida, pessoas que não conseguiam conceber uma condenação injusta, alheias à frequência com que isso acontecia aos pobres. Se passassem alguns minutos com o pai de Matt, ele dar-lhes-ia uma palestra sobre os 2852 indivíduos do National Registry of Exonerations que, em conjunto, tinham passado 23 540 anos na prisão por crimes que não haviam cometido.

— Matthew — disse uma voz atrás dele. Era a agente do FBI. Keller.

— Olá — respondeu.

— Ouvi dizer que teve uma manhã agitada... — comentou a agente Keller.

Matt não percebeu. Não fizera queixa do tipo que o empurrara para o meio da estrada. Fora há apenas algumas horas.

Ela ergueu o telemóvel, mostrando uma notícia de um tabloide digital. Na manchete lia-se: sobrevivente da família de «uma natureza violenta» atacado.

Matt rugiu.

— Saiu também um artigo de fundo sobre a sua família na edição matutina do *Times*. — Disse-o em tom de aviso. — Está bem? O que aconteceu? Foi mesmo atacado?

Matt contou-lhe do homem com a cicatriz no lábio.

— Porque é que não me ligou? Ou fez queixa à polícia? E se...

— Estou bem, são só umas nódoas negras. Não vi bem o tipo e ele não levou nada, por isso não havia nada para fazer queixa.

Keller não pareceu satisfeita com a explicação, mas não podia fazer muito quanto ao assunto. Tirou uma folha de papel da mala.

— Aqui tem o nome do funcionário consular que vai ter consigo ao aeroporto. Ele sabe onde se dirigir, mas, por via das dúvidas, também incluí a morada da esquadra da polícia e o nome do agente local responsável pela investigação.

Matt lançou um olhar ao papel, depois dobrou-o e guardou-o no bolso da frente juntamente com o passaporte.

— Esperemos que seja só um pró-forma — disse Keller. — Assinará uns papéis e eles entregam os cor... entregam a sua família. O consulado ajudará com a papelada relativa ao transporte.

Matt anuiu.

Keller entregou-lhe um exemplar dobrado do *Times*. Ele olhou de relance para a primeira página. A fotografia era um murro no estômago. Era uma *selfie* da família em frente ao letreiro a indicar o aeroporto de Cancún. Estavam a fazer expressões exageradas para a câmara. Onde raio é que o *Times* arranjava a fotografia? Percebeu que a mãe provavelmente a publicara no Facebook, o sítio onde fingia que a família estava ótima, muito obrigada. Sob a foto, a legenda:

EVAN PINE (51), OLIVIA PINE (51), MARGARET PINE (17), THOMAS PINE (6)

Por baixo da *selfie* estavam fotografias individuais de Matt e Danny. A de Matt era também tirada do Facebook, do verão anterior. A de Danny era de quando fora preso.

— Não quero ler isto.

— Não lhe estou a pedir que o faça — disse Keller. — Mas a polícia local não tem facilitado. Se precisarem de mais confirmações de que é a sua família, a fotografia pode ajudar. Também pode lembrar-lhes que o mundo está a observar como é que eles tratam o caso.

Uma voz distorcida fez-se ouvir através das colunas acima deles. Não era fácil perceber, mas os passageiros começaram a fazer fila para embarcar.

— Certo — disse ele. — É melhor ir.

— Isto provavelmente vai ajudar. — Keller entregou a Matt a sua carteira e o telemóvel.

— Obrigado.

— Nem imagina a carga de trabalhos que foi. O segurança tem um negócio paralelo de venda de telemóveis. A sua carteira não tem dinheiro.

Nunca tivera.

Matt olhou para o ecrã do iPhone, rachado das centenas de vezes que o deixara cair. O telemóvel tinha a bateria toda — graças a Keller, não havia dúvida. A imagem de fundo era uma fotografia de Jane, que ela mesma pusera. Tinha um aspeto particularmente régio.

— Encontraram alguma coisa útil?

— Não procurámos. Precisávamos da sua palavra-passe. E da sua autorização.
— Keller olhou para ele. — Importa-se?

Matt encostou o polegar ao sensor, desbloqueando o aparelho. Respirou fundo antes de ver as mensagens. Havia centenas. Muitas de números que não conhecia, mas dezenas de amigos. Não tinha mensagens novas do pai. Tinha uma da mãe, a dizer que iam embarcar e que o adorava. Algo que ela fazia por hábito quando andava de avião. A precaução fatalista, caso o aparelho se despenhasse.

Mas depois viu-a. A mensagem por ler de Maggie.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 4
«Holmes e Watson»

INT. CASA DA FAMÍLIA PINE – ESCRITÓRIO

MAGGIE PINE, de doze anos, está sentada atrás de uma secretária atulhada. Caixas de arquivo e montanhas de papel preenchem o espaço. Ao fundo vê-se uma parede com os detalhes do crime, sem faltar uma fita vermelha a ziguezaguear entre recortes de jornais, fotografias e outras pistas presas ao quadro com pioneses. Maggie tem uma *T-shirt* com a imagem de um cavalo vestida e um aparelho metálico nos dentes.

MAGGIE

O meu irmão Matt adora filmes e vê, tipo, um trilião. Por isso, uma noite a minha melhor amiga veio cá dormir e estávamos a espiá-lo, como fazemos sempre, e eu vi parte de um filme, não me lembro de como se chamava, onde havia uns advogados que, tipo, salvaram a situação a vasculhar caixas no escritório. O que me deu uma ideia.

GRANDE PLANO das mãos de Maggie a vasculhar uma caixa. Tira uma pilha de papéis. Está exultante, orgulhosa da descoberta.

MAGGIE

Uma vez em que voltámos ao Nebraska para ir visitar o meu avô, fui à conservatória do condado e disse que estava a fazer um trabalho para a escola – o que nem era mentira; a Sr.^a Melhoose disse que eu podia e a funcionária deixou-me vasculhar os ficheiros dos casos antigos. E encontrei isto.

INT. ESTÚDIO

EVAN PINE está sentado num banco, com o fundo escuro.

EVAN

A Maggie traz-me cópias de registos de um par de

interrogatórios policiais. Um sobre um homem suspeito na festa nessa noite, o último sítio onde a Charlotte foi vista com vida. O outro, uma informação de uma chamada anónima que dizia que o assassinio da Charlotte tinha muitas semelhanças com outros dois no Kansas. Depois de o Danny ter sido preso, muitas outras raparigas no Kansas, no Nebraska e no Missouri foram mortas da mesma maneira: com a cabeça esmagada por rochas grandes.

INSERT — MANCHETE DE JORNAL

«Desenvolvimento no Caso do Esmagador: Homem de Plainville
Detido por Série de Assassínios Macabros»

EVAN

A acusação absteve-se de divulgar os relatórios. Se pudéssemos ter investigado o Esmagador na altura, talvez não estivéssemos aqui hoje. O facto de não terem dado os relatórios ao advogado do Danny infringiu a lei; são obrigados a entregar provas ilibatórias. E tivemos a nossa primeira grande hipótese de pedir uma alteração da sentença.

INT. CASA DA FAMÍLIA PINE — ESCRITÓRIO

Evan e Maggie estão os dois sentados à secretária a estudar o ficheiro do caso.

EVAN (EM VOICE OVER)

A partir daí temos sido eu e a Mag-pie. Holmes e Watson, embora não tenha a certeza de qual de nós é o Holmes e qual é o Watson.

CAPÍTULO 12

MAGGIE PINE

ANTES

— O teu namorado está aqui. — Harper ergueu as sobrancelhas várias vezes.

Maggie já vira Eric à entrada do centro de apoio da escola. Revirou os olhos.

— Para com isso.

— A sério, ele está interessado em ti. Só vem nos dias em que cá estás. Tipo, está literalmente, quase, tipo, a perseguir-te.

Tal como a maior parte das pessoas da geração delas, Harper usava demasiadas vezes *tipo* e usava mal *literalmente*. O olhar de Maggie atravessou o centro. Estava cheio com o elenco do costume: desportistas a tentar subir as notas para um 14 para poderem ir para o campo, ganzados a quem fora dado a escolher entre o centro ou castigo e os marrões que lhes davam explicações. Bem, exceto Harper, que era aquilo a que alguns chamariam marrona boazona. Eric pavoneou-se pela sala — era essa a palavra, *pavoneou-se*, dando «mais cinco» aos outros rapazes enquanto se aproximava da mesa de presenças.

Agora de pé à frente delas, agarrou na caneta para assinar o registo, e depois ofereceu um sorriso desinibido.

— Achas que me podes ajudar a álgebra? — perguntou então a Maggie.

As suas faces coraram ao sentir o olhar de esguelha de Harper.

— Claro.

Eric voltou a sorrir e dirigiu os olhos azuis para uma secretária vazia no canto. Fez sinal a Maggie para que o seguisse.

Maggie tentou não ser atraída pelo seu encanto. Eric pertencia à realeza da escola, *literalmente*, como diria Harper, e uma vez na vida na verdadeira aceção do termo. Rei do baile. O irmão mais velho de Maggie, Matt, chamar-lhe-ia o arquétipo de um filme dos anos 1980 de John Hughes. Tinha de admitir que ele era de sonho. *De sonho* — que expressão tão antiquada. Estava a começar a falar como a mãe.

Sentou-se ao lado de Eric, que abriu o manual com um baque.

— Não percebo as expressões racionais.

Maggie tentou não parecer surpreendida.

— Eu sei, eu sei, tu já fazias isto no quinto ano. — O rosto dele corou como

se de facto se sentisse envergonhado. Era adorável mesmo quando estava desconfortável. O mundo não era justo.

— Não, as expressões racionais são superdifíceis — respondeu ela, mentindo.
— E não têm objetivo. Em que momento da vida é que vais precisar delas?

— Não é? — concordou ele. — Mas aposto que tu vais, no MIT.

O coração de Maggie esvoaçou: ele sabia para que faculdade ela iria. Ela aproximou-se e na meia hora seguinte tentou manter uma postura profissional enquanto o ajudava a resolver alguns problemas. Cheirava a água-de-colónia barata e virilidade. Mas ela tinha de manter os pensamentos sob controlo. Tipos como Eric Hutchinson equivaliam a sarilhos. E normalmente não apreciavam raparigas como ela. Um dia apreciariam, garantia-lhe a mãe, mas o cérebro masculino demorava mais a desenvolver-se.

— Gosto da tua *T-shirt* — comentou ele.

Maggie baixou o olhar para a sua *T-shirt vintage* dos AC/DC, uma das bandas favoritas do pai.

— Sabes que o apoio não se paga, não sabes? Não tens de elogiar.

— Não estou a elogiar. É fixe.

— Muito bem, concentra-te... — Ela sorriu.

Continuaram com os problemas. Então, Eric disse:

— Como é que está a correr o caso do teu irmão?

Isto não era tão surpreendente como Eric saber para que faculdade ela iria. Maggie fora uma personagem fundamental no documentário. A filha e irmã leal a ajudar a seguir pistas. Dera-lhe um momento de celebridade na escola, mas era mais do tipo de sentirem pena dela. Embora alguns dos desestabilizadores da Internet tivessem especulado que quando fosse mais velha — tinha apenas doze anos quando o documentário fora gravado —, seria bastante bonita, como a mãe. Ou como os irmãos «bonzões».

Argh. Parecia que o mundo só se interessava por isso. E em modo puramente hipócrita, aqui estava ela a adular o bem-apegoado Eric.

— Tivemos alguns reveses com o caso, mas no outro dia recebi uma informação excelente — respondeu Maggie. «Reveses» era um eufemismo. O Supremo Tribunal dos Estados Unidos não era um revés; era o fim da linha. Mas era provável que Eric não se interessasse pelas complexidades no sistema penal. Ou estaria a subestimá-lo?

— Uma informação? Estilo uma prova ou algo do género?

— Sim, queres ver?

Ele anuiu enquanto ela tirava o telemóvel.

— Sou eu que faço a gestão das redes sociais do caso. Aparece-nos um monte de esquisitoides e desestabilizadores, mas também algumas pessoas a falar a sério. E de vez em quando recebemos informações. — Ela tocava e deslizava o dedo no ecrã enquanto falava. — Normalmente não são relevantes, mas no outro dia recebemos isto.

Era um vídeo tremido tirado com o telemóvel, os primeiros dois segundos um borrão de corpos, com música alta em fundo.

— O que é? — perguntou Eric, inclinando-se mais.

— É a festa. — Partia do princípio de que Eric, como toda a gente, percebia as abreviaturas do documentário. Na noite em que a namorada do irmão, Charlotte, fora assassinada, tinha ido a uma festa. Danny também estava lá, tal como todos os estudantes do último ano. A polícia local interrompera as celebrações, e Danny e Charlotte tinham sido separados na confusão. Testemunhas afirmaram terem visto um Danny muito bêbedo mais tarde noutra festa num campo de milho; Charlotte não voltara a ser vista com vida.

— Podia ser ele, o P.D. — disse Maggie, apontando para o ecrã.

— Referes-te, tipo, ao Participante Desconhecido?

Definitivamente, ele vira o documentário. O Participante Desconhecido tornara-se um ícone — *memes* no Facebook, segmentos nos programas da noite, até *T-shirts*. Os autores do documentário centraram-se no facto de a polícia ter identificado toda a gente na festa menos uma pessoa. Um homem branco que as testemunhas situaram na casa dos vinte anos e que aparentemente ninguém conhecia. A pessoa que o documentário sugeria que era o verdadeiro assassino. Que muitos acreditavam ser um falhado como Bobby Ray Hayes, o Esmagador. Maggie pôs o vídeo em câmara lenta.

Eric continuou a olhar, aparentemente fascinado.

— A data mostra que foi na noite da festa. Os telemóveis não eram tão sofisticados na altura, mas isso dá para saber. — Maggie apontou para o ecrã. — Está ali o Danny. — No minúsculo ecrã, o irmão estava a rir antes de emborcar o conteúdo de um copo vermelho. Estava com uma *T-shirt* de alças, exibindo os seus bíceps protuberantes e o seu ar de mano com um grupo de rapazes com os casacos da equipa de futebol. Mesmo antes de o vídeo acabar, viram o perfil de uma cara.

— Ali — disse Maggie, pondo o vídeo em pausa.

— Achas que é ele? O Participante Desconhecido a sério? — perguntou Eric.

— Não tenho a certeza. Mas dá origem a mais perguntas que respostas, porque *aquela* não é o Bobby Ray Hayes. — O pai nunca acreditara na hipótese de Hayes. As peças não encaixavam de forma tão perfeita como o documentário sugeria.

— Cum caracas. Quem é que te enviou isto?

— Não sei. Foi uma informação anónima.

— O que é que a polícia acha?

Maggie suspirou. A polícia não se podia estar mais nas tintas, em especial os polícias do Nebraska a cargo da investigação. Tanto quanto lhes dizia respeito, o caso de Danny Pine não lhes trouxera nada senão desdém público e até ameaças de morte. Um dos polícias que interrogaram Danny cometera suicídio depois de a série da Netflix ter ido para o ar.

— Não me devolveram as chamadas. Nunca o fazem... Dizem que o caso está encerrado.

— Bem, isso — Eric procurou a palavra — é uma bosta.

Maggie sorriu. Gostava dele.

— Olha, esta noite — disse Eric — alguns de nós vão juntar-se. Em casa do Flaherty.

Mike Flaherty. Outro membro da realza do último ano.

— Tipo uma festa? — perguntou Maggie.

— Nem por isso — respondeu Eric. — Bem, mais ou menos. Mas talvez pudesses passar por lá. É a última antes de toda a gente ir de férias da Páscoa.

Na família Pine — depois do que acontecera a Charlotte — poucos eram os perigos maiores que uma festa de secundário em casa de alguém. Maggie não tinha bem a certeza se era porque o pai achava que havia um perigo real ou se era só as memórias que evocavam.

— Talvez — disse, surpreendida por a palavra lhe ter escapado dos lábios. A campainha do centro tocou.

— Talvez — repetiu ele, prolongando a palavra, engatatação. Lançou-lhe um sorriso de esguelha. — Se vieres, podemos trabalhar mais na álgebra.

— A sério? Fazes muitos exercícios de matemática nas festas?

— Não queres que eu chumbe, pois não? Perdia a bolsa — disse Eric com seriedade. Ela ouvira dizer que ele fora aceite na Universidade de Michigan com uma bolsa para jogar lacrosse. A faculdade normalmente era inalcançável para um aluno de 14, provando mais uma vez que a vida não era justa.

— Talvez — disse ela, novamente com borboletas no estômago.

— Eu mando-te uma mensagem com a morada. — Eric agarrou no livro e depois saiu a pavonear-se.

Porque é que eles se pavoneiam todos?

Maggie voltou para a secretária das presenças para ajudar Harper a fechar o centro de apoio. Tinham de terminar o registo e fechar a sala.

— O que é que foi aquilo? — perguntou Harper.

— A que é que te referes?

A melhor amiga lançou-lhe um daqueles olhares.

— Convidou-me para uma festa.

— Em casa do Flaherty? — perguntou Harper, boquiaberta. Claro que ela já fora convidada. Eram melhores amigas, ambas jovens com uma predileção por livros, mas Harper tinha um lado rebelde e movia-se sem percalços entre grupos sociais. Num dia era um filme e piza em casa de Maggie, no outro uma caminhada com o clube da natureza, no outro uma festança com os desportistas.

— Iá. Mas ele disse que iam mais juntar-se do que propriamente fazer uma festa.

Harper abanou a cabeça, como se Maggie estivesse a ser ingénua.

— E...?

— E não sei. Sabes o que o meu pai pensa das festas.

— Mags, vamos acabar o secundário e tu não foste a uma única festa. Não bebeste uma única bebida. E nem me faças falar de sexo. Queres mesmo ir para a faculdade tão, tipo, patética?

Maggie bateu na amiga com uma pasta.

— Vá lá, vamos logo à noite — disse Harper.

— Deixa-me pensar.

— O que é que há para pensar? Vais ficar a dormir em minha casa de qualquer maneira, por isso não tens de pedir ao teu pai. E se a festa não for nada de jeito, vamo-nos embora.

Maggie queria ir. Queria ver Eric. Mas não gostava de fazer coisas às escondidas. Não gostava de cometer a traição de ir a uma festa, logo isso.

— Vou pensar.

E foi o que fez.

Às dez dessa noite, Maggie e Harper estavam a chegar à casa de Mike Flaherty sentadas no banco de trás de um Uber.

— Acho que isto não é boa ideia. — Maggie observava enquanto o grupo no

alpendre abria caminho para dois rapazes que transportavam um barril de cerveja pelos degraus e depois pelas grandes portas de entrada. O pai de Flaherty era dono de uma cadeia de concessionários automóveis e vivia numa mansão ostensiva e transbordante. O motorista do Uber buzinou para uns miúdos que estavam a bloquear o caminho de acesso semicircular.

— Relaxa — disse Harper. — Vai ser divertido. E estás um *espetáculo*.

Maggie puxou o *top* para cima. Harper emprestara-lho e mostrava *demasiado* o decote. Também cometera o erro de deixar Harper maquilhá-la. E trocara os óculos por lentes de contacto. Pareciam grãos de areia debaixo das pálpebras sempre que pestanejava.

Lá dentro, o estômago de Maggie embrulhou-se perante o cenário: um monte de miúdos a sacudir-se ao ritmo palpitante da música de dança, o cheiro a cerveja, suor e erva.

— Onde é que estão os pais dele? — perguntou Maggie. Era a sua primeira festa de secundário. Não esperara que fosse um, bem, *cliché* tão grande.

Harper encolheu os ombros. Acompanhou Maggie pelo salão, que era agora uma pista de dança repleta de miúdos a roçarem-se e a abanarem-se. Até havia um DJ foleiro a balançar-se atrás do sistema de som.

Ziguezaguearam pela multidão até à sala de estar, uma divisão formal com um lustre, e o local designado para um jogo épico de cerveja-pongue na mesa comprida. Mike Flaherty estava à cabeceira da mesa em tronco nu e com uma espécie de bandana à volta da cabeça. Com os músculos a vibrar, pôs-se em bicos de pés e fez um lançamento como um jogador de basquete na linha de lançamento livre. A pequena bola branca voou pelo ar, ressaltou, atingiu a borda de um copo vermelho, mas não entrou, originando um *quase* gemido pela multidão.

— Tens de descontrair — disse Harper pelo canto da boca, sentindo a rigidez de Maggie. — Vou buscar bebidas para nós — acrescentou. — Volto já.

— Espera — chamou Maggie, mas Harper já serpenteava pela horda. Maggie prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha, tentando não parecer nervosa. Não era que não gostasse de se divertir, ou que fosse pudica. E Harper enganava-se: já bebera, e até andara aos beijos com Reeves Anderson depois da feira de ciência. Mas durante todo o seu percurso do secundário, vivera o rescaldo de uma festa como aquela.

Sentiu uma pontada no estômago por ter mentido ao pai. *Mas não mentira mesmo, pois não?* Dissera que ia dormir a casa de Harper, o que era verdade. O

pai não lhe fizera perguntas sobre os planos de ambas. E ela não podia passar a vida a evitar festas, não era? Em breve estaria na faculdade. Matt contara-lhe que ia imensas vezes a festas na NYU, embora ela não conseguisse imaginar a emprouda da namorada dele num ajuntamento como aquele.

A multidão rugiu outra vez quando uma bola entrou ruidosamente num copo e Maggie pensou no vídeo tirado com o telemóvel — a informação anónima que recebera daquela noite. As últimas horas antes do assassinio de Charlotte. Os seis segundos do vídeo tinham a aura decadente daquela festa, como se alguma coisa pudesse descontrolar-se a qualquer momento, o que tornava aquela noite simultaneamente assustadora e excitante.

Passara muitas noites a pensar na infame festa de sete anos antes. O que acontecera? Teriam Danny e Charlotte mesmo discutido? Porque é que se tinham separado quando a polícia invadira a festa? E porque é que Danny não conseguia lembrar-se de nada? Maggie não tivera autorização para assistir ao julgamento de Danny, na altura só tinha dez anos, mas desde então lera todas as transcrições.

PROCURADOR: Foi a uma festa?

RÉU: Sim.

PROCURADOR: Em casa de Kyle Brawn?

RÉU: Hum-hum.

PROCURADOR: A que horas se foi embora?

RÉU: Não me lembro. Bebi demasiado. Apaguei.

PROCURADOR: Saiu a correr quando a polícia chegou?

RÉU: Não me lembro, mas devo ter saído.

PROCURADOR: Discutiu com a Charlotte na festa.

RÉU: Não.

PROCURADOR: Ela disse-lhe que estava grávida e discutiram.

RÉU: Não!

PROCURADOR: Se não se lembra de nada, como é que sabe?

Alguém lhe tocou no ombro e Maggie virou-se, julgando que Harper regressara. Mas era ele.

— Ei — disse Eric. — Vieste. — Era óbvio que ele já estava na festa há algum tempo. Tinha os olhos vidrados, a fala arrastada.

Ela sorriu, sem saber o que dizer.

— Vem comigo — disse ele, arrastando-a pela mão.

Em breve viu-se na lavandaria a curtir com ele. Tresandava a ganza e cerveja morta, e os olhos dela desviavam-se constantemente para a pilha de roupa suja

no cesto em cima da máquina de secar. Afastou-se.

— O que se passa? — perguntou Eric, com a fala arrastada.

— Nada, mas não foi assim que eu...

Ele agarrou-a pelos braços, empurrando-a contra a parede. Enfiou-lhe a língua na boca. Com uma mão, conseguiu segurar-lhe ambos os pulsos sobre a cabeça. Com a outra, começou a apalpar-lhe o peito.

— Para — disse Maggie, afastando-se com um repelão.

Mas ele não parou. Manteve-lhe os braços presos. Os dedos da sua mão enorme apertavam-lhe os pulsos, ambos os braços contra a parede. Doía-lhe e estava assustada. E a outra mão dele conseguiu deslizar para baixo, desapertar-lhe as calças. O pânico envolveu-a.

Olhou-o nos olhos. Não estavam nada como anteriormente no centro.

Estavam escuros.

Lupinos.

— Disse para *parares*!

Uma nova onda de pânico percorreu-a. Apesar de todas as histórias de terror de que o pai a avisara — medos exagerados de um homem que não poderia suportar outra perda —, aqui estava ela. Ele ficaria tão desiludido. Ela mesma estava.

Mas uma coisa positiva saía de todos os medos do pai: ele certificara-se de que os filhos estariam preparados se alguma vez se deparassem com um monstro. Aulas de defesa pessoal, dramatização, planeamento de emergência.

Maggie fez-se forte.

— Abranda — pediu, num tom mais suave. — Eu deixo-te, mas qual é a pressa? Tira a *T-shirt*.

Ele libertou-lhe os braços, tirou a mão do cóis das suas calças, depois puxou desajeitadamente a *T-shirt* pela cabeça e atirou-a para o chão. Inesperadamente, desabotoou as calças e estas escorregaram-lhe para os tornozelos.

— Toca-lhe — disse. O seu hálito rançoso flutuou sobre ela.

Maggie tentou permanecer calma. Pousou as mãos nas saliências dos seus ombros musculados. Fitou-o sedutoramente nos olhos, tentando não revelar o pânico nos dela.

— Se é o que queres. — Recuou ligeiramente como se fosse pôr-se de joelhos, e o corpo de Eric estremeceu.

Apertou-lhe os ombros com firmeza, usando-os como um ponto de apoio enquanto lhe desferia o joelho contra os testículos.

Eric dobrou-se e uivou. Maggie empurrou-o com força. Com as calças ainda à volta dos tornozelos, caiu no chão da lavandaria.

Começou a gritar com ela enquanto ela abria a porta e fugia.

CAPÍTULO 13

No regresso a casa de carro, as lágrimas transbordavam dos olhos de Maggie. Sentia-se com uma ressaca emocional, a adrenalina a dilacerá-la. Com raiva de Eric. Raiva de si mesma por ser tão parva.

— Fala comigo — pediu Harper. Encontrava-se no banco de trás com Maggie. Uma das amigas de Harper que Maggie não conhecia ia a conduzir.

Maggie limpou os olhos. O peito agitava-se num palpar de fôlegos curtos.

— O que é que ele fez? — perguntou Harper. — Juro por Deus, eu...

— Não quero falar sobre isso.

— O filho da mãe.

— Deixa. Eu estou *bem*. Só quero ir para casa.

— Não vais ficar lá em casa?

— Só quero ir para casa.

Harper disse à rapariga ao volante para onde se dirigir. Atravessaram as estradas suburbanas, Maggie a olhar para o vazio, abstraindo-se de Harper a arengar contra Eric. Finalmente encostaram junto à casa de Maggie.

— Depois manda-me uma mensagem — pediu Harper enquanto Maggie desapertava o cinto.

— Nota-se que estive a chorar? — perguntou Maggie, temendo que o pai se pusesse com perguntas se estivesse acordado.

Harper limpou o olho de Maggie com o polegar.

— Lamento tanto.

— A culpa não é tua — disse Maggie, esgueirando-se para fora do carro. — É minha — acrescentou baixinho para si.

Abriu a porta, surpreendida por as luzes na entrada e ao fundo do corredor na cozinha ainda estarem acesas. Era tarde. O pai já costumava estar na cama àquela hora e era picuinhas quanto a poupar eletricidade.

Pensou em limitar-se a ir para a cama. Mas, se ele estivesse acordado, iria perguntar porque é que ela estava em casa e não com Harper. Tentou ter um aspeto composto enquanto caminhava em silêncio pelo corredor.

Foi quando viu o pai no chão da cozinha.

CAPÍTULO 14

— *Pai! Oh, meu Deus!* — Maggie correu para o pai. Estava inconsciente, com uma poça de vômito no chão da cozinha ao pé da cabeça.

Agachou-se e sacudiu-lhe os ombros, tateando à procura do telemóvel para ligar para o 112.

Mas o pai acordou com um sacão. Sentou-se rapidamente. Tinha as pupilas dilatadas e parecia desequilibrado.

— Pai, o que aconteceu? — inquiriu Maggie entre fôlegos entrecortados. — Estás bem?

O pai olhou em volta, confuso. Limpou a boca com as costas da mão. Depois pareceu ter um clarão de lucidez.

— Estou bem, querida — disse, agarrando-se à bancada com uma mão e levantando-se. Tinha os movimentos lentos, custosos, como um idoso com artrite. — Desculpa ter-te assustado.

Maggie fitou-o, tentando processar a cena.

— O que aconteceu? Escorregaste e batestes com a cabeça? — Os olhos dirigiram-se para o vômito. Quando Maggie era pequena, a mãe parecia obcecada com concussões, a sina de uma mãe de um futebolista, e Maggie lembrava-se de que vomitar podia ser sinal de uma lesão cerebral séria.

— Não, acho que posso ter tido uma intoxicação alimentar. Depois do jantar, senti um calor intenso na cara e vomitei. — O pai dirigiu-se para o lava-louça e pôs a água a correr, limpando o que quer que estivesse na cuba. — Devo ter desmaiado. Mas estou bem, estou ótimo.

O que é que te deixaria tão nauseado a ponto de desmaiars? Os olhos de Maggie foram atraídos para a garrafa de *whisky* na bancada. Estava quase vazia, menos de um dedo de líquido castanho assente no fundo. O pai não era muito de beber — bem, pelo menos até há pouco tempo. Começou a somar dois mais dois. Desmaiara de bebedeira. E tinha vergonha de lhe contar.

— Estás em casa — observou o pai, mais animado. Agarrou no rolo de papel de cozinha, desenrolou um punhado e limpou a sujidade no chão casualmente, como se não fosse nada estranho. — Não ias ficar em casa da Harper?

Maggie ponderou contar-lhe da festa. Do que acontecera com Eric. Ainda estava abalada. Mas também ela se sentia envergonhada. Estranhamente

culpada. Mas, acima de tudo, temia que o pai se passasse. Que telefonasse aos pais de Eric. Ou até que o confrontasse.

— Também não me sentia bem — afirmou ela. — Queria dormir na minha cama.

— Queres que te dê alguma coisa? — O pai abriu o armário onde guardavam o *Advil* e outros medicamentos de venda livre.

— Estou bem — disse ela.

Ele pareceu acreditar nela. E não reparou que ela estava vestida para ir a uma festa, não para um serão de preguiça em casa de outra pessoa. Menos mal. O pai não precisava de ter mais com que se preocupar.

O pai tinha um brilho nos olhos, como se tivesse acabado de se aperceber de algo. Maggie sentiu um sobressalto, com receio de que ele soubesse que estava a mentir. Mas ele correu para o telemóvel na bancada e gesticulou para que se aproximasse.

— Não vais acreditar nisto — disse. O tom de voz estava entusiasmado, os olhos pareciam frenéticos.

Começou a tocar no ecrã do telemóvel.

— Recebi uma videochamada. Mesmo antes de me ter sentido mal.

Maggie limitou-se a olhar para ele.

— Era ela, Mag-pie.

— Quem?

Ele olhou para ela intensamente.

— A Charlotte.

Certo, ele deve ter batido com a cabeça.

— Do que é que estás a falar?

— Ela ligou. Parecia assustada. Eu vi-a. Estava viva...

— Acho que talvez não estivesses a sentir-te bem — olhou para a garrafa — e julgaste...

— *Não* — interrompeu o pai. — Estava mais velha, mas não havia como enganar-me. Vi centenas de fotografias dela. Era a Charlotte.

— Então, foi uma partida — retorquiu Maggie. — Alguém encontrou uma rapariga parecida com a Charlotte. Ou então criaram uma imagem por computador. Uma piada de mau gosto. — Não seria a primeira vez que alguém pregava uma partida cruel à família.

— Ela disse *ajude-me*, Mag-pie. — O pai parecia que ia começar a chorar.

— A Charlotte morreu, pai. Encontraram o corpo dela. Ela...

— Não, pensa. A cabeça da rapariga foi esmagada, o rosto estava completamente desfigurado.

— Mas o ADN... devem ter...

— Não me parece que alguma vez tenham analisado o ADN da Charlotte. Para quê? Ninguém pôs em causa que era ela.

— Mas, pai... — Maggie esmoreceu. Já o vira assim. A cair pela toca do coelho. No dia anterior fora o vídeo da festa, a imagem do Participante Desconhecido. Hoje, uma chamada por FaceTime a mostrar que uma jovem morta afinal estava viva e de boa saúde. Na verdade, ela até gostava. A luz nos seus olhos — o otimismo raro, o entusiasmo — enquanto passavam tempo juntos a investigar o caso. Que estranho relacionamento com o pai ela devia ter, se aquilo que os ligava era o irmão preso e a sua namorada assassinada.

Decidiu não o contrariar. Deixá-lo dormir sobre o assunto. Maggie fez sinal para que lhe passasse o telemóvel.

— Disseste que foi por FaceTime?

— Sim. Tentei ligar para o número, mas chama e ninguém atende. — Entregou-lhe o aparelho.

Ela segurou no telemóvel, ainda a observar o pai.

— A chamada dizia que era de uma cidade no México.

Maggie examinou o registo de chamadas. O telefone dizia que era de Tulum, de um sítio chamado Moloko Bar.

— Há serviços que conseguem gerar identificações falsas de chamadas — disse Maggie. — Pode ser um embuste.

— Ou não — contrapôs o pai.

Maggie entrou num *site* de viagens através do telemóvel. Descrevia Tulum como um «local de veraneio cheio de estilo na costa leste do México, com praias espetaculares, ruínas históricas e um ambiente mais sereno e descontraído do que as megaestâncias de Cancún e da Riviera Maia».

O pai de Maggie olhou sobre o seu ombro para a fotografia no *site* turístico: uma bela jovem numa praia, sentada num baloiço de madeira entalhada, areia branca sob os pés, o oceano azul-néon atrás dela.

Maggie procurou Moloko Bar no Google. Era uma discoteca, imagens de mulheres jovens em roupas cintilantes a pedir garrafas e aparentemente a passar os melhores momentos das suas vidas.

Voltou a olhar para o pai. Era como se uma lâmpada se tivesse acendido sobre a sua cabeça.

— Na próxima semana — disse ele —, nas férias da Páscoa, gostavas de fazer uma viagem?

Maggie inclinou a cabeça para o lado.

— Aonde? Referes-te a irmos aqui? — Apontou para o ecrã.

O pai acenou devagar, os olhos brilhantes.

— Julgava que não podíamos ir a lado nenhum este ano... que o dinheiro...

— Eu é que tenho de me preocupar com isso.

— Mas a mãe está...

— Eles voltam do Nebraska no domingo. Podemos partir um pouco mais tarde ou na manhã seguinte.

— Não me parece que a mãe vá gostar...

— Eu lido com a tua mãe.

Estava a agir impulsivamente. Não, obcecado, louco. Talvez tivesse mesmo uma concussão. Mas Maggie não estava com ânimo para o confrontar com a realidade. Ele viria a si.

— Vai dormir — disse ele. — Temos muito para planear e malas para fazer amanhã.

Ela queria contar-lhe o que acontecera antes. Que lhe mentira e pedia desculpa. Que ficara aterrorizada. Que pusera em prática o que ele lhe ensinara e escapara. Mas, em vez disso, deu-lhe um beijo no rosto e disse:

— Boa noite, pai.

Sentada na cama com a *T-shirt* de dormir, Maggie abraçou os joelhos enquanto a mente regressava à festa. O coração martelou-lhe ao olhar para as marcas dos dedos nos seus pulsos. Fora uma tola. Acreditar que Eric estava interessado nela. Acreditar que ele era um rapaz meigo, como os irmãos. Tentou suprimir as lágrimas, mas aquela expressão nos olhos dele... Se ela não o tivesse levado a baixar a guarda, ele teria... Não queria pensar nisso. Queria esquecer aquela noite. Queria que aquele ano estúpido terminasse para poder ir-se embora para a faculdade e começar de novo. Num sítio onde o que importasse fosse a inteligência e não somente o aspeto ou a habilidade para lançar uma bola. Um sítio onde não fosse apenas a irmã de Danny Pine.

Gostaria que a mãe estivesse em casa. Mas podia ligar-lhe, claro. Só que não queria telefonar tão tarde, preocupá-la enquanto estava fora. A mãe já tinha muito com que lidar, com a questão do avô. E com ter de regressar à cidade onde todos os odiavam.

Voltou a pensar em Eric, que fingira interessar-se pelo caso de Danny. Simulara interesse no vídeo. Alcançou o portátil, situado aos pés da cama. Queria ver se alguém deixara comentários ou indicações sobre o vídeo. Se havia uma coisa em que os Pines eram bons, era a usar o caso de Danny para evitar os seus próprios problemas. O entusiasmo tremulou-lhe no peito. A página estava repleta de dezenas de novos comentários, potenciais informações. Mas depois leu-os:

Pega

Devas matar-te

Ninguém convidou uma falhada para a festa

O teu irmão é um assassino e tu és uma vadia

Galdéria!!!!!!

Um soluço escapou-lhe da boca. Era Eric ou os amigos, tinha de ser. E matar-se? Porque o rejeitara? Ou era tudo para dissuadi-la de contar o que realmente acontecera na lavandaria? Fechou o portátil com um estampido. Apertou os olhos para dormir e chorou até adormecer.

CAPÍTULO 15

MATT PINE

O funcionário consular que supostamente ia buscar Matt ao aeroporto não apareceu. Matt enviou uma mensagem à agente Keller, depois atravessou a zona das bagagens apinhada de passageiros que esperavam ansiosamente pelas suas malas. Parou no balcão de aluguer de automóveis, mas não havia veículos disponíveis. O assistente disse-lhe que Tulum ficava a cerca de duas horas, e havia táxis e autocarros junto à saída principal.

Contornou as massas extenuadas e passou as portas surpreendentemente pequenas que davam para o exterior. A luz do sol brilhante tomou-o de assalto.

Junto a um aglomerado de carrinhas, um homem com uma prancheta abordou-o.

— Bem-vindo ao México — disse num inglês com sotaque. — Tem reserva?

— Não. Preciso de ir para Tulum — respondeu Matt.

O homem fez uma careta.

— Estamos completamente cheios, amigo. É a nossa época alta.

Matt exalou.

— Não há nada? Eu fico com o que quer que tiver. Não precisa de ser bom.

O homem fez uma pausa, como se estivesse a pensar. Depois desprendeu um *walkie-talkie* do cinto e disse algo em espanhol. Uma voz distorcida respondeu.

— Não será muito confortável — disse o homem —, mas talvez consigamos encaixá-lo. Três mil pesos.

— Aceita dólares? — perguntou Matt, mostrando-lhe uma nota de vinte.

— Sim, cento e sessenta dólares.

Matt tinha quinhentos dólares em dinheiro, o levantamento máximo diário permitido pelo multibanco.

— Aceito.

— Autocarro *cinco* — disse o homem, apontando para uma fila de carrinhas. Eram maiores que as carrinhas habituais, mas mais pequenas do que os autocarros.

Matt não falava espanhol, mas *cinco* era fácil de perceber. Que estudante universitário nunca fora a uma festa do Cinco de Mayo? Matt pagou e deu hesitantemente vinte dólares de gorjeta ao homem — não tinha notas mais

pequenas —, ficando com o suficiente para a viagem de regresso ao aeroporto e para jantar. Encontrou uma carrinha com um sinal a exhibir o número cinco.

O motorista estava encostado ao veículo a fumar um cigarro. Ostentava um bigode impressionante.

— Disseram-me que tem espaço para mais um para Tulum — disse Matt, olhando para trás, para o homem com a prancheta.

O motorista esmagou o cigarro no passeio. Sem dizer uma palavra, conduziu Matt para as traseiras da carrinha. Matt viu a silhueta dos passageiros pelos vidros fumados. O veículo parecia cheio. O motorista abriu então o compartimento de trás e gesticulou para o saco de viagem de Matt.

Matt atirou-o lá para dentro e o motorista começou a reordenar as outras malas. Estava a empilhá-las num dos lados de uma forma muito particular.

— Oh — exclamou Matt, percebendo que o homem estava a arranjar espaço para *ele*. Saltou lá para dentro e sentou-se no espaço apertado, rodeado por bagagem. Não era tão mau como esperara. Pelo menos podia esticar as pernas. O que já era mais do que se podia dizer do voo da Spirit Airlines.

— Está bem aí atrás? — perguntou uma mulher do compartimento principal. Tinha um sotaque sulista terno.

Matt ergueu-se sobre o assento traseiro para conseguir ver a cabina apinhada.

— É ótimo. Obrigado por me deixarem apanhar boleia.

— Diga-nos se precisar de alguma coisa, filho. — A voz dela tinha um laivo maternal de preocupação.

Matt passou as duas horas seguintes às sacudidelas lá atrás, a olhar pela janela traseira enquanto se dirigiam rapidamente para sul pela Autoestrada 307. Podia ser qualquer estrada indefinida dos EUA, à exceção talvez de haver mais lixo. Ou então era o estado de espírito atual de Matt, centrado apenas na desolação. Aquelas não eram exatamente as circunstâncias ideais para visitar o México pela primeira vez.

Eram quase cinco da tarde. Chegariam daí a pouco. Teria tempo à justa para ir à esquadra da polícia, assinar os documentos e voltar para o aeroporto de Cancún para o voo de regresso a Nova Iorque às nove. A agente Keller dissera que podiam prolongar a estada se fosse necessário. Mas ele não tinha interesse em ver praias, ruínas ou outros sítios. Era chegar e ir embora.

As costas do assento impediam-no de ver a cabina, mas conseguia distinguir alguns dos passageiros lá à frente pelo reflexo da janela da carrinha. Observou atentamente três miúdos, com menos de dez anos, pelo aspeto, todos

embrulhados em cima dos pais. Mesmo através do reflexo distorcido, a mãe e o pai pareciam mortos de cansaço. Pensou na sua família numa carrinha como aquela: Tommy com o rosto encostado à janela; o pai perdido em pensamentos, a sopesar alguma conspiração relacionada com Danny; Maggie a fazer planos para a viagem; a mãe com o nariz num livro.

Matt reviu a última mensagem que Maggie lhe enviara, aquela por que Keller se interessara. Era uma fotografia do pai de Matt. Tinha o rosto dele em grande plano, com uma estrada atrás dele e aquilo que parecia a entrada para um estabelecimento — uma discoteca, talvez. Nada fora do vulgar.

Apagar a última frase. Era ligeiramente invulgar que Maggie enviasse a Matt uma fotografia do pai, tendo em conta as tensões dos últimos tempos.

Numa aula de sociologia na NYU, Matt lera sobre um estudo que concluía que, quando os filhos chegam aos dezoito anos, já tiveram em média 4200 discussões com os pais. Matt e o pai provavelmente tinham rebentado com essa média. Nem sempre fora assim. Antes da detenção de Danny, era o pai de Matt a incentivar o seu interesse pelo cinema, comprando-lhe *software* de realização, desencantando velhas câmaras Super 8, organizando festas de visionamento das curtas-metragens de Matt. Não era futebol, mas o pai parecia genuinamente impressionado pelo seu trabalho (tal como a mãe). Mas pela altura em que ganhou o seu primeiro concurso de filmes no último ano do secundário, mal deram por isso em casa da família Pine. O pai tinha Danny, Maggie tinha o pai e a mãe tinha Tommy.

Matt fitou a fotografia do pai, a bÍlis a subir-lhe à garganta ao pensar nas suas últimas palavras:

— *Seria Ótimo se pudesses ir connosco ao programa.*

— *Não vou ao Today, pai.*

— *Os advogados dizem que a atenção do público pelo caso pode fazer a diferença no Supremo Tribunal. Os juÍzes não aceitam muitos casos, por isso tudo o que pudermos fazer para...*

— *Qual é a parte de não que não entendes?*

— *Estás a ser egoÍsta.*

— *Oh, essa é boa, vinda de ti.*

— *O que é que queres dizer... Esquece. Está bem. Não faças nada, volta para a faculdade e desfruta da tua vida despreocupada de universitário enquanto o teu irmão está sentado numa cela de prisão imunda.*

Matt foi a bater com os pés até à porta da frente, agarrou no casaco e enfiou-o.
— É o que vou fazer. E sabes porquê, pai? — Matt fez um segundo de pausa. —
Porque é o lugar da porra do Danny.

Marchara para a noite fria, os flocos de neve a flutuar pacificamente no céu, a quietude estranha da neve recente. Lembrou-se de como se sentira sozinho nessa noite. Como se sentira sozinho a carregar consigo a verdade sobre o irmão, vendo o pai e a irmã atolados a tentar provar a inocência de Danny. Mas não era nada comparado com o que sentia agora.

Por fim, o autocarro parou com um solavanco em frente a um edifício compacto de cimento. Ninguém diria que era uma esquadra da polícia, se não fossem os *Dodge Charger* brancos e pretos equipados com sirenes estacionados à frente. A porta traseira da carrinha abriu-se e Matt levantou-se para sair, deu uma gorjeta ao motorista e ergueu a mão para os miúdos a acenar-lhe até a carrinha desaparecer ao fundo da estrada. Inspirou fundo. Estava na altura de reclamar os restos mortais da sua família.

Uma dentada de cada vez, Matty. Uma dentada de cada vez.

CAPÍTULO 16

SARAH KELLER

Depois da ida ao aeroporto, Keller estava sentada no seu pequeno gabinete sem janelas nas instalações do FBI em Nova Iorque, a esmiuçar um relatório. Era o conjunto de dados iniciais a analisar a pegada digital da família Pine. Sem os seus portáteis e telemóveis, o relatório era mais leve do que o habitual — limitado a buscas na Internet, publicações nas redes sociais, localizações por GPS —, mas, ainda assim, o ficheiro tinha uma espessura de quase oito centímetros. Que se soubesse, não se dera nenhum crime, a conclusão até ao momento era acidente bizarro, mas algo estava a roê-la por dentro.

Muitos agentes desdenhavam da noção de intuição de polícia, argumentando que era o tipo de pensamento mágico que levava à visão de túnel e à condenação de inocentes. Mas Keller seguia sempre o seu instinto. E aqui ele dizia-lhe duas palavras: *mão criminosa*. Por isso, sob o pretexto da sua investigação ao esquema de lavagem de dinheiro da Marconi LLP, pusera os fanáticos da informática a usarem os seus trunfos junto das empresas de telecomunicações e a obterem os dados. Assim que o México entregasse os telemóveis e os portáteis, teria um cenário mais completo.

Keller folheou a resma, passando as páginas e páginas de código ininteligível na diagonal até encontrar o relatório dos motores de busca. Continha todas as pesquisas feitas através do serviço de Internet da família nos três meses anteriores. Buscas sobre comida para levar («ementa do Thai Garden»), o tempo («vai chover hoje»), a faculdade («melhores residências do MIT»), lazer («o que dá na televisão hoje»), saúde («porque é que não consigo dormir»), bricolagem («como fazer lama») e todas as outras perguntas infinitas de uma família americana vulgar.

Na Secção de Crimes Financeiros, onde os agentes tinham de analisar montanhas de dados, Keller aprendera a separar o trigo do joio. Para os relatórios dos motores de busca, o truque que usava era saltar para o que os utilizadores tinham apagado de propósito do histórico. Tipicamente, era o que se esperaria: montes e montes de pornografia.

Mas as buscas apagadas dos Pines não incluíam nada relacionado com pornografia. Alguém, todavia, apagara algumas buscas preocupantes do

histórico:

O seguro de vida paga se nos matarmos

Como garantir que o seguro paga em caso de suicídio

Quantos Zoloft são precisos para ter uma overdose

Efeitos do suicídio de um pai nos filhos

O som do telefone do escritório de Keller interrompeu-a. Tirou o auscultador do descanso.

— Keller — atendeu na sua voz oficial.

— Estão aqui Judy e Ira Adler para a ver — disse a rececionista.

— Quem? — Keller clicou no calendário para ver se se tinha esquecido de alguma reunião. — Não estou a ver ninguém na minha agenda.

— Dizem que estão aqui por causa da investigação à família Pine.

Keller pensou no assunto. Oficialmente, não havia investigação. E decerto nenhuma que alguém pudesse associar a Keller. Para todos os efeitos, ela era uma ama-seca, designada por causa das políticas do FBI e da ligação forçada com o caso Marconi. Enquanto a rececionista aguardava com uma respiração irritada do outro lado da linha, Keller digitou «Judy Adler» no motor de busca do seu computador. Apareceu uma página da Wikipédia: «Judy Adler é uma realizadora e produtora premiada com um prémio Emmy. Tornou-se conhecida com a sua série documental *Uma Natureza Violenta*, que correalizou com o marido, Ira.»

Keller expirou, irritada.

— Vou já.

Percorreu o corredor. Pelas portas de segurança de vidro, conseguiu ver bem as suas visitas.

Judy Adler andava provavelmente pelos cinquenta e muitos anos. Estava vestida de preto e usava o cabelo escuro com uma franja espessa. A seu lado estava um homem de idade semelhante, com óculos levemente escurecidos e cabelo grisalho despenteado.

Na receção, Judy aproximou-se com um passo confiante, estendendo a mão.

— Agente Especial Keller, obrigada por nos receber. Sou Judy Adler. Este é o meu marido, Ira.

Keller sentiu-se tentada a dizer que sabia quem eram, mas limitou-se a apertar ambas as mãos e a acenar educadamente.

— Como posso ajudá-los?

— Contávamos poder falar consigo — Judy olhou em volta da zona da receção como se para confirmar que ninguém estava a ouvir — sobre a investigação relacionada com a família Pine.

— Não sei a que se refere.

Judy Adler lançou a Keller um sorriso conhecedor.

— Há fotos suas com o Matthew Pine por toda a Internet. O nosso pessoal só precisou de cinco minutos para a identificar...

Os malditos *paparazzi* da residência.

Antes de Keller responder, Judy Adler continuou:

— Somos realizadores. Fizemos um documentário sobre a família Pine. Talvez o tenha visto, *Uma Natureza Violenta*?

— Vi partes — respondeu Keller, não concedendo nenhum elogio. Na verdade, achava que estava bem feito, os Adlers eram bons contadores de histórias. As velhas fotos de família dos Pines, a música de cordas funesta, as entrevistas e segmentos das notícias interpolados com mestria para criar um efeito dramático. Keller percebeu que Judy Adler era a entrevistadora, a voz sem rosto fora do ecrã que sondava os interlocutores sobre a morte de Charlotte.

— Mandámos o nosso investigador ao México — disse Judy. — Ele descobriu uma coisa, e o nosso advogado disse que devíamos falar com o FBI.

Agora tinha a atenção de Keller. E, pela expressão no seu rosto, Judy Adler percebeu.

— Porque não vêm ao meu escritório?

Os Adlers assinaram o registo, prenderam os crachás de visitantes e depois seguiram Keller até ao seu gabinete. A agente fez sinal para as cadeiras das visitas e sentou-se atrás da secretária. Fechou subtilmente o ficheiro de investigação sobre a família Pine no computador.

Keller começou:

— Só para que fique claro, o que quer que abordemos não é oficial.

Judy franziu a testa, mas fez um aceno de concordância resignado. O marido ainda não dissera nada. Pareceram a Keller um daqueles casais em que o marido precisava de ser do tipo forte e silencioso.

— Enviaram um investigador ao México?

— Enfiámo-lo no primeiro avião assim que soubemos. Estamos a fazer uma sequência do documentário. E, como é óbvio, o que aconteceu é relevante para a história.

— Do que é que trata a sequela? — perguntou Keller.

— Hoje? — respondeu Ira Adler, falando pela primeira vez. Tinha uma voz rouca, aspirada, amigável, não ameaçadora. — Começámos por nos centrar no recurso do Danny — continuou. — Alguns advogados de apelação famosos trabalharam no caso e tivemos bastante apoio público.

Agora era Judy a falar.

— Mas acontece que os advogados de apelação *famosos* — pôs a palavra entre aspas gesticuladas — são tão interessantes como o Nebraska. Conhece o *slogan* oficial do estado?

Keller abanou a cabeça.

— Juro que não estou a inventar. — Judy ergueu a mão como se estivesse a fazer um juramento. — O *slogan* do Nebraska é «Sinceramente, não é para todos». — Tossiu uma gargalhada e continuou: — Passei lá meses e não estão a mentir. Voltamos esta noite.

Keller reprimiu um sorriso.

— Seja como for — continuou Judy —, o nosso grande clímax, a decisão do Supremo Tribunal, foi com os porcos quando aqueles nove idiotas negaram o recurso do Danny, por isso quase desistimos do projeto inteiro.

— Mas depois decidimos focar-nos na rapariga — disse Ira. Tinham o ritmo de cônjuges casados há muito tempo.

— Refere-se à Charlotte?

— Exato — continuou Judy. — Quero dizer, uma das críticas que nos fizeram em relação ao *Uma Natureza Violenta*, e não foi totalmente injusta, foi que a Charlotte parecia perder-se no meio daquilo tudo. Estávamos tão concentrados naquele interrogatório horrível ao Danny Pine, no Participante Desconhecido e no Bobby Ray Hayes que nunca prestámos a homenagem devida à vítima.

— Então, o que é que o acidente no México tem que ver com a Charlotte? — perguntou Keller.

— Bem, e se não foi um acidente? — sugeriu Judy, sustentando o olhar de Keller.

Keller sentiu uma vibração no peito. *Confia sempre no teu instinto.*

— As autoridades mexicanas não disseram nada relativo a suspeita de crime — referiu Keller.

— Talvez o nosso homem saiba fazer perguntas mais persuasivas — aventou Judy.

— Subornando alguém — replicou Keller.

Judy não pestanejou.

— Não lhe chamaria isso. E posso garantir-lhe que não infringimos nenhuma lei mexicana. — Estalou os dedos enquanto apontava para a sua mala enorme, fora do seu alcance. Ira passou-lhe a mala, e Judy retirou um *tablet*. — Mas as coisas funcionam de forma diferente por lá. — Passou o dedo pelo ecrã. — São menos reservados com o material de investigação.

— Têm o ficheiro de investigação deles? — perguntou Keller. Aquilo era importante, porque Keller recebera nicles das autoridades mexicanas. A polícia de Tulum ignorara o adido legal do FBI no México e o funcionário consular fora espantosamente pouco prestável.

— Se é que lhe podemos chamar tal coisa — disse Judy. — Não passam de uma força policial de uma cidade pequena. Duvido que recebam formação sobre seja o que for, quanto mais sobre como gerir uma cena de crime ou investigar um homicídio.

Homicídio.

— Então, de que consta o ficheiro?

— Fotografias do local... Pelo menos isso fizeram.

Keller engoliu em seco. Os Adlers tinham fotografias da família Pine *post-mortem*. Keller não queria vê-las, mas tinha de o fazer. Olhou para o *tablet* e acenou a Judy para as mostrar.

Algumas passagens depois e os seus pulmões foram privados de ar. A Sr.a Pine, ainda mais bonita do que nas fotografias que Keller vira, encontrava-se deitada no sofá, com um livro pousado no peito. Parecia que estava a fazer uma sesta.

— Não vejo sinais de atividade criminosa — comentou Keller. — Parece consistente com uma fuga de gás.

— Veja outra vez — disse Judy.

Keller aproximou o rosto do *tablet*, estudando o ecrã. A expressão de Olivia Pine era serena. As suas pernas compridas — pelo aspeto, costumava correr — estavam estendidas no sofá. Não havia sangue nem sinais óbvios de uma pancada. Ao lado do sofá estava uma mesa de apoio. Sobre ela, um candeeiro e uma base para copos. Nada parecia remexido nem com sinais de ter havido uma luta.

Keller sentia Judy a observá-la, à espera de que ela visse. E então ela viu-o.

— O livro — disse Keller, tocando no romance sobre o peito de Olivia Pine

com o dedo. — Está de cabeça para baixo.

Judy acenou exageradamente.

Então Keller refletiu. Se Olivia Pine tivesse perdido os sentidos devido a uma fuga de gás enquanto lia, o livro teria caído conforme ela o segurava. Não estaria de cabeça para baixo.

— Foi encenado — afirmou Keller.

Mais acenos de Judy.

— Mas isso não significa que tenha sido assassinada — contrapôs Keller. — A polícia pode ter revolido o local e voltado a pôr o livro no peito dela para se encobrir.

Judy não respondeu. Pegou no *tablet*, passou o dedo pelo ecrã e devolveu-o a Keller.

O coração de Keller afundou-se ao ver a rapariga, Margaret. Matt chamava-lhe Maggie. Estava de barriga para baixo em cima da cama.

Desta vez Judy não esperou que Keller visse. Apontou com o indicador para o ecrã. Os pulsos de Maggie tinham pequenas nódoas negras, parecidas com dedadas, como se tivesse sido agarrada.

— E o pai e o rapazinho? — perguntou Keller.

— Não havia sinais de luta no rapaz. Mas o pai, o corpo dele foi encontrado lá fora no alpendre das traseiras. Tenho de a avisar — disse Judy, deslizando o dedo pelo *tablet* — que as fotos são impróprias para cardíacos.

Keller tentou não arquejar. Evan Pine pouco mais era que um cepo ensanguentado. Uma imagem adequada a um filme de terror.

— Mas que raio...

— Cães selvagens, aparentemente — contribuiu Ira.

Santo Deus. Keller tinha de avisar Matt caso os mexicanos lhe pedissem que identificasse pessoalmente os corpos. Keller desviou o olhar da imagem, pensativa. O facto de Evan Pine se encontrar no exterior ia ao encontro da teoria de mão criminosa dos Adlers. Confrontara alguém a tentar entrar pelas traseiras da propriedade, mataram-no, e os cães fizeram-se ao corpo. O intruso depois subjugara o resto da família e cortara a conduta do gás. No entanto, Evan podia ter-se apercebido de uma fuga de gás e ter ido aos tropeções lá para fora antes de sucumbir ao ar tóxico. Mas havia uma teoria alternativa. A mente de Keller voltou a saltar para as buscas sobre suicídio no computador da família. Seria um suicídio falhado? Ou pior, um homicídio seguido de suicídio? Guardou esses pensamentos para si.

— Vou precisar de cópias das fotografias — disse Keller.

— O nosso advogado disse que não *temos* de lhas dar, pelo menos não sem um mandado — respondeu Judy.

Keller deixou o olhar transparecer o seu desagrado.

— Mas talvez nos possamos ajudar mutuamente — acrescentou Judy.

— Como assim? — perguntou Keller, ao fim de um longo momento.

— O nosso investigador encontrou algo que escapou à polícia local. — Judy voltou a procurar dentro da mala. Tirou um envelope de correio urgente. Deslizando a mão para dentro do invólucro de cartão, extraiu cuidadosamente um pequeno saco selado.

— O que é isso? — perguntou Keller. Dentro do saco estava uma folha ou parte de uma planta.

— A polícia deixou o nosso investigador ver a cena do crime.

Keller abriu a boca para dizer algo, para os admoestar por terem potencialmente contaminado o local do crime, mas Judy acenou para que se calasse.

— Eu sei, eu sei — disse Judy. Falava com as mãos. — Mas eles já tinham encerrado o caso, dando as mortes como acidentais.

— O que é que ele encontrou? — perguntou Keller, decidindo que um sermão sobre o protocolo a seguir nas cenas de crime não a levaria a lado nenhum. E queria saber o que continha o saco pousado na sua secretária.

— O local estava imaculado — disse Judy. — Limpo de cima a baixo, os caixotes do lixo da cozinha e da casa de banho estavam vazios, embora também não houvesse nada nos caixotes lá fora.

Era suspeito. Invulgar. Mas havia explicações plausíveis.

— Talvez a polícia local tenha deixado a empregada limpar — sugeriu Keller. — Ou talvez os Pines tenham limpado antes de...

Judy dirigiu-lhe um aceno resignado.

— A polícia de Tulum definitivamente achou que não havia nada digno de suspeita. Mas o nosso investigador disse que tinha a assinatura de um profissional. E quando examinou o local no exterior, onde encontraram o corpo de Evan Pine, encontrou isto. — Judy entregou a Keller o saco de plástico. — O pátio do alojamento está rodeado por uma vedação alta, motivo pelo qual ninguém encontrou o corpo mais cedo. O portão estava destrancado. O nosso investigador avistou isto perto do portão.

Segurando o saco ao nível dos olhos com o polegar e o indicador, Keller viu.

Uma gota vermelha, com cerca de um milímetro de diâmetro, manchava a folha verde.

— Não será só o sangue do Evan Pine? — sugeriu Keller.

— Talvez. Mas ele encontrava-se bastante longe do portão e a planta estava à altura dos ombros, mais alto do que seria de esperar se os cães tivessem contaminado o local quando se foram embora. Mas tínhamos esperança de que nos pudesse dizer.

Keller semicerrou os olhos.

— Pode testar o ADN, ver se encontra alguma correspondência — continuou Judy.

— O FBI não é um serviço de testes de ADN privado. E não podemos partilhar materiais de investigação confidenciais — afirmou Keller.

Judy franziu o rosto.

— Ouça, o nosso advogado diz que não tem jurisdição e que não temos qualquer obrigação de lhe dar a amostra. E podemos contratar peritos em ADN e genealogistas para procurarem em bases de dados públicas e de consumidores. Mas vamos poupar tempo uma à outra e ajudar-nos.

Keller não tinha assim tanta certeza de que o advogado dos Adlers tivesse razão. Os estatutos federais de crime organizado davam jurisdição aos Estados Unidos em caso de assassínios cometidos no estrangeiro se os crimes estivessem relacionados com atividade criminosa doméstica, e o caso Marconi dava-lhe um pretexto. Mesmo assim, um bom advogado podia empatar as coisas durante meses ou até anos.

— O que pretendem exatamente? — perguntou Keller.

— É simples. Insira a amostra no CODIS e comunique-nos os resultados. — O CODIS era uma série de bases de dados que armazenava milhões de perfis de ADN recolhidos por autoridades federais, estatais e locais. Se a amostra viesse de alguém que fora condenado ou detido — ou de alguém com um familiar condenado ou detido —, o CODIS provavelmente encontraria uma correspondência. E, se os agentes federais não encontrassem uma correspondência no CODIS, tinham contactos em empresas de genealogia privadas que as pessoas usavam para testar e analisar o seu ADN.

— É só disso que precisamos — acrescentou Judy. — E, se obtiver uma correspondência, comprometemo-nos a não revelar nada sem o seu consentimento prévio. Se não for relevante, se se tratar do sangue de Evan Pine, de um animal ou o que for, então saberemos.

Keller pensou nas fotografias da família, pensou na dor nos olhos de Matt Pine nessa manhã. Não sabia se teria autorização para revelar informações aos Adlers, mas jamais os deixaria abandonar o seu gabinete com as provas.

— Muito bem — disse Keller. — Estamos combinados.

CAPÍTULO 17

Depois de os realizadores saírem vagarosamente do escritório, Keller tomou providências para a gota vermelha na folha ser analisada e passada pelo CODIS. Então, voltou a concentrar-se no ficheiro da análise forense aos computadores da família Pine. Estava a ter dificuldade em concentrar-se, as perguntas disparavam na sua cabeça: a cena do crime fora encenada? Se sim, então quem queria matar os Pines? Fora um acidente em que Evan Pine gaseara inadvertidamente a família enquanto se matava? Ou teria sido um intruso? Terceiros a fazer com que parecesse um acidente trágico? Mas quem e porquê? Poderia estar relacionado com a sua investigação à Marconi por causa da lavagem de dinheiro? E se fora um terceiro, um assassino contratado, como especulava o investigador dos Adlers, como é que o autor fora tão cuidadoso a limpar a cena do crime mas deixara ADN para trás? E porque é que estaria a sangrar? Teriam Evan e o intruso tido um confronto e o assassino ficara ferido?

Tinha de parar, abrandar. Não estava a fazer um filme, como os Adlers. Tinha de levar as coisas devagar, metódica e objetivamente. Teria os resultados dos testes de ADN, mandaria realizar autópsias aos cadáveres, faria interrogatórios. E até lá, passaria em revista os documentos e a pesquisa digital forense.

Passou o dedo distraidamente pelas páginas de dados até que algo lhe chamou a atenção. Dois dias antes de a família ter ido para o México, a rapariga, Maggie, desativara todas as contas de Danny Pine nas redes sociais. Pouco depois Keller julgou perceber porquê: estava a ser vítima de *cyberbullying*. Às duas da manhã dera-se uma torrente devastadora de mensagens ofensivas e cruéis. As adolescentes eram capazes do pior tipo de maldade. Mas o que é que as precipitara? Keller examinou o mural da página de Facebook Libertem Danny Pine. A última publicação era um vídeo a que Maggie chamara «informação».

Keller ia começar a ver o vídeo quando o telefone do seu gabinete tocou. Lançou um olhar para o ecrã do velho telefone de secretária. Era o chefe, Stan Webb.

— Agente especial Keller — atendeu na sua voz oficial. Stan era um homem formal, por isso, regra geral, Keller assumia uma atitude formal.

— Preciso que venha comigo a Washington — disse Stan, sem amabilidades.

Nunca lhe pedira para o acompanhar à sede, pelo que isto era invulgar.

— Com certeza. Quando precisa...

— Agora mesmo — interrompeu Stan, como se fosse a última coisa do mundo que queria fazer.

— Hoje? — Keller sentiu um baque nas entranhas. Ser chamada à sede, com o chefe, não podia ser bom. E era mais tempo que passava longe de Bob e dos gémeos. — Está tudo bem?

— Já sabe como é que eles são. As divisões regionais só existem quando um jornalista telefona com perguntas sobre um dos nossos casos.

— É por causa dos Pines?

— Parece que sim. Era capaz de matar o Fisher por nos ter envolvido. — Fisher era o chefe de Stan em Washington, um político que supervisionava as divisões regionais na Costa Leste e que arditamente os levava para o caso Pine. — Tem de estar preparada para atualizar o vice-diretor quanto ao caso. E quanto à investigação à Marconi.

— Com certeza. Quando temos de partir?

— Há dez minutos. Vamos levar o jato. Levanta voo às catorze.

Stan dizia sempre as horas à maneira militar, e Keller tinha de as converter mentalmente: duas da tarde. Olhou para o relógio. Tinha uma hora para pôr tudo em ordem. Não teria tempo de ir a casa, mas tinha um saco de viagem no gabinete. Viajava algumas vezes em trabalho, mas nunca andara no jato da Agência. Alguém estava a levar a situação dos Pines a sério.

E isto sem sequer saberem que podia ter sido homicídio.

Mesmo antes das duas, Keller subiu as escadas estreitas do *Gulfstream*. Tinha vergonha de estar entusiasmada com o voo, o seu primeiro num avião privado. Trabalhar para o FBI não era como nas séries de televisão — *Mentes Criminosas* ou *CSI* — em que os agentes andavam de jato de um lado para o outro a caçar assassinos em série. Nos Crimes Financeiros, fazia em grande parte trabalho de secretária, a analisar documentos, a escrever relatórios, de vez em quando visitava instituições financeiras para sacar registos bancários das suas mãos imundas. Olhou em redor da cabina. Não correspondia à expectativa. O jato era melhor do que voar na classe turística, sem dúvida. Não tinha de estar em filas ou no inferno do assento do meio. Tinha um assento individual e a sua própria mesa de trabalho. Mas não era glamoroso. O avião tinha a aura de uma velha camioneta de longo curso: uma decoração datada e plástico desgastado. A

assistente de bordo era uma mulher roliça num uniforme de poliéster.

Stan sentou-se no seu próprio assento individual, a uma distância confortável do outro lado da cabina. Estava com um fato formal, o risco bem definido no cabelo e óculos sem armação. Se não se soubesse que era um agente federal, passava por executivo de uma empresa de tecnologia ou um banqueiro alemão.

Não eram propriamente o que se chamasse amigos. Era algo melhor, na ótica de Keller: um chefe que dava valor aos resultados, não ao tempo passado no escritório. Um chefe que não roubava os louros, que não tinha favoritos e não se dedicava à microgestão. Era direto e jogava limpo. Se metêssemos a pata na poça, ele dizia. Mas sabíamos que nos apoiaria sempre. O seu único ponto fraco, por assim dizer, era o seu medo de Fisher e da sede. Não, não era medo. Era autopreservação. Desde que trabalhava na Agência, Keller percebera que as pessoas de Washington não se limitavam a atropelar os outros com um camião, se lhes conviesse. Sentavam-se atrás do volante, esmagavam-nas e depois punham o camião em marcha-atrás para terem a certeza de que o trabalho estava feito. Ajudava ir a correr quando chamavam, mostrar aos políticos o respeito que eles achavam que lhes era devido.

Depos de o avião descolar — uma subida íngreme e aos solavancos —, Keller pôs Stan a par daquilo que sabia sobre a morte dos Pines. Ele pareceu surpreso com a agitação em torno do caso.

— Não viu o documentário? — perguntou Keller.

Ele abanou a cabeça. O que não era uma surpresa. Suspeitava de que Stan era uma daquelas pessoas que não tinham televisão.

— Li o artigo no *Times* esta manhã — disse ele. — O vice-diretor disse que o presidente se interessou, porque a filha dele está obcecada com o caso.

Keller contemplou o chefe, sem saber se Stan estava a brincar. Tinha um sentido de humor seco.

— Já soube alguma coisa do miúdo? — perguntou Stan.

— Mandou-me uma mensagem a dizer que o funcionário consular que ia buscá-lo ao aeroporto não apareceu, por isso está a dirigir-se para a esquadra sozinho.

— Raio de polícias da treta. Precisamos dos corpos. Um acidente já é um espetáculo suficiente, mas se as autópsias indicarem que foram assassinados...

— Só falei uma vez ao telefone com o funcionário consular designado para o caso. Chamou-me *querida* e disse-me que eu não percebia como as coisas funcionavam lá e que trataria de tudo. Mande-lhe uma mensagem a saber o

que diabo se passa.

Stan abanou a cabeça.

— Burocratas de um raio. E isto vindo de um burocrata de carreira. Esperemos que o miúdo se saia bem. Se as pessoas de lá lhe causarem problemas, telefone para a embaixada para ver se os nossos representantes na Cidade do México podem ajudar.

Uma hora depois Keller encontrava-se entalada no banco de trás de um táxi com o chefe, a olhar pela janela. Ao contrário da sombria Manhattan, estava um lindo dia de primavera em D.C., os edifícios governamentais de mármore resplandecente, o Monumento de Washington a projetar-se para o céu azul. O taxista resmoneou por causa do trânsito, explicando que era o pico da época das cerejeiras em flor.

— Nunca vou perceber porquê tanta excitação à conta de umas malditas flores cor-de-rosa — disse, buzinando enquanto avançavam a passo de caracol pela Twelfth Street.

Keller pensou na família. Deviam apanhar um comboio para D.C. num daqueles dias. Os gémeos adoravam os museus, caminhar ao longo do perímetro de cascalho do National Mall, comprar gelados e andar de carrossel. Era basicamente tudo o que Keller sabia ou queria saber sobre o Distrito de Colúmbia.

Chegaram por fim ao edifício do FBI, uma estrutura brutalista que já vira melhores dias. Há anos que falavam em mudarem de sede, mas a política (o que mais?) atravessava-se sempre no caminho. O taxista deixou-os na Ninth e Keller pagou. Era a etiqueta da Agência: o agente mais novo, independentemente do seu lugar na hierarquia, pagava os táxis. Imaginou Stan, um agente federal até à medula, a viajar com Fisher e a sofrer a mesma afronta.

Várias camadas de medidas de segurança depois — múltiplas verificações de identidade, controlos de acesso e leituras de cartões —, chegaram à zona de espera e aguardaram pelo vice-diretor DeMartini. O homem de faces redondas saiu intempestivamente dos gabinetes das traseiras. Dirigiu um aceno breve a Stan e Keller e disse:

— Venham comigo.

Era difícil acompanhá-lo. O vice-diretor era um homem alto, com pelo menos um metro e oitenta e sete, o que parecia ser um pré-requisito para chegar ao topo das forças repletas de testosterona da lei federal.

— Tenho de dar ao diretor o ponto da situação relativa à família morta daqui

a sete minutos. O que sabemos?

Stan começou o seu relatório, tão preciso como um relógio suíço.

— Era uma viagem de férias da Páscoa para os filhos mais novos. Os bilhetes foram reservados à última hora, na véspera da partida. É provável que tenham morrido no terceiro dia, quarta-feira. Foi quando deixou de haver atividade nos telefones e nas redes sociais. Não compareceram no voo de regresso alguns dias depois, e a funcionária da empresa de gestão da propriedade encontrou-os quando foi limpar a casa para os hóspedes seguintes. Os mexicanos dizem que foi um acidente.

DeMartini abanou a cabeça.

— O seu *e-mail* dizia algo relativo a suspeita de crime?

— Vou deixar a agente Keller pô-lo ao corrente.

Keller tentou regularizar a respiração depois da caminhada rápida. Enunciou o relatório em linguagem policial bem articulada, imitando Stan. *Só os factos, minha senhora.*

— Os relatórios iniciais dão a causa de morte como resultante de uma fuga de gás. Mas os agentes mexicanos não têm colaborado. Ainda não temos os corpos, mas existem fotografias que sugerem que o local foi encenado.

DeMartini parou, semicerrou os olhos e ficou à espera de que ela aprofundasse.

Keller contou-lhe da visita dos Adlers, descrevendo a fotografia da mãe com o livro de cabeça para baixo, as marcas nos pulsos da rapariga, os restos mortais ensanguentados do pai. A cena do crime invulgarmente limpa. Mas, o mais importante, a gota de sangue.

— Porque é que *nós* não temos as nossas *próprias* provas forenses... ou os corpos, já agora? — disse DeMartini, a pergunta meramente retórica, mas com o tom a indicar que não gostava que a Agência Federal de Investigação fosse ultrapassada, por realizadores, ainda por cima.

— As autoridades locais. Recusaram-se a falar com os nossos adidos legais e não entregam os restos mortais sem que um membro da família os reclame pessoalmente. Enviámos o filho para lá hoje.

— O nosso pessoal do Ministério dos Negócios Estrangeiros não podia contornar essas tretas?

— Não sei se se esforçaram muito — replicou Keller.

Stan lançou-lhe um olhar: talvez não devesse ter dito aquilo.

— Que se lixe — resmungou DeMartini. Pegou no telefone, carregando nele

com os seus grandes polegares. — Liguem-me para o Brian Cook do Ministério dos Negócios Estrangeiros — disse para o aparelho. — Eu sei. Digam-lhe que é importante. — Esperou um longo momento. — B.C., como raio é que andas? — O vice-diretor recomeçou a caminhar, e Keller e Stan foram no seu encalço. — Ouve, vou enviar-te dois agentes que precisam da tua ajuda. Há alguma hipótese de os encaixares? Sim, na próxima hora... — Ouviu um momento, ladrou uma gargalhada em resposta a algo, depois disse: — Fico a dever-te uma. Vamos bater umas bolas no Chevy um destes dias. Vou pedir à Nadine para te pôr no meu calendário. — DeMartini guardou o telefone no bolso. Parou outra vez, agora em frente ao gabinete do diretor. — O Fisher disse algo relativo ao pai ter uma ligação a um caso em investigação?

— O pai trabalhava para a Marconi LLP. Foi despedido umas semanas antes de a família partir para o México — respondeu Stan.

DeMartini abanou a cabeça como se não fizesse a mínima.

— A Marconi é um alvo há dois anos. Lavagem de dinheiro e as coisas típicas. A firma é o banco do cartel Sinaloa.

— Já lhes pregaram um susto?

Keller ia falar — fazendo ver que abordar a Marconi poria em risco dois anos de trabalho —, mas Stan adiantou-se-lhe.

— Amanhã de manhã, sem falta.

— Mantenha-me a par. A *administração* — DeMartini pronunciou a palavra com um suspiro exasperado — está bastante interessada no caso. Não quero saber as novidades pelo *Post*.

— Compreendido — disse Stan.

— O Cook dos Negócios Estrangeiros deve ser capaz de vos arranjar o que precisam no México. Dirijam-se para o lóbi da C Street. E enviem-me um relatório depois de terem agitado as águas na Marconi.

Stan e Keller acenaram com a cabeça, e DeMartini virou-se e empurrou a porta de mogno do gabinete do diretor sem se despedir.

Keller olhou para Stan.

— Trezentos e vinte quilómetros para seis minutos.

— Queria uma reunião longa? — replicou Stan.

Apanharam o elevador para o rés do chão.

— Fiquei surpreendida em relação à Marconi — declarou Keller. — Quero dizer, não fizemos nada para nos prepararmos e isto pode prejudicar muito trabalho. Se acharem que os temos na mira, vão começar a destruir documentos.

E pode ser tudo para nada. Não temos um pingão de evidência de que a morte dos Pines esteja relacionada com a Marconi ou o cartel.

Stan olhou para Keller e, no seu jeito brincalhão, disse:

— Não quer desiludir a filha do presidente, pois não?

CAPÍTULO 18

MATT PINE

Matt aproximou-se da recepção da pequena esquadra. O local tinha todo o charme da prisão de Danny a norte de Nova Iorque: uma estrutura degradada de um andar com tetos baixos e alcatifas miseráveis.

— Olá — disse Matt à mulher ao balcão.

Ela lançou-lhe um olhar. Era de meia-idade e tinha os óculos encavalitados no nariz.

— Estou aqui para falar com o *señor* Gutierrez — continuou Matt, olhando para o papel que a agente Keller lhe dera com o nome do investigador.

A mulher respondeu rapidamente em espanhol. Matt não apanhou nem uma palavra, mas ela parecia estar a repreendê-lo.

— Chamo-me Matt Pine — disse devagar e em voz alta, como se isso fosse ajudar. Mostrou o passaporte à rececionista, mas ela limitou-se a responder-lhe com uma expressão desnorteada.

Do saco, tirou o jornal que Keller lhe dera. Alisou-o sobre o balcão. Apontou para a fotografia.

— A minha família — disse.

A mulher olhou para o jornal e ergueu os olhos, espreitando sobre os óculos. Voltou a falar rapidamente em espanhol. Se não fosse tudo tão mórbido, seria quase cómico. Uma cena de *O Amor É Um Lugar Estranho*.

Matt disse a única frase de que se lembrava das aulas de espanhol do secundário:

— *No hablo español*.

A mulher parou. Solto um suspiro exasperado. Avaliou Matt e por fim apontou para o nome do detetive na folha de papel. Depois gesticulou para a porta.

— Ah. O *señor* Gutierrez saiu. — Matt fez uma pausa. — Quando é que... — Parou de novo. Apontou para um relógio na parede atrás da mulher. Era um daqueles relógios antiquados que se viam nas escolas do primeiro ciclo, redondos com um fundo branco e números pretos. — A que horas volta o *señor* Gutierrez? — Matt apontou para o nome do agente e de novo para o relógio.

A mulher pareceu entender. Levantou-se e apontou para o nove no relógio.

Regressaria às nove da noite. Não, a mulher fez um gesto como se estivesse a dormir, depois fez um movimento circular à volta do relógio partindo do nove até voltar a parar no mesmo número. Amanhã de manhã às nove. Podia esquecer ir-se embora no mesmo dia. Ponderou pedir para falar com outro agente, mas não parecia haver mais ninguém na esquadra.

Lá fora, o sol desaparecia no horizonte. Matt começou a caminhar em direção à estrada principal ao longe. Passou por uma oficina degradada, uma loja de conveniência sem janelas e uma casa de frangos, a julgar pelo galo pintado à mão na tabuleta. Sentiu-se como em certas áreas de Nova Iorque — suficientemente seguro, mas alerta.

Um cão com mau aspeto correu para ele.

— Olá, amigo. — Matt arriscou coçar o rafeiro atrás das orelhas. Tinha o pelo emaranhado e cicatrizes, mas era amigável. O focinho parecia estar a sorrir. Matt não conseguiu evitar sorrir-lhe também. O cão emitiu um som como se estivesse a tentar falar.

— Tens fome?

O cão olhou para ele. Matt abriu o saco e encontrou uma embalagem de rosquilhas, o lanche do avião. O cão começou a dançar em círculos.

— Não é o mais saudável, mas toma lá. — Matt esvaziou a embalagem no chão. — Até logo, Sorridente.

Matt chegou à estrada principal, com o cão a segui-lo, na esperança de haver mais comida. A Autoestrada 307 era uma longa fila de lojas, bares, restaurantes e balcões de câmbio. Os turistas entravam e saíam das lojas, a comprar bugigangas, e os lojistas estavam sentados em bancos à entrada.

O estômago de Matt roncou. Tal como Sorridente, que deambulava para dentro de uma das lojas, tinha fome. Apercebeu-se de que tinham passado mais de vinte e quatro horas desde que comera alguma coisa. O apetite fora-se. Comer, tal como outras coisas normais, parecia agora tão trivial. Mas não podia continuar a alimentar-se apenas de desespero. Ao ver um bar, decidiu ir comer e depois procurar um sítio onde pernoitar. No estabelecimento podia sentar-se onde quisesse, por isso escolheu um banco numa mesa de bar alta. Apareceu uma empregada de mesa e, graças a Deus, falava inglês. Pediu uma cerveja mexicana e dois tacos. *Em Roma sê romano.*

Olhou em redor. No canto mais afastado estava um grupo de mulheres jovens, estridentes e turbulentas, o epítome dos *Ugly Americans*. Algumas mesas depois estavam quatro pessoas — pareciam turistas japoneses — sentadas

educadamente com os seus polos impecáveis e as mãos juntas. Ao balcão do bar, uma mistura de habitantes locais e pessoas de férias.

Matt perguntou-se porque é que os pais teriam escolhido Tulum. Nunca tinham falado em ir ao México. A Internet dizia que Tulum era um sítio da moda para as celebridades, relaxado e não muito batido. Não parecia de todo a cena de Evan Pine. Talvez alguma dessas celebridades — onde quer que estivessem, Matt não estava a ver nenhuma — se tivesse oferecido para ajudar no caso de Danny. Parecia bastante mais plausível do que o pai decidir fazer umas férias da Páscoa de improviso. Em especial tendo a mãe estado no Nebraska. Não fazia sentido.

Matt tocou no ecrã do telemóvel, à procura de um lugar onde ficar nos *sites* turísticos. Ao fim de diversas buscas, não encontrara um único sítio vago, nem mesmo nos hotéis baratos. Talvez pudesse experimentar dirigir-se diretamente aos alojamentos, uma vez que os *sites* podiam não ter as vagas atualizadas. Ou talvez existissem espeluncas demasiado rascas para a Expedia. Enviou uma mensagem à agente Keller a ver se o FBI podia arranjar alojamento, embora tivesse esperança, já que o funcionário consular nem sequer se incomodara a aparecer no aeroporto. Na pior das hipóteses, ficaria na rua a noite toda. Não seria a primeira vez.

Começou a procurar noutra *site*, mas uma jovem interrompeu-o.

— Olá — disse ela, fitando-o com olhos inocentes enquanto deslizava para o banco à sua frente. Tinha cabelo escuro brilhante e maçãs do rosto altas, e vestia a parte de cima de um biquíni e calções de ganga.

— Olá — respondeu ele, curioso. Lançou o olhar para o grupo de americanas desagradáveis, presumindo que ela fazia parte dele, mas tinham-se ido embora.

— Peço desculpa, mas importas-te que me sente aqui contigo uns minutos?
— Antes de Matt poder responder, acrescentou: — Atrás de mim, aqueles dois tipos no balcão. Não quero que pensem que estou aqui sozinha.

Matt lançou um olhar ao balcão. Viu dois homens de aspeto duro com tatuagens grosseiras inclinados sobre as suas cervejas.

— Prometo que não sou uma perseguidora. — Tinha lábios cheios e o rosto iluminava-se quando sorria.

— Não há problema. Estavam a incomodar-te?

Ela acenou, enrolando uma madeixa de cabelo.

— Assim que se forem embora, deixo-te em paz. Prometo.

Ele não o disse, mas até lhe agradava a companhia. Fora um dia longo e

solitário.

— Chamo-me Hank, já agora — disse ela.

— Hank — repetiu ele.

— O meu pai queria um rapaz — explicou ela com a desenvoltura de quem tem um nome invulgar. Tinha sotaque. Não era do Sul, mais do Centro-Oeste, com uma cadência rural. Lembrou a Matt a cadência arrastada da sua amiga Kala quando se conheceram, antes de ela ter começado a disfarçá-la.

Hank riu com gosto de nada, depois estendeu o braço e pousou a mão na de Matt.

— Desculpa — disse. — Para o caso de eles estarem a olhar.

A empregada trouxe a cerveja e os tacos. Matt perguntou se Hank queria alguma coisa, mas ela limitou-se a pedir um copo de água.

— Achava que era melhor não beber água da torneira — referiu Matt.

— Sou uma rapariga do Oklahoma; aguento.

— Eu sabia, do Centro-Oeste. Eu também. Vivia no Nebraska.

— És um descascador de milho? Acho que é melhor arriscar a minha sorte ali com os canalhas — disse a sorrir. — De que zona do Nebraska?

— Saí de lá há muito tempo e, de qualquer forma, é provável que nunca tenhas ouvido falar.

— Onde vives agora?

— Nova Iorque, ando na NYU. Mas a minha casa fica nos arredores de Chicago. — Matt baixou o olhar para a mesa. Naperville ainda seria o seu lar? Restar-lhe-ia alguma coisa lá? Quando ergueu os olhos, Hank estava a examiná-lo.

— Então, estás à espera de alguém, de amigos? — perguntou.

Matt abanou a cabeça.

— Estou aqui sozinho.

Ela inclinou a cabeça para um lado, olhou-o com curiosidade. Mas não fez perguntas.

— E tu? Estás aqui sozinha? — perguntou Matt, deixando o olhar deslizar para os homens ao balcão que tinham estado a incomodá-la.

Ela fez uma careta.

— Estou cá para uma festa de despedida de solteira. — Depois, baixando a voz, confessou: — Não suporto nem a noiva nem as amigas dela.

— Não? — Tinha feito uma longa viagem por alguém de quem não gostava.

— A noiva do meu irmão — explicou.

— Ah — disse Matt.

— As coisas que fazemos pela família, não é?

Matt bebeu um gole da cerveja, sentiu uma pontada no peito.

— São todas amigas dela e superbêbedas e irritantes — continuou ela —, por isso deixei-me ficar para trás quando elas saltaram para o bar seguinte. Mas ela faz o meu irmão feliz, por isso, o que é que se há de fazer?

— A busca inglória da felicidade — comentou. Deus sabia que Matt andara nessa busca há algum tempo. Mesmo antes, não diria que estivera deprimido ou sequer triste. Apesar dos atritos, sempre soube que a família o amava. Tinha amigos próximos de quem gostava e que gostavam dele. Tinha, para todos os efeitos e em todas as circunstâncias, uma vida privilegiada. Mas havia sempre uma sensação de vazio no peito que não conseguira expulsar desde o Ano Zero. — Tive uma cadeira sobre felicidade na faculdade — disse.

Hank fitou-o, boquiaberta.

— Espera, estás a dizer-me que a tua faculdade, que provavelmente é mais cara que uma casa em Arkoma, tem cadeiras sobre *felicidade*? — Disse-o como se estivesse mesmo pasmada.

Matt sorriu, apercebendo-se de como aquilo soava.

— A cadeira chama-se «Ciências da Felicidade». E não era tanto sobre como ser feliz, mas mais sobre lidar com o bem-estar mental. Mas ensinaram-nos um exercício que pode deixar-nos mais felizes.

— Ter pais ricos — disse Hank com um sorriso.

— Não, não é dinheiro, estatuto ou uma noiva que deixa as pessoas felizes.

Ela inclinou-se para a frente, entusiasmada por saber o segredo.

— É a bondade — disse Matt. — Os estudos provam que fazer cinco boas ações ao acaso por dia conduz a mais felicidade. Mas têm de ser cinco, por algum motivo de que não me recordo.

Hank semicerrou os olhos.

— Então, é por isso que me deixaste sentar aqui, para atingires a tua quota diária ou algo do género? — Voltou a sorrir.

A empregada aproximou-se com a água. Matt olhou para Hank.

— Tens a certeza de que não queres nada?

— Sabes que mais, porque não? — respondeu ela. — Traga-me uma margarita.

— Duas — disse Matt.

CAPÍTULO 19

Matt espreitou para o balcão e reparou que os tipos que tinham estado a incomodar Hank se tinham ido embora. Quase ficou desiludido, uma vez que estava a gostar da companhia. Soube que ela era uma ávida adepta de futebol americano e não estava a brincar quanto ao seu desdém pelo Nebraska, embora a rivalidade entre os residentes dos dois estados se tivesse atenuado nos últimos anos. Também ficou a saber que desistira do politécnico, mas planeava voltar. Que era cabeleireira. Que adorava cães. Ele evitou contar-lhe porque estava ali. Era tudo conversa de circunstância despreocupada, precisamente o que ele precisava.

— Foram-se embora — disse Matt, dirigindo o olhar para o bar.

Ela olhou sobre o ombro e soltou um exagerado suspiro de alívio.

— Queres que te leve para apanhares um táxi caso eles ainda estejam lá fora?

— Tenho um carro alugado. Mas se não te importares de me levar até lá...

Lá fora estava escuro e era tarde. Os homens não se avistavam, o que era bom. Matt aguentava-se, mas eles eram dois e tinham ar de quem já tivera a sua quota-parte de brigas. E depois de ter perdido o controlo com aquele rapaz da fraternidade, tinha-se comprometido a parar com os murros.

Um cão correu até eles. Era o Sorridente.

— Por falar em perseguidores, este tem-me seguido desde que aqui cheguei.

Hank agachou-se e segurou o focinho de Sorridente com a mão.

— Oh, céus. É tão querido. Olha para este focinho!

O cão seguiu-os pela rua principal.

— É tão amistoso — disse Hank. — Ouvi dizer que temos de ter cuidado. Há matilhas de cães selvagens por aqui que são perigosas. — Olhou para o Sorridente. — Mas este fofinho, não.

— Estás alojada aqui perto? — perguntou Matt.

— Não, estamos mesmo na praia. Elas queriam ser aventureiras e explorar os bares aqui da cidade. E tu?

— Para dizer a verdade, tenho de arranjar alojamento. Era suposto só ter cá vindo passar o dia, mas fiquei retido.

— Fizeste esta viagem toda sem teres sítio onde ficar? — Parecia divertida com isso.

— É uma longa história.

— Aposto que sim.

— Eu encontro um sítio.

Ela olhou de esguelha para ele como se soubesse que na época alta seria improvável. Parou perto de um *Toyota* desconjuntado estacionado ao calhas numa rua lateral.

— Gostei de te conhecer — despediu-se Matt. — Diverte-te no casamento.

— É óbvio que ainda não viste os vestidos das damas de honor. — Fez uma pausa como se estivesse a ponderar algo. — Ei, não me surpreenderia se o nosso hotel tivesse uma vaga. O meu irmão reservou um monte de quartos e algumas pessoas cancelaram no último minuto. Posso levar-te.

— Não te quero maçar.

— Não maças. Vamos chamar-lhe uma boa ação ao acaso — disse Hank. — Mas aviso-te já que é um hotel ecológico. A noiva do meu irmão é do tipo defensora da Terra: vegana, ambientalista, pedante.

Matt pensou na sua amiga Sofia.

— *Adoro* esse tipo. E conheces a regra número um do Clube Vegano, não conheces?

Hank abanou a cabeça.

— Contar a *toda a gente* sobre o Clube Vegano.

Ela riu-se.

Matt deixou-se cair no lugar do passageiro. Hank conduziu pela estrada de cascalho, contornando pessoas em bicicletas velhas, passando por lojas cobertas de grafítis e bancas de comida ao ar livre. Passado um pouco, a estrada ficava desolada, a única luz eram os faróis fracos do carro, floresta densa de ambos os lados.

— Não estavas a brincar quando disseste que ficava no meio do nada — comentou Matt, quebrando o silêncio.

Hank lançou-lhe um sorriso rápido.

Matt procurou o telemóvel. Ela parecia saber para onde se dirigia, mas ele lembrou-se de procurar o hotel na Internet. Dissera que ficava na praia, mas parecia estar a encaminhar-se para uma zona rural longe do mar.

— Merda — disse.

— O que foi? — Hank olhou para ele, mas voltou a dirigir o olhar rapidamente para a estrada.

— O meu telemóvel, devo tê-lo deixado no bar. — Matt procurou nos bolsos,

depois vasculhou o saco, tirando as roupas e o jornal que Keller lhe dera. Sem telemóvel, estava lixado.

Começou a olhar em volta do carro num certo frenesim.

— Importas-te de encostar?

Hank hesitou.

— Estamos quase a chegar — disse.

— Por favor — pediu ele.

Hank abrandou e parou o carro na berma de cascalho.

Ligou a luz interior enquanto Matt abria a porta do passageiro, saía e se agachava, olhando para os tapetes e debaixo do assento. Porque é que era um idiota chapado com os telemóveis?

Voltou a entrar no carro e sentou-se ao lado de Hank, derrotado. Estava prestes a pedir-lhe para o levar de volta ao bar quando reparou que ela estava a fitar atentamente o artigo do *New York Times*, estudando as fotografias de Matt e da família.

Hank olhou para ele.

— Isto é... espera... é por isso que estás aqui? É a tua família?

Matt encolheu ligeiramente os ombros.

Ela olhou para o jornal outra vez e depois para Matt.

— Oh, meu Deus. — Tinha uma expressão distante no olhar.

— Desculpa — pediu Matt. — Ter-te-ia contado... Só não queria estragar a noite.

Ela olhou para as luzes a aproximar-se ao fundo da longa faixa de estrada.

Algo estava diferente. Não era pena ou tristeza.

Era pânico.

Procurou debaixo do banco dela e depois meteu-lhe algo na mão. Um telemóvel.

O *seu* telemóvel.

— Tiraste-me o... Não estou a perceber.

— Não foi nisto que me meti. — Ela olhou para a estrada. Os faróis estavam a aproximar-se. — Tens de sair — disse ela.

— Aqui? — perguntou Matt, completamente confuso. Olhou para a escuridão.

Ela inclinou-se sobre ele, puxou o manípulo e abriu a porta dele de supetão.

— Foge — disse ela, o outro carro a acercar-se mais. Depois mais alto: — *Foge!*

Por isso, ele assim fez.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 6
«O Que Se Perdeu»

EXT. DIA — ESTRADA RURAL

Uma carrinha dos correios arrasta-se pela estrada. Para numa parcela de terreno circular com caixas de correio a delimitar o perímetro. CINDY FORD sai da carrinha e deixa o correio numa caixa.

CINDY

Depois do julgamento do Danny, a minha irmã e a família mudaram-se para Chicago. A Liv e o Evan perderam a maioria dos amigos e tiveram de vender a casa para pagar ao advogado. Mas acho que provavelmente teriam ficado aqui se não fosse por os filhos estarem a ser atormentados na escola. O Matt andou à bulha um dia, e foi a gota de água: fizeram as malas e mudaram-se.

Cindy aponta para diversas estradas de terra que partem da parcela de terreno circular.

CINDY

Chamam a esta zona «o Eixo». Uma das estradas vai dar ao ribeiro onde encontraram a Charlotte. Outra vai dar à antiga casa da minha irmã, motivo pelo qual acham que o Danny estava envolvido, suponho. Mas há um monte de outras estradas, uma que vai dar à autoestrada, outras levam-nos a cerca de uma dúzia de outras casas. E se se cortar por esses arbustos, há uma clareira chamada «o Monte», um sítio para onde os adolescentes vão namorar. Se alguém tivesse intenção de ir atrás de uma rapariga, só tinha de ficar de atalaia.

Um velho carro de alta potência surge de uma das estradas, a música em altos berros, a poeira a voar. Adolescentes gritam das janelas, e uma lata de cerveja vazia atinge um dos lados da

carrinha dos correios.

CINDY

Porque é que não me fui embora também? Alguém tinha de ficar para tomar conta do nosso pai. E normalmente não é assim. Os miúdos têm andado a exhibir-se desde que vocês todos chegaram com as vossas câmaras. Talvez me pudesse fazer um favor e desligar a câmara por um minuto.

Ao longe, o carro de alta potência fez inversão e está a acelerar em direção ao Eixo. Cindy inclina-se para dentro da carrinha e tira aquilo que parece ser um frasco cheio de pregos. Caminha para a estrada e esvazia o frasco.

CINDY

Quando se entrega o correio das pessoas, aprende-se muito sobre elas, e digo-lhe, a maioria das pessoas daqui não tem moral para julgar seja quem for. E se tentarem correr comigo da *minha* cidade, vai custar-lhes, e vai ser muito mais do que a porra de quatro pneus novos.

CAPÍTULO 20

OLIVIA PINE

ANTES

— Por favor, mamã, tenho de ir.

Liv olhou pelo espelho retrovisor do carro alugado. Tommy estava a contorcer-se no banco, a fazer uma fita a agarrar-se para lhe mostrar que era a sério.

— Estamos quase a chegar a casa da tia Cindy. Achas que aguentas, companheiro?

Liv acabara de chegar à rua principal de Adair, no Nebraska. Não mudara. Tal como prometido, era uma faixa principal com uma loja de ferragens, um restaurante, um cinema antigo e uma drogaria. Adair não era uma comunidade agrícola desertificada, como muitas no centro do país. A maioria da cidade trabalhava na Adair Irrigation, o maior fabricante nacional de sistemas de gestão de recursos hídricos. Uma cidade fabril rodeada de campos de milho.

Tinham deixado Adair sob a nuvem da condenação de Danny. Fora um ostracismo silencioso, alimentado mais por sussurros do que por desprezo assumido. Mas depois a Netflix lançara o documentário, e o país inteiro parecia ter-se virado para Adair, revitalizando e intensificando o desdém da cidade pelos Pines. A última coisa que Liv queria era parar em algum sítio onde pudesse ser reconhecida. Mas, a julgar pela cara vermelha de Tommy e as suas contorções, não tinha alternativa. Sabia que o Parker's Grocery tinha uma casa de banho pública, por isso desviou para o estacionamento.

— Estou a parar, piolho. Aguenta. — A loja tinha uma tabuleta nova, mas de resto era a mesma de quando Liv era pequena. O pai costumava levá-la ao Parker's todos os sábados para comprar doces, pelo menos até as cáries surgirem e a mãe ter posto um ponto final.

De mão dada com Tommy, entrou rapidamente. O estômago de Liv apertou-se quando viu a mulher atrás da caixa. Danielle Parker também não mudara muito. Continuava a ter uma constituição forte, olhos demasiado juntos e uma carranca permanente. Liv dirigiu-se de cabeça baixa diretamente para o fundo da loja até às casas de banho, com Tommy a tentar acompanhar as suas passadas compridas. Agarrou na maçaneta da porta, mas estava trancada. Claro que estava.

— Espera aqui, querido. Tenho de ir buscar a chave.

— Depressa, por favoor — disse ele, quase a rebentar.

Liv voltou para a caixa.

— Olá — cumprimentou, forçando um sorriso. — Pode dar-nos a chave da casa de banho, por favor? O meu filho está prestes a...

— A casa de banho é só para clientes do estabelecimento.

Liv deteve-se. Fitou Danielle nos seus olhos estreitos. Sem tempo para discutir, Liv enfiou a mão num grande recipiente de plástico perto da caixa, tirou um punhado de doces e largou o sortido colorido no balcão.

— Mínimo cinco dólares — disse Danielle.

Liv estava prestes a perder a cabeça, mas olhou para trás e viu Tommy a fazer uma dança de chichi.

— Quanto é tudo? — perguntou Liv, gesticulando para o recipiente de plástico com guloseimas.

Danielle fez uma cara como se estivesse a resolver mentalmente um problema de matemática complicado.

— Vinte dólares — respondeu.

Liv vasculhou na mala e bateu com estrondo com uma nota de vinte no balcão.

— Pode dar-me a chave, se faz favor?

Sem se apressar, a lojista foi buscar uma chave que estava presa por um fio a uma grande chapa de plástico e deslizou-a pelo balcão.

Liv arrebatou-a e precipitou-se para a casa de banho. Destrancou a porta, e Tommy correu lá para dentro, puxando a parte da frente das calças e esguichando indiscriminadamente até chegar à sanita.

Quando terminou, soltou um audível suspiro de alívio.

— Sentes-te melhor?

Ele anuiu de olhos arregalados.

Liv contemplou a urina por todo o assento e chão. Devia deixar assim para a bruxa lá da frente. Mas era o que lhe faltava, Danielle contar a toda a gente que ela vandalizara o Parker's. Limpou a porcaria e largou a chave no balcão a caminho da saída. Mas, antes de chegar à porta, Liv parou. Marchou de regresso ao balcão e tomou a braços o recipiente de doces gigante. Conseguiu sentir o olhar fulminante de Danielle a queimá-la enquanto ela e Tommy saíam da loja.

— Bem-vinda a casa — murmurou para si mesma.

CAPÍTULO 21

Liv parou o carro alugado no caminho de acesso e franziu o sobrolho face ao cenário. A casa, o seu lar de infância, estava em mau estado. As sebes precisavam desesperadamente de ser podadas. As portadas estavam tortas e a pintura a descascar.

Cindy foi ter com eles à porta. Também ela mostrava sinais de desleixo. O cabelo exibia uma faixa branca de cinco centímetros no risco. Vestia calças de poliéster com um casaco de malha puído.

A irmã mais velha de Liv nunca fora de se embonecar, e quando eram miúdas, muitos perguntavam-se em voz alta como é que podiam ser da mesma família. No liceu, Liv fora a beldade da cidade, eleita Rainha de Irrigation três vezes no concurso de beleza sexista que se realizava todos os verões. Herdara as feições delicadas e levemente aristocráticas da falecida mãe. Cindy saía ao pai. De ossos largos. Rosto e nariz largos.

— É o Tommy? Não acredito — disse Cindy na sua voz rouca. — Não passavas de um bebé da última vez que te vi. — Isto era mais dirigido a Liv do que a Tommy.

— Sou eu — asseverou Tommy.

— Bem, entra e dá um abraço à tia.

Tommy hesitou, mas aproximou-se e deu-lhe um abraço de lado.

— Desculpa estarmos atrasados — desculpou-se Liv. — Atrasos nos voos e depois...

— O horário das visitas termina daqui a pouco — interrompeu Cindy —, por isso provavelmente devíamos ir andando, se quiseses vê-lo hoje.

Levaram o carro alugado de Liv, uma vez que o de Cindy não tinha cadeira para crianças. A irmã olhou de relance para o recipiente gigante de doces entalado entre os lugares da frente, mas não fez perguntas. Em pouco tempo estavam noutra autoestrada solitária a caminho do lar. De ambos os lados viam-se vastos campos, pontuados por postes telefónicos, pássaros equilibrados nos fios.

— Dizem que temos uma semana para lhe arranjar outro sítio — informou Cindy, como se não fosse nada.

— Ou o quê? — replicou Liv. — Atiram um idoso com Alzheimer para a

rua?

— Não, contratam um cuidador excessivamente caro, põem-no no quarto mais caro e cobram-nos os olhos da cara até cedermos.

— Tens visto outros sítios?

Cindy assentiu.

— A maioria não aceita pessoas que saem e se perdem, muito menos residentes problemáticos. E são caros.

— Quão caros?

— Quatro vezes o que estamos a pagar.

Liv riu grosseiramente. Mal conseguiam pagar Twilight Meadows.

— Não podemos largar mais dinheiro. Com a Maggie a ir para a faculdade, vamos ter dificuldades só para pagar o empréstimo. — Era ainda pior, acreditava ela. Mas, depois da última discussão, deixara as contas mensais entregues a Evan. Por agora mantinha-se numa ignorância feliz. As consequências vinham aí, bem sabia.

Cindy limitou-se a olhar em frente para os quilómetros de planície.

Liv não queria mencioná-lo, mas tinha de o fazer.

— A casa. Já pensaste em vendê...

— Para onde é que ia? — inquiriu Cindy num tom indignado.

— Não sei. É uma casa grande. Talvez pudesses...

— O quê? Alugar um quarto por cima do Pipe Layers?

Liv fez uma careta.

— Claro que não.

E daí, talvez Cindy não destoasse dos durões que alugavam os quartos da pensão barata por cima do único bar da cidade. Antes do seu emprego como gerente dos correios locais, Cindy trabalhara na Adair Irrigation tal como o pai. Trabalhar ao lado das pessoas sem mais alternativas num clima de incerteza não tinha propriamente suavizado a sua dureza.

Liv repreendeu-se, estava a ser demasiado ríspida. Tal como os doces do Parker's, a irmã podia ter um exterior duro, mas havia um coração suave ali dentro. Embora talvez se cuspsse a guloseima amarga antes de o encontrar.

— Percebo que esta cidade não foi boa para a tua família — disse Cindy —, mas esta é a minha vida. — Cindy permanecera teimosamente em Adair. A maioria dos cidadãos não virara a sua ligação aos Pines contra ela, talvez com medo de que ela lhes deitasse fora o correio.

O murmúrio dos pneus na estrada preenchia o silêncio.

— Há alguma forma de os convenceremos a deixá-lo ficar? — perguntou Liv, por fim.

Cindy fez um esgar.

— Não pode ser assim tão mau — acrescentou Liv.

— Ele já desapareceu quatro vezes. E na semana passada atirou uma arrastadeira contra a parede e chamou à enfermeira — Cindy baixou a voz por causa de Tommy — a porra de uma palavra começada por p.

Liv levou os dedos às têmporas e massajou-as. Só ali estava há uma hora e já tinha a cabeça a latejar.

— Acredita em mim — continuou Cindy. — Peguei-me com o pessoal. Ameaçaram banir-me a *mim* do lar, acreditas?

Liv acreditava.

— Mas ontem recebi uma chamada do diretor — acrescentou Cindy. — Disse que talvez houvesse uma coisa que *tu* pudesses fazer para ajudar.

Liv olhou para a irmã.

— O quê?

— Vou deixar que seja ele a dizer-te — respondeu Cindy.

Liv ficou novamente em silêncio, agora irritada por Cindy estar a mantê-la em suspenso.

Mudando de assunto de propósito, Cindy disse:

— Já soubeste do Noah?

— O quê?

— O teu antigo namorado vai ser promovido de vice-governador ao cargo dos rapazes crescidos. O governador Turner foi apanhado num escândalo qualquer com raparigas novas. Espera-se que se demita a qualquer momento; dizem que pode ser indiciado. Por lei, o vice-governador assume o resto do mandato.

Liv refletiu sobre isto. Um ímpeto de entusiasmo percorreu-a. Noah fora um apoiante sem reservas de Danny, e enquanto governador encabeçaria a comissão de indultos do Nebraska. Quando tinha acabado de desistir de Danny alguma vez ser libertado, algo que nunca diria em voz alta, um lampejo de esperança. No entanto, esse era o aspeto mais cruel do caso de Danny. Matt dizia sempre que era como uma cena de um velho filme da máfia: *Quando pensava que estava livre, eles voltam a prender-me*. Quase destruíra Evan. E o casamento deles.

Depois de se apresentarem na receção, passaram por uma zona comum que estava repleta de idosos sentados a jogar jogos de tabuleiro ou a ver televisão. Dois homens de aspeto frágil, ambos em cadeiras de rodas, estavam no canto

mais afastado a estudar um tabuleiro de xadrez. Os pensamentos de Liv voltaram a desviar-se para Matt. Ele adorava xadrez. Tomou mentalmente nota para lhe ligar. Matt ainda estava zangado com Evan, com Liv também, supôs ela, mas tinha um coração meigo e acabaria por cair em si.

Na zona dos quartos, Cindy parou em frente a uma porta fechada. Por baixo de uma ficha médica podia ler-se num letreiro: chamo-me charlie ford. tenho duas filhas e quatro netos. estive no exército e depois passei a minha carreira a trabalhar como soldador na adair irrigation. Era uma deixa para os membros do pessoal, para lhes dar temas de conversa e para lhes lembrar que o pai delas era uma pessoa real antes de o monstro o ter roubado.

— Achas que não há problema por... — Liv lançou um olhar a Tommy.

— Não deve haver. Se houver, posso levá-lo para o pátio. O abrigo costuma trazer cães para brincarem com os moradores, por isso se calhar há cachorrinhos.

— Cachorrinhos? — perguntou Tommy, erguendo a cabeça.

Cindy bateu sonoramente, esperou um segundo, depois abriu a porta devagar quando não se ouviu resposta.

O pai estava sentado na sua velha poltrona de casa, a olhar inexpressivamente para uma televisão sem som. O quarto era espaçoso, pelo menos: uma cama de hospital encostada a um canto e uma pequena mesa redonda para as refeições.

O coração de Liv afundou-se ao vê-lo. Estava demasiado magro, com a pele do pescoço descaída, as mãos ossudas em volta dos braços da cadeira.

— Olá, pai — disse Cindy em voz alta.

O pai não virou a cabeça.

Cindy pôs-se em frente à televisão e agachou-se ao nível dos seus olhos.

— Tenho uma surpresa para si. — Estendeu o braço para Liv entrar no campo de visão do pai.

Liv aproximou-se. Tommy ficou junto à porta, com uma expressão desconcertada.

— Olá, paizinho — disse Liv.

Os olhos do pai ergueram-se para o rosto de Liv. Depois o seu próprio rosto iluminou-se.

— Olívia Palito?

Liv desfez-se num sorriso. Ele chamava-lhe assim desde que era pequena. Viam os desenhos animados do Popeye juntos e ele mostrava-lhe a sua tatuagem, fletia o bíceps e ria como um marinheiro. Embora o ocultasse do mundo exterior, era um homem terno, o pai.

Ela ajoelhou-se e pousou as mãos nas dele, tentando não lacrimejar.

Tommy caminhou para ao pé da mãe.

— Olá, 'vô.

— Danny! — exclamou o avô.

— Eu sou o Tommy — respondeu ele, ofendido.

O avô pareceu confuso.

— Que tal darmos à tua mãe algum tempo para pôr a conversa em dia com o avô? — propôs Cindy, pegando na mão de Tommy. Ele hesitou até Cindy acrescentar: — Terei ouvido um cachorrinho a ladrar?

Liv disse *obrigada* com os lábios enquanto eles saíam do quarto. Foi aí que viu a tristeza nos olhos da irmã. Cindy tinha a cara do pai, mas Liv tinha o seu coração. Puxou uma cadeira da mesa de refeições e pô-la ao lado da poltrona reclinada. Ficaram a ver a televisão sem som, num canal de desporto, durante bastante tempo. O pai segurava-lhe a mão, virando-se para ela de vez em quando e sorrindo.

Inesperadamente, soltou:

— Onde é que está o Eddie Haskell?

Era a alcunha do pai para Noah Brawn, o namorado de liceu de Liv e futuro governador. Haskell era uma personagem de uma velha série de televisão conhecida pelas suas lisonjas falsas e dissimulação. A alcunha não tinha a intenção de insultar. Só de lembrar que Noah — com o seu charme de político, mesmo já em adolescente — não enganava o pai dela.

Liv ia explicar que estava casada com Evan, mas o olhar ausente do pai regressara. Era como um viajante no tempo, a saltar de ano em ano, de lugar em lugar, a linha cronológica baralhada pelo caminho.

A mente de Liv fez a sua própria viagem no tempo. Estava em casa durante umas férias da Northwestern e tinha um dilema. Havia um rapaz, uma pessoa nova — uma decisão a tomar. Namorara com Noah durante o liceu, mas agora andavam em faculdades diferentes. Ao início tinham permanecido chegados — falavam todas as noites ao telefone, passavam as férias juntos. Mas, como seria de esperar, tinham começado a afastar-se.

E depois Liv conheceu Evan.

— *O que faço, pai?*

— *Quem te trata melhor?*

— *Ambos me tratam bem.*

— *O que é que o teu coração e a tua cabeça te dizem?*

— *A cabeça diz Noah. É motivado, quer ser governador um dia, talvez até candidatar-se a presidente. Sei que com ele terei uma vida com mais oportunidades.*

— *E o teu coração?*

Liv sorriu, pensando em Evan.

— *Não consigo explicar, mas quando está perto de mim, sinto-me mais à vontade do que em qualquer outra altura da minha vida. E está disposto a regressar a Adair, como eu quero. Diz que não quer saber de Chicago ou da carreira; só quer estar comigo. Ter uma família, construir uma vida.*

O pai massajou o queixo.

— *Não posso tomar essa decisão por ti, Olívia Palito.*

— *O que é que a mãe me diria para fazer?*

O pai esboçou um sorriso fugaz.

— *Provavelmente diria para escolheres o rapaz que quer fazer parte da tua história, e não que simplesmente faças parte da dele.*

O ronco de um ressonar forte interrompeu-lhe os pensamentos. A cabeça do pai descaíra-lhe para o peito.

A cabeça de Cindy assomou à porta.

— O Tommy está a brincar com os cães. O pessoal disse que podia ficar de olho nele durante algum tempo enquanto falamos com o diretor.

Liv retirou suavemente a mão da do pai e levantou-se. Deu-lhe um beijo na cabeça.

— Vamos arrumar esta questão.

CAPÍTULO 22

O diretor de Twilight Meadows sorriu a Liv e fez sinal para ela se sentar. Dennis Chang vestia calças de caqui e uma camisola à Mister Rogers. A secretária não tinha papéis, o gabinete estava impecável, o domínio de um perfeccionista. Cindy não disse nada, limitou-se a afundar-se no assento ao lado de Liv.

— Senhora Pine, obrigado por ter vindo falar comigo.

— Trate-me por Liv — respondeu ela, tentando criar familiaridade. Se não conseguisse convencer aquele homem a deixar o pai ficar no lar, seria um desastre.

— Liv — começou Chang. Inspirou. — Lamento que nos conheçamos nestas circunstâncias.

Liv acenou. Não se lembrava de quaisquer famílias asiáticas quando andava na escola. O Nebraska não era multicultural. Mas Adair tinha mais diversidade que a maioria das zonas. A Adair Irrigation atraía pessoas de todo o país, seduzindo executivos com um salário alto e um custo de vida baixo, a promessa de uma existência idílica ao estilo Mayberry para os filhos. Mesmo depois de se terem mudado, a empresa era a pedra angular na vida dos Pines, pois o principal cliente de Evan na firma de contabilidade era a Adair Irrigation. O melhor amigo do liceu do pai fora vice-presidente e mantivera-se ao lado de Evan mesmo depois de ele ter pedido transferência para o escritório de Chicago.

— Espero que possamos chegar a um acordo — disse Liv. — O meu pai era um pilar desta comunidade. Criou aqui uma família, tal e qual como o pai dele. Trabalhou na fábrica durante quarenta anos, foi treinador do futebol do liceu. E é um homem bondoso e meigo. É só...

Chang ergueu uma mão, sem agressividade. Só um gesto a garantir que não precisava de continuar. Que ele sabia de tudo aquilo.

— Ninguém está a pôr em causa o caráter do seu pai ou as muitas, muitas contribuições para a comunidade. Só que, dado o seu estado, duvido de que tenhamos a capacidade para lhe dar os cuidados de que ele precisa e que merece.

Liv sentiu os olhos marejarem-se de lágrimas. Talvez fosse de ter visto o pai, de estar de regresso à cidade, mas tinha as emoções à flor da pele.

— Há *alguma coisa* que possamos fazer? Talvez pudéssemos arranjar um

cuidador extra que fosse vê-lo periodicamente. Ou talvez possamos falar com o médico dele por causa da medicação. Hoje vi-o. Estava um pouco confuso, mas... — Voltou-se para Cindy para que a apoiasse. Mas a irmã estava só sentada em silêncio, com algo parecido com uma careta de desdém. Liv acrescentou:

— Ele viveu em Adair a vida toda. E as outras instituições são tão longe e...
— Não terminou a frase, reparando que Chang ia dizer qualquer coisa.

— Tal como a sua irmã poderá ter mencionado, temos discutido possíveis soluções — disse Chang.

Liv olhou para Cindy, que se manteve calada.

— A questão é a seguinte — começou Chang, inclinando-se para a frente. — A minha empresa tem tentado abrir diversas outras instalações por todo o estado, e estamos a deparar-nos com problemas de licenciamento. Um dos nossos concorrentes tem feito queixas infundadas. Não quanto aos cuidados dos residentes — acrescentou rapidamente —, mas que temos andado a cortar injustamente no preço e a tentar levar outras instituições à falência.

Liv não sabia bem onde é que aquilo ia chegar.

— O governador Turner não foi recetivo, mas o vice-governador, um natural de Adair, como sabe, estava sempre disposto a pelo menos ouvir-nos. Mas tinha as mãos atadas. — Chang remexeu-se na cadeira. — Talvez tenha ouvido dizer que...

— Que o Noah Brawn vai ficar com o lugar do Turner — completou Liv. E aí estava o problema.

Chang anuiu.

— Sei que vocês eram amigos no liceu e que poderá ter alguma influência sobre o Brawn...

O olhar duro de Liv voltou-se para a irmã, que não lho devolveu. Depois, contra o seu melhor discernimento, Liv disse:

— Diga-me o que precisa que eu faça.

CAPÍTULO 23

SARAH KELLER

Mesmo ao fim da tarde, o Ministério dos Negócios Estrangeiros estava a fervilhar. Homens e mulheres vestidos a rigor faziam fila para se registarem no comprido balcão de segurança posicionado ao centro do átrio. Bandeiras de todo o mundo delimitavam o perímetro. Keller julgou ver um correspondente das notícias nacionais, cabelo louro e grandes óculos escuros, a sair do edifício com uma comitiva.

Depois de se registarem, Keller e Stan foram rapidamente levados para o quinto piso. Ao contrário do vestíbulo moderno de vidro e aço, transmitia a sensação de um *country club* de outros tempos. Muitos retratos, carpetes pesadas, madeira escura. Antes de entrarem nos gabinetes ao fundo, uma mulher noutra receção deu-lhes uma chave pequena num porta-chaves de plástico com um número gravado. A rececionista encaminhou-os para um armário de madeira que tinha gavetas minúsculas numeradas com buracos de fechadura.

— Por favor, guardem aqui os telemóveis — disse a rececionista. Não precisavam de verificar as suas armas de fogo. Só a verdadeira ameaça à segurança: os telemóveis.

Brian Cook era outro homem alto. *Mãe do céu*, pensou Keller. Mas, ao contrário do musculoso vice-diretor do FBI, Cook era magro e atlético, com a amabilidade de um natural do Centro-Oeste.

Depois das rápidas apresentações, Stan disse:

— Obrigado por nos encaixar com tão pouca antecedência.

— Não há problema — respondeu Cook, dirigindo-os para uma mesa. O seu gabinete era pequeno para alguém com um cargo tão elevado no Ministério dos Negócios Estrangeiros, pensou Keller. — O DeMartini disse que precisam de ajuda com um dos nossos consulados.

Keller pô-lo a par da morte dos Pines.

— Não vi o documentário — disse Cook —, mas vi o artigo no *Times*. Que tragédia. Uma família tão bonita. Parece que o nosso pessoal não vos está a dar o que precisam, certo?

— Tenho a certeza de que têm um volume elevado de casos, mas estamos a ter problemas com o funcionário destacado para aquela zona — disse Keller,

eufemisticamente. — O Matt Pine, o filho sobrevivente, está no México. Era suposto um funcionário consular ter ido ter com ele ao aeroporto para o levar a Tulum para que os corpos fossem entregues, mas nunca chegou a aparecer. E não me responde às mensagens.

— Qual é a secção consular a que pertence Tulum? — perguntou Cook, mais para si do que para Keller e Stan. Sem se levantar, levou a cadeira com rodas até à secretária e digitou no computador. Franziu os olhos para o monitor. — É em Mérida. É um trabalho bastante fácil. Cancún, Cozumel, Playa del Carmen, Tulum. Como se chama o funcionário?

— Gilbert Foster — respondeu Keller, sentindo-se quase culpada (quase) por o Sr. Foster estar prestes a ter um dia muito mau.

— Deixem-me fazer uns telefonemas. Não deve haver problema.

— Quer que a gente saia? — perguntou Stan, apontando para a porta.

— Não é preciso. Eu volto já.

Nos quinze minutos seguintes, Keller e Stan falaram da reunião dela com a Marconi LLP, no dia seguinte de manhã. Ela não estava encantada com a ideia de fazer a primeira abordagem sem a preparação adequada. As investigações e os interrogatórios robustos requeriam planeamento. Não era uma coisa em cima do joelho.

Stan ouviu pacientemente, acenou em solidariedade e disse:

— Percebo. Mas é o que é — uma das suas expressões favoritas.

— Só o facto de marcar a reunião pode assustá-los — argumentou Keller. — E depois começam a destruir provas.

— Não se der a entender que se trata do Evan Pine. Uma entrevista de rotina sobre a morte de um dos seus antigos funcionários que morreu no estrangeiro. E não lhes diga que vai, limite-se a aparecer.

Tudo aquilo parecia bem.

— Pensava que tinha dito que já tínhamos as provas incriminatórias contra a Marconi — acrescentou Stan.

— E temos, mas...

— Mas o quê? Não nos podemos dar ao luxo de ficar com paralisia de análise quanto a isto. — Era outro stanismo. *Paralisia de análise*, um problema em que os agentes não queriam proceder a uma detenção até todas as pontas das provas concebíveis sem exceção — os registos, as escutas, as testemunhas — estarem atadas num laço impecável. Estaria ela a ser demasiado tímida? Demasiado cautelosa? Tinha a Marconi em flagrante nos registos. Mas as acusações de

lavagem de dinheiro eram complicadas. Os alvos contratavam advogados de defesa caros, que contratavam peritos financeiros sofisticados, que explicavam tudo como se não fosse nada ou o tornavam tão complexo que não havia como um júri compreender o caso. Eram acusações que não tinham provas de ADN nem de locais do crime, que era aquilo que os jurados esperavam com base no que viam na televisão. Tudo se resumia tipicamente a um *terabyte* de registos sem uma gota de sangue. Pela experiência de Keller, era preciso uma pessoa ao vivo — um colaborador ou outra pessoa de dentro da empresa — transmitir a história ao júri. Tinha os registos, mas nenhuma testemunha de carne e osso.

— Fazemos assim — disse Stan —, vou pedir à divisão de Chicago para a ajudar. Se as coisas descarrilarem, pode dar-lhes a deixa e eles vão buscar todos os computadores e servidores. Conheço o agente especial supervisor, o Cal Buchanan. É um EDC, mas competente. — *EDC* era a abreviatura da agência para os agentes mais agressivos, aqueles que não hesitavam em assentar o pé pesado do governo no pescoço de alguém. O acrónimo encantador significava *Estafermo do Caraças*.

Keller anuiu. Não valia a pena discutir.

Cook regressou, por fim, ao gabinete.

— Os corpos vão ser entregues hoje. Estão numa agência funerária de Tulum que tem experiência no envio expresso de RM. Os RM e os objetos pessoais serão enviados para uma agência funerária no Nebraska, e a Agência pode decidir como quer tomar conta do caso a partir daí.

RM, pensou Keller. Restos mortais. Que forma tão impessoal de se referir à família de alguém.

— Têm um novo contacto — continuou Cook. — Carlita Escobar. — Cook pronunciou o nome com um ligeiro sotaque espanhol. — Disseram que não é da família do Pablo Escobar, e aparentemente ela dir-vos-á isso sempre que falarem com ela. Mas o Pablo tinha um complexo em Tulum, estou só a dizer. De qualquer forma, ela tem bons contactos e não atura merdas, por isso não devem ter mais problemas.

— Espero que ela não tenha sido demasiado dura com o Sr. Foster — comentou Keller em tom de gozo.

— Acho que ele vai gostar do seu novo cargo em Acapulco — disse Cook. — Não aconselhamos os americanos a viajarem para lá, por isso deve ser bastante, ah, *entusiasmante* para ele. Boa sorte com o vosso caso.

CAPÍTULO 24

— Peço mesmo imensas desculpas — disse Keller ao telefone.

— Quantas vezes tenho de te dizer para parares de pedir desculpas? — retorquiu Bob. — Não leste o artigo que te enviei?

Keller conseguia visualizar o sorriso convencido na cara dele. Enviara-lhe uma daquelas listas de dez tópicos para mulheres de carreira que circulam no Facebook. Conselhos profissionais escritos por pessoas de vinte e dois anos cansadas do mundo.

— *Não Pedir Desculpas* era a dica número um — referiu Bob.

— Tenho andado a viajar tanto ultimamente. Tens feito mais do que a tua parte.

— Hum, apesar de a minha carreira de modelo estar a ganhar asas, acho que te estás a esquecer de como temos comida. — Bob fez uma pausa. — E, além disso, eu gosto de ser um homem cativo. Não, um Marido Perfeito.

Ela sentiu a pulsação abrandar, a tensão arterial estabilizar. Podia jurar que sentiu mesmo. Bob tinha sempre esse efeito nela.

— De quem é o telefone de onde estás a ligar? — perguntou ele, mudando de assunto. — Não tinha identificação de chamada e a ligação está péssima.

— Estou no avião.

— *O quêêê?* E só *agora* é que me estás a dizer? — reagiu ele. — És como a Clarice Sterling. Ou é mais estilo *O Lobo de Wall Street*? Diz-me que o Stan está aí louco de tanta cocaína e com um monte de prostitutas.

— Para com isso — respondeu ela, sorrindo apesar das circunstâncias, a imagem do seu chefe rígido a pintar a manta com prostitutas infelizmente a passar-lhe pela cabeça. — O Stan teve de voltar para o escritório.

O chefe deixara-a a tratar da reunião na Marconi sozinha. Tendo em conta o interesse que a sede revelara pelo caso Pine, Keller não sabia se havia de se sentir lisonjeada ou preocupada. Ou Stan tinha imensa confiança nela ou estava a distanciar-se de uma potencial barracada. Era um homem íntegro, por isso Keller decidiu acreditar na primeira hipótese.

— Então, o que é que vais fazer a Chicago? — perguntou Bob.

— Provavelmente dar cabo de dois anos de trabalho no meu caso do cartel. — Keller tinha o ficheiro da Marconi espalhado na mesa à sua frente.

— Uau, querem mesmo saber o que aconteceu aos Pines — comentou Bob.
— É o poder da televisão, suponho.

— E da filha do presidente, que estuda direito e é fã do documentário *Uma Natureza Violenta*.

— Espero que estejas a brincar.

Keller não respondeu.

— Quando é que achas que regressas?

— Não tenho a certeza. Vou à firma de contabilidade de manhã e, se tiver tempo, tentar falar com algumas das colegas da rapariga. Duvido que vá dar nalguma coisa, mas já que estou lá... — Hesitou e depois acrescentou: — Não me surpreenderá se quiserem que vá ao Nebraska. É para onde vão enviar os corpos. — Tentara telefonar a Matt Pine, mas fora diretamente para o gravador. Também lhe enviara mensagens, mas ele ignorara-a. Ou o telefone ficara sem bateria.

Houve um momento de silêncio na linha. Quase pediu desculpas outra vez, mas depois Bob disse:

— Tenho orgulho em ti, sabes?

Keller ficou com os olhos rasos de lágrimas.

— Amo-te — disse ela.

— O mesmo para ti, mulher do FBI. Arrasa com eles amanhã — disse ele. E num tom exagerado de urgência, acrescentou: — E come piza à moda de Chicago. Aproveita que é a original, por amor de Deus.

CAPÍTULO 25

MATT PINE

A coberto dos arbustos, Matt observou um carro a parar com um solavanco em frente ao *Toyota* de Hank. Ouviu uma porta bater e uma figura aproximou-se silenciosamente do lado do condutor. Na escuridão, tudo o que Matt conseguia distinguir era a silhueta de um homem. Devia estar a usar sapatos pesados, talvez botas, porque esmagavam ruidosamente o cascalho da berma da estrada rural.

O homem parou, disse algo que Matt não conseguiu perceber e depois fez uma coisa que largou o coração de Matt em queda livre. Começou a caminhar rapidamente na direção do sítio exato onde Matt estava escondido.

Os instintos apoderaram-se dele, e Matt virou-se e fugiu com o fogo no rabo. Dardejou pelos arbustos, com os ramos a chicotear-lhe o rosto, arbustos espinhosos a repuxar-lhe a camisa. Uma luz, o brilho de uma lanterna potente, colou-se-lhe às costas, uma sombra comprida a projetar-se à sua frente. Matt saltou sobre uma árvore caída, depois cortou repentinamente para a direita, depois para a esquerda, depois outra vez para a direita, tentando escapar ao holofote.

Agachou-se por trás de uma vegetação densa, e a luz da lanterna desapareceu por um momento. Matt correu adentrando-se mais no mato, sem olhar para trás. Continuou, com os pulmões a arder. Quando viu tudo negro como breu outra vez, parou atrás de uma árvore grande para recuperar o fôlego. Inalou o ar húmido, tentando não fazer barulho. Tinha o coração a bater com tanta força que parecia um extraterrestre a tentar rasgar-lhe o peito.

Achou que despistara quem quer que estava atrás dele, mas a floresta ficou repentinamente silenciosa. A luz da lanterna reapareceu. Cortou a neblina, como uma luz de busca nos filmes sobre fugas de prisões, para a frente e para trás, num padrão. A luz ficou mais forte e Matt permaneceu numa quietude de morte. Depois a luz desapareceu. Escuridão, o único som era o sangue a rodopiar-lhe nos ouvidos.

Matt endireitou-se como se estivesse em sentido, com as costas contra a casca áspera da árvore. A ver se ouvia os passos do homem. Devia pedir ajuda, mas a quem? O México usava sequer o mesmo número de emergência? E o que é que

isso importava? Não fazia ideia de onde estava. E mesmo que o telefone pudesse dar as coordenadas, seria demasiado tarde. Mas não devia tentar? Tirou silenciosamente o telemóvel do bolso. Estava desligado. Claro que estava. A mente regressou à imagem de Hank a enfiar-lho na mão. Quem era ela? O que é que queriam dele? Havia formas muito mais fáceis de roubar uma pessoa. E de certeza que havia alvos mais promissores do que um estudante universitário com um iPhone rachado e poucas centenas de dólares. A sua mente saltou para o homem com a cicatriz no lábio a revistá-lo no meio da rua.

Passou uma pequena eternidade, mas o silêncio deu por fim lugar ao murmúrio da selva. Criaturas noturnas. O rumorejar das folhas nas copas das árvores. Cães selvagens a ladrar ao longe.

Finalmente, quando achou que o perseguidor desistira, Matt deu um passo. Os galhos a estalar sob o seu pé pareceram ecoar na noite. Ou teria sido só na sua cabeça? Deu outro passo, meio à espera de que o seu perseguidor se materializasse da escuridão.

O monstro nunca apareceu. Mas Matt não correu riscos. Caminhou devagar, furtivamente, um pé à frente do outro, pelo matagal. Continuou assim durante bastante tempo até ver outra luz. Não a lanterna, felizmente. Faróis de um carro a aparecer e desaparecer por entre as árvores. Pelo menos não ficaria perdido na selva a noite toda. Era uma estrada, mesmo que desolada.

Quando chegou à orla das árvores, tinha uma decisão difícil a tomar: arriscar caminhar ao longo da estrada, ou fazer o percurso nas sombras até alcançar sinais de civilização. A estrada tinha a vantagem óbvia de alguém se apiedar dele e dar-lhe boleia. Mas esse alguém podia acabar por se revelar a pessoa que andava atrás dele. Além disso, quem é que no seu perfeito juízo daria boleia a um estranho àquela hora? Decidiu ser cauteloso. Deslizar pelas sombras e avaliar cada veículo à medida que se aproximasse.

Pôs-se a caminho. Passou cerca de uma hora e só apareceram dois veículos. O primeiro, um camião de descarga que passou a abrir antes de Matt poder sequer tentar fazer-lhe sinal. O segundo, uma moto, o condutor cheio de testosterona e *Red Bull*, a avaliar pela velocidade.

O cansaço começava a instalar-se. Sentiu-se tentado a procurar terreno macio abrigado e dormir um pouco. Mas tinha medo do que pudesse estar à espreita na selva. Coiotes ou cães ou sabe-se lá o que mais. E os insetos. A mente vagueava enquanto ele seguia. Pensou no filme *A Estrada*, o que era inevitável, tendo em conta a sua situação. Um pai e um filho a viajar por uma autoestrada

pós-apocalíptica, exaustos e à procura de abrigo e comida. Matt não achava o filme nada de especial, mas o pai, num esforço desajeitado de criar laços com ele, convidara-o a irem ver. Evan Pine não era dado ao cinema, mas lia, e o filme era baseado num dos seus livros favoritos. Matt recordou-se do pai a tentar disfarçar a lágrima que lhe escorreu pela face na cena crucial, as palavras do pai moribundo para o filho. *Tens todo o meu coração. Sempre tiveste.* Sentado na sala de cinema às escuras, Matt sabia que o pai estava a pensar em Danny.

Luzes de faróis irradiaram atrás de si. Matt virou-se e, ao fundo do longo pedaço de estrada, viu aquilo que parecia uma carrinha de caixa aberta. Ponderou esconder-se na vegetação, mas estava muito cansado. A carrinha aproximou-se, o som da panela de escape a chocalhar, preenchendo a atmosfera. Caminhou apressadamente para a beira da estrada, estendeu o braço e ergueu o polegar. Era assim que se pedia boleia no México? Enquanto a carrinha passava a sacolejar, o olhar de Matt cruzou-se com o de um miúdo, à volta dos dez anos, que o observou da janela do passageiro. Matt deixou cair o braço, derrotado. Mas depois as luzes vermelhas traseiras iluminaram a noite e a carrinha parou.

Matt deu uma corrida. Espreitou para dentro do habitáculo. Ao lado do rapaz estava um velhote, o pai dele... Não, o avô, provavelmente. O homem de cabelo grisalho encarou Matt com cautela.

Para onde é que lhes pediria que o levassem?

— Ah, hotel — disse Matt, demasiado devagar e demasiado alto, como se isso derrubasse a barreira linguística.

O velhote olhou para o miúdo, que lhe disse qualquer coisa em espanhol. As únicas palavras que Matt distinguiu foram *zona hotelera*. O velho respondeu ao miúdo em espanhol.

O miúdo voltou-se então para Matt, anuiu e fez sinal para que entrasse para a caixa aberta.

— *Gracias* — agradeceu Matt e subiu. Estava vazia, à exceção de uma mochila e pilhas de ancinhos com aquilo que pareciam algas presas nos dentes.

Matt sentiu o metal frio nas costas enquanto olhava para o céu. A carrinha acelerou e o vento assobiou por cima da sua cabeça. O ruído monótono, olhar para as estrelas incandescentes e para as copas das árvores a passar como um borrão, era hipnótico.

Matt decidiu fechar os olhos só durante um momento. Quando voltou a abri-los, o céu estava arroxado e o rapaz de pé na caixa da carrinha. Matt sentou-se rapidamente. Estavam estacionados num terreno perto da praia. O velhote e o

miúdo retiraram os ancinhos e a mochila.

Matt saltou da carrinha.

— Obrigado — agradeceu.

O rapaz examinou Matt por um momento, depois vasculhou na mochila, tirou uma garrafa de água e deu-lha.

— Hotel — disse ele, com o braço estendido, o indicador apontado para a praia. Havia tochas a arder e estruturas parecidas com cabanas. O rapaz e o velho caminharam na direção oposta, dirigindo-se para um grupo de figuras que juntavam pequenas montanhas de algas com ancinhos.

Matt caminhou para as luzes, os ténis a afundarem-se e a encherem-se de areia. Passou por um conjunto de cabanas e uma plataforma de madeira que tinha um bar exótico. Um letreiro dizia mi amor. Continuou a avançar, passando por pequenas casas de campo e vivendas delimitadas. Foi dar a um aglomerado de cadeiras de praia e mesas. Um caminho levava ao hotel, que estava escuro e sossegado. Ninguém lá estaria antes do nascer do sol.

Sentou-se numa cadeira, a contemplar o oceano. De repente, sentiu o ardor dos arranhões nos braços e no rosto, a fuligem das suas viagens. Olhando em volta da praia deserta, levantou-se, alongou as costas e despiu-se até ficar em *boxers*. Correu para o mar e mergulhou, surpreendido por não sentir o espasmo habitual do frio. Era como um banho quente. E ali ficou a flutuar, perdido no som das ondas, dormente da dor esmagadora, até uma linha fina de laranja aparecer no horizonte. Aquele dia, esperava, seria melhor. E, a sério, seria possível piorar? Iria à esquadra, encontrar-se-ia com o *señor* Gutierrez, assinaria os documentos e ir-se-ia embora. Que experiência desastrosa. Pensou em Hank, o medo no seu rosto bonito. Sentiu-se esvaziado, com os pensamentos indistintos, como se tudo não passasse de um sonho mau.

Um sonho muito mau.

CAPÍTULO 26

MAGGIE PINE

ANTES

Maggie acordou com um sentimento de temor e uma pancada surda. Balouçou as pernas para fora da cama e foi investigar o ruído. No corredor encontrou duas malas largadas ao acaso no chão. Outra caiu do buraco no teto.

Em seguida, os pés do pai apareceram na escada retrátil presa à porta do sótão. Os olhos do pai brilharam quando a viram descer.

— Bom dia, Mag-pie — cumprimentou. — Espero não te ter acordado. Estou só a preparar as malas para a viagem.

— Estou a ver — retorquiu Maggie. Aquilo estava mesmo a acontecer. Uma boa noite de sono não o fizera pensar com mais lucidez. As cabeças frias não tinham prevalecido. Maggie devia telefonar à mãe. Era a melhor a tirar ideias da cabeça do pai.

— Pai, não estás a falar a sério quanto ao México? Não me parece que...

— Porque é que não havia de estar a falar a sério?

— É só que é um bocado, não sei, *repentino*.

— É o teu último ano, vais deixar-nos em breve e mereces uma viagem. Além disso, a minha médica disse que uma viagem era capaz de me fazer bem. Enquanto lá estamos, vemos o que terá sido aquela chamada.

Disse aquilo de forma tão casual que quase começou a fazer sentido. Mas Maggie não caía nessa.

— Acho que precisas realmente de pôr a hipótese de ter sido uma partida. Quero dizer, tirando o facto de, tipo, a Charlotte estar, hum, *morta*, porque é que o telemóvel dela teria o nome da discoteca? É esquisito, e é superfácil gerar uma identificação de chamada falsa.

— Bem, é por isso que te tenho a ti, querida.

Maggie franziu o sobrolho.

— Vais localizar a chamada, ver se veio mesmo da discoteca.

Maggie soltou uma gargalhada que mais parecia tosse.

— Vou, não vou? E como é que vou fazer isso?

O pai agarrou a pega de uma das malas.

— Vais descobrir uma maneira. Descobres sempre.

Dito aquilo, agarrou na outra mala e apontou com o queixo para a terceira, que fora cair junto ao patamar das escadas.

— Leva roupa de praia — disse ele. — E vou precisar da tua ajuda para fazer as malas da mãe. — Os seus olhos brilharam outra vez e depois desapareceu dentro do quarto.

Maggie arrastou a mala para o quarto dela e deixou-se cair na cama. Ia definitivamente telefonar à mãe. Ao mesmo tempo, gostava da ideia de se sentar numa praia no México. Longe do computador, do telemóvel e dos problemas. Tempo para desanuviar a cabeça. E, para ser franca, gostava da confiança que o pai tinha nela. Acreditava mesmo que ela era capaz de localizar uma chamada anónima do México. Não tinha uma única dúvida. Mesmo assim, tinha de envolver a mãe. Escreveu uma mensagem:

Talvez devas telefonar ao pai e perguntar-lhe pelo México...

Ponderou pedir à mãe para lhe ligar, dizer-lhe que precisavam de falar sobre uma coisa importante, mas atirou o telemóvel para cima da cama. Alcançou o portátil em cima da mesa de cabeceira. Não queria ver, mas tinha de o fazer. Foi ao *site* de Danny Pine. Mais comentários cruéis. Leu alguns e depois fechou o portátil com um estrondo. Sentiu as lágrimas surgirem outra vez.

Não, decidi, eles que se lixassem. Não tinha nada de que se envergonhar. Não fizera nada de mal. Não seria intimidada. Eric era um monte de lixo, e não deixaria a noite anterior defini-la. Abriu o portátil e começou a digitar respostas às mensagens cáusticas. Mas parou subitamente; os agitadores alimentavam-se de ódio, drama e confrontos. Por isso, iria simplesmente tirar-lhes a plataforma. Carregou nas teclas até os *sites* de Danny Pine estarem todos desativados, pelo menos temporariamente. O irmão já tinha problemas que chegassem sem os seus dramas. Esperaria que as coisas acalmassem. A capacidade de atenção dos colegas era limitada. As coisas morriam rapidamente.

Agora iria distrair-se com um projeto. Pensou no pai, no seu olhar fervoroso. A sua confiança inabalável nela. *Vais descobrir uma maneira. Descobres sempre.*

Pegou no telemóvel outra vez e percorreu os contactos. Clicou no número para fazer a chamada. Uma chamada telefónica. Quando fora a última vez que fizera uma dessas sem ser para os pais? Que método de comunicação antiquado. Mas era o que se fazia quando não se queria escrever — se não se queria deixar registos escritos —, se se ia fazer algo ilegal.

CAPÍTULO 27

Maggie bateu na porta da garagem. Toby espreitou do lençol que cobria a janela, viu que era ela e abriu a porta.

— Oi — disse Toby. — Chegaste depressa.

Maggie não se lembrava da última vez que estivera na Batcaverna de pobre de Toby. Olhou em volta. A fortaleza de Toby expandira-se. Tinha uma secretária enorme em forma de L com seis monitores. O *hardware* estava empilhado em armários com mais de um metro de altura, num emaranhado de cabos e luzes a piscar. Para completar o *cliché*, latas esmagadas de bebidas energéticas e caixas de piza com manchas de gordura amontoavam-se no cesto do lixo. Steve Jobs em formação.

Eram amigos desde o clube de ciência do sexto ano. No terceiro ciclo tinham sido inseparáveis, o que dera origem a piadas que alegavam que eram um casal. Mas nunca fora nada disso. Toby não mostrava qualquer interesse por ela — nem por quaisquer raparigas, já agora. Havia quem especulasse que seria homossexual, mas não. A verdade é que, quanto mais velho Toby ficava, mais encarava os humanos como inúteis. Quando chegaram ao secundário, recolhera-se para os seus computadores e para a sua missão de criar a próxima Cena em Grande. Não uma aplicação palerma qualquer. O próximo computador ou iPhone ou ideia que iria mudar o mundo. Embora se tivessem afastado, Toby atendera a chamada de Maggie ao primeiro toque e não hesitara quando ela lhe perguntara se podia passar por lá.

— Bem-vinda ao meu covil — disse Toby com o seu sorriso contagiante. Ainda tinha o mesmo penteado que parecia que fora a mãe a cortar-lhe o cabelo, o mesmo tronco magricela e a pele macilenta.

— Uau! — Maggie examinou a divisão com entusiasmo exagerado. — Isto está...

— Descontrolado? Estilo Unabomber? — completou Toby inexpressivamente.

— Em que é que estás a trabalhar? — perguntou Maggie.
Toby sorriu.

— Não posso dizer. Podes ser uma espia corporativa do MIT.
Maggie deu-lhe um murro no braço.

— Au — queixou-se ele, massajando o sítio vermelho no braço ossudo. Fitou-a durante vários segundos. — Estás, tipo, bem?

Porque é que ele havia de lhe perguntar isso? Seria porque ela já não ia à Batcaverna há imenso tempo? Ou ouvira mexericos sobre a festa?

— Quero dizer, no Snapchat uns miúdos estavam a dizer...

— Estou bem — interrompeu Maggie, evitando o contacto visual. Recompôs-se, forçou os olhos a irem ao encontro dos dele. — Preciso da tua ajuda com uma coisa.

— Calculei — disse ele, deixando-se cair num sofá gasto que estava encostado à parede da garagem.

— Podes ter de falar com alguns dos teus amigos manhosos da net — acrescentou Maggie.

— Ei, eles não são manhosos. Desleixados... E esquisitos. Mas manhosos, não.

— Tu é que sabes.

Ele encolheu os ombros.

— Do que é que precisas?

— Preciso de saber como é que posso localizar uma pessoa através do telemóvel.

Toby pôs os pés em cima da mesa de centro, que não passava de umas tábuas sobre blocos de cimento.

— Fácil, deita as mãos ao telemóvel e descarrega uma aplicação de localização. Não vês televisão?

— Mas eu não sei a quem é que pertence o telemóvel. Só tenho o número.

Toby coçou o queixo, depois pôs-se de pé e foi até ao seu posto de trabalho. Colocou uns auscultadores com microfone. Maggie tentou não fazer um sorrisinho. Começou a teclar, depois disse qualquer coisa para o microfone. Riu-se, martelou um pouco mais nas teclas. E depois:

— ‘Brigado, mano.

Ao contrário de quando o via nos corredores da escola — com os ombros encolhidos, a caminhar depressa de olhos baixos —, aqui Toby era o homem mais confiante do mundo.

Arrancou os auscultadores.

— Bem, foi fácil.

— Como assim?

— Tens duzentas mocas?

Maggie semicerrou os olhos.

— Para quê?

— Queres a localização do telemóvel ou não?

— Queres que mande a alguém duzentas mocas? É um príncipe nigeriano?

— Queres localizar o telemóvel? Então, iá. Duzentos e conseguem dar-te as coordenadas de qualquer telemóvel no último mês. O meu amigo diz que é lícito. Os caçadores de recompensas passam a vida a usar este serviço.

— Não parece lícito.

Toby ergueu as mãos.

Maggie refletiu sobre as suas opções. Duzentos dólares era *muito* dinheiro. Andava a dar explicações e a tomar conta de crianças como uma louca para juntar o suficiente para um portátil novo para a faculdade. Mas não queria desiludir o pai.

— Tens a certeza?

— Ele enviou-me um panfleto. É, tipo, uma empresa a sério.

Toby abriu a ligação e Maggie leu sobre o ombro dele. Chamava-se agregador de localizações. As empresas de telecomunicações vendiam quantidades enormes de dados de localização de telemóveis a outras empresas, que as revendiam também a outras empresas, que apresentavam o serviço a bancos e outros, que usavam os dados para verificar o que as pessoas punham nos formulários. O panfleto dizia que os bancos podiam rapidamente confirmar a morada de um cliente olhando para os registos móveis.

— O que é que impede um perseguidor ou cônjuge abusivo de localizar as suas vítimas? — perguntou Maggie.

Toby soltou um suspiro.

— Queres mudar o mundo ou queres localizar um telemóvel?

— Aceitam Venmo?

Toby anuiu.

— Preciso do número de telefone.

Maggie deu-lho.

Toby fez a transação. Bastaram uns toques nas teclas.

— Eles enviam os resultados por *e-mail* nas próximas vinte e quatro horas — disse Toby. — Agora queres contar-me o que se passa?

— Não.

— Tudo bem, então queres contar-me o que aconteceu ontem à noite?

— Não — respondeu Maggie. — Mas dava-me jeito a tua ajuda com outra coisa. — Pestanejou. Toby gemeu. Fez sinal para que ela continuasse. — É

possível ligar para alguém através do FaceTime ou do Skype, mas falsificar a imagem para que pareça outra pessoa?

— Tipo, eu telefonar-te mas conseguir fazer com que parecesse uma pessoa diferente?

— Iá.

— Não sei, tu vais para o MIT — respondeu Toby —, diz-me tu.

Maggie deu-lhe uma palmada.

— Não sejas otário.

Toby pensou no assunto.

— Soa-me a *deepfake*.

Maggie abanou a cabeça. Já ouvira falar de *deepfakes*, mas não sabia muito sobre o assunto.

— Os Russos desenvolveram-nos para interferir nas nossas eleições — disse Toby, carregando no teclado, os olhos habituados ao monitor gigante à sua frente. — É *software* que consegue dar vida às imagens. Usam-no para fazer com que os políticos pareçam que estão bêbedos, ou a dizer ou a fazer coisas que são malvistas. Basicamente põem a cara de uma pessoa no corpo de outra e conseguem fazer com que pareça real. — Toby ergueu o iPhone e começou a gravá-la em vídeo. — Vou mostrar-te.

De súbito, Maggie sentiu-se autoconsciente. O rosto corou.

— Não quero ser filmada. Não...

— Cala-te e diz qualquer coisa chocante. — Continuou a apontar-lhe o telefone. — Diz «O Toby é uma garanhão *supersexy*».

— *Não* vou dizer isso.

Ele olhou para ela por cima do telemóvel.

— Está bem, diz só qualquer coisa.

— Certo — concordou Maggie. — O Eric Hutchinson é um cabrão. Um enorme cabrão!

Toby baixou o telemóvel. Acenou como se concordasse. Era difícil perceber quanto saberia através da fábrica de rumores *online* e, felizmente, ele não insistiu.

— Existe código aberto que uns tarados da pornografia desenvolveram com base na tecnologia russa — disse Toby, enquanto carregava o vídeo a partir do seu telemóvel.

Maggie fez uma expressão como se ele estivesse a reinar com ela.

— A sério. Desenvolveram-no para poderem pôr a cara de atrizes famosas em

vídeos pornográficos. Posso mostrar-te se...

— Eu acredito em ti.

Ele fez um encolher de ombros que queria dizer *como queiras* e voltou a virar-se para o computador.

— Muito bem — disse —, quem é a tua atriz favorita? Ou cantora, ou o que for.

Maggie ficou em branco durante uns segundos. Não era uma pessoa que tivesse muita cultura *pop*.

— Experimenta a RBG — disse Maggie.

Toby fez uma careta, abanou a cabeça.

— E que tal alguém que não seja, estilo, setenta anos mais velho que tu?

— Disseste que o *software* era bom...

Toby suspirou, depois foi buscar imagens de Justice Ruth Bader Ginsburg. Maggie viu então no ecrã o clipe de vídeo que ele acabara de gravar dela. Sem maquilhagem, com papos nos olhos, cabelo por pentear. Ao mesmo tempo, achou que parecia mais adulta, mais dura. A mente saltou para ela a dar uma joelhada a Eric nos tomates. Era uma durona, disse a si mesma. E aquele idiota não lhe ia levar a melhor.

Noutro monitor, passaram centenas de imagens de RBG.

— Isto vai demorar cerca de vinte minutos — disse Toby. — Posso fazer uns rolos de piza, se quiseres ficar.

— Oh, *adorava* comer rolos de piza — respondeu logo Maggie. Lembrava-se de eles os dois no terceiro ciclo, a ver televisão e a comer uma pilha de aperitivos que faziam arder o céu da boca.

Toby desapareceu, depois regressou com um prato cheio de rolos de piza. Enquanto comiam, contou-lhe os seus planos. Ia tirar um ano para trabalhar no seu projeto secreto. Os pais tinham concordado com o prazo de um ano, se até lá não conseguisse sustentar-se, iria para Cambridge.

— Estás entusiasmada com o MIT? — perguntou.

— Sim, mas um bocado nervosa por deixar o meu pai.

Ele começou a dizer qualquer coisa, mas interrompeu-se.

— Como é que está a correr o caso do teu irmão? Isto tudo — apontou com o queixo para o monitor do computador que ainda estava a passar imagens de RBG a toda a velocidade — tem alguma coisa a ver?

Maggie foi poupada à explicação quando Toby reparou que o programa chegara ao fim.

— Pronta? — perguntou.

Maggie anuiu.

Toby limpou as mãos às calças e regressou para o seu posto de trabalho. No ecrã estava uma imagem parada de Ruth Bader Ginsburg. Mas estava vestida com as roupas de Maggie. Toby clicou no rato e o vídeo começou. Era ao mesmo tempo espetacular e perturbador. A falecida RBG estava na garagem de Toby e dizia:

— O Eric Hutchinson é um cabrão. Um enorme cabrão!

— Como raio...? — exclamou Maggie, impressionada.

Toby sorriu abertamente, orgulhoso.

— Dá-me uma hora para ajustar a iluminação e diminuir as partes desfocadas à volta da cabeça dela — apontou para o ecrã — e seria preciso um especialista para distinguir que é falso.

Maggie abanou a cabeça.

— Passa outra vez.

Ele obedeceu. Desta vez Maggie examinou de perto. A boca de RBG movia-se sincronizada com as palavras de Maggie. A cabeça era proporcional ao corpo de Maggie.

— Consegues fazer isto para qualquer pessoa se tiveres uma imagem?

— Iá, embora, quanto mais imagens da pessoa tiver, melhor a qualidade. Mas estes tipos da pornografia passaram muito tempo nisto, por isso a tecnologia é fiável.

Nunca subestimar o poder de um gajo sinistro com demasiado tempo livre.

— Fizeste um vídeo. Seria possível alguém fazer isto para uma videochamada?

— Provavelmente — respondeu Toby. — Mas se o autor da chamada não tiver falado muito, também podem simplesmente fazer com que pareça em tempo real quando, na realidade, puseram só a passar um vídeo já gravado.

— Podes fazer mais um para mim? — pediu Maggie.

— Claro — respondeu Toby, dando uma dentada no rolo de piza, molho vermelho a pingar-lhe para o queixo.

Maggie inclinou-se sobre o ombro dele e teclou no computador, indo buscar a Netflix.

— Estás à procura da imagem de quem? — perguntou Toby.

Maggie não respondeu. Limitou-se a clicar no rato, andando para a frente até encontrar o que precisava. Parou numa imagem. O rosto bonito de Charlotte estava a olhar para eles.

Maggie endireitou-se, compôs o cabelo.
— Preciso que me filmes outra vez.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 8
«O Participante Desconhecido»

INT. DE CARRO – ROMPER DO DIA

O vice-governador NOAH BRAWN olha em frente para o sol a lançar clarões sobre os campos de milho de ambos os lados da autoestrada de duas faixas.

NOAH

Conheço o detetive Ron Sampson há anos. Não creio que fosse intenção dele coagir a uma falsa confissão. A polícia de Adair nunca tinha lidado com um caso de homicídio, nem nunca tinha tido formação sofisticada em interrogatórios. E até as boas pessoas, profissionais dedicados do sistema, cometem erros. É uma das terríveis verdades do nosso sistema judicial supostamente infalível: pessoas inocentes são presas, não apenas por causa de injustiças hediondas, mas também por causa de erros humanos devastadores.

ENTREVISTADOR (FORA DO ECRÃ)

Falámos com especialistas em interrogatórios que não foram tão clementes com o detetive Sampson e a parceira.

NOAH

Compreendo. É difícil ver o interrogatório. Mas acredito que o Ron tinha as suas próprias dúvidas e queria continuar a investigar, mas foi impedido pelo procurador do estado.

ENTREVISTADOR (FORA DO ECRÃ)

Não é fã de Rusty Halford?

NOAH

Nem me dê corda.

ENTREVISTADOR (FORA DO ECRÃ)

O caso do Danny inspirou todo o trabalho que tem feito em prol

da reforma da justiça criminal?

NOAH

Sem dúvida. Quinze por cento dos casos registados no National Registry of Exonerations incluíam confissões falsas. Quase um terço envolve identificações por testemunhas oculares, que sabemos serem notoriamente pouco fiáveis. Testemunhos de informadores em prisões constituem outros quinze por cento. Estamos a tentar corrigir isso no Nebraska e também a nível nacional.

ENTREVISTADOR (FORA DO ECRÃ)

Parece um tema bastante pessoal para si.

NOAH

Pode crer, caraças – desculpe a linguagem. Conheço a mãe do Danny desde o liceu. E conhecia a Charlotte. Depois de a minha mulher ter falecido, costumava comer no restaurante onde ela trabalhava algumas vezes por semana. O meu filho andou na escola com estes miúdos todos. E ofende-me que o procurador tivesse uma informação sobre um homem desconhecido na festa nessa noite e outro relatório sobre crimes sinistramente semelhantes num estado vizinho, e não os desse à defesa. Não é assim que funciona um sistema justo.

ENTREVISTADOR (FORA DO ECRÃ)

Acredita que o Participante Desconhecido e o Esmagador são a mesma pessoa?

NOAH

Para parafrasear o meu filho: «Dah.»

CAPÍTULO 28

OLIVIA PINE

ANTES

Liv forçou-se a beber outro gole do café horrível da loja de conveniência enquanto estacionava no parque próximo do centro da cidade de Lincoln.

Subiu as escadas do edifício State Capitol, passou pela segurança e entrou num dos elevadores que levavam aos gabinetes interiores da estrutura ornamentada. Lembrava-se de ter feito o mesmo percurso dois anos antes, logo após o documentário ter sido lançado. Na altura fora ver se Noah conseguia convencer o governador Turner — um bajulador com cara de sapo no cargo há três décadas — a apoiar a petição de Danny por um perdão. Um tiro no escuro, sim. Mas Noah tivera um papel importante em *Uma Natureza Violenta*: o político a bater-se pela justiça. O seu rosto bem-parecido aparecia ao longo dos dez episódios. Os documentaristas tinham gostado particularmente de o filmar a conduzir de sua casa em Adair para a capital do estado enquanto discorria sobre a reforma da justiça criminal. A sua defesa de Danny e a censura do sistema que o condenara eram eloquentes.

Mal não fazia que Noah fosse de Adair. Fora presidente do município antes de ter sido eleito vice-governador. O filho fora colega de Danny. Mas, acima de tudo, tinha uma ligação muito pessoal àquela noite terrível: tinha sido o filho de Noah a dar a festa onde Charlotte fora vista com vida pela última vez. A maioria dos políticos teria tentado distanciar-se do caso, mas Noah assumira-o. Liv nunca soube se fora por lealdade a ela ou por culpa pela festa onde Danny consumira tanto álcool que não se conseguia lembrar de nada dessa noite.

O documentário fizera de Noah um quebra-corações da Internet, o político viúvo e fioso a tentar libertar um homem inocente. Mulheres de certa idade faziam comentários sugestivos sobre ele no Facebook. Participara numa digressão em que dava palestras sobre o problema das condenações injustas. Fora até convidado do programa *Bill Meyer* e de alguns programas políticos, um caso raro para os vice-governadores de um estado do interior.

Liv encaminhou-se para o gabinete de Noah. A rececionista, uma mulher bonita na casa dos vinte anos, cumprimentou-a com um sorriso plástico.

— Olá — disse Liv. — Chamo-me Olivia Pine. Gostaria de falar com o vice-

governador Brawn.

A jovem teclou no computador. Com os olhos a percorrer o monitor, disse:

— Não estou a ver nenhuma marcação.

— Não tenho marcação. Somos velhos amigos. Não vivo cá, estou de visita. Pode dizer-lhe que a Liv se encontra aqui?

A rececionista sorriu, não tão afável como antes.

— Por favor, sente-se.

Alguns minutos depois, um jovem saiu dos gabinetes e Liv foi apanhada de surpresa.

— Senhora Pine?

Tinha as mangas da camisa dobradas até aos cotovelos e os olhos cinzento-azulados do pai.

— Oh, santo Deus, Kyle. Estás tão crescido.

Liv sentiu uma súbita dor no peito. Ver o filho de Noah, antigo colega de Danny, inundou-lhe os pensamentos com os «e se...» e os «como poderia ter sido...».

— Como está? — perguntou Kyle enquanto trocavam um abraço desajeitado. Noah dissera-lhe uma vez que Kyle sentia imensa culpa por ter dado a festa. Liv nunca o acusara; era um miúdo. O delegado de turma a embarcar no seu primeiro ato de rebeldia, mesmo que fosse só para impressionar os desportistas. E a verdade era que, se Danny e Charlotte não tivessem ido àquela festa, teriam estado noutra qualquer. Liv e Evan tinham uma discussão recorrente em que se culpavam mutuamente pela supervisão descuidada do filho.

— Estou bem — respondeu Liv. — E tu? Estás a trabalhar para o teu pai?

— A tempo parcial. Estou na faculdade de direito da UNL.

— Que bom, Kyle, isso é ótimo. — Liv voltou a sentir a dor.

Kyle não lhe perguntou porque ali estava, limitou-se a guiá-la pela porta até à parte de trás do escritório e depois para o gabinete do pai.

Noah contornou a secretária.

— Que surpresa.

— Espero que não seja má.

— Estás a brincar comigo? — Abraçou-a. Ambos fizeram questão de dar umas palmadinhas nas costas um do outro. — Vejo que já conhecestes o bode expiatório do escritório. — Pôs a mão no ombro de Kyle.

— Conheci, sim. Julguei que estava a ver uma fotografia tua da faculdade.

— Mas sem a poupa — acrescentou prontamente Kyle com uma breve

gargalhada.

— Ei, era assim que se usava. Diz-lhe como eu era fixe, Livie.

Ouvir o antigo diminutivo desconcertou-a.

— Ele sem dúvida *achava* que era fixe — disse Liv, lançando a Kyle um sorriso cúmplice.

— Vou deixar-vos pôr a conversa em dia — disse Kyle.

— Gostei de te ver, Kyle — despediu-se Liv.

Noah guiou-a para a zona dos sofás. Ela ocupou uma poltrona em frente a ele no canapé. O gabinete estava decorado com gosto, à exceção da parede da vaidade. Dezenas de fotografias emolduradas de Noah com políticos e pessoas famosas. Os seus olhos foram dar com uma dele e George Clooney sentados a uma mesa comprida, como se fosse um painel de discussão, com um ar adequadamente sério. *Uma Natureza Violenta* não atirara somente a família de Liv para a ribalta.

— Ouvi dizer que vais ser promovido — comentou Liv.

Ele fez um meio-sorriso conhecedor.

— Se soubesse que vinhas à cidade, ter-te-ia levado a almoçar. Ou...

— Foi à última hora — explicou Liv. — O meu pai...

— Oh, não. Espero que esteja bem.

— Está bem. Prestes a ser despejado do lar, mas bem.

— Ah, sim?

— Tem feito a vida negra ao pessoal.

Noah riu-se.

— Do Charlie não esperaria menos. Também tive direito a isso no meu tempo.

Liv sorriu.

— Estou mesmo contente por teres cá dado um salto — disse Noah. — Pensei que depois da última vez... — interrompeu-se.

— Desculpa isso. Não estava num bom momento.

— Não, eu é que devia pedir desculpa.

— Que tal se começássemos do zero?

— Apoiado — respondeu Noah. — Vi que o Supremo Tribunal recusou o recurso.

Liv assentiu.

— E ouviste dizer que serei nomeado governador e queres saber se posso ajudar no processo do indulto...

— Oh, Noah, não — começou Liv. — Não, risca o que acabei de dizer, sim, claro que gostaria de ter ajuda, mas não foi por isso que vim.

— Não?

— Vim por causa de um favor *diferente*.

Noah sorriu. Os dentes dele pareciam mais brancos, mais direitos do que dantes. Facetas de porcelana, pensou. Fosse o que fosse, melhorara com a idade. O tempo favorecia injustamente os detentores de um cromossoma Y.

— A minha irmã e o diretor do lar magicaram uma coisa. Julgam que o futuro governador pode contornar alguma burocracia relativa aos problemas de licenciamento da empresa, e estariam dispostos a fazer vista grossa a alguns problemas, hum, de comportamento do meu pai.

— Ah, foi o Dennis Chang que te persuadiu a cá vir.

— Em circunstâncias normais, não faria o pedido, mas vão expulsar o meu pai. Não temos mais nenhuma opção. E...

— Tudo bem — disse ele. — Está feito.

Liv não percebeu.

— Como assim? Achas que podes ajudar?

— Não, o que estou a dizer é que está feito — respondeu Noah. — Depois de não ter conseguido nada com o Turner, há meses que o Chang tem andado em cima de mim por causa dos problemas de licenciamento. Querem abrir mais instalações e têm estado num limbo.

— A sério? É isso?

— A sério. Volta lá. Diz-lhe que vai receber boas notícias até ao fim da próxima semana. Mas só se garantir que o teu pai pode lá ficar o resto da vida.

— Mas e se... Tens a certeza de que é legal? Não quero que te metas em problemas.

— Confia em mim. Diz-lhe só que, se o teu pai tiver lugar garantido para sempre, receberá boas notícias até ao fim da próxima semana. Se ele disser que não, vais ter de arranjar outra solução, uma vez que ele vai receber as boas notícias de qualquer maneira. A questão do licenciamento teve luz verde há dois dias. — Lançou um sorriso.

— Isto é espantoso. Não imaginas o alívio... Não te posso agradecer o suficiente por me dizeres.

— Podes, sim.

Liv lançou-lhe um olhar.

— Vou jantar com o Kyle e com o parceiro ao Vincenzo's amanhã à noite. Janta

connosco — convidou.

— Não sei... — respondeu ela. — Tenho o Tommy comigo, não passei tempo nenhum com a Cindy e vamo-nos embora já no domingo e...

— Eles que venham também — sugeriu ele.

— Tenho de falar com a Cindy.

— Fazemos assim, Livie — disse Noah, dirigindo-se para a secretária. Pegou numa caneta e escreveu algo num papel. — Tens aqui o meu número de telemóvel. Fala com a Cindy e, se puderes, avisa-me. Adorava pôr a conversa em dia.

— Eu tenho o teu número — retorquiu Liv.

— Tive de mudar depois do documentário — disse ele.

— Os teus fãs apaixonados — comentou ela.

— Nem todos eram fãs — volveu ele.

Liv examinou o papel. Era papel de carta oficial: espesso, com o nome de Noah e o selo do estado no topo. Não mudara nos últimos sete anos. Pelo menos, desde a manhã em que ele lhe deixara o recado na almofada do quarto de hotel a dizer que tinha de chegar a casa cedo para lidar com as repercussões da festa do filho em casa — aquela que acabou por mandar o filho dela para a prisão.

CAPÍTULO 29

MATT PINE

Matt acordou com uma pancadinha no ombro. Sentou-se rapidamente, franzindo os olhos ao sol luminoso, confuso durante um segundo, mas depois lembrou-se de que adormecera na praia. Diante dele estava um jovem mexicano com um polo branco e bermudas beges. Outros homens vestidos de forma semelhante estavam a montar chapéus de sol, a desdobrar cadeiras de praia e a alisar a areia. Matt olhou na direção do mar. Era cedo e poucas pessoas estavam na praia. Um casal com duas crianças caminhava ao longo da areia molhada, à procura de conchas e a fugir das ondas.

— Lamento, senhor, mas esta zona é apenas para clientes — disse o homem.

— Eu sou cliente. — Matt pôs-se de pé, sacudiu a roupa e caminhou para a passadeira que ia dar ao hotel, na esperança de que o homem não o confrontasse com a sua intrujice. Continuou pela porta das traseiras do vestíbulo, os ténis húmidos a chiar enquanto avançava para a entrada. Do lado da frente, o paquete chamou-lhe um táxi para a esquadra da polícia.

Levou quinze minutos a chegar. Inspirou fundo antes de entrar pela porta, que se mantinha aberta com um tijolo.

O vestíbulo era uma sauna. Não se lembrava de no dia anterior estar tanto calor. Atrás do balcão estava a mesma rececionista. Tinha uma velha ventoinha de metal em cima da secretária, a fazer circular o ar quente. Lançou-lhe um ar compassivo e ele temeu que a situação do dia anterior se repetisse.

Mas desta vez ela agarrou no telefone, murmurou algo e depois pousou o auscultador. Levou Matt a uma sala pequena, esta ainda mais a ferver que a zona da receção. Sem dizer uma palavra, fez-lhe sinal para que se sentasse e depois desapareceu.

Foi uma longa espera. A sala tinha paredes brancas com dedadas e estava decorada apenas com uma mesa riscada e três cadeiras. Encontrava-se silenciosa, à exceção do zumbido das luzes no teto. Matt pensou em Danny sentado numa sala como aquela. O cenário — isolado e sem janelas, o ar quente e espesso — era intimidante. Acrescente-se alguns polícias demasiado agressivos e não era de admirar porque é que algumas pessoas confessavam mesmo sem terem cometido crimes. Só queriam sair da situação, da sala. Quase se sentiu mal pelo irmão.

A porta abriu-se e entrou um homem de ar severo vestido com uma farda preta da polícia e botas de combate que não combinavam com o clima.

— *Señor* Gutierrez? — perguntou Matt, levantando-se e estendendo a mão.

Gutierrez não lhe apertou a mão. Em vez disso, puxou uma cadeira com brusquidão e sentou-se à frente dele.

Matt voltou a sentar-se, o polícia continuava a fulminá-lo com o olhar. Podia pensar-se que perder a família talvez granjeasse alguma compaixão, ou pelo menos civismo. Mas Gutierrez parecia irritado com a presença de Matt.

— Disseram-me que precisavam que eu assinasse alguns documentos para me entregarem a minha família e ela poder ir para casa — disse Matt.

— Quem lhe disse isso? — perguntou Gutierrez num inglês com sotaque. O tom era claro, acusatório.

Matt encarou-o por um momento, apanhado de surpresa.

— A Agente Especial do FBI Sarah Keller. Disse que o consulado...

— *Pfft*. — Gutierrez fez uma expressão carrancuda. — Entregámos os corpos ontem.

Matt sentiu a pulsação no maxilar.

— Então já...

— A investigação está encerrada.

Matt digeriu aquilo. A viagem inteira fora para nada. E a investigação fora encerrada? Só tinham passado alguns dias. Tendo em conta a compostura do tipo, duvidou de que tivessem feito alguma investigação como devia ser. Olhou para Gutierrez e perguntou:

— E...?

— E o quê?

— E o que é que a vossa investigação concluiu?

Os olhos de Gutierrez escureceram.

— Pergunte aos seus amigos do FBI e do consulado.

— Ouça, isto para si pode não ser importante, e pode não ter o material necessário para este tipo de investigação, mas a minha família morreu. Por isso, agradecia se...

— Quer faltar-me ao respeito, rapaz? — O homem sacou de um cassetete que tinha preso a uma argola no cinto e bateu com ele na mesa.

Matt engoliu em seco com força.

— Não estou a faltar-lhe ao respeito. Estou... Esqueça. — Que se lixasse. Não ia conseguir ir a lado nenhum com aquele tipo. Levantou-se para se ir embora.

— Não disse que podia ir. Sente-se. — Uma vez que Matt não obedeceu, Gutierrez levantou-se e agarrou no cassetete com a mão direita. — *Sente-se!*

Matt ergueu as mãos, em sinal de desistência, e sentou-se devagar na cadeira.

— Não é minha intenção ofender — disse Matt. O que não era verdade. Mas, se aprendera alguma coisa com o pai, era nunca subestimar o poder de um polícia zangado. Quando o pai dava palestras sobre o caso de Danny, avisava sempre os pais para ensinarem os filhos a tratar os polícias como um cão grande que não conheciam. A maioria dos cães era amigável, mas, mesmo assim, não se ia a correr fazer festas ao bicho; ter-se-ia cuidado, para ter a certeza de que não mordia. E certamente nunca se provocava com um pau. O mesmo valia para os polícias. A maioria eram pessoas decentes e trabalhadoras. Mas a profissão também atraía uma certa laia. Como no caso de um cão raivoso, podia não se distinguir o bom do mau até ser demasiado tarde.

— Por isso, digam aos vossos filhos que, por muito zangados que estejam, por muito injusta que possa ser a situação — dizia o pai —, devem ser excessivamente respeitosos, excessivamente prudentes e não fazer movimentos súbitos... Pode salvar-lhes a vida.

Matt seguiu o conselho.

— Não tem sido fácil — disse Matt. — Não queria mostrar falta de consideração. Estive acordado toda a noite.

— Eu sei. A confraternizar com prostitutas.

— Do que é que...

Nesse momento uma mulher entrou intempestivamente na sala, com a rececionista no seu encalço. A mulher vestia um fato formal e tinha o rosto contorcido de raiva. Começou a admoestar Gutierrez em espanhol.

Gutierrez respondeu algo num tom igualmente áspero. Os olhos de Matt saltavam de um para o outro, uma partida de ténis de insultos que ele não conseguia compreender.

Por fim, a mulher apontou um dedo severo a Gutierrez. Disse algo como se fosse um último aviso.

Para surpresa de Matt, Gutierrez, tão afoito momentos antes, recuou.

A mulher olhava agora para Matt.

— Vamos, senhor Pine.

Gutierrez não tentou detê-los.

No exterior, a mulher entregou um cartão de visita a Matt.

— Chamo-me Carlita Escobar, sem relação, do consulado.

— Pensei que o senhor Foster fosse o encarregado...

— Ele foi transferido. Sou eu que estou a tratar do seu caso.

Matt não sabia o que estava a acontecer, mas também não lhe importava. Só queria sair dali.

— O polícia disse que os meus pais foram entregues ontem.

— É verdade. Os funcionários seniores do Ministério dos Negócios Estrangeiros insistiram e eu tive de passar por cima da autoridade do Gutierrez. Tem alguns amigos importantes, senhor Pine.

Matt não sabia o que ela queria dizer com aquilo, mas, mais uma vez, não lhe importava. As últimas vinte e quatro horas tinham sido aquilo a que o seu amigo Ganesh chamaria um «pequeno-almoço de cão».

— Para onde é que enviaram a minha família?

Escobar tirou o telemóvel da mala e tocou no ecrã como se estivesse à procura dos pormenores.

— Nebraska — respondeu. Pronunciou *Ni-Barasca*, como se nunca tivesse ouvido falar do sítio. — Seguiram num voo ontem à noite.

Fazia sentido. O talhão da família era em Adair. Alguém devia ter falado com a tia.

— Temos um carro para o levar ao aeroporto. — Fez sinal para um carro estacionado perto. — É melhor ir já — disse Escobar e lançou um olhar à esquadra. — Devia sair de Tulum.

CAPÍTULO 30

SARAH KELLER

O sol matinal brilhante refletia-se nos arranha-céus que se alinhavam na Michigan Avenue. Sarah Keller caminhou pelo átrio da torre de escritórios, a sua primeira visita à sucursal de Chicago da Marconi LLP. Analisara a empresa durante dois anos — falara com antigos funcionários, escrutinara registros bancários, estudara as vidas dos executivos —, por isso era estranho visitar o local em pessoa. Sediada em Nova Iorque com escritórios em mais nove estados, a firma não era corrupta, pelo menos Keller não achava que fosse. Só a filial de Chicago.

Formara-se uma fila na recepção principal do número 875 da North Michigan Avenue, homens e mulheres em fatos formais a registarem-se para reuniões nas firmas de advogados, empresas de telecomunicações e outras que existiam na impressionante torre de cem andares. Keller aguardou pacientemente, depois mostrou o distintivo ao segurança da recepção. Sem hesitação ou perguntas, este deu-lhe um cartão de acesso. Não trabalhava para a Marconi, e a sua função era garantir que ninguém chegava aos elevadores sem autorização. Não ia fazer a vida negra ao FBI. Este tipo não sofria de paralisia de análise.

Keller subiu no elevador juntamente com executivos a olhar para os telemóveis. Sorriu para o rapaz de vinte e poucos anos de calças largas que segurava um tabuleiro com quatro cafés. Os ouvidos de Keller entupiram devido à altitude.

Acabara de passar duas horas com uma equipa da divisão de Chicago, a pô-los a par da investigação. Tal como Stan avisara, o agente especial responsável de Chicago era um bocado brutamontes e estava mais do que disposto a fazer uma rusga à Marconi para mostrar o que valia. Ela convencera-os a irem com calma. Enviaria um sinal — um único clique de uma caneta que na realidade era um transmissor — se eles tivessem de entrar pelos escritórios. Não queria fazê-lo. Preferia continuar a construir o caso. Mas supunha que já tinham as provas incriminatórias. Pagamentos de várias contas controladas pelo cartel. A rede intrincada de investimentos e empresas de fachada para lavar os fundos. O retorno do dinheiro, menos uma comissão pesada. Mas não tinham uma única testemunha que pudesse montar a história para um júri. R. Stanton Jones, a

fonte interna original e o delator que os fizera iniciar a investigação, desaparecera. Era possível que tivesse sido passado num cortador de madeira ou dissolvido num bidão de ácido, métodos favoritos do cartel Sinaloa. Ou talvez tivesse só decidido mudar de identidade e começar do zero. As escutas aos telefones da Marconi não revelavam quaisquer pistas sobre o que acontecera ao contabilista de meia-idade. Os executivos da Marconi pareciam tão atónitos com o desaparecimento de Jones como qualquer outra pessoa.

A equipa de Keller abordara outros antigos funcionários e obtivera boas informações, mas ninguém que soubesse os podres mais podres, aqueles de que Keller tomara conhecimento depois de ter passado quase dois anos a rastrear e a localizar os registos. Tencionava falar com Evan Pine, porque os funcionários despedidos tinham sempre mais probabilidades de se virar contra as empresas, mas ele morrera antes de ela ter tido a oportunidade. Fora assassinado, como especulavam os realizadores? Ou fora um homicídio seguido de suicídio? Com base na análise do histórico da Internet, a equipa de informática forense da Agência acreditava que fora Evan, não Liv, a fazer as buscas que sugeriam que estava a planear ir desta para melhor. E talvez estivesse. Mas assassinar a mulher e os filhos? Tudo o que ficara a saber sobre ele dizia que não mataria a família. Quase todas as suas buscas *tinham que ver* com deixá-los bem depois de desaparecer.

Keller saiu do elevador e entrou no complexo pertencente à Marconi. Era tal e qual como esperava: nem demasiado polido nem demasiado extravagante. Elegância implícita. Ninguém queria uma empresa espampanante a lidar com o seu dinheiro.

Vamos corrigir, a rececionista era vistosa, espantosamente bonita, com as feições simétricas de uma modelo. Keller observou a mulher com atenção enquanto se aproximava. Podia inferir-se muito a partir das primeiras impressões. As rececionistas das empresas — em especial de filiais mais pequenas como a Marconi Chicago — normalmente sabiam onde os corpos estavam enterrados. Viam quem entrava e saía, eram incluídas nos círculos de mexericos das secretárias e precisavam que *alguma coisa* as fizesse aguentar o emprego entediante. Ficaria a mulher com um ar preocupado? Assustado? Indiferente? Ou entusiasmado com uma quebra na rotina?

— Olá — saudou Keller, num tom suficientemente afável. — Sou a Agente Especial Keller. Vim falar com Devin Milbank. — Keller mostrou o distintivo e observou o rosto da mulher.

— Só um momento, por favor — respondeu ela. A mulher sorriu, mas Keller viu um espasmo. Um lampejo mal discernível nos olhos.

A rececionista tocou no teclado e disse para o microfone dos auscultadores:

— Sheryl, tenho aqui uma Agente Especial Keller do FBI para falar com o senhor Milbank. — Seguiu-se um longo silêncio enquanto ouvia o que diziam do outro lado. — Não, não disse. — O olhar da mulher voltou a Keller. — Se quiser sentar-se, agente Keller, alguém já virá ter consigo.

— Prefiro ficar de pé — respondeu Keller, só para ver a reação da mulher. Outro sorriso, outro nervoso enrolar do cabelo.

Keller aguardou pacientemente, contemplando a vista fabulosa, o cimo de outros arranha-céus e a água verde do lago Michigan a espalhar-se no horizonte. Passaram quase dez minutos até outra mulher, mais uma vez bonita, aparecer no vestíbulo. O atraso significava que os executivos estavam a ter uma pré-reunião. Provavelmente em pânico. A mulher acompanhou Keller à porta de uma sala de conferências com paredes de vidro. O vidro era fosco, por isso ela não conseguia ver lá para dentro.

A mulher segurou a porta. Dois homens levantaram-se quando Keller entrou.

O primeiro era mais alto do que esperava. Só o vira em fotografias e na comunicação social. Era o diretor da Marconi Chicago, Devin Milbank. Se a sucursal era corrupta — e era —, então ele também era.

— Agente Especial Keller — disse ele no seu tom grave de barítono. Apertou-lhe a mão, com firmeza e muito contacto visual. Fez sinal para o outro homem, que era quase trinta centímetros mais baixo do que Milbank, rotundo num fato às riscas. — Apresento-lhe Mel Bradford, o nosso conselheiro geral. — O homem estendeu as suas mãos com dedos de salsicha e deu a Keller um aperto estilo grampo.

— Estamos à espera de mais alguém? — perguntou Milbank.

— Sou só eu — respondeu Keller.

Ele acenou como se isso o impressionasse. Ou talvez o deixasse aliviado: a reunião não podia ser sobre nada sério, se tinham enviado uma mulher sozinha.

Sentaram-se perto da ponta da comprida mesa brilhante.

Milbank começou:

— Não é todos os dias que recebemos uma visita do FBI. Como podemos ajudá-la, agente Keller?

— Estou aqui por causa de Evan Pine.

O advogado ao lado de Milbank pareceu descontrair de imediato. Sentou-se

de forma mais natural, menos rígido na cadeira de pele.

— Nem queríamos acreditar — comentou Milbank. — Que tragédia.

Keller concordou.

— Parece ter sido um acidente — começou —, mas quando um americano morre no estrangeiro em circunstâncias pouco habituais, temos de averiguar.

— Compreendo — disse Milbank. — Recebemos vários telefonemas de jornalistas. Depois daquele programa de televisão, o Evan era quase uma celebridade.

— Quanto tempo trabalhou o senhor Pine aqui? — Keller já sabia, mas precisava de começar por algum lado, pô-lo a falar.

— Neste escritório, uns sete anos. Antes disso, estive na filial de Omaha quase vinte anos. A firma deixou-o pedir transferência por causa da questão do filho. A família precisava de um novo começo. — Não mencionou que despedira Pine.

— Pode dizer-me quem eram os amigos mais chegados do senhor Pine no escritório?

Milbank exalou.

— O Evan não era chegado a ninguém aqui. Era mais ou menos esse o problema.

— Como assim?

— O Evan nunca se envolveu realmente no trabalho. Estava sempre distraído, preocupado. Nos primeiros dois anos achámos só que era da transição. Mas não mudou. Até o documentário ter passado na televisão, não compreendíamos a dimensão dos seus problemas.

— Mas manteve-o durante vários anos. — Fora uma observação, não uma pergunta.

— Ele tinha uma conta importante — explicou Milbank. — A Adair Irrigation era-lhe muito leal. Ficou com ele quase o tempo todo, mesmo depois do programa da Netflix. Ao que parece, um executivo de lá era um velho amigo do sogro do Evan.

— Creio que algo mudou. Quero dizer, sei que o despediu recentemente.

Milbank mudou de posição na cadeira.

— O contacto do Evan na Adair reformou-se, a pessoa que o substituiu fez muitas alterações e foi uma equipa diferente que ficou com as finanças. O Evan delegara quase todo o trabalho quotidiano a outras pessoas aqui, por isso quando a nova equipa da Adair assumiu funções...

— O documentário teve alguma influência? — perguntou Keller. Não tinha de explicar porquê. Evan Pine transmitira a imagem de um homem obcecado, um pouco desvairado, até. Não a de alguém que queremos a lidar com o nosso dinheiro.

— Não ajudou — admitiu Milbank.

Keller estudou Milbank. O seu fato cinzento complementava o cabelo grisalho espesso. Não estava a tentar apressá-la, não era indelicado nem arrogante. Mas continuava tenso, sentia-o.

— Quando foi a última vez que falou com o Evan?

Milbank pensou.

— Provavelmente foi há um ano.

Keller fez uma expressão surpreendida.

— O seu supervisor direto é que lhe disse que ia ser dispensado — explicou Milbank, antecipando-se à pergunta.

Que consideração, depois de mais de duas décadas na empresa. Keller sentiu uma vaga de raiva. Evan tinha família, quatro filhos, e eles indicaram-lhe a saída sem cerimónias.

Keller examinou os seus apontamentos. Podia continuar a fazer todas as suas perguntas, mas seria uma perda de tempo. Conduzira centenas de entrevistas na sua carreira. Continuar pelo mesmo caminho não levaria a lado nenhum.

Devin Milbank estava novamente a sorrir, a interpretar o papel do executivo empresarial que colabora. Keller pensou outra vez nas buscas que Evan Pine fizera na Internet. No seu plano de se matar para salvar a família da ruína financeira. E pensou naquele homem que nem sequer tivera a cortesia de despedir Evan pessoalmente. Keller decidiu seguir o conselho de Stan: já bastava de paralisia de análise. Lançou um olhar ao advogado, que não estava a prestar atenção, de olhos no telemóvel.

— Só mais umas perguntas e deixo-o regressar aos seus afazeres — disse Keller.

— Com certeza — respondeu Milbank. — Tudo em que puder ajudar.

— Há quanto tempo é que o Sinaloa é cliente da firma? — Keller sustentou o olhar de Milbank.

O homem ficou imóvel um longo instante, como se estivesse a forçar-se a não mostrar reação. O advogado já não estava a olhar para o telemóvel.

— Pensei que estávamos aqui para falar de Evan Pine — disse o advogado. — Pelo que sei, o senhor Pine só tinha uma conta importante, por isso não...

— Está relacionado com o senhor Pine — interrompeu Keller. Não era mentira. Ela tencionara falar com Pine sobre se ele sabia de alguma coisa incriminatória contra a firma que o despedira. Mas não importava se era verdade ou não. O que muita gente não sabia era que as forças da autoridade podiam mentir aos suspeitos com impunidade.

Milbank falou:

— Não conheço esse nome, mas em qualquer caso, mantemos os assuntos dos nossos clientes sob sigilo. Não sei se estou a compreender porque...

— É uma pergunta simples.

Os olhos de Milbank recaíram no advogado.

— Agente Keller, teríamos o maior gosto em marcar uma reunião e discutir qualquer assunto que o FBI deseje, mas vou aconselhar o senhor Milbank a não responder a mais perguntas.

— Precisa de telefonar para o México primeiro? — inquiriu Keller. Fez clique com a caneta uma vez.

O advogado levantou-se.

— Receio que esta reunião esteja terminada.

Outra coisa que as pessoas normalmente não sabiam sobre o sistema: um suspeito que não está detido pode sair de um interrogatório e até ser abertamente malcriado com os agentes da autoridade.

Keller abanou a cabeça.

— E estávamos a dar-nos tão bem. — Não abandonou o seu assento.

Tanto o advogado como Milbank estavam de pé.

— Gostaria de saber o nome do seu agente supervisor — disse o advogado. — Acho que ele não vai gostar de saber como...

Keller ergueu uma mão para o silenciar ao mesmo tempo que olhava casualmente para o telemóvel. Percorreu o ecrã, erguendo por fim os olhos para eles.

Os dois homens fitaram-na, sem saberem o que pensar dela. Keller não estava a levantar-se para sair. Estava só ali sentada como se não tivesse uma única preocupação na vida.

O advogado começou a falar outra vez, mas Keller levantou o dedo, calando-o uma segunda vez.

— Tenha calma. — Inclinou a cabeça, encostou a mão à orelha como se estivesse a tentar ouvir alguma coisa. Depois de um longo momento, disse: — Cá estão.

Milbank e o advogado pareciam atônitos.

Depois surgiu o som de passos pesados. A porta abriu-se de rompante, as paredes de vidro vibraram e um homem alto de fato e botas de *cowboy* irrompeu pela sala, seguido de meia dúzia de homens e mulheres de corta-ventos azuis.

Keller tentou não se regozijar enquanto Cal Buchanan entregava ao advogado um mandado de busca. O advogado leu o documento e ficou tão branco como os papéis.

— Chame toda a gente para a sala de conferências — latiu Buchanan para o diretor da Marconi Chicago e o seu conselheiro geral. — *Já!*

Stan tinha razão quanto a Cal: EDC.

Levantando-se finalmente, Keller estendeu a mão para Milbank.

— Dê-me o seu telemóvel, por favor.

O advogado interpôs a sua silhueta pesada entre Keller e Milbank, com a cara vermelha de fúria.

— Por favor, desvie-se — pediu Keller calmamente.

O advogado manteve-se firme.

— Como queira — declarou Keller. Contornou o advogado e algemou-o.

Era provável que mais tarde fosse ouvir coisas sobre esse momento. Advogados às riscas não aceitavam de ânimo leve serem fisicamente dominados. Pelo canto do olho captou um olhar de admiração de Cal Buchanan. *Quem é o EDC agora?*, pensou Keller.

Keller deixou que os agentes fizessem o que lhes competia. Os ficheiros, esperava, revelariam os podres da arraia-miúda, que se viraria contra os chefes, fornecendo o fator humano que faltava ao seu caso contra a Marconi. Senão, teriam de prosseguir apenas com os documentos.

Keller abriu caminho por entre os empregados que arrastavam os pés até à sala de conferências e chegou ao elevador. Enquanto descia, pensou na reunião, como a temperatura na sala mudara quando desviara o tema de Evan Pine para o cartel.

Os seus instintos disseram-lhe duas coisas: primeiro, a filial de Chicago da Marconi LLP seria encerrada naquele ano; segundo, a firma não tinha nada que ver com a morte dos Pines.

CAPÍTULO 31

OLIVIA PINE

ANTES

Liv foi para casa a sentir-se entusiasmada, quase estonteada. O pai poderia ficar no lar. Viera a Adair resolver um problema e fizera-o. Não conseguia lembrar-se da última vez que isso acontecera. Tinha uma sensação de dever cumprido. Telefonou a Cindy para lhe dar a notícia e ver como estava Tommy, e até a sua sorumbática irmã pareceu impressionada.

Os pensamentos de Liv divagaram enquanto percorria a interestadual. Abriu ambas as janelas da frente do carro e viu uma imagem de si mesma em adolescente, a conduzir demasiado depressa na carrinha do pai, o vento a atravessar o habitáculo, o cabelo a dançar no redemoinho. Não pôs a música em altos berros — isso era coisa de Evan e Danny, ouvia o uivo do vento.

Pensou em Noah. Quando era miúdo, o seu maior plano era subir na hierarquia da política local, tornar-se governador e depois concorrer aos grandes campeonatos: ao Senado, ou até a presidente dos Estados Unidos. Tinha o aspeto certo para o papel. Mais bem-parecido agora do que quando era novo, com o rosto perfeitamente simétrico e o caracol na testa como o Clark Kent. Os movimentos lentos e o andar confiante. Como se se tivesse acomodado ao papel. Tornara-se presidente do município de Adair aos trinta e pouco e todos julgaram que, por esta altura, já faria parte da cena política nacional. Mas a vida metera-se no caminho. Tivera um filho, o cancro da mulher. Mesmo assim, abrira caminho por entre as políticas da região agrícola para se tornar o número dois do estado. E agora seria governador.

A sua ascensão tinha um significado pessoal para Liv: não a nostalgia de ver o antigo namorado a realizar os sonhos, mas o facto de Noah ir liderar a comissão de indultos. No Nebraska, o governador não tinha o poder unilateral de conceder indultos. Existia uma comissão constituída pelo governador, o procurador-geral e o secretário do estado. O governador Turner arrasara qualquer perspetiva de indulto, mas Noah poderia fazê-lo acontecer. Só precisava da coragem para isso. Tê-la-ia? Liv sentiu uma pontada de dúvida. Noah era um político nato. Testaria as águas, veria o que as sondagens diriam sobre isso. Estariam os eleitores à espera de que ele usasse o seu recém-

adquirido poder para corrigir a injustiça perante a qual se insurgira no ecrã? Esperar-se-ia que sim. Tudo o que ela podia fazer era tentar.

Se Noah convencesse a comissão a perdoar Danny, talvez, só talvez, a vida pudesse regressar a algo parecido com os dias *Antes*. As coisas não eram perfeitas na altura, claro. E mesmo antes de Danny ser preso, ela e Evan tinham-se afastado. Ela traía o marido. E os filhos. A culpa engoliu-a, mas decidiu sacudi-la.

Hoje não.

Seguiu pela saída para Adair e atravessou a cidade até chegar à familiar estrada rural que conduzia à casa onde crescera. A mente voltou a levá-la aos anos de adolescente. A curva antes da propriedade aproximava-se e planeava acelerar mesmo no ângulo, tal como fazia desde que tinha dezasseis anos, quando chegara a casa com uma carta de condução plastificada.

Antes de a alcançar, tentou ligar novamente para o telemóvel de Evan. Estava em pulgas para lhe dar a notícia. Mas foi diretamente para o atendedor. Ouviu a sua mensagem gravada ao mesmo tempo que o ruído do vento. Evan não mudava a mensagem há anos. Parecia otimista, afável. Como o homem por quem se apaixonara.

Depois do sinal, disse:

— Oi, sou eu. Liga-me quando tiveres tempo. Tenho notícias. — Fez uma pausa. — Boas notícias.

Boas notícias. Já passara tanto tempo desde que tivera algo parecido. Carregou no acelerador e o carro alugado ganhou velocidade. O vento soprou com mais ímpeto quando ela chegou à famosa curva, o cabelo a esvoaçar no carro.

Foi quando viu as luzes vermelhas pelo espelho retrovisor.

CAPÍTULO 32

— A sério? — disse Liv em voz alta enquanto encostava o carro à berma. Não havia mais nenhum veículo na estrada, provavelmente não havia mais nenhum ao longo de quilómetros e, no entanto, a polícia de província tinha-a mandado parar por ir ligeiramente acima do limite de velocidade. O que é que a polícia estava a fazer ali, sequer? Em toda a sua infância, Liv não se conseguia lembrar de alguma vez ter visto um carro da polícia a patrulhar a solitária estrada às curvas.

Começou a vasculhar no porta-luvas, à procura dos documentos do carro alugado, quando ouviu uma batida sonora no vidro.

Erguendo o olhar, ficou cega pelo feixe de uma lanterna apontada ao seu rosto. Não fazia qualquer sentido. Nem sequer estava escuro lá fora. O feixe afastou-se, por fim, e tudo o que viu por um momento foi a luminescência que persistiu. Até que a sua visão ficou suficientemente clara para distinguir o rosto da agente.

O sangue de Liv gelou.

Era ela.

Não tinha como se enganar. Continuava a ter o mesmo cabelo frisado à anos 1980 com franja. A mesma atitude à maria-rapaz. Uma das estrelas do vídeo do interrogatório de Danny, a agente Wendy White.

— Sabe porque a mandei encostar? — perguntou a agente.

Liv respirou fundo. Tinha de conter a raiva. Ouvira o suficiente das conferências do marido para saber que responder torto a um polícia tinha poucos resultados bons. Mas, perante esta mulher, esta criatura sórdida, Liv não tinha tanta certeza de conseguir morder a língua.

— Não faço ideia.

— Por exceder o limite de velocidade.

— Bem, fico contente por os veados e os esquilos estarem agora seguros.

A expressão da agente White ficou sombria.

— Saia do carro, minha senhora.

— Desculpe?

— Disse para sair do carro.

— Não percebo...

— Não vou voltar a pedir, minha senhora.

Liv soltou uma expiração sonora e exasperada, e lentamente saiu do carro.

— Isto é assédio — afirmou.

A agente, que era uns bons quinze centímetros mais baixa que Liv, fez uma cara azeda.

— Assédio? Nem sonha o que é assédio a valer.

Algo na maneira como a agente falou voltou a abalar Liv. Olhou em volta. Só a estrada às curvas e pastagens.

— Ouça — disse Liv, num tom conciliatório. — Não começamos da melhor...

— Silêncio — replicou a polícia. — Vire-se e ponha as mãos sobre o veículo.

— Não está a falar a sério. Não vai mesmo...

O ar foi-lhe tirado quando a agente a voltou e empurrou contra o capô.

— Mãos sobre o carro!

Liv obedeceu. As mãos da agente percorreram-lhe o corpo de cima a baixo, revistando-a bruscamente.

— Mãos atrás das costas.

Ela não ia mesmo algemá-la, pois não? Liv respirava pesadamente, os pensamentos vertiginosos. Pôs as mãos atrás das costas e encolheu-se quando o metal duro lhe bateu nos pulsos.

— Au, está a magoar-me — disse quando a agente apertou demasiado as algemas.

— Vire-se.

Liv virou-se devagar. Os olhos das duas mulheres encontraram-se. Iria mesmo prender Liv? Não podia de maneira nenhuma. Figuraria em todas as notícias: polícia que coagiu falsa confissão de danny pine prende mãe sem motivo. Liv sentiu a bÍlis subir-lhe do estômago. Não era coincidência a agente estar naquela estrada. Devia ter ouvido dizer que Liv se encontrava na cidade.

E ficara à espera.

Se fosse esse o caso, talvez não tivesse qualquer intenção de prender Liv. Sentiu uma gota de suor deslizar-lhe pela ilharga.

Depois, um sinal de esperança. Subindo a estrada, um velho *Humvee*, uma daquelas estranhas carrinhas militares, aproximava-se na direção delas. Liv reconheceu-a: era do amigo e vizinho do pai, Glen Elmore. Um veículo excêntrico para um homem excêntrico. O pai de Liv sempre tivera um fraco por pessoas que resistiam às convenções.

A polícia olhou sobre o ombro para o *Humvee*, que estava a fazer a abordagem à curva depressa. Algo naquele troço de asfalto inspirava um pé pesado.

Virando-se para Liv, a polícia disse:

— Quando um agente lhe diz para fazer algo, é melhor que o faça. — Tinha rugas profundas em redor da boca e a sulcar-lhe a testa, demasiadas para uma mulher da idade dela.

— Isso não funcionou muito bem para a minha família. — Liv sentiu raiva no peito. Não devia tê-lo dito, mas a carrinha de Glen aproximava-se. Ele certamente que reconheceria Liv e pararia para ver o que se passava.

A agente White entrou no espaço pessoal de Liv. Cheirava a cigarros e café amargo.

— Pelo menos ainda tem família. A mulher e os filhos do Sampson não têm tanta sorte.

Sampson. Não estava só em questão o modo como o documentário arrasara a reputação de White, mas a morte — o suicídio — do seu parceiro, Ron Sampson. A comunicação social especulava que se deveria à pressão de ser vilanizado no documentário. Os telefonemas e as ameaças para a esquadra. A humilhação pública.

Felizmente, o *Humvee* de Glen parou atrás do carro de Liv.

— Volte para o seu veículo — exclamou White para Glen quando ele saltou do interior semelhante a um tanque.

— Olivia, ouvi dizer que estavas por cá. É bom ver-te, querida — disse Glen, ignorando White. — Como está o teu pai?

Liv sorriu.

— Está bem. A meter-se em sarilhos no lar.

Glen retribuiu-lhe o sorriso.

— Tal como eu esperava. Tenho de ir lá vê-lo. Já passou muito tempo. — Virou-se para a polícia. — Wendy White, o que é que está a fazer, por amor de Deus?

— Eu disse-lhe para voltar para o seu veículo, Glen.

— Jovem, eu já conhecia o seu pai quando você ainda só existia nos planos dele, por isso não me diga o que fazer.

A boca de White transformou-se numa linha.

— Isto é um assunto de polícia.

— O tanas. Tire-lhe as algemas antes que dê cabo do que resta da sua carreira. Por amor dos santos. — Glen abanou a cabeça. — Não me apetecia ligar para o

xerife Graham.

White inspirou fundo, franziu o rosto. Puxou as chaves do cinto e abriu as algemas.

Liv massajou os pulsos, que estavam vermelhos das grilhetas.

A agente caminhou furiosamente para o seu carro-patrolha sem dizer uma palavra. Acelerou o motor e depois arrancou bruscamente, lançando poeira no ar.

Liv abraçou Glen para o cumprimentar.

— Lamento o que aconteceu — disse Glen. — Ela tem andado um caos desde aquele programa de televisão. Toda a cidade tem estado rabugenta.

— Lamento — respondeu Liv, sem saber porque estava a pedir desculpas por responsabilizar aquele fim do mundo pelo que fizera à sua família.

— Que ardam todos no inferno.

Ela sorriu em resposta.

— Como está, Glen?

— Podia queixar-me, mas não o vou fazer.

— A Doris?

— Faleceu.

— Tenho muita pena — respondeu Liv. — Não sabia. Ninguém disse...

— Bem, vamos lá — interrompeu ele. Tal como quando era miúda, Glen era um homem de poucas palavras e ainda menos emoções.

— Muito bem, então — retorquiu ela.

CAPÍTULO 33

SARAH KELLER

— Tem sido horrível. A Maggie, ela era... — a diretora da escola olhou para o teto, à procura da palavra certa — era *exemplar*. Uma rapariga afável cuja família passara por tanta coisa e mesmo assim ela era positiva, uma luz brilhante. Entrou para o MIT, e estava tão entusiasmada...

Keller assentiu. A Sr.a Flowers usava uma blusa vaporosa com um colar pesado de madeira. O seu gabinete na Naperville High School estava repleto de fotografias dela com alunos. Bugigangas de viagens, muitas de países africanos, pelo aspeto. Keller conseguia imaginá-la a cumprimentar os estudantes todas as manhãs. O tipo de mulher que via potencial em todos, com trabalho a mais por dinheiro a menos, mas feliz por ali estar. Os gémeos estavam a anos da escola secundária, mas quem lhes dera.

— Gostaria de falar com alguns dos amigos da Maggie — disse Keller.

A expressão de Flowers endureceu enquanto ponderava se devia permitir que os seus alunos falassem com o FBI sem avisar os pais. Mas pegou num telefone e pediu a alguém para chamar Harper Bennett ao seu gabinete.

Alguns minutos mais tarde, uma bonita jovem apareceu à entrada. De olhos arregalados, aproximou-se com apreensão, como se estivesse preocupada por estar em sarilhos por algum motivo.

— Harper, entra, por favor — disse a diretora.

Harper Bennett tinha olhos verdes e um cabelo castanho bem tratado com madeixas cor de mel. Keller ficou surpreendida com a sua roupa. Envergava o que pareciam calças de pijama de flanela, meias brancas de cano médio com sandálias desportivas e uma camisola que dizia boulder.

— Esta é a agente Keller, do FBI.

Os olhos de Harper arregalaram-se ainda mais.

— Quer fazer algumas perguntas sobre a Maggie. Sei que é um momento difícil, mas tínhamos esperanças de que pudesses ajudar.

Harper anuiu e sentou-se ao lado de Keller, em frente à secretária da diretora.

Quando a diretora Flowers não fez menção de sair, Keller disse:

— Há alguma sala de reuniões ou algum sítio onde a Harper e eu...

— Oh — fez a diretora. Depois de uma pausa, disse: — Harper, ficas bem se

eu sair?

Harper voltou a anuir, e a diretora saiu hesitantemente do gabinete.

Keller dirigiu um sorriso compassivo à jovem.

— Antes de mais — começou —, lamento imenso o que aconteceu à tua amiga.

O rosto de Harper ruborizou, e ela contraiu as pernas.

— Tenho algumas perguntas, se não te importares.

— Claro que não, mas, tipo, não percebo. Disseram que era, tipo, um acidente bizarro. E você é do FBI e eu não percebo...

— Sei que deves ter muitas perguntas. O FBI é muitas vezes envolvido quando um americano morre num país estrangeiro. Mesmo em caso de acidentes. — Não era exatamente verdade, mas não havia necessidade de aprofundar. Keller ainda não tinha confirmação de que ocorrera um crime. E não importava. O vice-diretor, e o próprio presidente, queria chegar ao fundo do que acontecera aos Pines, por isso, assassinio, acidente ou o que fosse, era o que Keller tinha de descobrir.

Harper olhou para ela com ceticismo, mas fez sinal com a cabeça para que Keller continuasse.

— Tu e a Maggie eram amigas chegadas?

— Melhores amigas — corrigiu Harper, engolindo com força. — Desde que ela se mudou para cá, no sexto ano.

— Quando foi a última vez que a viste?

— Tipo, em pessoa? Ou *online* ou...

— Vamos começar por em pessoa — respondeu Keller. Os miúdos agora eram diferentes. Quando Keller era pequena, havia o telefone fixo, encontros no centro comercial ou no ringue de patinagem. Agora mantinham-se em contacto através de ecrãs pequenos.

Harper olhou para o chão.

— Fomos a uma festa dois dias antes de ela ir de viagem.

— Foi uma festa de anos, uma festa da escola... ou uma festa *festa*?

— Festa festa — respondeu Harper. — Um rapaz da escola, os pais dele estavam fora.

O sorriso de Keller dizia *Não é nada de especial, eu também já fui adolescente.*

— Como é que estava a Maggie? Quero dizer, estava como de costume?

— Ela não queria ir. — A voz de Harper falhou-lhe e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. — Eu convenci-a e depois ela foi, tipo, quase atacada e a culpa é toda

minha e, tipo, a última vez que ela me viu estava perturbada e eu devia...

— Está tudo bem — interrompeu Keller, agarrando na mão de Harper. A rapariga respirava aos soluços, o rosto manchado. — Está tudo bem — continuou Keller. — Não fizeste nada de errado. — Aproximou-se, dando tempo a Harper para se recompor.

Harper arrastou a manga da camisola pela cara, limpando as lágrimas.

— Eu sei que é difícil — disse Keller, por fim —, mas podes contar-me o que aconteceu na noite da festa? Conta do princípio, não omitas nada.

E Harper contou-lhe. Que a mãe de Maggie estava fora. Que ela mentira ao pai, que tinha qualquer coisa contra festas. Que Maggie só ia para ver um rapaz. Que eles os dois se tinham escapulido e que Maggie fugira da festa a chorar e perturbada. Que Harper e uma amiga a tinham levado a casa de carro.

E depois viera o *cyberbullying*. Isso explicava as mensagens.

— Viste-a depois dessa noite?

Harper abanou a cabeça.

— Ela encerrou os *sites* dedicados ao irmão e disse que precisava de uma pausa das redes sociais, do telemóvel.

— Isso era invulgar?

— Ela não ligava muito ao telemóvel. Mas vivia para os *sites* do irmão. Viu o documentário, não viu?

Keller anuiu. O peito contraiu-se face à ideia da rapariga do documentário — a investigadora aguerrida que ajudava o pai — a escapar da festa depois de sabe Deus o que acontecera com o rapaz.

— Quando viste as mensagens e que ela tinha encerrado os *sites*, tentaste falar com ela?

— Claro. Era a minha melhor amiga. E de maneira nenhuma ia deixar que aqueles filhos da... — Harper interrompeu-se. — Desculpe.

— Não faz mal.

— Disse-lhe que estava lá para ela.

— E o que é que a Maggie respondeu?

— Disse que iam passar as férias da Páscoa ao México. Que estava bem e que só precisava de se afastar.

— Sabias que a família estava a planear viajar?

— Só soube depois da festa. Ela disse que o pai decidira à última hora.

— Ela mandou-te alguma mensagem do México?

Harper abanou a cabeça.

Keller decidiu que Harper já se acalmara o suficiente para regressar às perguntas sobre a festa.

— Contaste a alguém... aos teus pais, a um professor, a qualquer pessoa... o que aconteceu na festa?

— Ela não queria que o pai soubesse. Disse que ele não... Fez-me prometer.

— Quem é o rapaz? — perguntou Keller. Queria arrancar o nome a Harper, mas tinha de ser paciente.

— Eric Hutchinson — respondeu Harper. — Ele anda a dizer que não fez nada, que ela simplesmente se passou e lhe deu um pontapé nos tomates sem motivo, mas a Mags não é assim.

Todos os miúdos sabiam que algo se tinha passado, mas ninguém falara com um adulto.

— Mais alguma coisa de que te lembres em relação à festa? Ou alguma coisa invulgar em relação à Maggie antes de ter ido para o México?

Harper mordeu o lábio inferior.

— Há uma coisa.

— O quê?

— Depois de termos sabido do acidente, o Toby Lee veio ter comigo. Disse que a Mags lhe tinha pedido ajuda antes de ter partido para o México.

— O Toby é um colega?

— Sim. Disse que ela estava a tentar localizar o telefone de alguém. O Toby é um miúdo dos computadores.

Localizar um telefone? Isso era invulgar.

— Ele ajudou-a?

— Acho que sim. Ele pode dar-lhe pormenores. Mas ele achou estranho.

Keller queria gritar: *Então porque é que nenhum de vocês contou a ninguém?* Mas o cérebro adolescente era assim.

Keller agradeceu a Harper pela ajuda, pediu-lhe para não contar a ninguém o que tinham falado e mandou-a voltar para as aulas.

Sozinha por um momento, Keller sentiu o maxilar cerrar-se quando se apercebeu de que uma das últimas experiências que uma rapariga de dezassete anos tivera no planeta fora um incidente perturbador com um rapaz. Harper dissera que ele se chamava Eric Hutchinson. Keller olhou para o relógio. Tinha de falar com Toby Lee sobre a questão da localização de um telemóvel. Mas de maneira nenhuma ia deixar que o que acontecera naquela festa morresse com Maggie Pine.

A diretora regressou ao gabinete.

— Gostaria de falar com o Toby Lee — declarou Keller. — Mas primeiro traga-me o Eric Hutchinson.

CAPÍTULO 34

Eric sentou-se direito, braços cruzados, um esgar no rosto bem-parecido. Vestia uma *T-shirt* com uma imagem de *sticks* de lacrosse cruzados e onde se podia ler *east coast dyes*. O pai — um homem de rosto avermelhado com a constituição de um antigo atleta — estava sentado ao seu lado numa pose semelhante, a mastigar pastilha elástica e a olhar ameaçadoramente para Keller.

Quando Eric fora chamado ao gabinete, recusara-se a falar com Keller sem a presença do pai. Uma decisão sensata, tendo tudo em conta. Eram sempre os abastados, com uma educação superior, que chamavam os advogados — ou, neste caso, os pais. Conheciam pessoas do meio legal, ou tinham estudado os seus direitos nas aulas de Ciência Política de preparação para a faculdade, ou tinham aprendido através do maior educador da América quanto a procedimentos policiais e à Constituição, a série *Lei e Ordem*.

Mas nem todos. Danny Pine não era tão versado nesses assuntos. Se tivesse pedido para falar com um advogado, provavelmente seria um homem livre. Keller vira o vídeo do interrogatório várias vezes e dava-lhe voltas ao estômago. O que não queria dizer que os agentes que o haviam interrogado eram corruptos. Eram polícias de uma cidade pequena do Nebraska com pouca formação. E a escassa formação em interrogatórios que haviam recebido — um método conhecido como Técnica Reid — tinha uma falha crítica: muitas vezes resultava em confissões falsas. Os grandes avanços com o ADN tinham não só libertado muitos inocentes, mas também provado que, ao contrário da sabedoria convencional, as pessoas confessavam de facto crimes que não tinham cometido, em especial os jovens.

Uns anos antes, Keller participara num *workshop* de boas práticas de interrogatório e ficara chocada com o número de confissões falsas. Keller lembrava-se de o formador, um conhecido especialista em técnicas de interrogatório, dizer: «Costumávamos ensinar-vos a procurar sinais de mentiras, como pouco contacto visual, agitação, mas isso é o que os miúdos fazem quando estão desconfortáveis. Costumávamos ensinar-vos a espicaçar o suspeito com alguns pormenores do crime, mas descobrimos que os miúdos se limitam a papaguear as nossas palavras. E costumávamos ensinar-vos a empregar técnicas de minimização e a dizer aos miúdos que se contassem a verdade podiam ir para

casa, mas descobrimos que eles muitas vezes agarravam a oportunidade e confessavam, acreditando que mais tarde a sua inocência seria devidamente esclarecida.» O formador encerrara a sessão dizendo: «Interroguei um rapaz de quinze anos que fez uma confissão falsa e passou onze anos na prisão por um crime que não cometeu. O meu objetivo na vida é que nunca mais volte a acontecer.»

Isso não queria dizer que Danny Pine fosse inocente. Era um suspeito óbvio. Namorara com Charlotte, e a verdade é que era raro ser um estranho a matar-nos; normalmente tratava-se de alguém que nos era querido. Tal como Keller sabia demasiado bem, a ovelha passa a vida preocupada com o lobo, para acabar por ser comida pelo agricultor.

Keller olhou para o lobo — não, lobos — sentados à sua frente.

— Do que é que isto se trata? — perguntou o pai de Eric a Keller. — E *não* me agrada que a escola deixe os nossos filhos serem questionados por uma agente federal sem a presença de um encarregado. — O seu olhar fulminante aterrou na diretora Flowers, que insistira em estar presente na reunião.

Keller não pestanejou. Nunca tinha problemas com machos alfa. Crescera com um e compreendia que a atitude tinha origem nas suas inseguranças. Os homens que adoravam dizer às mulheres para pararem de ser tão emotivas eram, na verdade, os que deixavam as suas emoções controlá-los. Estendeu ao pai do miúdo algumas mensagens impressas que tinham sido enviadas a Maggie Pine.

— O que é isto? — perguntou o Sr. Hutchinson.

— Era o que queríamos perguntar ao seu filho.

O Sr. Hutchinson olhou para Eric. O rosto do filho exibiu a primeira brecha na fachada.

— Porque é que tu e os teus amigos enviaram estas mensagens? — perguntou Keller.

Eric ia dizer algo quando o pai estendeu um braço ao longo do peito do filho como um escudo.

— Então, calma, senhora. Não vejo o nome do meu filho em nenhuma destas mensagens. E se for preciso chamar aqui o nosso advogado, eu...

A diretora interveio, tentando desempolar as coisas.

— A agente Keller está aqui por causa da família Pine. Não atravessou o país por causa de *cyberbullying* entre adolescentes. Mas durante o seu trabalho — a diretora acenou com a cabeça para as páginas impressas — o FBI descobriu estas mensagens que tinham a Maggie Pine como alvo imediatamente antes da sua

morte.

Keller juntou-se então.

— É isso mesmo. O *cyberbullying* normalmente é um assunto escolar. Já a violência sexual...

— Violência sexual? — O pai cuspiu as palavras.

— Testemunhas dizem que o seu filho esteve sozinho com a Maggie Pine numa festa e que ela se foi embora a correr, perturbada. As mensagens anónimas parecem estar a tentar intimidá-la para não falar sobre o que quer que tenha acontecido.

Keller olhou para o pai do rapaz, que puxava o colarinho da sua camisa formal. Estava de pedra e cal. Era a cara do rapaz daí a trinta anos, mais larga, mas com a mesma arrogância. Oxalá a mãe tivesse vindo. Se as mensagens para Maggie Pine não perturbassem a mãe, não havia esperança para o rapaz.

— Não tem nada — afirmou o pai de Eric, mastigando agressivamente a pastilha elástica.

Era um dia para fazer as coisas à maneira difícil, aparentemente.

— É a sua resposta? É o que lhe quer ensinar?

— O que ensino ao meu filho não é do raio da sua conta. — O Sr. Hutchinson fulminou a diretora com o olhar. — Isto é inaceitável, Barbara.

Keller expirou.

— Tem razão. Não tenho argumentos para prender o seu filho. Nem sequer para o deter. Mas tenho o suficiente para entrar em contacto com a faculdade dele. Creio que foi aceite em Michigan com uma bolsa para a equipa de lacrosse. — A diretora pusera Keller a par da situação de Eric antes de o pai dele chegar.

A cor fugiu das faces do Sr. Hutchinson. Olhou para a diretora, mas agora não teria nenhum apoio dela.

Keller atirou uma boia de salvação.

— Só quero que o Eric responda a algumas perguntas. E saber que estão a levar esta situação a sério.

O homem refletiu, depois fez sinal com a cabeça a Keller para que continuasse.

Keller olhou para Eric.

— A Maggie comentou alguma coisa contigo sobre a viagem, ou alguma coisa que se destaque?

Eric abanou a cabeça.

— Não a conhecia assim tão bem. Via-a no centro.

— O centro?

— O centro de apoio depois das aulas. Atirava-me a ela e essas cenas, percebe?

— Então, viste-a antes das férias?

— Sim. Fui ao centro. Convidei-a para ir à festa e essas cenas. Não fiz nada, e...

Keller ergueu a mão. Tinha medo de perder as estribeiras se o deixasse mentir.

— Vi-a no centro antes das férias. Ela estava, tipo, a falar do caso do irmão.

— Falou de alguma coisa em particular?

— Mostrou-me um vídeo que alguém lhe enviara. Uma pista e essas cenas.

Keller assentiu. Se ele dissesse «e essas cenas» mais uma vez, talvez tivesse de o prender.

— O que é que ela disse? — Keller vira o vídeo várias vezes, mas nada lhe chamara a atenção. Tomou uma nota mental para o ver de novo e para verificar com a informática o andamento da otimização das imagens.

— A Maggie estava entusiasmada — respondeu Eric. — Achava que mostrava o P.D., sabe, do documentário.

— Que mais disse ela?

— Foi isso. Convidei-a para a festa. Não voltei a falar com ela até lá.

— É isso?

Ele anuiu.

— E o que é que aconteceu na festa?

O pai do rapaz ficou tenso.

— Nada — disse Eric. — Ela disse que queria falar a sós e eu calculei... você sabe. Por isso, estávamos, tipo, só a beijar-nos e isso, e depois ela ficou passada, deu-me uma joelhada e foi-se embora. Eu não fiz nada, juro. Conteí a algumas pessoas e disseram-me que ela andava a dizer que eu tentei forçá-la, o que é mentira. Se lhe mandaram mensagens a dizer-lhe para não mentir, não foi culpa minha. Não lhes pedi para o fazerem.

Era uma atuação convincente. Falsa, mas convincente.

— Jovem — começou Keller —, sabes a facilidade com que o FBI consegue descobrir quem enviou as mensagens anónimas à Maggie Pine? E basta que uma dessas mensagens tenha vindo de ti, ou que um dos miúdos que as tenha enviado diga que tu lhe pediste, para teres acabado de me mentir. Sabes qual é a pena por mentir a um agente federal?

O rapaz engoliu em seco.

— Cinco anos numa prisão federal.

O pai do rapaz falou.

— Mas você disse...

Ela ergueu a mão para o silenciar.

— O prazo para a prescrição do crime é cinco anos. — Keller assimilou as suas expressões patéticas. — O meu gabinete tem uma boa relação com a força policial da Universidade do Michigan. Se receberem um relatório... basta um rumor... de que foste menos que um perfeito cavalheiro, vou fazer-te uma visita. E descobrirás *mesmo* as consequências de me mentires hoje.

O rapaz começou a falar.

— Não — disse ela. — Se me chegar aos ouvidos que foste sequer mal-educado com uma rapariga... Estás a perceber?

O rapaz confirmou.

Ela olhou para o pai.

— Ele safou-se de boa hoje. Só acontece uma vez.

— Percebido — disse o pai, com um ar derrotado.

— Um perfeito cavalheiro — afirmou Keller severamente.

— Um perfeito cavalheiro — repetiu o pai.

Não se fazia justiça por Maggie Pine, mas talvez salvasse a rapariga seguinte. Sem testemunhas e com a vítima morta, Keller decidiu que era o melhor que se podia arranjar.

CAPÍTULO 35

MATT PINE

Matt dormiu praticamente o voo todo. Passara várias horas no aeroporto de Cancún, fazendo tempo a enviar mensagens aos amigos e a comer a terrível comida mexicana americanizada numa cadeia de restaurantes apinhada no meio das portas de embarque. As *margaritas* eram boas, ao menos, e a empregada embalara uma mistela xaroposa gigante com tequila num copo de esferovite para ele levar para o avião. Isso garantiu que ficasse completamente apagado até chegar ao aeroporto de Dallas/Fort Worth e novamente no voo de ligação para Omaha.

Estalou o pescoço enquanto o avião deslizava até à porta.

Enquanto esperava que os passageiros desembarcassem, os imbecis do costume tinham marchado da traseira do avião e estavam de pé no corredor sem esperar pela sua vez. Por um momento imaginou a mãe a dizer *Que falta de educação!* entre dentes. Depois de ajudar a senhora de idade no lugar à frente a retirar o seu trólei, Matt deambulou para o exterior.

Adair, Nebraska, ficava a cerca de uma hora e meia de carro de Omaha. A tia oferecera-se para ir buscá-lo, mas ele recusara. A tia Cindy tinha boas intenções, mas era um bocadinho intensa. Ficaria caro, mas apanharia um Uber (havia Ubers no Nebraska, certo?) e talvez Cindy lhe emprestasse a velha carrinha do avô.

Às oito horas o Terminal Eppley estava sossegado. Era uma névoa de luzes fluorescentes e funcionários da alfândega com um aspeto cansado. Seguiu as placas que indicavam os transportes terrestres, passando penosamente pelo quiosque da Omaha Steaks e descendo as escadas rolantes com o resto do rebanho. Algumas caras familiares do avião — o tipo com as tatuagens feias, a senhora de idade que ele ajudara, a jovem bonita que não parara de olhar para ele à socapa — encontravam-se junto aos torniquetes. E depois viu-o. O homem de cabelo encaracolado e olhos raiados de sangue. Matt dirigiu-se vagarosamente para ele.

— Estás com péssimo aspeto — disse Ganesh depois de os dois se terem abraçado.

— O que é que estás aqui a fazer?

— As tuas mensagens de Cancún foram patéticas, por isso achei que te podia fazer jeito a companhia.

Lá nisso tinha razão.

— Trouxeste mala? — perguntou Ganesh, olhando para o tapete de recolha de bagagem.

Matt abanou a cabeça. Deixara o saco de desporto no carro de Hank naquela estrada rural em Tulum.

— Então, vamos tirar os cotos daqui.

Dirigiram-se para o parque de estacionamento, onde Ganesh carregou no comando do carro alugado. As luzes de um *Escalade* enorme piscaram.

— A tentar passar despercebido, pelo que vejo. — Adair, Nebraska, não era conhecida pelos seus veículos topo de gama.

— Qual é o problema? É feito na América. — Tudo o que Ganesh compreendia da América rural vinha dos filmes. Matt mostrara-lhe um dos seus favoritos, *O Meu Primo Vinny*, que se passava no Alabama, mas para Ganesh era tudo igual.

O SUV cheirava a ambientador barato.

Em breve estavam a sair do parque de estacionamento, a atravessar a baixa de Omaha com a sua minúscula linha de horizonte e a entrar na interestadual, que se transformava numa autoestrada escura e numa vastidão de planícies. Voaram por quintas vagabundas, moinhos tresmalhados e basicamente nada mais durante quilómetros.

— Há tanto espaço — comentou Ganesh, esquadrinhando o vazio. — Em Bombaim não resta terra nenhuma. Só há espaço para cima.

— As áreas rurais da Índia são melhores?

— Não conheço muito o país, para ser franco.

Matt pô-lo ao corrente da sua viagem ao México. O encontro bizarro com Hank. O susto no bosque. O polícia mexicano hostil. A imponente funcionária consular, Carlita Escobar.

— Tu, meu amigo — declarou Ganesh, o seu sotaque indiano mais acentuado que o costume —, tiveste uma semana tramada.

— Podes dizer isso duas vezes.

— Tu, meu amigo, tiveste uma semana tramada — repetiu Ganish com um sorriso enorme.

Passou uma hora até o reservatório de água de Adair aparecer no horizonte.

— É como no documentário — comentou Ganesh.

Matt lembrou-se dos créditos de abertura de *Uma Natureza Violenta*, que incluíam uma vista aérea da cidade. A voz no GPS disse para seguirem pela saída seguinte e Ganesh fê-lo demasiado depressa, com o *Escalade* quase a inclinar-se para fora do acesso.

— Vais matar-me a caminho do funeral — disse Matt.

Ao aproximarem-se da cidade, Matt não olhou pela janela. Não queria encarar as recordações, a nostalgia ou o que quer que o inundasse ao ver a sua terra de infância. Limitou-se a fechar os olhos e esperou que Ganesh os levasse para o Adair Motel.

O nome do estabelecimento adequava-se à cidade: sem floreios, direto, objetivo. Era um dos poucos sítios que não fora batizado com o nome do proprietário que dera início ao negócio. Sítios como Parker's Groceries, Sullivan's Ice Cream, Anne's Diner e por aí fora. Matt supôs que ninguém queria que o seu legado fosse um motel rasca.

Em pouco tempo o veículo deteve-se.

Matt abriu os olhos, espreitou pela janela.

— O que é que estás a fazer? — questionou. Estavam parados no estacionamento de cascalho do Pipe Layers, o único bar de Adair. Antes do assassinio de Charlotte, os pais de Matt iam lá de vez em quando, normalmente no aniversário de um amigo ou na angariação de fundos para a equipa de futebol. Numa sexta à noite, o estacionamento estava cheio, pois continuava a não ter concorrência.

— Estás com ar de quem precisa de uma bebida — disse Ganesh.

— Preciso de um duche.

— Vá lá, só uma.

Nunca era só uma com Ganesh. Mas Matt gostava da companhia, e o Adair Motel não era propriamente o Four Seasons.

— Uma — aquiesceu Matt.

— Sim, sim, sim — respondeu Ganesh. — Posso juntar este à minha lista de bares.

Algumas pessoas queriam visitar cada um dos cinquenta estados, outras acampar em cada parque nacional, outras jantar em todos os restaurantes com estrelas Michelin. Mas Ganesh esforçava-se por beber nos bares mais esquisitos do mundo. Gabava-se de ter estado num bar completamente feito de gelo na Suécia, num bar em forma de caixão na Ucrânia, num bar no tronco de uma árvore com seis mil anos na África do Sul, num bar de vampiros em Tóquio,

num bar inteiramente decorado com roupa interior feminina em Florença, e a lista continuava. Estava prestes a ficar amargamente desiludido.

Pipe Layers assemelhava-se à ideia que Hollywood tinha de uma taberna de província. Tinha um balcão comprido demasiado envernizado com vários habitantes locais debruçados dos seus bancos, fitando-se a si mesmos no espelho baço: agricultores desgastados, operários da fábrica, alguns velhotes de caras flácidas, um frequentador de bares. Mas nas mesas altas e nos compartimentos, os clientes eram mais jovens. Casais com estilo — oportunistas que tinham empregos de secretária na Adair Irrigation — e homens e mulheres na casa dos vinte anos vestidos de forma descontraída, a jogar aos dardos e bilhar.

Todos eles pareceram parar e ficar a olhar quando Matt entrou no estabelecimento. Lembrou-lhe o México, quando a selva ficou subitamente silenciosa: as criaturas paralisadas pela presença de algo que não pertencia ali. Uma ameaça. O silêncio só durou um segundo, e o ruído do bar regressou.

— Tenho uma surpresa para ti — disse Ganesh.

Matt semicerrou os olhos.

Do fundo da divisão veio uma procissão de caras familiares. Kala liderava o grupo, com o seu ar glamoroso de sempre. A seguir, Woo-jin agigantando-se sobre ela, seguido por Sofia no seu casaco militar verde. Curtis, provavelmente o único negro no bar inteiro, era o último da fila. Passar despercebidos não passavam. Ganesh mobilizara a Ilha dos Brinquedos Desaparecidos de Rubin Hall. E eles haviam largado tudo para estarem ali por Matt. Ele tentou conter a emoção que se avolumava no seu peito.

— Não precisavam de ter vindo — disse Matt enquanto abraçava Kala e depois Sofia. Chocou com o punho no de Woo-jin, que não era dado a abraços, e envolveu o ombro de Curtis.

O grupo reuniu-se em volta de duas mesas altas. Ganesh e Woo-jin dirigiram-se ao bar para trazerem uns jarros.

Como de costume, todos os olhares masculinos recaíam em Kala. Ela estava habituada, supunha Matt. Os relances subtis e não tão subtis, lúbricos, vindos de homens mais velhos que deviam ter noção.

— Olhem, uma velha *jukebox* — exclamou Sofia. Agarrou no braço de Kala. — Voltamos já.

As raparigas caminharam confiantemente por entre multidão e inclinaram-se para o vidro manchado da *jukebox*, a apontar e a rir. O *riff* de abertura ritmado de «Highway to Hell» dos AC/DC em breve preencheu o bar. Matt sentiu um

nó na garganta ao ouvir uma das bandas favoritas do pai.

— Estás bem? — perguntou Curtis.

— É surreal. Estar de regresso aqui. — Olhou para a *jukebox* outra vez. Dois homens estavam a falar com as raparigas. Sofia riu-se de algo que um deles disse. Kala não lhes passava cartão, o seu *modus operandi* habitual.

— Quando é que chegaram? — perguntou Matt. — Ou melhor, como é que chegaram antes de mim?

— O Ganesh enviou uma mensagem para o grupo esta manhã — esclareceu Curtis. — Tinha comprado bilhetes para todos e reservado uma ala de quartos.

Havia quem dissesse que os ricos eram diferentes. Em muitos aspetos Ganesh não era. Até era bastante normal para os padrões da NYU: um miúdo esperto a viver num apartamento merdoso, que passava imenso tempo a fumar erva e a tentar engatar raparigas. Mas ele era diferente. Para além das suas excentricidades, Ganesh era inflexível. Um concerto a que todos queriam ir esgotara? Contratava o músico para tocar numa festa privada. Os amigos não tinham dinheiro para as férias? Fretava um avião e alugava uma casa na praia. Bilhetes para o *Hamilton*? Fácil. Reservas para o Polo Bar? Sem problema. Ganesh não queria saber de coisas materiais. Valorizava as experiências e a amizade. O dinheiro estava sempre disponível, era algo em que depois se pensava, um meio para alcançar um fim. Os ricos eram de facto diferentes.

Curtis avaliou Matt atentamente.

— Tens a certeza de que estás bem? Se quiseres falar, sair daqui, podemos...

— Não — respondeu Matt. — Ver-vos, estarmos todos juntos como é normal, é exatamente o que preciso.

As raparigas regressaram.

— Onde raio estão as bebidas? — interrogou Kala. Olhou na direção do bar.

— Aqueles tipos estavam a incomodar-vos? — perguntou Matt.

— Vivemos em Nova Iorque. Acho que nos safamos, papá — respondeu ela.

Matt sorriu. Preferia a mordacidade à pena em qualquer momento.

Rindo, Sofia disse:

— Chamavam-se Stormy e Lightning. Disseram-me que o irmão se chamava Thunder. Não estou a gozar.

Ganesh e Woo-jin chegaram, enfim, cada um com um jarro. Woo-jin também trazia um copo de água para Curtis.

E não faltou muito para Sofia estar a tagarelar sobre política e a última polémica no Twitter, os rapazes a falar de desporto e, claro, Matt e Kala a

lançar-se num debate aceso sobre os melhores realizadores de cinema. Era como se estivessem no Purple Haze numa típica sexta à noite.

— O M. Night Shyamalan não chega aos pés do Jordan Peele — disse Kala.

Matt grunhiu.

— Concordo que o Peele revitalizou o género de terror. Tornou-o inteligente, introduzindo pelo meio um comentário social. Mas tenho três palavras para ti: *O Sexto Sentido*.

— E eu tenho três para ti: *O Último Airbender*. Horrível. E o Peele não dá arrogantemente a si mesmo participações especiais nos seus próprios filmes.

— Está na moda odiar o M. Night.

— Estás a dizer que as minhas opiniões são da moda? — Kala sustentou-lhe o olhar enquanto bebia um trago de cerveja. Os seus olhos bonitos faiscavam quando se zangava.

— Iô, relaxem — disse Ganesh. — Quero este debate estúpido resolvido quando voltar com a próxima rodada. — Dirigiu-se para o balcão.

Kala pareceu aperceber-se de que estava, bem, a ser igual a si própria. Matt podia tê-la abraçado por isso.

— Desculpa — pediu ela. — Eu devia...

Ele estendeu o braço sobre a mesa e pousou a mão na dela.

— Se as tuas opiniões são da moda, foi porque foste tu a começá-la.

Os olhos dela reluziram como se fosse dizer algo sobre a família dele, algo que iria pô-los a ambos a chorar. Mas afastou a ideia, percebendo que era a última coisa que devia fazer.

— Só não percebo como é que podes gostar tanto do Shyamalan.

Matt voltou a sorrir. Ela tinha um argumento válido, já que a maioria dos snobes da faculdade de cinema da NYU olhavam de cima para M. Night Shyamalan. Mas Matt adorava os filmes de Shyamalan porque assentavam no destino: os protagonistas ignorantes de que tudo na sua vida levava àquele momento; que tudo de repente fazia sentido; que tinham um propósito no Universo.

Os pensamentos de Matt foram interrompidos por uma agitação no bar. Não tinha uma linha de visão desimpedida, mas viu a cabeleira encaracolada a balançar e percebeu.

— Merda — disse ele, saltando do banco alto e serpenteando pela multidão. Ao balcão, encontrou Ganesh a medir forças com três homens. A restante clientela afastara-se, pressentindo problemas.

Matt pousou a mão no ombro de Ganesh, ignorando os outros homens.

— Ei, tudo bem?

O maxilar de Ganesh estava projetado, as mãos fechadas em punhos. Woo-jin e Curtis materializaram-se de repente ao lado de Matt.

— Vamos sentar-nos — disse Curtis. — Não vale a pena.

Mirando Matt e os amigos, um dos locais — tinha o cabelo rapado na metade inferior da cabeça, com uma cicatriz em forma de C do lado do crânio — disse em voz alta para os seus amigos:

— Já ouviram aquela sobre o negro, o chinês e o terrorista que entram num bar?

Os três homens romperam às gargalhadas.

Kala deslizou furtivamente até Matt, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Ignora-os.

Ele devia dar-lhe ouvidos, bem sabia. Mas, pelo contrário, disse:

— Coreano. — Sustentou o olhar do tipo.

— O quê?

— Ele é da Coreia, não da China — disse Matt, olhando para Woo-jin.

O homem aproximou-se de Matt, com os ombros bem para trás.

Woo-jin tentou arrefecer os ânimos.

— Não queremos problemas — disse.

O homem repetiu as palavras num sotaque asiático trocista.

— Oh, não quelem ploblemas. Gotas muito dele.

Mais gargalhadas.

— Porque é que tu e eu não vamos lá para fora? — avançou Ganesh, abrindo caminho com o cotovelo para se pôr em frente a Matt. — Ou tens demasiado medo de ir sem o Hálito a Sémen e o Pançudo? — Ganesh olhou para os dois homens que flanqueavam o líder. Era uma frase do filme *O Juiz*. Matt sabia, porque tinham-no visto juntos, mas os homens não faziam ideia.

O homem mais pesado a quem Ganesh chamara Pançudo puxou as calças para cima.

— Ninguém te perguntou nada, Osama bin Cara de Cu — disse o líder.

Matt agarrou em Ganesh mesmo a tempo, impedindo-o de saltar para cima do tipo.

As pernas do homem estavam afastadas, numa postura de luta. Os amigos pareciam menos entusiasmados.

Foi quando Matt se apercebeu de que os reconhecia, os amigos. Olhou para o

Hálito de Sémen.

— Há tanto tempo, Steve. Como é que está a tua irmã?

Os olhos de Steven Ellison recuaram de imediato para o chão. Tinham andado nos escuteiros juntos. Ido acampar. Brincado juntos. A irmã mais velha de Steve tinha uma incapacidade severa e estava confinada a uma cadeira de rodas, incapaz até mesmo de se alimentar sozinha.

— Está bem — respondeu Steve, os olhos erguendo-se acanhadamente para Matt.

— E, Nate, ainda jogas basebol? — O homem a quem Ganesh chamara Pançudo fora a estrela da equipa da Pequena Liga.

Também Nate olhou para baixo, embaraçado.

Mas o líder, que era familiar, embora Matt não conseguisse exatamente situá-lo, disse:

— Vocês, mariquinhas, podem ficar todos nostálgicos, mas este filho da mãe — espetou um dedo no peito de Matt — acha que ele e aqueles realizadores judeus podem arrastar o nosso nome pela lama e depois aparecer no *nosso* bar como se nada tivesse acontecido.

— Não tive nada a ver com o documentário — esclareceu Matt.

— O tanas é que tu e a tua família de merda não tiveram.

Agora Matt sentiu o sangue ferver. A raiva que se esforçara tanto por enterrar durante todos aqueles anos veio outra vez à superfície.

— Diz mais alguma coisa sobre a minha família, e o Steve e o Nate vão ter de carregar contigo daqui.

A multidão que se formara em redor deles afastou-se, e uma mancha de cabelo escuro passou como um sopro. Era uma jovem. Dirigiu-se para o líder e pôs-se entre o homem e Matt.

— Ricky, mas que raio estás a fazer? Vou dizer à mãe que estás... — Parou, virou-se e fitou intensamente Matt e os amigos. — Se lhe encostares um dedo, serás acusado de homicídio. Ele tem uma placa na cabeça. Uma bofetada pode matá-lo. — Olhou para Matt. — Devias ter noção.

Matt não podia acreditar. Depois de todos os anos a pensar naquela noite no Monte — o seu eletrizante primeiro beijo — e era ela. Jessica Wheeler. Enquanto Matt ficava de olhos fixos, a multidão dispersou. Jessica conduziu Ricky, Steve e Nate em rebanho para a sua mesa, de dedo em riste para eles. Em apenas alguns segundos, terminara o confronto. Ela envergonhara-os a todos.

De regresso à mesa, Matt observou Jessica enquanto continuava a repreender

os três, depois levou o irmão para um escritório nas traseiras. Devia trabalhar ali. Matt tinha agora uma recordação vaga de Ricky Wheeler. Fizera parte da equipa de futebol com Danny, mas nunca tinham sido chegados. Ricky tinha agora um aspeto muito diferente. Não estava apenas mais velho e pesado; as suas feições estavam lassas. A fala arrastada que Matt atribuía a demasiada bebida podia dever-se a uma lesão cerebral. Matt manteve-se de olho na porta do escritório, à espera de que Jessica saísse.

— Olá-á — interrompeu Kala, estalando os dedos em frente ao rosto de Matt.

Matt ia começar a explicar quando o telemóvel retiniu. Era o número da agente Keller. Deslizou o dedo pelo ecrã.

— Matt, é a Sarah Keller. — Ela disse mais qualquer coisa que ele não conseguiu discernir. A ligação estava fraca e o bar outra vez ruidoso.

— Estou a ouvi-la mal. Dê-me um segundo. — Matt tapou o outro ouvido com um dedo e furou pela multidão.

— Consegue ouvir-me? — perguntou Keller.

Matt saiu do bar. Passou por dois homens a fumar junto à porta de entrada até chegar ao parque de estacionamento, iluminado por apenas um candeeiro. Sabia bem estar longe do ar viciado do bar.

— Sim, peço desculpa.

— Não se preocupe. Ouvi dizer que teve problemas no México — disse Keller.

— Pode dizer-se que sim.

— A Carlita Escobar disse que teve uma alteração com a polícia local. Está bem?

— Sim, tive só um dia longo como tudo.

— Imagino. — Ela fez uma pausa. — Contava podermos pôr as notícias em dia amanhã. Tem tempo para nos encontrarmos?

— Sim, mas não estou em Nova Iorque. Mudei o voo e vim para o Nebraska.

— Eu sei, eu também. Pode encontrar-se comigo de manhã? Vi uma cafetaria na rua principal, por isso talvez pudéssemos tomar o pequeno-almoço.

— Com certeza, mas não percebo porque é que veio até...

— Amanhã conto-lhe tudo com pormenores. Mas neste momento tenho uma pergunta para lhe fazer, e não é algo que eu queira perguntar.

Matt aguardou.

— Gostaríamos de realizar autópsias.

— Autópsias? — Matt processou a ideia. — Pensei... a fuga de gás... o polícia

mexicano disse que tinham encerrado a investigação. Não perc...

— Prometo-lhe, Matt, amanhã explico-lhe tudo, mas tenho de avisar a divisão regional de Lincoln se for preciso terem alguém disponível.

— Não percebo. — A cabeça de Matt estava a mil. — Não faz sentido. Porque é que...

— Matt, não há nenhuma maneira fácil de dizer isto, mas existem evidências de possível ação criminosa.

Matt sentiu os joelhos cederem um bocadinho, o ar arrancado dos pulmões.

— Está aí? — perguntou Keller. — Matt?

— Sim. Tudo bem, tem o meu consentimento.

— Obrigada. Sabemos que a sua tia planeia fazer o funeral no domingo. Por isso, a equipa médica terá terminado amanhã. Foi dada prioridade máxima.

Matt limitou-se a segurar o telefone, ainda a tentar processar as notícias. A tentar não pensar na família dissecada em mesas frias de aço inoxidável.

— E, Matt? — disse Keller.

Matt continuou sem responder.

— Lamento mesmo muito.

Matt cortou a ligação. Ficou ali no exterior do velho bar, a música a infiltrar-se pelas rachas nas paredes. Por algum motivo, os pensamentos devanearam para Kala e Jordan Peele e M. Night Shyamalan e o destino.

E foi aí que se fez luz. Talvez fosse isso. Talvez fosse por isso que ele sobrevivera.

Para descobrir o que realmente acontecera à família.

CAPÍTULO 36

OLIVIA PINE

ANTES

— Tens saudades da tua mamã? — perguntou Tommy.

Liv dirigiu-lhe um sorriso fugaz. Olhou para a lápide de mármore branco da mãe na metade traseira do cemitério, recordando aquele dia, quando tinha dez anos: uma manhã fria de inverno, o vento a morder-lhe as faces molhadas enquanto os observava a descer o caixão à terra. Hoje o sol brilhava e o talhão da família não tinha um ar tão desolador. Velhas árvores davam bastante sombra, minúsculas bandeiras americanas e flores adornavam as campas, e o terreno estava bem cuidado. Se não fossem as centenas de mortos debaixo dos pés, seria um local agradável para um piquenique. Os seus trisavós haviam comprado aquele sereno talhão familiar havia mais de cem anos.

— Tenho saudades dela todos os dias. — Liv mirou o lugar vazio ao lado da sepultura da mãe. A tristeza assaltou-lhe o peito quando se apercebeu de que não demoraria muito até que o pai se juntasse a ela.

— Eu tinha saudades tuas se morresses — disse Tommy.

Liv agachou-se. Encarou-o com aqueles lindos olhos cinzento-azulados.

— Não precisas de te preocupar que eu morra.

— Prometes?

Liv hesitou. A visita à campa da mãe obviamente assustara Tommy, e ela queria reconfortá-lo. Mas não lhe podia prometer que nunca morreria.

— Serei uma velha de cabelo branco — ela ergueu-se, curvou as costas e simulou um cambalear — e terás de me ajudar a andar.

Tommy deu risadinhas.

— Uma vez quase morri, não foi, mamã?

Argh, mais conversa sobre a morte. Era bem feita por o ter levado ali.

— Não. O teu apêndice tonto decidiu apenas que estava na altura de sair. — Ela fez-lhe cócegas na barriga.

Na verdade, o pediatra interpretara mal os sintomas, confundindo a dor de barriga de Tommy com obstipação. Quando o apêndice rompeu, ameaçou-lhe a vida, juntamente com o facto de o hospital não ter à mão o tipo de sangue raro de Tommy em quantidade suficiente. Ela lembrava-se do terror — Evan a

correr para o hospital, em pânico — e eles os dois a pensar, sem o dizer, *Porquê nós?*

Tommy massajou a cicatriz no lado inferior direito do abdómen. Depois vieram as perguntas em catadupa. *Para onde é que vamos quando morremos? Porque é que enterramos as pessoas mortas? As minhocas comem-nos o corpo? Quando é que eu vou morrer? E o papá, ou a Maggie, ou o Matt?* Liv reparou que ele não perguntara por Danny. Não devia tê-la surpreendido. Afinal de contas, nunca conhecera Danny em pessoa. O filho mais velho proibira todos os irmãos de o irem visitar à prisão. Tommy vira fotografias de Danny e sabia que estava preso por algo que não fizera. Mas o irmão mais velho era como uma personagem de um livro, um mito, um super-herói, uma lenda alimentada por Evan Pine.

— Queres ir comer gelado? — perguntou Liv, tentando mudar de assunto.

As perguntas do filho permaneceram com Liv enquanto via gelado a pingar do braço de Tommy na Sullivan's Ice Cream. Ela própria andava a pensar muito na morte ultimamente, mas supunha que era da idade, da doença do pai, talvez. Talvez fosse a discussão explosiva de Evan e Matt durante as férias, os dois ainda de relações cortadas. Talvez fosse por o Supremo Tribunal ter negado o recurso de Danny. Talvez fosse por Maggie terminar o secundário e em breve os deixar para ir para a faculdade. Talvez fosse por saber que aquela cidade, a sua comunidade de infância, a odiava.

Perscrutou a gelataria. Apenas alguns clientes se encontravam sentados às mesas redondas e ninguém parecia estar a prestar-lhes qualquer atenção. A rapariga atrás do balcão devia ter uns quinze anos, por isso talvez não soubesse ou quisesse saber do documentário.

Uma Natureza Violenta fora uma bênção e uma maldição. Uma bênção, pois mobilizara a opinião pública — para não mencionar alguns advogados de topo que se ofereceram para ajudar *pro bono* — a favor de Danny. Uma maldição, porque expusera a família à fealdade do mundo, os antipatizantes, na sua maioria homens desiludidos de meia-idade sentados atrás de ecrãs de computador e a cuspir veneno.

Pensou na expressão da agente White no dia anterior. O ódio nos seus olhos. O que teria acontecido se Glen Elmore não tivesse aparecido? Liv estava a ser tola. A polícia estava apenas a tentar assustá-la. Liv pertencia à quarta geração da sua família a viver em Adair, por isso seria de pensar que lhe dessem um desconto. Mas a cidade não perdoava. Era um prodígio a irmã ter escolhido ficar. E esperava que o pai nunca percebesse a sinistra reviravolta nos

acontecimentos. Ele adorava a cidade, tal como ela, e isso devastá-lo-ia.

Voltou a pensar nos lugares vazios ao lado da campa da mãe. Seria ela um dia enterrada ali? Eram as instruções do seu testamento. Assim como as de Evan. Mas tinham feito essas opções quando os miúdos eram pequenos. Antes da detenção e prisão de Danny, antes de *Uma Natureza Violenta*.

O mundo estava dividido entre o antes e o depois desses acontecimentos.

O mundo de Liv fora secretamente dividido ainda mais. Antes do caso com Noah e depois. No rescaldo da detenção de Danny, jurara deixar Noah no passado. Nunca estar sozinha com ele e evitar mesmo falar com ele, se possível. Fora um erro alimentado por demasiado vinho e, à falta de uma desculpa melhor, uma crise de meia-idade. Liv escolhera aquela vida, desistindo de uma carreira para criar uma família numa cidade pequena. Mas, à medida que os filhos cresciam e precisavam menos dela — e à medida que ela e Evan se perdiam em favor de ser pais —, começara a acalentar fantasias relativas a até onde a vida podia tê-la levado. Ainda era uma mulher atraente, mas não estava a ficar mais nova. E por aqueles dias as cabeças que se viravam para olhar para ela estavam tipicamente coroadas de branco. Não queria admiti-lo, mas o seu aspeto sempre fora uma grande parte da sua identidade. O que seria ela quando ele se fosse? Quando os miúdos se fossem embora? E depois cruzara-se com Noah no supermercado, logo ali.

Uma coisa levou a outra, como se costuma dizer. Durara exatamente um mês. Ela ia visitá-lo ao escritório e ele dobrava-a sobre a sua secretária de mogno. Montava-o no banco da frente do carro estacionado num campo de milho que frequentavam quando eram adolescentes. Esgueirava-se para o seu hotel quando ele passava a noite em Lincoln em trabalho. Andarem às escondidas — o risco — era parte da emoção, para ser franca. Noah permanecera solteiro desde que a mulher morrera, mas o vice-governador a dormir com uma mulher casada não deixaria de ser um escândalo no Nebraska conservador. E era claro que ela podia perder tudo.

De certa forma perdera.

Na noite em que Charlotte fora morta, Evan estava fora em trabalho. Liv encontrou-se com Noah no hotel e disse-lhe que estava tudo acabado. Falaram até às três da manhã — a maior parte do tempo ele a convencê-la a deixar o marido —, mas ela manteve-se firme. O caso era uma ilusão, Noah sozinho e isolado depois da morte de Vicky, Liv sozinha e isolada a definhar na vida doméstica. Ela amava a família, amava Evan.

Nessa noite adormecera e quando acordara ele tinha desaparecido — fora-se embora para se ocupar da festa que mudara a vida dela. A caminho de casa, tentando chegar antes do regresso de Evan da sua viagem de trabalho, ignorou os telefonemas de casa. Quando chegou, Maggie correu para a rua e disse-lhe que a polícia levava Danny.

Planeara contar o caso a Evan. Planeara contar à polícia, se em algum momento perguntassem. Mas decidira que o peso da sua traição era mais do que Evan — mais do que a família — conseguia aguentar. E, de qualquer maneira, os investigadores nunca lhe perguntaram onde é que ela estava naquela noite. Porque o fariam? Tinham quem queriam no momento em que Danny entrou sozinho na esquadra.

Nunca se perdoaria. Por isso, jurara terminar tudo com Noah Brawn. Nunca mais voltaria a falar com ele. Sem dúvida que nunca mais estaria sozinha com ele. Prometera a Deus que, se ele libertasse Danny, ela nunca, nunca...

Mas ali estava ela. A planear jantar com ele nessa noite no mesmo restaurante italiano a que tinham ido antes do baile de finalistas. Mas porque não haveria de ir? A porra do seu voto não libertara Danny. Não lhe trouxera Evan de volta.

Quase deu um salto quando o telemóvel tocou e o nome do marido apareceu no ecrã.

— Olá — disse Evan. — Como é que está a nossa cidade favorita? — Evan parecia de bom humor, animado. Era tão raro ultimamente, que era digno de nota.

— Até agora tem sido uma viagem bizarra — respondeu Liv, olhando em redor da gelataria.

— Ah, sim? Desculpa não te ter atendido. A tua mensagem dizia que tinhas resolvido as coisas do teu pai. De resto, está tudo bem?

— Sim. Depois ponho-te a par — retorquiu ela. — Estamos no Sullivan's.

— Não sinto falta de muitas coisas em Adair, mas tenho saudades do gelado de chocolate com nozes e *marshmallows* — comentou Evan.

Liv não respondeu. Não estava com disposição para nostalgias.

— Tens a certeza de que estás bem? — perguntou Evan.

Decidiu engolir um pouco do próprio veneno.

— Estive com o Noah.

— Sim? — respondeu Evan inexpressivamente.

Liv explicou como ele resolvera o problema com o lar.

— Foi muito atencioso da parte dele.

— Mas essa não é a parte melhor. Ele vai ser nomeado governador.

— Como assim? Como é que...

— O cara de sapo do Turner provavelmente vai ser indiciado. Uma embrulhada sórdida qualquer com raparigas menores. Admira-me que não tenhas ouvido falar. Está em todas as notícias aqui.

— O carma é lixado — comentou Evan. — Achas que o Noah vai fazê-lo? Achas que ele... — Evan não terminou a frase, como se dizer a palavra *indulto* desse azar.

— Não sei. Ele convidou-me para jantar hoje à noite... com o filho dele, a Cindy e o Tommy — acrescentou rapidamente.

— Se alguém o consegue convencer — respondeu Evan —, és tu.

Ela não soube responder. Mudando de assunto, comentou:

— Então, a Maggie disse-me que eu tinha de te perguntar sobre o México...

— Aquela pequena delatora. Conto-te tudo amanhã quando voltarem. Ei, posso falar com o pequenote?

— Claro que sim. — Liv passou então o telefone a Tommy. — É o papá.

Tommy segurou no telefone e disse:

— Estou? — Ficou a ouvir, o deslumbramento a brotar-lhe da expressão. — A sério? A praia? Outro avião?

Liv percebeu que Evan devia ter reservado uma viagem de férias da Páscoa, uma viagem que não podiam pagar. Na verdade, gostava da ideia de uma escapadinha. Há tempo que não o faziam. E Mags esforçara-se tanto na escola, merecia.

— Ótimo! Também te adoro. — Tommy estendeu o telefone a Liv.

— O que é que foi isso?

— Vais ver.

Liv ia insistir, mas reparou numa mulher de meia-idade, mal-arranjada, de olhos vidrados, maquilhagem esborratada e cabelo desgrenhado, a observá-la.

— Tenho de ir andando — afirmou. — Mas a Mags está bem? Tinha algumas chamadas não atendidas dela.

— A Mag-pie está ótima. Pu-la a ajudar-me num projeto.

Havia sempre um projeto. Queria dizer-lhe para passar simplesmente tempo com ela. Verem um filme. Irem jantar. Qualquer coisa que não fosse um «projeto» relacionado com o caso de Danny.

— Ei, Liv — disse Evan. O seu tom estava agora mais sério.

— Sim?

— Desculpa.

— Por quê?

— Por tudo.

O que raio se passava em casa?

— Estás bem?

— Nunca estive melhor — respondeu ele.

Liv saiu da gelataria de mão dada com Tommy, que estava pegajosa e nojenta, mas ela não se importou. Era algo que as pessoas sem filhos nunca iriam entender. Para ela não era nojento.

Percorreram a rua principal, os pensamentos dela regressando à sua infância. Nessa altura passavam mais tempo na rua, a correr pelos campos, a pescar no ribeiro, a andar de bicicleta. O carro alugado estava estacionado junto à berma em frente à farmácia. Tommy brincava a evitar as rachas no passeio, usando o braço dela para balouçar sobre as fendas ofensivas. Não queria dar cabo das costas a ninguém, afinal de contas. A cirurgia ao ombro de que ela poderia precisar não importava.

Junto ao carro, Liv vasculhou a mala à procura das chaves. Ainda estava de mão dada com Tommy e tinha de contorcer o corpo para que a outra mão pudesse revistar a mala. Sentiu por fim o comando do carro e tirou-o.

Quando olhou para cima, sobressaltou-se ao ver uma mulher: a senhora maluca da gelataria. Estava demasiado perto, as pupilas dilatadas como pratos.

— Disseram que estava cá — disse numa voz áspera. A mulher pestanejou várias vezes.

Ainda agarrada à mão de Tommy, Liv interpôs o corpo entre a mulher e o filho.

— Desculpe? — retorquiu ela, tentando ser educada.

— O meu Ronnie era um bom polícia e não se suicidou — disse ela.

Oh, céus, pensou Liv. Era a mulher do polícia. Carregou no botão do comando, virou-se e pegou em Tommy.

— Lamento, temos mesmo de ir — declarou, evitando o contacto visual.

Liv abriu a porta com uma mão, guiou Tommy em segurança lá para dentro e fechou a porta e trancou-a. O medo que sentira pela segurança do filho transformou-se em raiva. Primeiro Danielle Parker na loja de conveniência, depois a polícia no dia anterior, agora isto. Estava pelos cabelos com a porra daquela cidade e os seus habitantes lunáticos. Liv dirigiu à mulher um olhar

duro.

Ao examinar a mulher mais de perto, contudo, a sua raiva dissipou-se. A mulher do detetive Sampson era frágil, tinha um aspeto triste e estava uma lástima.

— Lamento a sua perda — disse Liv. Teve vergonha de não ter a certeza se era sentido. Ron Sampson condenara o filho com acusações falsas.

A mulher não respondeu, limitou-se a procurar na sua mala.

— Dizem que sou louca. Não me dão ouvidos. — Liv conseguia sentir o cheiro a álcool no hálito da mulher. Mas aquilo era mais do que bebida. Comprimidos, analgésicos, talvez. — Mas o meu Ronnie não se matou.

— Tenho mesmo de ir. — Liv começou a contornar o carro até ao lado do condutor. Tommy tinha o nariz encostado à janela. Acenou-lhe, abstraído.

A mulher começou a lamuriar-se.

— Lamento — foi tudo o que Liv conseguiu dizer.

— O Ron também lamentava — replicou a mulher. — O que tinha feito, o que aconteceu ao seu rapaz. Disse que ia consertar as coisas.

Isso captou a atenção de Liv. De que diabo estava ela a falar? Ron Sampson intimidara Danny para que confessasse.

— Ele marcou uma reunião com aquelas pessoas do filme — continuou a mulher. — Ia contar-lhes tudo, e depois... — Começou a chorar outra vez. — Ele não o faria. Ele não me deixaria.

A mulher começou a esgaravatar a mala outra vez, e Liv temeu por um segundo que ela sacasse uma arma. Mas a Sr.a Sampson tirou uma pasta de cartão amarrotada.

— O Ronnie disse-me que isto prova tudo. — Enfiou a pasta nas mãos de Liv. — Lamento pelo seu rapaz.

E depois afastou-se a correr.

CAPÍTULO 37

EVAN PINE

ANTES

Evan tentou não trepar pelas paredes por Liv ir jantar com *ele*. Ela estava a tentar ajudar. Assim como Noah, supôs Evan. Embora o altruísmo de Noah tendesse sempre a beneficiá-lo. É certo que fora um forte apoiante de Danny. Mas, ao fazê-lo, elevara o seu prestígio político e ganhara o estatuto de quebra-corações. E afastava as atenções do facto de que fora o filho dele a dar a festa naquela noite. Em casa de Noah, ainda para mais.

Antes da detenção de Danny, Evan nunca tivera ciúmes de Noah Brawn. Pensava que Liv via Noah por aquilo que ele era: um político efusivo. Mas Evan e Liv tinham-se afastado antes de Evan se ter sequer apercebido, e Noah era inegavelmente bem-parecido e carismático. E, para ser honesto, Evan, desmazelara-se. Agora não conseguia evitar invejá-lo. Queria voltar a ligar a Liv e dizer *Nem por sombras, não vais*. Algo na voz dela indicara que tinha esperança de que ele lhe dissesse para não ir. Que ela queria que ele lutasse por ela. Pô-la a *ela* acima de tudo, mesmo acima da esperança de um indulto. Foi um daqueles momentos em que ele teve noção de como lhe falhara.

Pegou no telemóvel. *Anda. Telefona-lhe.*

Mas depois ouviu o tinir de chaves à porta e Maggie entrou calmamente pela cozinha. Parecia entusiasmada, com uma centelha no olhar.

— Olá, Mag-pie. Acabaste de perder a tua mãe ao telefone.

— Como é que está o avô? — perguntou Maggie.

— Continua com problemas, mas pelo menos vão deixá-lo ficar no lar.

— Contaste-lhe da viagem?

— Não, mas pelos vistos *alguém* contou.

As faces de Maggie ruborizaram e ela esboçou um sorriso tímido.

— Não lhe contei. Disse só que talvez ela quisesse falar contigo sobre o México. O que é que ela disse?

— Pouca coisa. Eu não entrei em pormenores. Disse que era surpresa. Não te preocupes, vai correr tudo bem.

— Vai, pai? — Maggie puxou um banco ao lado do pai na bancada da cozinha.

— Vai o quê?

— Correr tudo bem. Quero dizer, é um bocadinho louco.

Evan abriu um sorriso.

— Tenho de fazer jus à minha reputação.

Maggie não se riu. O facto de o documentário retratar Evan como desequilibrado era um tema sensível para a filha.

Ele observou-a, maravilhado por ter ajudado a produzir uma pessoa tão formidável. Sempre soubera que ela era especial. Desde que Maggie era bebé, Liv dizia que a pequenina deles tinha um coração «edição especial». Enchia-lhe o próprio coração de orgulho ver que ela nunca mudara. Era o grande mistério de ser pai: quem é que estas pessoas pequenas viriam a tornar-se? Será que as previsões que fizemos quando eles eram bebés viriam a realizar-se? Estariam as suas personalidades formadas aos sete anos, como ele lera algures? Os valores morais que tentámos instigar-lhes ficariam com eles? Ou haveria uma reviravolta na história? Uma daquelas dos romances policiais de que Liv gostava tanto.

— Tu não és louco — disse Maggie, intrometendo-se nos seus pensamentos.

Sentiu outra vaga de emoção. Amava tanto aquela rapariga! Pensou nos comprimidos que enfiara na boca. Como é que podia ter ponderado...

— Antes de irmos de viagem — começou Maggie —, preciso que vejas uma coisa. — Retirou o portátil da mochila e colocou-o sobre a bancada. — Depois de veres, se ainda achares que devemos ir, não digo mais nada.

Evan estava intrigado.

— Claro, querida. O que é?

Maggie digitou no portátil. Surgiu um vídeo. Clicou para reproduzir e Evan sentiu o coração a bater na garganta perante a imagem no ecrã.

Charlotte. Viva. Parada em frente a um aglomerado de monitores de computador. A roupa era-lhe familiar. E depois percebeu. Estava com a mesma camisola que Maggie.

A seguir, Charlotte falou:

— Pai, sou eu. Eu sei que parece a Charlotte, mas sou eu. E se eu consigo fazer isto na garagem do Tobby, quem quer que te tenha ligado também consegue.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 9
«O Esmagador»

INSERT – IMAGENS DAS NOTÍCIAS LOCAIS

Um jornalista está em frente a uma vedação de arame farpado delimitando uma prisão.

JORNALISTA

Bobby Ray Hayes declarou-se culpado de ter assassinado sete mulheres, um acordo que os procuradores aceitaram para dar paz às famílias. Mas subsistem perguntas sobre se o Esmagador fez mais vítimas. A prisão não me permitiu reunir com Hayes pessoalmente, mas autorizaram que falássemos ao telefone. Avisa-se os telespectadores que o que estão prestes a ouvir é altamente perturbador e não é adequado a jovens.

CORTA PARA o jornalista sentado num gabinete em frente a um intercomunicador.

HAYES (FORA DO ECRÃ)

Quer saber o que lhes fiz?

JORNALISTA

Não, gostaria de falar sobre se há outras vítimas.

HAYES

Quando tinha dez anos, o namorado da minha mãe levava-me para o velho armazém junto aos carris do comboio em Plainsville. A minha mãe ficava muito contente com isso, como se eu finalmente tivesse um pai, sabe?

JORNALISTA

Está a referir-se ao Travis Fegin?

HAYES

O Travis levava erva, cerveja e um saco cheio de melões. Eu

ficava, tipo, que raio vai ele fazer com os melões? Mas depois subíamos cinco pisos e deixávamos os melões e as garrafas cair do telhado. O Travis tirou a ideia de um velho programa de televisão que dava à noite. Divertíamos-nos como o caraças a rir e a ver cenas a estatelar-se no cimento. Mas depois o Travis queria brincar a outro jogo...

JORNALISTA

O Travis Fegin desapareceu quando você tinha doze anos.

Hayes solta um riso abafado pelo telefone.

HAYES

Ah, sim?

JORNALISTA

Foi você que...

HAYES

Então, a primeira rapariga, aquela que ia da escola para casa de bicicleta. Levei-a lá acima. Quer saber o que lhe fiz antes de a ter atirado do telhado?

JORNALISTA

Estou aqui para falar sobre se há ou não outras vítimas. Para lhe dar uma oportunidade de...

HAYES

Era tão nova, tão macia, não percebia...

A voz de um GUARDA ruge em fundo.

GUARDA (FORA DO ECRÃ)

Veste o [bipe] das calças!

Ouvem-se mais gritos e depois o som de ligação cortada.

CAPÍTULO 38

MATT PINE

A cama do Adair Motel era tão dura como esperava. Matt lutou com os lençóis, os pensamentos a saltar da conversa por telefone com Keller, para a escaramuça no bar, para Jessica Wheeler. Olhou de relance para o despertador de plástico: 2h34.

Talvez devesse ir correr. Não, devia tentar voltar a adormecer, mas estava demasiado ligado à corrente. *Possível atividade criminosa*, dissera a agente Keller. Era difícil conceber tal coisa. Quem havia de querer matar a sua família? Não teriam levado muito dinheiro para o México. E quem havia de matar um rapazinho? Talvez Keller tivesse algumas respostas. Tinham combinado encontrar-se na cafetaria de manhã.

Dali, iria visitar o avô. Passar algum tempo com a tia.

Matt sobressaltou-se com uma pancada leve na porta. Sentou-se. Teria mesmo ouvido aquilo ou não passava da sua imaginação? Acendeu o candeeiro, ficou à escuta.

Foi descalço em bicos de pés até à porta e encostou o olho ao óculo, mas não estava ninguém do outro lado. Caminhou até às cortinas pesadas e abriu-as uma nesga. O estacionamento era mal iluminado, mas não viu ninguém. Talvez fosse Ganesh ou Kala, ou algum dos outros amigos.

Foi então que reparou em algo no chão. Alguém enfiara uma folha de papel dobrada por baixo da porta. Uma mensagem atada com uma fita vermelha.

Apanhou-a, puxou o laço e sentiu um formigueiro de entusiasmo no peito.

ENCONTRO NO MONTE HOJE ÀS 3 DA MANHÃ?

SIM OU NÃO

ASSINALA UMA DAS OPÇÕES

Matt lembrava-se de ter assinalado sim numa mensagem idêntica sete anos antes na aula de Ciências. Voltou a ver as horas: 2h39. Podia levar o *Escalade* de Ganesh emprestado, mas estivera a beber. Podia acordar Curtis para que o levasse. Ou, se fosse a pé, talvez conseguisse chegar a horas. Observou a mensagem outra vez. Depois enfiou a camisa e as calças de ganga e foi buscar os ténis.

Matt chegou ao monte cinco minutos adiantado. Estava transpirado, preocupado por poder cheirar mal da corrida, mas a arrefecer com a brisa. Aquela noite estava mais quente, mas, de resto, era muito parecida com a noite de quando andava no nono ano: as folhas a rumorejar acima da sua cabeça, a única luz proveniente da lua, que as nuvens cobriam intermitentemente. O mesmo martelar no peito. Já não era um rapaz inocente, claro. Beijara a sua quota de raparigas desde então. Mas nenhuma o deixara a arder como Jessica Wheeler. Estava a romantizar tudo, tinha a certeza. Porque é que será, perguntou-se, que fazemos isso? Embelezar as recordações e torná-las versões idealizadas do que realmente aconteceu.

Ficou de pé no meio da clareira entre as árvores, a visualizar Jessica tantos anos antes a aparecer vinda da floresta, com uma lanterna na mão, de calças de pijama e uma *T-shirt* de dormir justa. Lembrou a si mesmo que não sabia nada desta rapariga — desta mulher — agora. Eram certamente duas pessoas muito diferentes. Ele passara os seus anos do secundário em Chicago, a faculdade em Nova Iorque. Ela ficara em Adair, e aparentemente trabalhava no Pipe Layers. Só tinham passado sete anos, mas era um terço completo das suas vidas. Porém, algo na forma como ela furara por entre a multidão no bar, como assumira o comando destemidamente e acabara com a discussão dava-lhe a mesma adrenalina que sentira no nono ano.

Matt perscrutou a zona e não a viu. Talvez tivesse reconsiderado. Ou era uma partida de mau gosto. Ou, pior, alguém que o atraíra ali para se vingar por o documentário ter atingido a cidade. Mas ele nunca contara a ninguém sobre aquela noite, e só Jessica sabia da mensagem.

Surgiu uma luz no bosque.

Jessica caminhou vagarosamente até ele.

— Vieste.

Ela desligou a lanterna e os dois ficaram ali. Na névoa prateada ele viu a rapariga da aula de Ciências. O rosto delicado em forma de coração. Estava mais velha, o cabelo mais comprido, com mais estilo. Continuava a ser dois centímetros e meio mais baixa do que ele. Tinham crescido ao mesmo ritmo. E aqueles lábios... Matt tinha de acordar do devaneio.

Por algum motivo, as palavras estavam-lhe presas na garganta, por isso limitou-se a acenar com a cabeça.

— Desculpa por ser tudo às escondidas — começou ela. — Não és o tipo mais popular do mundo depois daquele programa de televisão. E eu tenho um

negócio para gerir...

Isso explicava tudo. Ela não queria ser vista com ele. Que maravilha.

— Geres o bar? Pensei que só...

— Trabalhava lá como empregada de bar burrinha?

— Não era o que eu...

— Estou a brincar contigo — disse ela. — Depois do acidente do meu irmão, tive de fazer uma pausa na faculdade. O Ricky não podia ficar com o bar quando o meu tio adoeceu. Stanford deixou-me adiar por uns tempos, mas acho que posso dizer adeus a isso. Mas o bar corre muito bem. Não há muito para fazer em Adair. Mas, como podes ver, o horário é uma bosta.

— Stanford, uau.

— Queria ir para o mais longe possível. Vês como resultou?

— Para os dois.

— Vamos — disse ela. — Podes levar-me a casa.

Matt seguiu-a enquanto descia a colina pelo caminho batido até chegarem ao grande terreno circular de relva e terra a que todos chamavam o Eixo. Daí enveredaram por uma estrada de terra que levava à casa dela de infância. Ia perguntar-lhe se ela ainda vivia na mesma casa, mas pensou melhor. Sabia a resposta e não queria obrigá-la a dizê-la. Caminharam lado a lado pela estrada estreita.

— Não achei que viesses — comentou Jessica.

— Porquê?

— Bem, não foste propriamente recebido de braços abertos.

Matt soltou um ruído de concordância.

— Desculpa o meu irmão — disse ela. — Não é o mesmo desde o acidente. Fica confuso. E não tem muitos amigos, por isso exibe-se para aqueles atrasados que só se dão com ele por causa das bebidas grátis que ele lhes passa quando eu não estou a ver.

Matt assentiu.

— O que é que lhe aconteceu?

— Acidente de carro. Deformou-lhe mais do que o corpo. Lesão cerebral. Não se nota à primeira, mas se falares com ele durante algum tempo...

Matt dirigiu-lhe um olhar compassivo. Quando era miúda, era doce, empática. Fora o que o atraía. E, pelo que via, ao pôr a vida em pausa para cuidar do irmão, assumir o negócio da família, não mudara.

— Diz-me, porque é que me convidaste para vir aqui ter? — perguntou

Matt, estudando o seu perfil à luz pálida.

Foi a vez de Jessica corar.

— Não sei.

— Sabes, sim.

— Para pedir desculpas, acho eu.

— Desculpas de quê?

— Não fui propriamente uma boa amiga depois do que aconteceu ao teu irmão.

Matt pensou no que ela dissera. Pela primeira vez, lembrou-se de que Jessica deixara de lhe responder após a detenção de Danny. Evitara-o na escola. Não lhe devolvera as chamadas. Como fora possível ter-se esquecido? Tinha recordações tão vívidas daquela noite. A comichão que a relva fazia nas suas costas enquanto estavam deitados a ver as estrelas. A sensação da mão dela a segurar a sua enquanto percorriam aquele mesmo caminho. A forma como ela prendera o cabelo atrás da orelha no prelúdio do beijo.

Depois da detenção de Danny era uma montagem de infelicidade, com imensos espaços em branco na sequência temporal: os pais a discutir. O pai a soluçar atrás da porta fechada da casa de banho. Os jornalistas à porta de casa. O auscultador do telefone fixo na cozinha a balançar fora do descanso. Os sussurros e olhares sempre que iam à cidade. A camioneta das mudanças. Talvez o esquecimento fosse um mecanismo de defesa. A bloquear as coisas desagradáveis.

Ocorreu-lhe um pensamento inquietante: talvez fosse por isso que Danny não se conseguia lembrar de nada da noite em que Charlotte fora assassinada. Estava a bloquear o que fizera.

Jessica olhou para a relva.

— Se pudesse voltar atrás, diria à minha mãe que podia ser amiga de quem quisesse. Teria sido mais forte, uma amiga melhor. Vi a dor que sentias, e devia ter...

— Não precisas de pedir desculpas.

— Preciso, sim.

— Está bem, acabaste de pedir. — Ele sorriu. — E posso dizer com sinceridade que nunca pensei nisso.

Continuaram pela estrada, o som dos seus passos a preencher o silêncio.

— Lamento tanto pela tua família — disse Jessica, por fim.

Matt acenou com a cabeça, ainda sem saber como responder às condolências.

Como se reconhecer a tragédia a tornasse real.

— Quanto tempo vais ficar? — perguntou ela, tentando fugir ao momento constrangedor.

— Não tenho a certeza. O funeral é domingo. Provavelmente vou-me embora pouco depois, dependendo da minha tia, se precisar de alguma coisa.

— A Cindy é qualquer coisa. Fiquei surpreendida por não ficares em casa dela.

— Sou mortalmente alérgico a gatos. Todos os meus amigos de Nova Iorque estão no Adair Motel, por isso fazia sentido. — A verdade é que a tia era melhor em doses pequenas, por isso os gatos eram uma desculpa conveniente.

Jessica anuiu como se se lembrasse da sua alergia severa a gatos, mas ele suspeitava de que ela não se lembrava. Matt teve um vislumbre de uma recordação de si mesmo em rapaz, de visita a um amigo da família, a lutar por respirar, com pieira, a mãe a ligar o duche, a massajar-lhe as costas, a dizer-lhe para inspirar o vapor.

— Estava um monte de jornalistas no bar ontem à noite, a queixar-se do motel. Ouvi-os falar, a dizer que vêm ainda mais a caminho. Os jornalistas das cadeias nacionais.

— Não me admira. Eles *adoram* a telenovela Danny Pine. — Aquele fascínio interminável deixava Matt com uma curiosidade persistente.

— Adoram mesmo. Fizeram-me um monte de perguntas, mas eu disse que não sabia de nada.

— Tipo o quê?

— Tu sabes, cenas sobre as teorias da conspiração.

Matt olhou para ela, abanou ao de leve a cabeça. Era provavelmente a única pessoa no país que não acompanhara o caso. As vastas conspirações das pessoas na televisão e dos detetives da Internet, homens e mulheres adultos com demasiado tempo livre.

— Perguntaram-me se vira algum membro da família Hayes na cidade, se achava que eles teriam motivo para fazer mal à tua família. — A família do Esmagador. Matt vira o documentário (uma vez, que era o que bastara), mas nunca se esquecera daquela prole sinistra. — Jessica continuou: — Um dos jornalistas tinha perguntas superesquisitas mesmo. Perguntou-me se ouvira rumores de que a Charlotte ainda estava viva, que forjara a própria morte para escapar ao pai. Ou que fora levada como escrava sexual.

Matt resmungou.

— Os tabloides...

— Ele disse que era do *Chicago Tribune*.

Matt abanou a cabeça, enojado.

— Queriam falar com o Ricky, mas eu não deixei.

— Porque é que haviam de querer falar com o teu irmão?

— Não viste o documentário? Foi o Ricky que identificou o Participante Desconhecido.

Matt não se lembrava disso. Mais falhas na memória.

— Se ele identificou o P.D., o que ajuda o caso do meu irmão, então porque é que ele disse aquelas coisas esta noite sobre...

— Já te disse, ele fica confuso.

Quando viu o brilho amarelo da luz do alpendre da casa dela à distância, Matt teve um momento de *déjà-vu*.

Jessica também o devia ter sentido.

— Lembras-te da noite em que nos encontramos aqui? — perguntou ela.

— Um bocadinho — respondeu Matt. *Só os teus lábios macios, o vulcão a entrar em erupção dentro de mim, a sensação que persigo desde os catorze anos, antes de a solidão ter assentado nos meus ossos.*

— E tu? — perguntou Matt.

— Um bocadinho — respondeu Jessica num tom brincalhão que reconhecia que estavam ambos a mentir.

Sem pensar nas consequências, Matt perguntou:

— Viste alguma coisa nessa noite? Alguma coisa fora do comum?

Ela avaliou-o.

— Tipo, em que sentido?

Ele não respondeu.

— Só me lembro de nós os dois, aqui mesmo. — Ela pareceu corar, pois estavam perto do local do famoso beijo. — E depois, mais tarde, de ouvir a carrinha do Ricky parar. Estava bêbedo e não tinha nada que ter andado a conduzir. Ele e o par estavam a discutir.

Ela estava a olhar para ele agora, como olhara naquela noite. Matt sentiu o impulso de a puxar para ele, de a beijar. Tinha uma expressão parecida no olhar.

— Foi ótimo ver-te, Jessica — disse Matt, quebrando o feitiço. Estendeu a mão para que ela a apertasse.

O canto da boca dela ergueu-se.

— Igualmente, Matthew. Não vamos deixar que passem mais sete anos. —

Ela virou-se e desapareceu na escuridão, tal como fizera naquela noite.

Matt deambulou pela estrada até ao Eixo. Parou na relva no centro, a lua a espreitar das nuvens, oferecendo um estilhaço de luz. Quase esperou ver as costas do casaco da equipa de futebol do irmão — pine escrito em letras amarelas sobre as omoplatas — a empurrar um carrinho de mão na direção do ribeiro. Ao mesmo tempo, surgiu-lhe outra recordação que lhe escapara: a figura a parar nas sombras, a cabeça a girar na sua direção. A escuridão ocultava-lhe o rosto. No entanto, não havia dúvida: estava a olhar diretamente para ele.

CAPÍTULO 39

OLIVIA PINE

ANTES

Liv virou a garrafa para que o resto do *pinot noir* gotejasse para o seu copo. Já enviara uma mensagem a Noah, a pedir desculpas por não conseguir ir ao jantar. Depois do encontro com a antiga parceira do detetive Ron Sampson e com a viúva, já tivera a sua dose do passado. Daquela cidade. Teria tempo para pressionar Noah para conceder o indulto depois de ele ser nomeado governador. Por isso, recorrera à arma secreta de todos os pais para se descartarem de um compromisso: *O Tommy não se está a sentir bem*.

A verdade é que Cindy levava Tommy a jantar. Liv não sabia se era porque a irmã queria mesmo passar algum tempo como tia de Tommy antes de se irem embora no dia seguinte, como dissera, ou se pressentira que Liv precisava de estar sozinha. Cindy deixara não uma, mas duas garrafas de *pinot* na bancada, por isso Liv inclinava-se para a segunda opção. Estava a rodar o saca-rolhas na segunda garrafa quando o telemóvel tocou.

Ia ignorá-lo, mas, desde aquela manhã com Danny em que deixara as chamadas irem para o correio de voz enquanto corria do hotel para casa, nunca ignorava chamadas.

Algumas coisas deixavam-na supersticiosa, irracionalmente. Estava a fazer uma sesta a meio do dia quando a mãe morrera, e nunca mais voltara a fazer sestas a meio do dia. Trazia coisas más. Fora numa tarde preguiçosa de inverno em que se aconchegara com o cão da família e adormecera, depois acordara com Cindy a abanar-lhe os ombros, a chorar de forma aguda, a última vez que vira a irmã mais velha chorar. Por isso, por mais cansada que estivesse, nunca fazia sestas. Mesmo na faculdade, e mesmo quando os miúdos eram bebés e ela estava mais morta que viva, nunca, jamais passou pelas brasas a meio do dia. Da mesma forma, depois de não ter atendido a chamada de Maggie a dizer que a polícia levava Danny — correção, depois de ter *ignorado* a chamada de Maggie —, nunca deixava um telefone por atender.

— Estou? — disse, à espera de ouvir um operador de *telemarketing* ou uma mensagem gravada.

— Senhora Pine, daqui fala a Alvita do Twilight Meadows — respondeu a

mulher com um sotaque jamaicano. — Receio que o seu pai esteja desaparecido.

Já era suficientemente mau que tivesse de lidar com as escapadelas do pai na sua última noite na cidade, mas ainda pior era ter de pedir ajuda a Noah. Bebera demasiado vinho para conduzir. E não queria dar cabo da noite de Cindy com Tommy ou expor o filho à aflição. Não tinha grande escolha senão ligar-lhe. Além disso, disse a si mesma, Noah lidaria melhor com o pessoal do lar. E gostava de interpretar o papel do cavaleiro branco; sempre gostara.

— Ele vai ficar bem — afirmou Noah, com a mão no volante. Era uma daquelas pessoas que nunca perdiam a calma. Não conseguia lembrar-se de um único instante em que Noah Brawn perdera a cabeça. Quando ela terminara a relação na faculdade, ele ficara impávido e sereno. Não era que lhe faltasse paixão. Os seus discursos sobre confissões falsas eram dignos de um pregador a ameaçar com o fogo do inferno. Mesmo o seu discurso de campanha para presidente de câmara quando era novo tinha ardor. Só que a sua postura estável também revelava um distanciamento emocional.

— Eu sei — disse Liv. — É só que estou tão lixada. Quero dizer, é assim tão difícil ficar de olho num homem idoso com demência?

Noah limitou-se a acenar enquanto percorria as estradas escuras em direção à autoestrada. Ao fim de algum tempo, disse:

— Então, estou à espera.

Liv olhou para ele interrogativamente.

— Que digas a palavra mágica... *indulto*.

Liv encarou-o. Estava a olhar em frente, o perfil do seu maxilar sólido e a sua expressão séria lembraram-lhe trechos de *Uma Natureza Violenta*. Talvez fosse do vinho todo que bebera, mas decidiu não insultar a inteligência dele e negar que queria a sua ajuda.

— Podes... ajudar, digo?

— Gostava de o fazer.

— Mas...?

Ele virou a cabeça para ela, depois voltou a olhar para a estrada.

— Mas, partindo do princípio de que o Turner se demite, que é o mais provável, serei o tipo novo. Não fui eleito para o cargo, por isso tenho de ter tato. A decisão não é só minha. Tenho de convencer a comissão de indultos, e dois dos três membros são lacaios do Turner.

— Eu percebo — respondeu ela, abatida.

— Eu não disse que não. Mas temos de fazer as coisas de maneira inteligente. Vou precisar que sigas os procedimentos habituais.

— Isso não é difícil. Já preenchamos a papelada para o indulto duas vezes, embora não me pareça que o Turner tenha sequer olhado para os nossos requerimentos.

— Podes apostar — respondeu Noah. — Mas eu vou olhar. Mesmo assim, precisamos de algo novo. Algo que não pareça que eu estou a ser influenciado ou que estou só a tentar causar problemas ao Turner, que ainda tem amigos de quem preciso. Há indícios novos?

— Nada em concreto.

— E o vídeo que a tua filha publicou? Da festa.

Era óbvio que ele tinha andado a acompanhar a tagarelice *online* sobre o caso. Noah deve ter sentido a sua surpresa.

— O Kyle falou-me dele — disse. — Aparentemente ele aparece no vídeo.

— Alguns acham que o vídeo mostra o Participante Desconhecido, mas quem sabe? A qualidade é terrível e nenhum dos detetives de bancada chegou a novas conclusões.

— Mais alguma coisa?

Liv exalou.

— Nada, a menos que a mulher do Ron Sampson não seja maluca.

Noah semicerrou os olhos.

— O que é que queres dizer com isso?

— Ela abordou-me. Deu-me uma pasta. Disse que o Sampson sabia de alguma coisa, que ia falar com os realizadores.

Noah olhou para Liv com uma expressão cética.

— Eu sei...

— O que é que tem a pasta?

— Nada, tanto quanto me parece. É uma página de uma espécie de relatório e umas análises de sangue.

Noah virou para o estacionamento do lar.

— A mulher do Sampson, a Susan, tem passado mal com a morte dele. Mesmo antes, era conhecida por tomar umas bebidas — Noah ergueu as sobranceiras — ao pequeno-almoço.

— Ela parecia, de facto, estar bastante noutra, mas quem sou eu para falar, tendo em conta o meu consumo de vinho esta noite?

Noah riu-se.

— O Ron não foi particularmente um bom marido. Na verdade, o condado de Logan uma vez apanhou-o quando fizeram uma rusga a uma das casas de massagens...

Liv fez uma careta.

— Admira-me que a turba da Internet nunca tenha pegado nisso.

Noah encolheu os ombros.

— Não o processaram. Sabes como são os polícias.

Sabia, sim. Protegiam-se uns aos outros. A ideia de uma casa de massagens com final feliz arrepiou-a. Coitada da mulher de Sampson. Não admira que se virasse para a garrafa, os comprimidos ou o que quer que andasse a tomar.

— Ela acha que o Sampson foi assassinado — comentou Liv.

Noah abanou a cabeça.

— Hoje em dia tudo é o assassinio do Kennedy.

Era uma frase irónica, já que o próprio Noah fizera uma ronda de conferências a sugerir que Danny fora acusado indevidamente, que o Esmagador matara Charlotte.

— Mas quem sabe? — acrescentou Noah. — Se quiseres que eu dê uma vista de olhos aos papéis que ela te passou, não tenho problema. Conheço o caso bastante bem, por isso manda-me uma cópia.

— Sem dúvida. Mas se houver ali alguma coisa, o Evan saberá.

— Isso podes crer — replicou Noah. Parou o sedã em frente à entrada, sem se incomodar em estacionar num dos lugares do parque. Junto à porta, Liv viu Dennis Chang, a mudar o peso de um pé para o outro, com um ar irritado.

— Estás... hum... zangada — disse Noah, tendo a delicadeza de não mencionar a cadência na sua voz, aquilo a que Maggie chamava a brincar «voz de vinho». — Porque não me deixas tratar do assunto?

Liv não discutiu.

Noah saiu do sedã e apertou a mão a Chang. Trocaram algumas palavras. Noah deu-lhe uma palmadinha no ombro. Liv viu a postura de Chang mudar de aborrecido para prestável.

Liv estava a ficar sóbria, mas ainda não tinha a cabeça completamente desenevoada. Baixou a pala do carro e viu-se ao espelho. Bateu ao de leve na bochecha.

Noah regressou ao carro.

— Revistaram a propriedade — comunicou. — Aham que ele se escapuliu

depois do jantar, uma vez que a enfermeira o viu nessa altura.

Liv abanou a cabeça.

— O Chang disse que, das últimas vezes que ele saiu, foi à campa da tua mãe no cemitério. Mandaram uma pessoa ir lá ver, mas não o encontraram. Tens ideia de para onde ele poderá ter ido?

Liv listou sítios com significado para o pai: o cemitério, a casa, talvez a fábrica.

— Aparentemente, o teu pai estava a falar sobre a tua mãe quando lhe deram o jantar. Disse que a tua mãe tinha passado os últimos dias com ele.

Liv engoliu em seco, apercebendo-se de que o pai a confundira com a mãe. Toda a gente dizia sempre que elas eram muito parecidas.

— O Charlie disse à enfermeira que tinham um encontro esta noite — continuou Noah — e que tinham de ter cuidado, porque o pai dela não gostava dele. Tens ideia de onde ele costumava levar a tua mãe?

Liv esboçou um sorriso breve.

— Tenho.

CAPÍTULO 40

Passaram dez minutos até chegarem ao terreno coberto de vegetação alta. A paisagem era desoladora: uma área de cimento no meio do nada, o ecrã do cinema ao ar livre antiquado coberto de grafítis, os postes dos altifalantes enferrujados e estragados, a projetar-se do solo. Tudo envolto em escuridão, salvo os faróis do *Mercedes* de Noah.

Noah deslizou para um dos lugares. O parque era fantasmagórico, apocalíptico.

— Passámos bons momentos aqui, hã? — disse Noah, quebrando o silêncio.

Liv não respondeu, mas sentiu o rosto ruborizar. Tinham feito sexo no banco de trás da carrinha do pai dela naquele mesmo cinema ao ar livre. Durante um filme com a Molly Ringwald. O cinema deixara de existir pouco depois. Não achava que uma coisa estivesse ligada à outra.

Ela examinou a zona, à procura do pai.

— Podes ver lá atrás? — Ela torceu-se, olhando para trás. — O meu pai dizia que costumavam deixar o carro junto da barraca dos comes e bebes para que o pai dela não os visse.

Noah fez inversão lentamente.

— Porque é que o teu avô odiava tanto o Charlie?

Liv continuou a olhar pela janela. As ervas daninhas rodeavam o espaço, brotando das rachas no asfalto.

— O meu pai dizia sempre que o pai dela achava que ela era boa de mais para ele, e com razão. — Ela sorriu.

Depois viu algo a mexer-se ao longe.

— Ali — disse, apontando para uma figura perto da estrutura encerrada.

Noah parou o carro e Liv saltou lá para fora. O pai aproximou-se, com a mão a proteger os olhos dos faróis.

— Pai! — Liv lançou os braços à volta dele.

Recuou e olhou para ele, assegurando-se de que estava bem. O pai franziu os olhos, pestanejou como se estivesse confuso. Fitou-lhe o rosto durante bastante tempo, sem dizer nada.

— Estávamos preocupados consigo.

Noah acercou-se.

A expressão do pai de Liv iluminou-se com um lampejo de lucidez.

— Eddie Haskell — disse. Num tom ríspido, meio a brincar, acrescentou: — Que diabo estás a fazer aqui a meio da noite com a minha filha?

— Lamento, Charlie. Que tal se a levamos os dois a casa? — Noah dirigiu-se para o veículo e abriu a porta de trás.

O pai encaminhou-se descontraidamente.

— Muito bem. Mas não quero voltar a ver-te aqui. Ela é demasiado boa para ti.

Depois de terem deixado o pai de Liv acomodado no lar, Noah levou Liv de volta a casa de Cindy.

Antes de sair do carro, Liv olhou para ele:

— Mais uma vez, obrigada.

— Não é nada.

— Não, significa muito. Em especial depois do que eu te disse da última vez que estive no Nebraska.

— Foi merecido. — Ele fez uma pausa. — Eu estava a passar por um mau momento. Achei que o Tommy se parecia tanto com o Kyle quando era miúdo.

— Não faz mal. São ambos rapazes bonitos. — Ela recordou-se da raiva... do medo... quando ele lhe pedira para fazer o teste. Fora numa altura em que ela estava em Adair a tratar de outro episódio relacionado com o pai. O documentário tinha acabado de sair, e a cidade estava em brasa. O governador recusara-se a apoiar o indulto de Danny, e Noah queria o raio de um teste de paternidade.

Por isso, ela fizera o teste — dissera-lhe que enviara fios de cabelo de Tommy e Evan para uma empresa *online* de testes de paternidade com um nome falso. Sentira-se abjeta, como se fosse convidada de um daqueles programas horríveis onde os casais revelavam os resultados dos testes de paternidade em direto na televisão. Quando os resultados chegaram declarando que Evan era o pai, ela enviara-os a Noah por *e-mail*. Ele pedira-lhe que os enviasse para um endereço específico, que provavelmente criara para que qualquer vestígio da questão fosse impossível de localizar. Nunca deixava de ser o político.

Noah olhou para ela como se estivesse prestes a beijá-la.

A ideia repeliu-a. Abriu a porta do carro, mantendo a distância. Deixando claro que não ia acontecer.

— Boa noite, Noah.

Ele acenou, de expressão derrotada.

— Envia-me os documentos que a mulher do Sampson te deu — pediu. — Talvez haja alguma coisa que possamos usar para o indulto.

Já em casa de Cindy, Liv foi até à beira da cama de Tommy e ficou a vê-lo dormir. Inclinou-se e beijou-o na face, rezando para que nunca viesse a saber que os cabelos que enviara com o teste de paternidade não pertenciam a Evan. Pertenciam a Noah.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Episódio 2
«Eles Influenciaram-me»

INSERT – Uma fotografia da escola de DANNY PINE com o equipamento de futebol.

INSERT – GRAVAÇÃO DO TELEFONE DA PRISÃO

EVAN PINE

Não percebo. Disseram que confessaste que tinhas feito mal à Charlotte. Porque é que havias de dizer isso, Danny? Não faz sentido.

DANNY

(a soluçar)

Não sei porquê. Não me lembro, mas eu nunca lhe faria mal. Eu, eu, eu...

EVAN

Eu sei, filho. Só não percebo porque é que...

DANNY

Isto aqui é horrível.

EVAN

Preciso que sejas forte, companheiro. Vou arranjar-te um advogado. Vamos esclarecer isto. Mas tenho de saber: aqueles polícias ameaçaram-te? Magoaram-te?

DANNY

Não consigo explicar porque é que disse isso. Eles influenciaram-me.

CAPÍTULO 41

DANNY PINE

Algumas pessoas lembram-se nitidamente de onde estavam quando Kennedy foi assassinado. Ou quando o vaivém espacial *Challenger* explodiu. Ou quando o carro da princesa Diana se despistou. Ou quando os aviões atingiram as Torres Gêmeas. As memórias que se formam sob emoções intensas ficam gravadas nos nossos pensamentos, marcadas com o ferro quente do trauma. Danny Pine pensara muito sobre a memória nos últimos sete anos.

Toda a gente queria sempre saber *Porque é que não te consegues lembrar?*. Primeiro fora a polícia, embora achassem que ele estava a mentir. Depois os pais. Depois Dave, o seu advogado de defesa criminal de rabo de cavalo. Depois aqueles realizadores. Caramba, até os geralmente pouco curiosos reclusos em Fishkill. Um deles, um psiquiatra condenado por manipular pacientes para lhe fazerem sexo oral, até se oferecera para hipnotizar Danny. *Ah, não, obrigado.*

Quase toda a gente estava convencida de que a verdade — o que *realmente* acontecera a Charlotte — estava arrumada nas profundezas recônditas do seu cérebro, e se ao menos conseguissem desbloquear as memórias...

Não é que a sua mente estivesse completamente em branco. De início, tudo o que Danny conseguia recordar eram *flashes* da festa e da casa do não-sei-quantos. Fragmentos. Ele a fugir pela porta das traseiras quando alguém gritara *Polícia!*. Uma fogueira num campo de milho. As cargas de metal das cervejas. Depois acordar na sua cama, com um martelo pneumático a bater-lhe no crânio, a irmã mais nova ali parada com uma expressão preocupada no rosto. *A polícia está à porta. Onde é que está a mamã?*

Mas lentamente outras coisas começaram a surgir. O advogado de rabo de cavalo disse que essas memórias — Charlotte na festa, o seu rosto contorcido de angústia, *Tenho de falar contigo* — não ajudavam, por isso era melhor ele guardá-las para si.

Uma coisa que Danny Pine desejava poder esquecer era o seu primeiro dia preso depois da condenação. Eles a despirem-no, a despiolhá-lo, a enfiar-lhe uma pilha dobrada de uniformes azuis da prisão nos braços. Entrar no corredor. Os violadores, assassinos e outra escumalha nas grades a chamá-lo e ao desfile de recém-chegados.

Carne fresca! Carne fresca! Carne fresca!

O som da porta da cela a fechar-se com um ruído metálico no sufocante piso de cima, onde todos os cheiros horrendos da prisão encontravam um lar. Olhando para trás, traumática como fora, a experiência dificilmente era única. Todos os meses Danny a via desenrolar-se uma e outra vez.

Agora era uma pessoa diferente. Não uma pessoa melhor, diferente. Quando fora transferido para Fishkill no ano anterior, mantivera a cabeça erguida em ar de desafio enquanto cumpria a rotina naquele primeiro dia. Desta vez, os rufias entoaram *Peixe fresco! Peixe fresco! Peixe fresco!* Não eram as pessoas mais originais do mundo, os reclusos. O miúdo à sua frente estava a chorar. Danny nem sequer o avisou que parasse.

Por aquela altura, Danny sentia-se um condenado a perpétua endurecido e o que mais se assemelhava a famoso atrás daquelas paredes. Nunca vira o documentário. Mas percebia que tinha sido uma coisa de monta. A biblioteca da prisão tinha jornais. Também recebia cartas, «correio de fãs» e visitas de advogados caros. O pai dissera que os novos advogados eram a valer, não como o Rabo de Cavalo, para quem o caso era areia de mais para a sua camioneta. Mais como Louise Lester, a advogada pós-veredito do Instituto para as Condenações Injustas. Havia celebridades a publicar *tweets* sobre o caso, e praticamente o país inteiro se virara contra a sua cidade natal, em especial contra os dois polícias que o tinham interrogado. Até a filha do presidente — isso mesmo, o presidente dos Estados Unidos — anunciara que estava do lado de Danny. Mas lentamente, a atenção, tal como a sua esperança, esmorecera.

Agora as coisas tinham-se tornado perigosas para ele. Espalhara-se o rumor de que os pais lhe tinham deixado uma fortuna do seguro de vida. *Não* se queria ser conhecido como alguém com uma fortuna naquele sítio. Pior, ouvira dizer que Damian Wallace o tomara de ponta. Não sabia porquê. Mas ali dentro podia ser por qualquer motivo.

O trecho do corredor por onde caminhava naquela manhã era o mais perigoso — corredores estreitos, apinhados, só duas câmaras em cada ponta, nenhuma no meio —, por isso estava em alerta máximo. Caminhou em fila, os olhos à caça de ameaças. À procura de Wally. A fila oprimida de camisas azuis fluíu, sem encontrões, sem olhares duros, sem escaramuças de forma a distrair os guardas.

Depois de sobreviver ao corredor sem uma escova de dentes afiada nas costelas, exalou com alívio. *Este sítio! O raio deste sítio!* Fishkill fora outrora um hospital para criminosos com perturbações mentais, e Danny jurou que estava a

enlouquecer. Alguma vez vaguearia do lado de fora das suas paredes desoladas?

A tia estava a tentar que aprovassem a sua comparência no funeral. *Boa sorte.* O diretor não era o tipo mais compassivo dali. Uma vez dissera a Danny que começara a ver o documentário mas tivera de parar. «Reconheço uma grande treta quando a vejo», dissera.

Enquanto Danny trepava as escadas de metal, perguntou-se se alguma vez o voltaria a ver, o homem que se afigurara a sua última esperança de sair. De olhar para a lua. De se deixar dormir. De comer um hambúrguer suculento de uma cadeia de *fast food*.

O homem chegara à prisão sem se fazer anunciar, mentira e dissera que era um dos advogados de Danny. Fora no mesmo dia em que o Supremo Tribunal negara rever o seu caso. Danny suspeitava de que a altura não fora uma coincidência.

Chamava-se Neil Flanagan, um homem untuoso num fato caro.

Flanagan dissera que trabalhava para o governador e que, por um simples milhão, Danny podia ser um homem livre. Não *dissera* de facto nada daquilo, claro, provavelmente com medo de que a prisão gravasse as visitas. Não, tirara uma folha de papel com a oferta escrita. Depois de Danny a ter lido, Flanagan colocou o papel num arquivo e trancou-o na pasta.

— Então, acha que pode pagar os meus honorários? — perguntou Flanagan, fingindo ser um novo potencial advogado de Danny, um artil para os dispositivos de gravação que provavelmente não existiam.

— Onde raio é que hei de arranjar esse dinheiro?

— É famoso.

— Não recebi dinheiro nenhum do programa de televisão.

— Então e aquelas celebridades e benfeitores todos? Esses têm dinheiro.

Danny revirou os olhos. Mas não conseguia afastar a sensação de que algo no homem, algo em tudo aquilo, era lícito. Bom, não *lícito*, mas autêntico. Não parecia ser uma armadilha.

— Ouça, quando sair, terei muitas ofertas. Posso pagar nessa altura e...

— Não trabalho a crédito, senhor Pine. Fale com o seu pai. Fale com os seus benfeitores. E depressa. Esta oferta tem um prazo.

— Faço cinquenta e dois cêntimos por hora. E mesmo que pudesse pedir o dinheiro emprestado, como é que sei que o senhor é sério? E se eu lhe pago o «adiantamento» e você se limita a desaparecer?

— Daríamos garantias.

— De que tipo?

— Arranje o dinheiro e verá.

— Porquê? Porque é que ele havia de me conceder o indulto agora, depois de tudo...

— Plano de reforma.

Uma semana depois Danny leu que o governador estava a ser investigado e o seu advogado — Neal Flanagan — fora indiciado. E agora o governador demitira-se.

Plano de reforma.

Danny revirara o cérebro a tentar encontrar maneiras de arranjar o dinheiro. Mas nunca contara ao pai do homem, da oferta, de nada daquilo.

Chegou à sua cela e entrou. Aquilo era invulgar: o seu gordo companheiro de cela — que só se mexia para comer e para se arrastar um metro até à sanita — não estava na cama de baixo.

Foi quando os cabelos na nuca de Danny se eriçaram. E a cela escureceu com a sombra de um homem a entrar numa investida.

CAPÍTULO 42

MATT PINE

Matt entrou na cafetaria, o toque familiar da campainha a levá-lo de volta a quando era pequeno e iam ao Anne's tomar o pequeno-almoço aos domingos de manhã. Visualizou Danny sentado em frente a uma pilha gigantesca de panquecas, enquanto a mãe roubava uma dentada com o garfo. Era estranho, as coisas de que se lembrava.

Tal como o bar na noite anterior, o estabelecimento pareceu aquietar-se com a sua presença. Um segundo de silêncio seguido por murmúrios. Naquele dia os olhares não eram tão subtis, as cabeças acompanhavam-no à medida que passava, os pescoços esticados. Ele serpenteou pelas mesas até um compartimento ao fundo. A Agente Especial Keller estava sentada com uma chávena de café à frente, o vapor a elevar-se da caneca.

Matt deslizou para o compartimento à frente dela. A clientela ainda estava a lançar-lhe olhares.

— Bom dia — cumprimentou Keller.

— Dia.

Ela encarou-o.

— Está com um aspeto... cansado — comentou.

Lá nisso tinha razão. Depois de se ter encontrado com Jessica, dormira no máximo duas horas. Suprimiu um bocejo.

A empregada apareceu, encheu a caneca de Keller, perguntou se ela precisava de alguma coisa. Matt podia jurar que era a mesma mulher de quando ele era pequeno. O mesmo penteado à colmeia. Tratou Matt como se ele fosse invisível.

Keller lançou um olhar rápido a Matt, franziu o rosto. Ele não estava a imaginar. A empregada estava a ignorá-lo de propósito.

— Queria um café, se faz favor — pediu Matt. Não era grande fã de café, mas não tinha a certeza se conseguiria sobreviver ao dia sem ele.

A empregada produziu um ruído na garganta. Hesitou como se fosse recusar, mas encheu-lhe a caneca sem dizer uma palavra.

— De certeza que quer ser vista comigo? — perguntou Matt a Keller depois de a empregada se ter afastado. — São eles que lhe vão fazer a comida, sabe?

Keller sorriu sem mostrar os dentes.

— Suponho que achem que nenhum Pine devia entrar aqui... a cafetaria onde a Charlotte trabalhava — comentou Matt.

— Não sei bem se será isso — disse Keller.

Matt lançou-lhe um olhar.

Keller pousou um jornal na mesa. Na primeira página do *Lincoln Journal Star* estava uma fotografia de Matt ao lado de uma de Danny. Matt tinha um aspeto cansado, olheiras escuras debaixo dos olhos, o cabelo desgrenhado. Talvez ainda pior do que o aspeto atual. Era a fotografia do seu cartão da faculdade. Lembrava-se de a ter tirado depois de uma noite de borga na primeira semana do seu ano de caloiro, quando toda a gente enlouquecia com a falta da supervisão dos pais. Como é que o jornal a obtivera? Ao lado da fotografia de Matt estava a do processo criminal de Danny. Juntas, as fotografias faziam-nos parecer criminosos. Era meio verdade, mas ainda assim.

Pior, a manchete: irmãos de «uma natureza violenta» suspeitos no assassinio da família.

— Mas que... — Matt olhou em redor do café, avaliando agora a hostilidade. — Acham que tive alguma coisa a ver com... — Matt sentiu a garganta fechar-se. Tinha a boca seca como o deserto. — Eu estava em Nova Iorque, o Danny está na prisão, porra! Como é que podem dizer... Vou processá-los, até vão chorar.

Keller aguardou pacientemente, deixando-o desabafar. Por fim, Matt ficou apenas sentado a fitar a chávena de café, tentando processar tudo aquilo.

— Lamento imenso — disse Keller.

As emoções de Matt estavam ao rubro. Tentou ler o artigo, mas não conseguia concentrar-se nas palavras. O eixo do mundo estava a inclinar-se.

— Lamento — repetiu a agente.

— Porque haviam de dizer uma coisa destas?

— Não sei. Alguém passou a informação de que a cena do crime pode ter sido encenada, um trabalho de profissional, e que o seu pai tinha uma apólice de seguro invulgarmente avultada. Foi provavelmente tudo o que foi preciso.

Matt voltou a engolir em seco, a boca um deserto.

— Não está certo — disse, a voz entrecortada pela emoção.

— Eu sei, Matthew — concordou Keller.

— É verdade que a cena foi encenada?

Keller hesitou.

— Ainda estamos a investigar — respondeu. — Mas há essa possibilidade.

— O funeral é amanhã. E toda a gente vai pensar... — Matt reprimiu um soluço. Tinha de se aguentar.

— Tome, beba um pouco de água. — Keller fez deslizar o copo até Matt e ele bebeu tudo.

— Ainda há mais, Matt. Quando as autoridades mexicanas entregaram a sua família, incluíram os bens. Todos os telefones e portáteis tinham sido limpos. E não foi nenhum erro dos polícias locais ao levarem os aparelhos para o inventário. Foram apagados de uma maneira que não havia qualquer hipótese de se recuperar dados; nem os mais competentes agentes de informática forense da Agência conseguiram reaver nada. Quem os limpou sabia o que estava a fazer.

— Mas quem... porquê? — A voz de Matt ainda tremia.

— Não sei.

— Acha que está relacionado com o caso do Danny?

— Sinceramente não sei.

Matt queria gritar *Então mas que porra é que você sabe?*. Mas a culpa não era da agente.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Keller disse:

— O que eu sei é o seguinte: depois de a sua irmã ter publicado o vídeo da festa nas redes sociais, ela e o seu pai planearam a viagem ao México para seguirem uma pista.

— Do que é que está a falar?

— Um amigo da escola da Maggie é um ás dos computadores. Mesmo antes de a sua família ter partido para o México, ela pediu-lhe para ele rastrear a localização de um número que ligara para o telemóvel do seu pai. O miúdo rastreou-o até Tulum, no México. E o seu pai também fez várias pesquisas no Google sobre Tulum.

— Foi por isso que foram ao México? Para seguir uma pista relativa ao caso do meu irmão? — Isso explicava a viagem de última hora. E tresandava ao estilo do pai e de Maggie.

— Além disso, a Maggie perguntou ao amigo se era possível fazer uma videochamada, mas digitalmente fazer com que parecesse que era outra pessoa a ligar. O miúdo fez-lhe um vídeo em que pôs a cara de outra pessoa na da sua irmã. Eu vi-o e parecia verdadeiro.

— E deixe-me adivinhar — disse Matt. — Era a cara da Charlotte.

— Como é que sabe? — perguntou Keller.

— Aparentemente existem rumores de que ela ainda está viva. Que não era o corpo da Charlotte que encontraram no ribeiro.

Kelly franziu o sobrolho.

Matt continuou:

— Por isso, se alguém queria atrair a minha irmã... ou, o mais provável, o meu pai... a algum lado, talvez o fizessem fingindo que a Charlotte ainda está viva.

— É possível — disse Keller.

— Mas porquê fazê-los ir até ao México? E quem? Porquê?

— Não sei. Estou à espera de resultados de testes a alguns indícios encontrados no local.

— Que indícios? O que...

— Digo-lhe mais quando tiver os resultados; pode não ser nada. Mas também tenho a Carlita Escobar, a funcionária consular que conheceu em Tulum, a verificar umas coisas.

Matt nunca esqueceria Escobar, a durona que quase fizera com que o polícia mexicano se mijasse. Sentiu uma dor no peito. Era tão típico de Maggie ir à caça de provas.

Keller fez deslizar um *tablet* pela mesa.

Matt olhou para o ecrã. Era a fotografia que Maggie lhe enviara do México.

— Melhorámos a fotografia — disse Keller.

Matt fitou o pai de pé numa estrada em Tulum, a sombra de uma bicicleta, uma mancha circular de suor junto ao pescoço, como se tivesse ido dar um passeio. Keller pousou o polegar e o indicador no ecrã e afastou-os, ampliando a fotografia. Atrás do pai, estava um casal em frente a um edifício. E, pela primeira vez, Matt viu.

— Oh, meu Deus — disse Matt, a pulsação a acelerar. Um rasgo de adrenalina percorreu-o a galope.

Maggie não tirara uma fotografia ao pai, usara-o como pretexto para apanhar o casal. A mulher era bonita, vestida com um biquíni e calções. E Matt suspeitava que tinha sotaque do Oklahoma. Pouco antes de morrer, Maggie enviara a Matt uma fotografia de Hank.

Mas não fora isso que fizera disparar o coração de Matt. Não, foi o homem alto ao lado de Hank. Tinha uma mão na cara, como se fosse limpar a testa. Ou talvez estivesse a tentar ocultar o rosto, pois só uma parte era visível.

O suficiente para mostrar a cicatriz do lábio leporino.

CAPÍTULO 43

SARAH KELLER

Depois do pequeno-almoço, Keller ficou no exterior do restaurante com Matt. Tinha a cabeça a mil. A mulher na fotografia que Maggie Pine enviara a Matt era a mesma mulher que o atraíra para o bosque e lhe ficara com o telemóvel. E o homem com o lábio leporino encaixava-se na descrição do tipo que empurrara Matt para a estrada e tentara roubá-lo. Quem eram eles? O que queriam? E porque é que Maggie Pine enviara a fotografia ao irmão no seu último dia de vida?

Keller virou-se para Matt:

— Precisa de boleia para o lar? — Apontou com o queixo para o *Nissan* castanho alugado, estacionado junto ao passeio ao pé da cafetaria.

— Ná, a minha tia vem buscar-me. — Matt olhou de relance para a rua. — Merda — praguejou.

Keller ia perguntar o que se passava quando viu Judy e Ira Adler, os realizadores de *Uma Natureza Violenta*, a caminhar na direção deles.

Judy Adler acenou com a cabeça a Keller em cumprimento, depois virou-se para Matt. O marido ficou atrás, como se estivesse em conflito.

— Matthew — começou Judy. — Lamento a sua perda.

Matt respondeu com um aceno sem fazer caso.

— Sei que é uma altura terrível... e sei que não quis nada connosco no último filme... mas estamos a dar seguimento ao documentário e gostaríamos muito de falar consigo. Achamos que podia ajudar bastante o seu irmão e...

— Não estou interessado — cortou Matt. Olhou para a estrada como se estivesse à procura do carro da tia.

— Matthew, você é realizador. Tem de compreender que estamos só a fazer o nosso trabalho. E pode não lhe ter interessado, mas *Uma Natureza Violenta* chamou a atenção para o caso do seu irmão. Ninguém se importava até nós...

— Até vocês o quê? — interrompeu Matt. — Até terem dado esperança a todos? Terem feito o meu pai parecer maluco? Terem arrastado a minha irmã mais nova para esta confusão? Terem tornado a minha família a mais odiada desta cidade? E para quê?

— Matthew, eu...

— Já disse que *não estou interessado*.

Keller ficou surpreendida com a emoção — com a dor — na voz de Matt.

— A verdade é que o meu irmão continua preso — prosseguiu Matt. — E a minha família foi ao México para seguir pistas. Se não fosse a porra dessa missão, do vosso *filme*, ao menos ainda estariam vivos. A minha irmã estaria a fazer as malas para ir para a faculdade. O meu irmão mais novo estaria a terminar o primeiro ano.

Keller viu o clarão nos olhos de Judy Adler. Matt dera-lhes sem querer uma nova informação: o motivo por que a família fora ao México.

Matt também pareceu aperceber-se. Virou-se para Keller, pedindo desculpas com o olhar.

Keller devolveu-lhe um olhar que dizia *Não faz mal*.

— Só estou a pedir que nos ouça — disse Judy. — Descobrimos novos indícios. Podia ajudar imenso. Acho que o seu pai havia de querer que pelo menos ouvisse o que temos a dizer.

Keller estava prestes a interceder quando a tia de Matt apareceu. Deixou o carro em ponto morto em frente à cafetaria.

Matt virou-se para Keller.

— Obrigado pelo café. Mantenha-me a par das coisas — disse.

A tia Cindy lançou um olhar de asco aos Adlers pela janela do carro. Quando eles olharam para ela, ela estendeu o dedo do meio.

Keller e os Adlers viram o carro desaparecer, assim como a esperança dos realizadores de entrevistarem Matt Pine para a sequência de *Uma Natureza Violenta*.

— Novos indícios, hum? — disse Keller ao casal num tom contundente.

— Mais novos do que as análises de ADN e do CODIS que nos prometeu — defendeu-se Judy.

— Estou a cobrar todos os favores que me devem para que tratem o caso com prioridade — esclareceu Keller.

Judy franziu o rosto.

— É suposto ter resultados hoje à noite. Assim que os tiver, prometo que ligo. Até lá, que novos indícios são esses?

Judy olhou para o marido, que encolheu os ombros ao de leve como se quisesse dizer *Porque não?*.

Keller fez um gesto a indicar a cafetaria. Um sítio onde pudessem sentar-se e falar.

— Não, aqui não — disse Judy. — Acha que eles não gostam dos Pines? Bem, não gostam é *mesmo* de nós. Estamos numa quinta a cerca de dez minutos daqui.

— Eu vou atrás de vocês.

A quinta já vira dias melhores. A tinta a descascar, o alpendre a descair. Vários cães dispersaram quando os Adlers estacionaram a carrinha numa porção de terra que fazia as vezes de estacionamento. Keller parou o *Nissan* ao lado deles.

Judy saiu da carrinha, um *Ford* amolgado. Ira seguiu os passos da mulher, algo que Keller suspeitava que vinha a fazer desde que estavam casados. Judy acenou a Keller para que os seguisse para o interior.

Keller saiu do carro e olhou em volta. Havia um celeiro a cerca de 27 metros, com a porta a descair dos gonzos. Mais além, só terrenos, nem uma alma ao longo de quilómetros. Tentou evitar a lama e o estrume e subiu os degraus do alpendre. A madeira estava frágil devido ao apodrecimento. Parou à porta e olhou lá para dentro. Dois homens na casa dos vinte anos estavam sentados em frente a portáteis a uma mesa de cozinha comprida. Pilhas de papéis e latas de refrigerante vazias atravancavam a zona de trabalho. Os pratos empilhavam-se no lava-louça.

Uma mulher corpulenta, de ténis e fato de treino, também se encontrava na ponta mais afastada da mesa da cozinha, a falar ao telemóvel.

Judy chamou Keller lá de dentro.

— Entre. Não mordemos.

O interior estava igualmente degradado. Chão de linóleo rachado, papel de parede desbotado com falhas, como se alguém tivesse começado a tirá-lo e desistido. Um frigorífico verde-abacate condizia com os tampos das bancadas laminadas.

Ira tirou algum do lixo e desordem da mesa, abrindo um espaço para a convidada.

— Por favor, sente-se.

Judy apresentou Keller aos outros — a equipa de produção, que pareceu toda mais atenta quando souberam que Keller era do FBI.

— Desculpe a confusão — disse Ira, sentando-se ao lado da mulher, em frente a Keller. — Temos feito muitas noitadas aqui. Quer café ou alguma coisa para beber?

— Estou bem. Já atingi a minha quota de cafeína. Mas obrigada. — Keller olhou para os monitores e o equipamento. — Como é que está a correr a sequência?

— Lentamente. Como é que está a correr a sua investigação à morte dos Pines?

— Na mesma — respondeu Keller.

Judy Adler soltou uma risadinha breve, como se a evasiva de Keller a tivesse divertido.

— Estivemos a investigar a Charlotte e o que descobrimos é, hum, *surpreendente* — disse. Olhou para um membro da equipa de produção. Tinha o cabelo apanhado no alto da cabeça e estava de chinelos e calças de ganga. — Mostra-lhe.

Keller sentiu um aroma ténue a erva quando o tipo lhe pôs um portátil à frente. Digitou algumas teclas e depois voltou a sentar-se.

O ecrã mostrou uma mulher, com vinte e poucos anos, o cabelo num tom mortiço de lilás.

— A Charlotte era mais do que minha prima, era a minha melhor amiga — disse a mulher.

— Eram uma família chegada? — perguntou Judy Adler fora do enquadramento.

A mulher fez um ruído que significava *era bom, era*.

— A minha mãe e o pai da Charlotte tinham muitos problemas. Há anos que não se falam.

— Porquê?

— O tio John abusou da minha mãe quando eram miúdos. Sexualmente.

Um arrepiou rastejou pelas costas de Keller. A mulher falara de um modo tão casual. E daquilo que Keller sabia dos abusadores sexuais, não tinham tendência a parar à medida que envelheciam. Só as vítimas é que mudavam. Continuou a ver o vídeo.

— Mas você e a Charlotte eram chegadas?

— Sim, mesmo. A minha mãe estava preocupada, sabe? Disse à Charlotte que ela podia vir para o Kansas, ficar connosco, a qualquer altura.

— Acha que a Charlotte era abusada pelo seu tio?

A mulher anuiu.

— Ela disse-lhe que sim?

— Não com tantas palavras.

— Mas foi o que você pensou?

Ela voltou a acenar.

— Desde que eu me lembro, ela estava sempre a falar de sair de Adair, mudar-se para uma cidade grande, mudar de nome, começar de novo.

— Alguma vez falou com ela sobre isso... quero dizer, sobre o que acontecia em casa?

— Não precisávamos. Estava subentendido.

— Conhecia o namorado dela?

— Quem, o Danny? Falei com ele algumas vezes quando eu e a Charlotte conversávamos por Skype.

— Ficou surpreendida quando soube que ele fora detido?

— Pode crer. Quero dizer, ficámos em choque. Foi engraçado, porque aquele programa fez do Danny e da Charlotte uma grande cena, como se fossem namoradinhos de escola a caminho do altar ou isso. Mas ele andava com outras pessoas, e ela também.

— Está a dizer que a relação deles não era séria?

— Não por aquilo que a Charlotte me contou. Sempre disse que o Danny Pine era um atleta querido e burrinho. Divertiam-se juntos, mas não é que se fossem casar.

— Ela saía com outros rapazes?

— Acho que sim. Embora achasse que todos os miúdos da escola eram imaturos.

— Ela mencionou alguém em particular?

— Disse que havia uma pessoa, um rapaz mais velho, mas não me disse quem era.

— Porque não?

A mulher encolheu os ombros.

— Sabia que ela estava grávida?

— Não me parece que estivesse.

— Mas fizeram análises e...

— Se é que era ela... — Disse-o com um meneio de cabeça, quase como um desafio.

— Não estou a perceber.

— Cerca de uma semana antes do que aconteceu, ela disse que não aguentava mais. Que ia bazar.

— O que é que não aguentava mais?

A mulher desviou o olhar da câmara, como se fosse uma pergunta estúpida.

— Não disse. Mas era óbvio. O pai dela...

— O que está a dizer é que... Então quem era a pessoa no ribeiro? E porque é que a polícia não...?

— Não sei. Mas a Charlotte disse que tinha amigos, pessoas importantes que podiam ajudá-la a escapar.

— Quem eram esses amigos?

Judy Adler estendeu o braço e parou o vídeo.

— Falámos com alguns dos amigos da Charlotte. A Charlotte tinha mais ou menos uma vida secreta. Rapazes mais velhos, drogas. Contou a um amigo que fora agredida e que tinha medo.

Keller lançou um olhar cético a Judy.

— Houve um julgamento, análises ao sangue. O corpo dela foi identificado.

Ira Adler estalou os dedos e apontou para Keller.

— Exatamente. E adivinhe quem nos contactou a dizer que tinha algo que ia deitar por terra o que todos pensavam sobre o caso. Algo relacionado com as análises ao sangue.

Keller abanou a cabeça.

— O Ron Sampson.

— O polícia que interrogou o Danny Pine?

— Tínhamos marcado um encontro, mas depois...

— Ele matou-se — completou Keller.

Ira inclinou a cabeça para o lado, sustentou o olhar de Keller como se Sampson talvez *não* se tivesse matado.

Era tudo demasiado. Demasiadas conspirações. Demasiadas conclusões precipitadas. E Keller começava a achar que os Adlers estavam a alucinar.

— O pai da Charlotte mudou-se para o Dakota do Norte — acrescentou Ira.

— Pedimos-lhe que nos desse acesso às coisas dela, que nos deixasse exumar o corpo para se fazer um teste de ADN, mas ele recusou-se a falar connosco.

Que surpresa. O tipo que acusavam de abusar de crianças não queria colaborar. Keller olhou para o ecrã do computador outra vez. Numa das janelas viu um rosto familiar: Noah Brawn.

Judy Adler seguiu o olhar de Keller e disse:

— Voltámos a entrevistá-lo. Temos esperança de que o clímax do nosso filme seja o indulto, mas veremos.

Keller apontou para o computador:

— Posso? — perguntou.

Judy anuiu e Keller clicou na janela com o rosto bem-parecido de Brawn.

A entrevista começou com a voz de Judy fora do ecrã:

— Acha que, com as atenções focadas no Danny Pine, a Charlotte ficou esquecida?

— Nem por sombras. Eu sem dúvida que nunca a esqueci. Mas não lhe faremos justiça se estiver preso o homem errado. Não teremos justiça até a verdade vir ao de cima...

Judy parou o vídeo.

— Já fica com uma ideia. Mais do mesmo da última vez: o Esmagador, o P.D., blá, blá, blá. Vamos ver se ele faz o que apregoa quanto ao indulto.

— Não acha que vai indultar o Danny agora que é governador?

— Governador *nomeado* — corrigiu Judy. — Só está no cargo porque o antigo governador era um patife e tinha um fraco por raparigas novas. Suspeito que o Brawn vai andar em pezinhos de lã até ser de facto eleito. Tem acompanhado o escândalo?

— Por alto.

— O antigo governador é um safardana de primeira. E o homem de confiança dele, como é que ele se chama, Ira?

— Flanagan. Neal Flanagan — replicou o marido.

— É isso. Esse Flanagan parece saído de um filme. Quem sabe, talvez seja o nosso próximo documentário... Não é, Ira?

O marido encolheu os ombros.

— De qualquer forma, o Nebraska é um caso invulgar, porque o governador por si só não tem o poder de conceder indultos. O Brawn faz parte de uma comissão. E pode estar à espera para ver quem mais é que o homem de confiança do governador denuncia antes de começar a associar-se aos amigos do antigo governador na comissão. Aquela administração era *corrupta*.

Política. Em grande ou pequena escala, normalmente era corrupta.

— Muito bem, mostrámo-lhe aquilo que temos — disse Judy. — Que tal mostrar-nos o que tem?

— Já lhe disse, ligo-vos assim que tiver as análises de ADN e do CODIS.

— Tem de ter mais do que isso — disse Judy. — Fale connosco, num fundo escuro. Ninguém vai saber. Esta família... foi assassinada, não foi? E o que o Matthew disse, eles estavam mesmo no México na senda de uma pista? É coisa do Evan. Ele não era capaz de desistir.

— Lamento — disse Keller. — Não posso comentar.

A boca de Judy Adler ficou numa linha fina.

— Mas vamos fazer o seguinte — acrescentou Keller —, vou falar com o Matt, encorajá-lo a falar convosco. — Era mentira, mas não havia motivo para irritar os Adlers. Manter os inimigos ainda mais perto e isso tudo. Se eles encontrassem uma pista, não queria que lhe guardassem rancor.

— Isso seria bestial — disse Ira Adler. Provavelmente passara o casamento inteiro a fazer de Polícia Bom.

Judy acrescentou:

— Queremos mesmo ajudar o irmão dele.

Continua a convencer-te disso, pensou Keller.

CAPÍTULO 44

MAGGIE PINE

ANTES

Maggie olhou para o outro lado do corredor do avião apinhado. A mãe e o pai estavam a falar de qualquer coisa, a sorrir. Já há algum tempo que não via isso. E apagou um pouco da amargura dos últimos dias. Olhou de relance para Tommy, ao lado dela com todas as coisas essenciais espalhadas pelo tabuleiro: livros para colorir, bolachas de água e sal em forma de peixe, pacote de sumo e o seu peluche favorito, o Sweet Bear. Estava a ver um filme — um com aquelas criaturas azuis sinistras, os Smurfs — no minúsculo ecrã do telemóvel da mãe.

Maggie queria apanhar a mãe sozinha. Ainda não tinham tido um momento desde que a tinham levado de uma porta de embarque para outra. A mãe e Tommy tinham desembarcado do avião em Omaha e três horas depois estavam a embarcar no voo para o México. Maggie esperara que a mãe ficasse aborrecida por ser tudo tão pouco planeado. Nem sequer conseguira fazer a sua própria mala para a praia. Mas ou a mãe estava a fingir, ou estava entusiasmada por irem. A espontaneidade dera-lhe energia. Ou talvez fosse por ver o pai tão animado.

Desde que Maggie o encontrara no chão quando desmaiara (bêbedo ou com uma intoxicação alimentar, ainda não conseguira decidir) que ele estava diferente. Não havia que enganar, o caso de Danny continuava a ser o hipopótamo gigante na sala — ou o elefante, nunca se conseguia lembrar, não interessava —, mas o pai parecia mais disponível, mais presente. Maggie perguntou-se se a mãe estaria tão descontrainda em relação à viagem se soubesse o motivo da ida. Hum, de certeza que não estaria a sorrir e a pedir outro vinho naquele momento. Vendo a mãe beber do copo de plástico até à última gota, rir de algo que o pai dissera, Maggie não queria saber do motivo da viagem.

Talvez guardasse para si por mais um pouco o que acontecera com Eric. *Para quê dar cabo da viagem, não é?* Consequia lidar com o assunto. *Limita-te a não pensar nisso.* Mas não era assim tão fácil. Sentiu um formigueiro na coluna ao lembrar-se de como ele lhe prendera os braços contra a parede. Ainda tinha as nódoas negras dos dedos dele nos pulsos. Estava a ser melodramática. Não é que ele a tivesse violado. Mas sentira-se tão impotente, tão assustada, tão

envergonhada. Mas se contasse à mãe, então a mãe contaria ao pai e depois ele... Bem, a viagem ficaria arruinada. Maggie também achava que o pai não aguentaria outra situação em que não estivera presente para proteger um dos filhos.

O avião atravessou uma zona de turbulência e Maggie apertou o apoio do braço. Tommy ergueu o olhar para ela, a sorrir, com os auscultadores gigantes na cabeça. Quando fora a última vez que se sentira assim tão segura e protegida, tão invencível? Alguma vez se sentira assim? Achava que sim. Antes de uma jovem ter sido encontrada assassinada em Stone Creek. O papão ainda podia andar à solta, lembrava-lho o pai, a ela e a todos os que quisessem ouvi-lo. Maggie andava à caça dele desde então.

Sim, tivera dúvidas ao longo dos anos. Não conhecia *verdadeiramente* Danny. Tinha apenas dez anos quando ele se fora embora. Ele tinha uma aura colossal. O rapaz que lhe chamava *totó* na brincadeira, que a despenteava sempre que passava por ela, que a deixava andar às cavalitas dele. Lembrava-se dele a brincar às festas de bonecas com ela. Lembrava-se de ir aos jogos de futebol, de se sentir especial por ser a irmã de Danny Pine. Não se lembrava de o ver muito em casa. Na altura os pais não acreditavam em monstros, e deixavam os filhos entrar e sair. Maggie sabia que Danny não era nenhum santo. Bebia demasiado, não era especialmente simpático com os miúdos que não eram populares e não era lá grande namorado, pelo menos a julgar pelo que soubera ao trabalhar no caso dele ao longo dos anos. Mas também não era um assassino. Ela acreditava nisso. Precisava de acreditar nisso.

Maggie mordeu o interior da bochecha, examinando as manchas roxas nos pulsos outra vez, perguntando-se se a mãe repararia nelas. Nesse momento apanhou o pai a observá-la do outro lado do corredor. Fazia isso muitas vezes. Apanhava-o a olhá-la à socapa. Ele sorriu, depois recostou a cabeça, fechou os olhos. A mãe pousou a cabeça no ombro dele.

Era isso, decidiu. Esperaria que regressassem a casa antes de contar à mãe o que acontecera na festa. Podia aguentar-se à bronca. Tinha mais uma decisão a tomar: quando contar ao pai do *e-mail* que recebera logo antes de embarcarem. Do serviço de números móveis, a empresa com que Toby a pusera em contacto. Julgava que deitara fora duzentos dólares, mas o relatório chegara conforme o prometido, um mapa de uma página exibindo pioneses azuis em duas localizações em Tulum.

A primeira era no Moloko Bar, de onde Charlotte — ou alguém a passar-se

por Charlotte — telefonara. Confirmava a localização da chamada. Mas mais interessante era o segundo ponto azul. Só estivera ativo um dia numa morada a poucos quarteirões do bar. Talvez fosse onde quem ligara vivia ou estava alojado. Se Maggie mostrasse o relatório ao pai — que naquele momento estava a pedir outra cerveja e a reluzir —, ele não seria capaz de se concentrar em mais nada. Qualquer diversão que conseguissem incluir antes de irem ao Moloko Bar evaporar-se-ia. Ia mostrar-lhe, só que não já. Se esperasse, talvez a viagem se centrasse *neles*.

Olhou para o outro lado da cabina, de novo para o pai. Pois, sim, quem é que ela queria enganar?

CAPÍTULO 45

MATT PINE

— Ele está sempre assim? — Matt lançou um olhar ao avô, que estava sentado na sua velha poltrona, no quarto do lar, em estado catatônico. Matt e a tia estavam na pequena mesa de jantar ao estilo de cafeteria. O quarto era maior do que o que o avô ocupara quando Matt era pequeno. E era acolhedor, decorado com fotografias de família emolduradas, plantas de interior e mobília de que Matt se lembrava da casa do avô. Dissesse-se o que se dissesse da tia brutalhada, cuidava bem do avô.

— Piorou bastante este ano — disse Cindy. — Mas quando a tua mãe o vinha visitar, ele ganhava vida. Ela tinha sempre esse efeito nele.

— Ele sabe?

Cindy abanou a cabeça. Não o disse, mas Matt adivinhou que ela achava que não valia a pena contar a tragédia ao avô. Matt não insistiu. Mas o avô não tinha o direito de saber que a filha morrera? Que o genro falecera? Que dois dos netos já não estavam vivos?

Ouviu-se uma batida na porta e uma enfermeira entrou. Tinha um sorriso no rosto — até reparar em Cindy.

— Desculpe, senhora Ford, não sabia que ainda aqui estava. Posso voltar mais tarde.

— Onde está a Alvita? — perguntou Cindy. — Eu disse ao Chang que o meu pai não precisava de uma série de estranhos a entrar por aqui adentro. Ele gosta da Alvita. *Eu* gosto da Alvita.

— Lamento, senhora Ford. Ela hoje está de folga.

Cindy franziu o rosto.

— Eu volto mais tarde — disse a enfermeira, retirando-se do quarto o mais depressa que conseguia. Matt não a podia culpar.

Cindy virou-se para Matt.

— Preciso de falar contigo sobre um assunto.

— Claro. Sobre o quê?

— É sobre o serviço fúnebre.

Matt já enfrentara dezenas de mensagens de Cindy sobre o funeral e perguntou-se como é que ainda podia haver *mais* questões, mais decisões sobre

as flores, as fotografias para expor, o programa, o obituário e as outras coisas de que Matt não queria saber. Supôs que deixar-se absorver pelos pormenores era a forma de Cindy lidar com a dor.

— O Noah Brawn gostava de fazer o velório em casa dele — disse Cindy.

Matt refletiu.

— O namorado da mãe no secundário? O tipo do documentário? Não será estranho que...?

— Ouve, não é ideal. Sinceramente nunca gostei do Noah quando éramos miúdos. Mas ele agora é o governador do estado. É graças a ele que o teu avô tem este quarto grande. E acho que os teus pais haviam de querer assim.

— Tem a certeza disso? Porque eu não tenho assim tanta certeza de que o meu...

— Precisamos do Noah por causa do indulto do Danny.

E lá estava. O caso do irmão dominara a família em vida, por isso é claro que dominaria na morte. Não valia a pena lutar contra isso.

— Tudo bem.

— E sei que não tens querido falar destas coisas, mas temos de tratar dos assuntos dos teus pais. A casa, os cartões de crédito, o testamento, o seguro de vida, o...

— Tem razão, não quero falar disso — disse Matt. Saiu-lhe mais bruscamente do que tencionara, lembrara-lhe o ultrajante artigo de jornal dessa manhã, que sugeria que ele e Danny tinham matado a família por causa do dinheiro do seguro. Tinha de se abstrair. Num tom mais suave, disse: — Depois do funeral, prometo.

Cindy estava com um ar de quem ia protestar, mas conteve-se. Mudando o assunto de propósito, disse:

— Então, o que é que aqueles otários dos Adlers queriam?

Perguntara-lhe o mesmo no carro a caminho dali, mas ele não dera grande importância.

— Pelos vistos, estão a fazer uma sequela — disse Matt.

A expressão de Cindy tornou-se de repulsa.

— Nunca me vou perdoar por tê-los deixado entrevistar-me. A forma como trataram o teu pai. E agora querem que toda a gente volte a passar pelo mesmo? Dá-me nojo.

Os olhos de Cindy estavam turvos. O primeiro sinal de emoção sem ser irritação ou raiva que Matt via na tia desde que chegara a Adair. Estendeu o

braço sobre a mesa e pousou a mão sobre a dela.

Cindy dirigiu-lhe um sorriso sardónico.

— Olha que dois, hã?

Matt não sabia o que ela queria dizer com aquilo.

— Tudo o que temos é um tipo que não nos reconhece e outro tipo em prisão perpétua. — Havia um humor negro na voz, disfarçando a dor.

— Não — disse Matt. — Temo-nos um ao outro.

Eram as palavras certas, as palavras amáveis. Mas a verdade era que Matt se sentia sozinho. E perguntou-se se se sentiria assim para sempre. Perguntou-se se a perda e a dor o consumiriam sempre. Perguntou-se se alguma vez recuperaria da magnitude daquilo tudo. Olhando para o avô frágil a fitar o vazio na sua poltrona desconjuntada, decidiu que Cindy tinha razão. O avô tinha sorte por nunca vir a saber a verdade.

CAPÍTULO 46

SARAH KELLER

Desde que vira o vídeo na quinta dos Adlers, Keller pensara bastante na prima de Charlotte e na teoria de que Charlotte estava viva. Não parecia verídica. Em especial, se não fora Charlotte a ser assassinada, quem era a jovem com o crânio esmagado no ribeiro? E como é que a polícia e os procuradores se tinham enganado *nisso*? O pai de Charlotte podia andar a abusar dela. E ela talvez não fosse a chefe de claque inocente retratada em *Uma Natureza Violenta*. Mas isso não queria dizer que estivesse viva. Mesmo que estivesse, o que é que isso tinha que ver com a morte dos Pines?

Ainda assim, Keller não estava a afogar-se em pistas. Agora estava a jogar ao jogo da espera. À espera do relatório da amostra de ADN, à espera do relatório do reconhecimento facial do homem e da mulher na fotografia que Maggie Pine enviara ao irmão, à espera de um relatório de Carlita Escobar. Por isso, decidiu Keller, bem que podia confirmar se era Charlotte que estava enterrada no cemitério.

Para além de desenterrar o corpo, Keller achou que o melhor sítio para testar a teoria era junto daqueles que tinham vivido o caso. Em circunstâncias normais, conferenciaria com os procuradores locais e detetives. Mas estes estavam debaixo de fogo desde que o documentário saíra e tinham cerrado fileiras. Sobravam os advogados de Danny. Não o advogado *hippie* do julgamento, que o documentário pintara como a roçar o incompetente, apesar da fortuna que a família Pine lhe pagara. E não os novos advogados de recurso prestigiados que os Adlers achavam demasiado entediados para impulsionar a sequência do documentário. Keller queria falar com Louise Lester, a advogada fervorosa que aceitara o caso de Danny antes de as câmaras estarem a filmar. Que, de acordo com todos, era uma defensora capaz.

Keller parou o carro alugado no centro comercial do norte de Omaha. Tinha uma loja de penhores, outra de pechinchas e uma esteticista. Leu bem a morada no telemóvel para ter a certeza de que estava no sítio certo. Estava mesmo, pelos vistos. Depois viu-o, na ponta, uma montra simples com um letreiro pequeno que dizia instituto para as condenações injustas.

Keller encontrou Louise Lester a uma secretária desarrumada, entalada por

pilhas de papelada. O local não tinha paredes, gabinetes separados ou sequer cubículos. Era só uma divisão grande com cerca de dez postos de trabalho, o murmúrio de vozes e de teclados a encher o ar. Lembrou a Keller uma sala de imprensa de antigamente.

Mas aquelas pessoas não eram jornalistas. O Instituto para as Condenações Injustas era composto por voluntários — estudantes de direito, reformados, guerreiros pela justiça social —, motivo pelo qual Keller partira do princípio de que estaria aberto a um sábado. Sentiu uma eletricidade lá dentro.

— Obrigada por me receber tão em cima da hora — disse Keller. Ultimamente dizia isso muitas vezes.

Lester dirigiu-lhe um sorriso fugaz. Não usava maquilhagem e envergava um fato puído demasiado grande para a sua constituição. Keller suspeitava que se escondia uma mulher atraente na vestimenta sem formas. O seu aspeto gritava *Há coisas mais importantes do que estar bonita*.

— Quando se pensava que a situação não podia piorar para os Pines — comentou Lester, num tom melancólico. Como se a perda não fosse só profissional.

— Conhecia-os bem?

— Sobretudo o Evan. Foi um grande defensor nosso. Um homem maravilhoso.

— Vi-o no documentário. Era muito apaixonado.

Lester anuiu.

— Os sacanas daqueles realizadores fizeram-no parecer desequilibrado. Nunca teria participado se tivesse sabido o que lhe iam fazer. Tiveram a lata de me pedir para ajudar na sequela, e eu disse-lhes onde podiam enfiar o filme. — Lester inspirou um fôlego purificador, como se estivesse a refrear-se de se enervar. Como se fosse algo que tivesse aprendido a fazer em criança para amainar o fogo que lhe queimava naturalmente as veias. — Lamento — disse. — Os Adlers não são as minhas pessoas favoritas. O Evan era um dos melhores seres humanos que se podia ter a esperança de conhecer. Não merecia o que lhe fizeram. E a Judy e o Ira usaram-no da pior maneira possível. Não se podiam estar mais nas tintas para ele, para o Danny ou para os milhares de outros condenados injustamente. — Abarcou a sala com o braço. — Só queriam audiências. Que se lixasse a verdade. Só queriam contar uma boa história.

— Acha que o documentário foi só uma história?

— Absolutamente.

— Mas representou o Danny Pine.

— Com certeza. Mas não por causa das teorias mal-enjorçadas do documentário. Foi porque a confissão dele era tão duvidosa que até dá para rir. Tenho duas dúzias de outros casos que ainda são piores. Mas esses miúdos não eram estrelas de futebol americano brancas de cidades pequenas, e as vítimas não eram raparigas brancas bonitas...

Os olhos de Lester flamejaram. Tinham uma intensidade vibrante. Keller normalmente não queria saber dos verdadeiros crentes. Achava que muitas vezes sofriam de visão em túnel, viam conspirações que não existiam. A Prova A eram os Adlers lá na sua quinta. Mas ao observar a mulher à sua frente, só podia ter esperança de que os gémeos vivessem a vida com tanto zelo.

— Se acho que o Participante Desconhecido ou o Bobby Ray Hayes ou o papão mataram a Charlotte? — continuou Lester. — Não.

— Porque diz isso?

— O Participante Desconhecido baseia-se nas lembranças turvas de um miúdo que se encontrava na festa. Estivera a beber e, desde então, teve um acidente de carro que o deixou com uma lesão cerebral, por isso não há forma de pôr à prova aquilo de que se lembra. Além disso, mais alguém teria reparado se um tipo com quase trinta anos estivesse numa festa de secundário. E as testemunhas oculares são manifestamente falíveis. Você é do FBI, sabe disso.

— Sei que muitas exonerações através do ADN envolviam declarações erróneas de testemunhas oculares — disse Keller, tentando encontrar um terreno comum.

— Digamos que setenta por cento. Sete em dez pessoas libertadas por análises de ADN tinham sido condenadas com base em maus testemunhos oculares. A maioria dos restantes era...

— Falsas confissões — completou Keller, terminando a frase de Lester e tentando reconquistar o controlo da conversa. Os seus olhos não conseguiram evitar fixar-se no póster atrás da secretária de Lester. Era uma perturbadora fotografia a preto-e-branco de um rapaz afro-americano amarrado à cadeira elétrica, as faces redondas manchadas de lágrimas enquanto alguém apertava a faixa do queixo do capacete de metal que era demasiado grande para a sua cabeça. Sob a fotografia, podia ler-se:

GEORGE STINNEY JR.

EXECUTADO EM 1944 AOS 14 ANOS

PELA MORTE DE DUAS RAPARIGAS BRANCAS
EXONERADO EM 2014

Keller arrancou os olhos da imagem. Tinha de se concentrar.

— Então, quem é que *você* acha que matou a Charlotte?

Lester tossiu uma gargalhada.

— Já não caio nessa caça aos gambuzinos. Acredite em mim, consumirá a sua vida. — O caso desgastara Lester. Keller lembrou-se de uma cena crítica no documentário, Lester no atri, a defender o caso de Danny perante um painel de juizes de apelação, os seus argumentos ao mesmo tempo calculados e apaixonados.

— O crânio da Charlotte foi esmagado como o das vítimas conhecidas do Hayes — disse Keller.

— Sim, precisamente. Mas o *modus operandi* do Esmagador foi dado a conhecer nos jornais do Kansas antes de a Charlotte ser assassinada — rebateu Lester. — E a polícia do Kansas divulgou um aviso para as forças de autoridade do Nebraska e de outros estados vizinhos, na esperança de poder identificar mais vítimas, e acabou por ser assim que apanharam o Hayes. O procurador do caso do Danny devia ter entregado as notas sobre a informação anónima que identificava as semelhanças com o assassinio da Charlotte, mas o facto de haver um assassino a esmagar o crânio a mulheres jovens era do domínio público.

— Então, porque é que o advogado do Danny no julgamento não investigou isso?

Lester encolheu os ombros.

— O tipo nunca tinha lidado com um caso de homicídio e estava como um peixe fora de água. Mas disse que investigou *de facto*. Disse que também recebeu uma informação anónima. E foi nisso que o estado se baseou na nossa luta depois da condenação. Acho que ele estava só a não querer ficar mal, mas disse que não seguiu a pista, porque os dados forenses não coincidiam. O Hayes abusava sexualmente das raparigas. Depois matava-as esmagando-lhes o crânio, provavelmente durante o ato. Mas a Charlotte não foi agredida sexualmente. E o médico-legista concluiu que ela sofreu uma fratura no crânio separada, provavelmente algum tempo antes de lhe terem rebentado com a cabeça.

Keller sentiu uma mistura de náusea e raiva nas entranhas.

— Então o quê, acha que alguém estava a tentar fazer com que parecesse que o Hayes era o assassino? — Isso sugeria alguma premeditação, o que não era

consistente com um adolescente bêbedo a matar a namorada numa fúria.

— O Hayes confessou os outros crimes para que lhe tirassem a possibilidade da pena de morte de cima da mesa — disse Lester —, mas continuou a negar que tivesse matado a Charlotte. Porque é que havia de se dar ao incómodo?

— E quanto ao detetive Sampson? Os Adlers dizem que antes de morrer tinha informações explosivas. Sobre as análises ao sangue.

— *Pfff*. Que conveniente. Mesmo que seja verdade que ele tenha contactado os Adlers... e acho isso questionável, dado que eles basicamente lhe arruinaram a vida... ele dificilmente seria credível. Se os abordou, estava provavelmente só a tentar limpar o seu nome. E antes que diga alguma coisa, já vi os tópicos no Reddit que especulam que ele foi assassinado.

Keller não tinha a certeza se Lester era uma lufada de ar fresco ou se os anos passados a trabalhar no caso a tinham endurecido, fechado a qualquer teoria que pudesse explicar o assassinio de Charlotte. Era por esse motivo que Keller não queria fazer a pergunta seguinte.

— Por falar em teorias da conspiração, há uma que tem vindo a crescer, especialmente para os Adlers...

— Que a Charlotte está viva — referiu Lester antes que Keller conseguisse proferir as palavras. Lester suspirou, como quem diz *Diga-me que não está a levar isso a sério*.

— Exato. Ouça, eu sei o que parece, mas tenho de perguntar.

Lester abanou a cabeça.

— Adorava que estivesse viva, mas está morta. Os Adlers não sabem isto, e não foi mencionado no julgamento, mas a Charlotte tinha uma marca distintiva. Uma tatuagem minúscula de um coração no rabo. Era ela.

Keller exalou. Sabia que era uma loucura, sabia que ia acabar assim, mas, ainda assim, ficou desanimada.

— Quer um conselho, agente Keller? — disse Lester, o telemóvel a vibrar sobre a sua secretária.

Keller acenou.

— Não se deixe obcecar pelo assassino da Charlotte. Já fui por esse caminho, e quase me destruiu.

— Mas e se saber o que realmente aconteceu à Charlotte for a única forma de saber o que aconteceu aos Pines? — perguntou Keller.

Lester assentou os cotovelos na mesa e entrelaçou os dedos.

— Então está lixada, agente Keller. Está completamente lixada.

CAPÍTULO 47

EVAN PINE

ANTES

— Vá lá, alinha, Mag-pie — pediu Evan. Segurou o telemóvel à sua frente para uma *selfie* no aeroporto. Evan não sabia se era da luz do sol brilhante, do cheiro a sal no ar ou de estar nas suas primeiras férias em família desde há vários anos, mas sentia-se ótimo. Revitalizado.

— Paaaaai — queixou-se Maggie, abanando a cabeça.

Liv juntou-se a ele, encostando o rosto ao de Evan. Acenou para que Maggie se aproximasse.

Maggie estava a ficar vermelha. Havia por perto um grupo de rapazes adolescentes. Não estavam a ver, mas a sua presença parecia ser suficiente para a embaraçar.

— Posso aparecer na fotografia? — perguntou Tommy.

Evan arrebanhou-o.

— Claro. Mas onde é que estão os teus óculos fixes? — Evan comprara-os num quiosque do aeroporto.

Tommy tirou os óculos escuros de plástico do bolso e colocou-os.

— Vamos continuar assim até que te juntes a nós — disse Evan a Maggie.

Evan e Liv começaram a fazer poses exageradas: a sugar as bochechas, a semicerrar os olhos de maneira *sexy*, a fazer o sinal da paz com os dedos.

— Está bem — cedeu Maggie, marchando para lá. Pôs a cara no enquadramento. — Tira!

— Sorri.

— A sério, pai.

Evan e Liv riram-se e ele tirou a fotografia. Maggie distanciou-se deles rapidamente, mas o pai jurou que vira o indício mais ténue de um sorriso nos lábios dela.

Ao examinar a fotografia, sentiu um calor no peito seguido de um momento de tristeza por o resto da família, os seus rapazes, não estarem ali.

Nada disso, disse a si próprio. Queria manter a boa disposição, o ambiente. Ainda estava tocado da cerveja quente do avião e do beijo que Liv lhe dera quando os miúdos dormitavam. E que o deixara ao rubro. Se ela o tivesse

convidado para a casa de banho do avião, ele teria arriscado e entrado para o clube dos que fazem sexo em pleno voo.

Por isso, nada de ficar a pensar em Danny ou Matt. Ou em estar desempregado. Ou em não poderem pagar a viagem. Ou em terem vindo atrás de outra pista que provavelmente seria um beco sem saída. *Para.*

Liv olhou para a fotografia.

— Oh, vou publicá-la mais logo.

Ela desistira das redes sociais meses antes, virara-se para dentro, e Evan sentiu outra onda de algo que sugeria que as coisas estavam diferentes. Para Evan, viera com uma mão-cheia de comprimidos regurgitados para o lava-louça. O que causara a mudança em Liv? Evan teve outro pensamento: *A. Quem. É. Que. Isso. Interessa.* Procurou a mão da mulher e ela pegou na dele rapidamente, entrelaçando os dedos nos dele.

— Vamos à praia, papá? — perguntou Tommy.

— Podes apostar que sim. Mas talvez tenhamos de ir à loja dos brinquedos primeiro.

Liv olhou-o de soslaio. Como se fosse dizer alguma coisa, mas se tivesse contido. Ao invés, agarrou-lhe no rabo.

— Vamos procurar a carrinha, velho rico.

— Iuc. — Maggie fez uma careta. Mas lá estava aquele indício de sorriso outra vez.

*

Passaram duas horas até o motorista anunciar que estavam em Tulum. A carrinha passou a toda a velocidade por tabuletas que indicavam a praia e pela faixa de lojas para turistas na rua principal. Cortou de imediato para uma rua lateral. A zona tinha um ambiente mais cru, com edifícios degradados pintados em cores primárias a desvanecer-se. Palmeiras com folhas castanhas curvadas sobre vedações de arame, um ninho de cabos de eletricidade descaídos sobre as suas cabeças. As consequências das reservas à última hora na época alta.

Liv olhou para o marido.

Ele conseguia ler-lhe os pensamentos. *Não te preocupes*, disse ele com o olhar. *Será uma aventura.*

A carrinha fez outra curva apertada para uma pequena faixa esculpida num matagal cerrado de selva. No final da estrada situava-se um complexo, seis

propriedades de alojamento local, cada uma separada por uma vedação alta que dava privacidade. A carrinha deixou-os no portão de entrada e esperou que Evan inserisse o código e entrasse antes de se ir embora. Os sons da floresta enchiam o ar.

Evan digitou outro código para a porta da casa e ficou agradavelmente surpreso com o espaço. O piso era de pedra e a configuração sem divisórias, com uma cozinha moderna espreitando para uma sala de jantar e sala de estar.

Tommy correu pelo corredor ao encontro do seu quarto. Quando voltou, caminhou depressa, contornando o sofá e a mesa rústica de madeira, acabando por aterrar num dos bancos da bancada de granito da cozinha. Saltou do banco e precipitou-se para as portas de correr da sala.

— Onde é a praia? — perguntou, fitando o pátio exterior.

Liv ajoelhou-se e olhou Tommy nos olhos.

— Temos uma coisa melhor que a praia.

Ele encarou-a de olhos arregalados.

— Temos a selva. — Liv fingiu que era um tigre e deu patadas a Tommy. Ergueu o olhar para Evan, concedendo um sorriso.

Maggie olhou em volta. Evan não conseguia adivinhar bem o que ela estava a pensar. Ela espreitou pelas portas do pátio.

— Há bicicletas aqui. Talvez possamos pedalar até à cidade para jantar.

E, ao cair da noite, seguiram nas velhas bicicletas desengonçadas, a pedalar pela estrada isolada até à cidade. A bicicleta de Evan incluía um assento para criança encaixado na parte de trás, um dos velhos modelos que provavelmente tinham sido retirados do mercado nos Estados Unidos anos antes. Tommy ia no assento torto, com os braços no ar, Liv nervosamente atrás deles, a gritar-lhe para que se segurasse ao pai.

Encontraram o caminho para a via rápida e esperaram que os carros passassem depressa antes de atravessarem. Dali, percorreram sem demora uma estrada de terra que tinha um mural de um deus maia.

Num restaurante na rua principal, comeram tacos e Evan e Liv beberam demasiadas *margaritas*. Riram, namoriscaram e não conseguiam tirar as mãos de cima um do outro. Envergonhada, Maggie fingiu não reparar e ajudou Tommy a pintar a ementa para crianças, que também tinha a função de livro de colorir.

Depois do jantar deram uma volta pelas lojas para turistas e depois fizeram o percurso perigoso de regresso ao alojamento. Maggie insistiu em ficar com a bicicleta com o assento para criança e levar o irmão, alegando que Evan bebera

demasiados *cocktails*.

Evan e Liv pedalarão lado a lado. O cabelo dela esvoaçava ao vento e ela estava maravilhosa com o vestido de verão e as sandálias que Maggie lhe pusera na mala. A certa altura, desafiou Evan para uma corrida, e ele deu corda às pernas com tudo o que tinha. A velha bicicleta arremessou-se e Evan teve dificuldade em manter o controle. O pneu da frente derrapou no cascalho. Evan desabou em câmara lenta do asfalto para dentro da pequena vala coberta de ervas daninhas paralela à estrada. Liv largou a bicicleta e correu para ele, preocupada, mas, quando se aproximou, Evan puxou-a para o chão e os dois ficaram deitados nas ervas, a rir histericamente, a filha a observá-los como se eles tivessem perdido o juízo.

Era, pensou Evan, uma das melhores noites da sua vida.

CAPÍTULO 48

SARAH KELLER

Keller estava sentada à secretária no desolador Adair Motel, com as suas notas e ficheiros da investigação espalhados à sua frente.

— O que se passa? — perguntou o marido através do sistema de alta-voz do seu iPhone.

— Estou tão frustrada — desabafou Keller. Não, *lixada* fora a palavra que Louise Lester usara nesse dia, e Lester lutava por causas perdidas para ganhar a vida. — Isto não está a ir a lado nenhum. E é suposto fazer um relatório ao Stan de manhã. Ele está a ser muito pressionado por D.C.

— Vais desembrulhar-te — disse Bob. Ela desejou poder engarrafar a confiança que ele tinha nela e consumir vários litros por semana. Só estava fora há três dias, mas sentia falta da sua presença calmante. Sentia falta de aconchegar os gémeos. Sentia falta de dormir na sua própria cama.

— Não estou mais perto de desvendar isto do que estava no dia em que conheci o Matt Pine. E ouve só, acabei de receber uma chamada do laboratório. A minha grande pista, o sangue que os realizadores encontraram no local, nem sequer era sangue. Acham que eram molho de tomate.

Bob lançou uma gargalhada rouca.

— Molho para *pasta*?

— Não tem piada.

— Espera, estás a dizer-me que a amostra de sangue não era genuína, que era uma *impastora*?

— A sério? — Keller riu-se, apesar de tudo.

— Desculpa — pediu ele —, passo o dia rodeado de crianças de seis anos.

A situação era tão ridícula que quase dava para rir. Ela não sabia o que mais a apavorava, se contar a Stan — que teria de reportar o molho para *pasta* até ao topo da cadeia de comando —, se contar aos Adlers.

O som de Bob a mastigar qualquer coisa estaladiça, provavelmente as suas batatas favoritas da *Ruffles*, ouviu-se através do altifalante minúsculo.

— Certo, então o ADN não deu em nada e já falaste com toda a gente. Mas não dizes sempre que, de qualquer maneira, as pessoas não são de fiar?

Quanto a isso tinha razão.

Mais mastigar.

— Então, porque não és fiel a ti própria? Olha para os documentos, os registos. Esses não mentem.

Keller voltou a sorrir.

— Tu ouves mesmo o que eu digo.

— Disseste alguma coisa? — replicou Bob.

— Cala-te. — Ela riu-se.

— Então, o que é que tens até agora?

Era contra as regras falar sobre uma investigação com qualquer pessoa de fora da Agência. Keller normalmente não era de quebrar as regras. Mas Bob funcionava sempre como sua caixa de ressonância. O tolo grandalhão não só lhe acalmava os nervos, como era um bem essencial raro neste mundo: um bom ouvinte. Era por isso que ela se afeiçoara a Matt Pine, pensou. Não se afigurava o típico rapaz de vinte e poucos anos com uma confiança delirante, ansioso por afirmar como é que as coisas eram. Tal como Bob, ele ouvia. Às vezes bastava dizer as coisas em voz alta — processando os seus pensamentos — para ajudar Keller a ligar os pontos.

— Há um vídeo que a filha publicou. Uma indicação que recebeu pouco antes de irem para o México. A hora sugere que pode estar relacionado.

— Muito bem. O que é que mostra?

— Alguns segundos de adolescentes a serem adolescentes. O Danny Pine a ser aplaudido enquanto emborca uma cerveja. Já só está com uma camisola interior, rodeado por um monte de jogadores de futebol. No último segundo da gravação, aparece o rosto de alguém no enquadramento. Os detetives de bancada acham que é o Participante Desconhecido.

— O que é que tu achas?

— Acho que pode ser qualquer pessoa. Não temos o suficiente para fazer um reconhecimento facial. E acho que o vídeo foi enviado por algum outro motivo. Mas já o vi uma e outra vez e não descubro nada.

— Como é que a Maggie Pine o obteve? Quero dizer, quem é que lhe enviou o vídeo?

— Foi uma informação anónima.

Bob deixou escapar uma gargalhada.

— És o Big Brother. Atira-te a isso, mulher do governo. Para que é que servem aqueles brinquedos todos da NSA se não os puderes usar?

— Acredita, tenho andado a pressionar os tipos da informática para

localizarem o remetente. Só que demora algum tempo.

Bob tinha razão, no entanto. A fonte do vídeo era importante. Quem o enviara fizera-o por um motivo.

— Muito bem, que mais tens? — perguntou Bob.

— Quando estavam no México, a Maggie enviou uma fotografia ao irmão. Era do pai deles. Mas eu mandei melhorá-la e hoje o Matt reparou em algo novo. Ao fundo, está uma mulher que tentou que o Matt caísse numa armadilha.

— Nãããoo — comentou Bob. — Aparecia na fotografia que a filha tirou *antes*?

— Estranho, não é?

— Bem, tens de investigar isso.

— E estou a investigar. Tenho o meu contacto no México a tentar encontrar a mulher. Mas ainda há uma coisa maior. A fotografia também mostra parcialmente um homem que parece enquadrar-se na descrição de um tipo que tentou assaltar o Matt em Nova Iorque e que o atirou para a estrada.

— Estás a brincar comigo? A irmã tirou uma fotografia de duas pessoas, uma que tenta tramar o miúdo no México e outra que o empurra para o trânsito? Quero dizer...

— Não é? — concordou Keller.

— Mas porquê? Qual era o objetivo? — perguntou Bob.

— O telemóvel — respondeu Keller. — Acho que estavam a tentar apoderar-se do telemóvel do Matt, porque a Maggie lhe enviara uma fotografia deles. O resto dos telemóveis e computadores da família foram apagados.

— Então foi, o quê, um profissional? Tipo um assassino contratado? — Bob estava entusiasmado. Adorava as séries de televisão sobre o FBI e, por uma vez na vida, o trabalho de Keller assemelhava-se a elas.

— É o que eu estou a tentar perceber.

— Tu adoras um bom rasto de documentos — comentou Bob —, por isso, quais são os registos em que não estás a focar-te? Onde é que não procuraste?

Keller fez os cálculos mentais. Tinha uma equipa a examinar os registos da Marconi levantados em Chicago. Tinha o laboratório de informática forense a localizar a pessoa que enviara o vídeo da festa a Maggie, a unidade de reconhecimento facial a analisar a fotografia que Maggie enviara a Matt e um especialista em audiovisuais a melhorar o vídeo e a fotografia.

— Os registos da companhia aérea — concluiu Keller. — Os relatórios dos voos. Se o tipo estava no México com a família, e depois estava em Nova Iorque,

talvez consiga identificá-lo cruzando a informação dos voos. Mas, sem um nome, é uma agulha num palheiro. Sabes quantas pessoas voam para Cancún todos os dias?

— Não, mas também não sei quantas transferências bancárias há todos os dias. Suspeito que sejam bastante mais do que voos, e, no entanto, de alguma forma, tu apanhas os maus da fita.

Mais da confiança desenfreada nela. E Bob tinha razão. Se o homem do lábio leporino estivera no México com os Pines, depois voara para Nova Iorque para ir atrás de Matt e depois seguiu-o outra vez para Tulum, isso poderia restringir a busca. Talvez, talvez apenas, conseguisse uma correspondência.

Bob exalou ruidosamente para o telefone.

— O que foi?

— A Maggie Pine, quero dizer, tinha *dezassete* anos. Entra para o MIT. Recebe informações para investigar, segue pessoas más até ao México, tira-lhes uma fotografia. Ela era fora de série, sabes? Eu vi o documentário. Mesmo quando andava no básico, era imparável. É uma pena enorme.

— Eu sei.

— Por isso é que ela tem sorte por estares a investigar o caso.

— Não tenho assim tanta certeza.

— Não, não, não. Não te ponhas com isso. Tu também és fora de série. Quero dizer, como é que de outra forma terias este pedaço à tua espera em casa?

— Tenho de ir para a cama. Ligo-te amanhã depois do funeral, seu lunático.

— ‘Tá-se. Tu consegues, Federale. Vou desligar.

CAPÍTULO 49

MATT PINE

Matt conduziu a velha carrinha do avô até ao parque de estacionamento do Adair Motel. Nessa noite o parque estava mais cheio do que antes, atulhado de carrinhas das notícias e carros com matrículas de outros estados. Mais tropas para cobrir o funeral no dia seguinte, supôs Matt. Viu Kala em frente à porta do quarto dela. Estava de calças de ganga e uma camisa com um nó que mostrava o seu abdómen. O *piercing* na sua barriga lisa.

Ela contornou o veículo comprido, mirando os painéis laterais de madeira com um semicerrar divertido dos olhos.

— Bela máquina — comentou, puxando o cinto de segurança sobre o ombro.

— É do meu avô. Acho que o tem desde que a minha mãe era miúda.

— Como é que ele está? — perguntou Kala.

— Não está grande coisa. Dizem que tem momentos de lucidez. Mas eu não vi nenhum.

— Lamento. — Kala pôs-lhe a mão no ombro, massajando-o.

— Não faz mal. — Matt voltou a pensar no comentário de Cindy. A única família que lhe restava era um irmão na prisão, uma tia miserável e grosseira e um avô que não o reconhecia.

— Estou esfomeada — disse Kala.

— Eu disse-te para ires a Lincoln com os outros — replicou Matt.

Ganesh e companhia estavam a ficar com claustrofobia. Ele enviara uma mensagem a Matt a dizer que precisavam de ir a um restaurante *a sério* e a um bar *a sério*, de preferência sem bimbos do lado de fora e cruzamentos entre primos a tentar matá-lo. Kala fora querida ao ficar. Para garantir que Matt não ficava sozinho. Ela era do Oklahoma rural, por isso ele supunha que tinha uma tolerância maior a cidades pequenas. Embora até Kala estivesse a começar a ficar com aquele seu ar enclausurado. Depois de se viver em Greenwich Village, era difícil voltar. Era por isso que todos os nova-iorquinos transmitiam um ar de serem insuportavelmente superiores.

— Precisava de fazer uma pausa de todos — disse Kala. — E queria ver-te... Estiveste o dia todo fora.

— Não há muitas opções para comer aqui tão tarde — alegou Matt.

— Qualquer coisa te há de ocorrer.

Matt conduziu a lata velha para fora do estacionamento, sem saber muito bem para onde ir. Podia dirigir-se para Lincoln como os outros, mas já era tarde. Estava cansado, embora não soubesse bem porquê. Passara o dia a ver televisão e na companhia da tia.

Kala olhou pela janela para o vazio. O ar estava espesso. Já anunciava o verão.

— Qualquer coisa serve — disse ela, ainda a olhar lá para fora como se estivesse à procura de alguma coisa no horizonte. — Mesmo aquela porcaria de *fast food* de que tu e o Ganesh gostam.

— Estás mesmo a descer de nível — comentou Matt.

— Em Roma... — retorquiu Kala. Era algo que ela dizia sempre, e Matt ganhara o hábito de o dizer ou pensar também. Era engraçado como se adotava os tiques verbais dos amigos.

— Podíamos ir ao Runza — disse Matt. — Acho que está aberto até tarde.

— Ir ao quê?

— Nunca comeste um *runza*?

Ela abanou a cabeça.

— Oh, não sabes o que andas a perder.

Pouco depois Matt virou para a interestadual, mantendo a distância dos camiões que iam a abrir em todas as faixas. Carregou no acelerador, temendo que a lata nem sequer chegasse aos oitenta.

Kala agarrou na pega de plástico sobre a janela do passageiro enquanto a carrinha chocalhava e por fim ganhava velocidade.

Dez minutos mais tarde, Matt apontou pela janela.

— Ainda ali está.

Kala olhou de relance para o sinal luminoso verde e amarelo por cima de um poste comprido concebido para ser visível da interestadual. Matt enveredou pela saída e parou no estacionamento.

— Parece um McDonald's, só que verde — comentou Kala.

— Eu disse-te para não ficares entusiasmada. Comemos aqui ou levamos para comer lá?

Kala espreitou para o restaurante. Vazio, à exceção de um miúdo metido naquilo que sem dúvida era uma farda de poliéster a empurrar uma esfregona.

— Definitivamente, vamos pedir para levar — disse ela.

Quando Matt encostou junto ao altifalante do *drive-through*, Kala disse:

— O que é que são em concreto?

Matt pensou em como havia de os descrever.

— Um *runza* é como um pãozinho quente recheado de carne de vaca, cebolas e couve. É mais ou menos parecido com um folhado. Sei que parece horrível, mas até é bom.

Uma voz distorcida atravessou o altifalante. Matt pediu um *runza* original, batatas fritas e uma *Coca-Cola*.

Kala inclinou-se sobre Matt e disse em voz alta pela janela:

— São dois de tudo.

De regresso à estrada, Kala pegou numa batata e mordeu-a.

— Há algum, tipo, parque ou outro sítio onde possamos comer? Em qualquer lado menos no motel.

— A minha antiga escola não é longe. Costumava ter mesas cá fora.

— Oooh, vou ver a instituição que moldou o Matthew Pine.

— Vou poupar-te ao *suspense*: não havia nenhum Clube dos Poetas Mortos.

Kala sorveu a bebida pela palhinha, os olhos a cintilar.

*

Os bancos eram mais recentes, mas estavam no mesmo sítio: do outro lado do campo de basquetebol, ao lado do ginásio.

Kala examinou o seu *runza* com curiosidade, espetando-o com um garfo de plástico.

Matt pegou no seu como se fosse um burrito e deu-lhe uma dentada. O sabor fê-lo andar para trás no tempo. Não teve nenhuma recordação específica, só uma sensação.

Matt perscrutou a área. O *cliché* de que parecia tudo mais pequeno era verdade. A escola era um edifício de dois pisos e tijolos vermelhos. O lado da frente era estéril, sem árvores ou paisagismo, uma planície vazia de cimento.

O céu escuro iluminou-se atrás do edifício, um relâmpago ao longe. Àquela distância, não se ouviam trovões.

— Em que ano andavas quando te foste embora? — perguntou Kala.

— No nono — respondeu Matt. — A escola vai do sétimo ao décimo segundo. Não há miúdos suficientes aqui para separarem o básico e o secundário.

— Então, os teus irmãos andaram aqui contigo?

— Só o Danny. A Mags andava na primária quando nos fomos embora. A mãe

estava grávida do Tommy.

— Porque é que se foram embora? O documentário fez toda a gente parecer aldeões armados de forquilhas.

— Não foi assim tão dramático. Só muitos sussurros e olhares onde quer que fôssemos. Na verdade, andei à bulha mesmo ali por causa disso. — Ele fez sinal com a cabeça para o campo de basquetebol. Não fora para defender a honra de Danny. Um miúdo dissera que talvez alguém levasse Maggie para o ribeiro. Assustara-o, a forma como perdera o controlo e dera uma sova ao rapaz. E se ele podia perder a cabeça daquela maneira, apercebeu-se, assim também o irmão mais velho. — E foi isso. Fizemos as malas e mudámo-nos.

— Foi muito altruísta da parte dos teus pais. Quero dizer, o teu pai abandonar o emprego, a tua mãe abdicar da cidade natal.

Matt nunca pensara nas coisas dessa forma. Mas ela tinha razão. Agradava-lhe que ela não hesitasse em falar da família dele. Começava a perceber que era um tópico que as pessoas achavam desconfortável. Matt gostava de falar deles. Não queria que desaparecessem como se nunca tivessem existido.

Kala pegou no *runza* meio comido e pô-lo, juntamente com os seus guardanapos, no saco. Também limpou os restos de Matt.

Caiu um silêncio pesado entre ambos.

Por fim, Kala disse:

— O Ganesh disse que a rapariga do bar, a que separou a briga... que tu, tipo, te encontraste com ela às quatro da manhã.

Matt contou-lhe de Jessica. Que se encontrara com ela no monte na noite em que Charlotte fora assassinada. Quase lhe contou que vira Danny no seu casaco da equipa de futebol, a empurrar o carrinho de mão. Mas nesta noite não era Danny que importava.

— Foi o teu primeiro amor?

— Não iria tão longe.

— Está bem, a tua primeira qualquer coisa... — Ela arqueou uma sobancelha.

Matt revirou os olhos.

— Tinha catorze anos.

Ela estudou-o, à espera que ele lhe contasse mais.

— Foi só um beijo. — Um beijo eletrizante.

— Tens coisas por resolver com ela.

Matt voltou a abanar a cabeça.

— Era um miúdo.

— Coisas por resolver — repetiu ela com um aceno claro. — É melhor que as resolvas.

Talvez Kala tivesse razão, talvez não tivesse. Fosse como fosse, teria de esperar.

— Obrigado — disse Matt.

— Pelo quê?

— Por teres vindo ao Nebraska... Por... — Fez uma pausa. — Por tudo.

Ela fitou-o durante bastante tempo. Por uma fração de segundo ele julgou que ela fosse inclinar-se, dar-lhe outro beijo que não esqueceria.

— Coisas. Por. Resolver — disse Kala, enfatizando cada palavra com uma estocada com o dedo indicador no peito dele. Pegou-lhe na mão. — Vamos voltar. Tens um dia longo amanhã.

Seria sem dúvida o dia mais longo da sua vida.

CAPÍTULO 50

EVAN PINE

ANTES

Passaram o primeiro dia inteiro em Tulum, na praia, a dormir numa cabana alugada, a pedir *cocktails* e daiquiris e a ver Tommy a chapinhar no mar azul. Cansados do sol, decidiram ir às compras e jantar em casa.

Evan sentou-se junto à bancada da cozinha, a ver a família preparar a refeição, a preferida de Tommy: esparguete. Não condizia propriamente com a gastronomia local, mas levou Evan de volta aos tempos em que passavam os domingos à noite a cozinhar juntos, a contar histórias e a rir à mesa.

Tommy estava a cortar cebolas com uma faca de manteiga, Liv a guiar-lhe a mão entre goles de vinho. Maggie tinha o molho a seu cargo e mexia uma panela grande com uma colher de pau.

— Não, a sério, senta-te, relaxa, as mulheres tratam disto — disse Maggie a Evan.

Evan bebeu um trago da cerveja, abarcando a cena. Olhou para o filho. O rosto de Tommy estava vermelho que nem um tomate, isto depois de Liv aparentemente ter aplicado protetor solar a cada dois minutos. Tentava perfurar a cebola com a lâmina embotada, mas esta não parava de rebolar para fora da tábua.

— A água está a ferver, querida — disse Evan a Maggie, ao reparar na panela quase a deitar por fora. Saltou do banco e correu para o fogão para baixar o lume.

— Andaste a surripiar-me a cerveja? — perguntou, notando que Mag-pie parecia um pouco alheada, perdida em pensamentos.

— Tenho de me preparar para a faculdade — retorquiu Maggie.

Evan agarrou-se ao coração, simulando uma dor no peito.

— Não digas isso, a minha menina. — Abraçou Maggie num aperto exagerado que ela normalmente teria enxotado, mas naquela noite ficou parada, com os braços ao longo do corpo, até ele a soltar.

Com a refeição enfim pronta, os quatro sentaram-se à mesa de jantar. E, pela primeira vez desde os últimos tempos de que Evan se conseguia lembrar, deram as mãos, curvaram a cabeça e Olivia deu graças.

A tradição de Liv era dar graças e depois proferir uma bênção por cada um dos filhos. Quando chegou a Danny, Evan reparou nos olhos de Maggie fixos nele, como se estivesse à espera de ver a sua reação. Como se estivesse a tentar perceber se a única coisa que tinha na cabeça era o caso. Ele fez a sua melhor expressão impassível, mas a filha conhecia-o demasiado bem.

Mais tarde Evan sentou-se na beira da cama, a contemplar a mulher à luz ténue que se infiltrava na suíte. Liv estava nua e pontapeara todos os lençóis e cobertores, completamente apagada do sol, dos *cocktails* e do vinho ao jantar. Era uma mulher espantosamente bonita.

Evan também ainda estava tocado, e não queria deixá-la. Mas precisava de tirar aquilo do peito. O plano era simples: esgueirar-se-ia até ao Moloko Bar, de onde fora feita a chamada, daria uma vista de olhos ao sítio, confirmaria que Charlotte não estava lá e voltaria para casa. O seu lado racional sabia que era uma loucura — compreendia que Charlotte estava morta —, mas, no caso de Evan, a razão muitas vezes cedia ao desespero.

Deslizou para dentro dos calções e da *T-shirt* que usara antes e saiu do quarto em bicos de pés. O mapa no telemóvel dizia que o bar ficava a dez minutos de distância de bicicleta.

— Onde é que vais?

Evan sentiu um impacto rasgá-lo ao som da voz. Maggie estava sentada no sofá com a luz apagada.

— Ei, o que é que estás a fazer acordada?

— Não respondeste à minha pergunta.

Evan encarou-a.

— Não precisas de responder... Eu sei onde é que tu vais. E eu também vou.
— Levantou-se.

— Nem pensar.

Maggie olhou-o.

— Suponho que podemos acordar a mãe e pedir-lhe.

Evan semicerrou os olhos. Céus, adorava aquela miúda.

— A sério, deixa-me ir.

— Pode ser perigoso.

— Bem, sendo assim, devia mesmo acordar a mãe. — Maggie dirigiu-se para o quarto principal.

— Espera — pediu Evan. Refletiu por um momento. Mas assim que a filha se agarrava a uma ideia, não largava. Sabia de quem herdara essa característica.

— Ficas à espera lá fora.

Maggie anuiu.

— E se eu disser para ires para casa, obedeces.

Ela anuiu outra vez.

— E...

— Já percebi, pai. São só onze e meia. Acredita em mim, o bar vai estar cheio. Estamos em Tulum, não em Naperville.

Evan soltou um suspiro exasperado.

— Estou a falar a sério. Se disser que tens de te ir embora, então...

Maggie sorriu, já a atar os atacadores dos ténis.

Pedalararam nas bicicletas ao longo da estrada escura, Evan a perguntar-se se estariam a cometer um erro. Maggie ia à sua frente, o cabelo preso numa trança espessa a balançar de um lado para o outro, como o pêndulo de um relógio antigo. Por algum motivo, lembrou-se do relógio deslocado no gabinete da Dr.a Silverstein. Viu luzes mais à frente.

Quando chegaram à interseção, Maggie esperou por Evan, consultando o mapa no telemóvel.

— Já não falta muito — disse ela. — Fica mesmo à saída da estrada principal.

Continuaram pelo asfalto escuro, música agora a flutuar no vento, as luzes ao longe mais brilhantes. Maggie liderava o caminho enquanto pedalavam, contornando aglomerados de peões até ao Moloko Bar, que ficava ao virar da esquina de um bar ao ar livre. Mesmo àquela hora, a zona estava a fervilhar.

Maggie parou do outro lado da estrada do Moloko Bar. Parecia na dúvida, como se quisesse dizer alguma coisa.

— Está tudo bem? — perguntou Evan.

— Tem cuidado, sim?

Evan sorriu, desceu da bicicleta e atravessou a estrada.

O porteiro olhou para ele penosamente, como se Evan fosse o velho triste da discoteca. Mas fez sinal para que passasse.

Lá dentro encontrou o que esperava: uma grande multidão. Música de dança a vibrar. O cheiro a perfume e a suor. Ele perscrutou os rostos, à procura dela. Era em alturas como aquela, inesperadas, invulgares, que tinha momentos de lucidez. Charlotte não estava ali. Ele andava a perseguir um fantasma. A desperdiçar os últimos dias antes de Mag-pie ir para a faculdade. A malbaratar a sua vida com Liv e Tommy. A arruinar a sua relação com Matt. Tinha de abrir mão daquilo. Mas, já que ali estava, mais valia...

Serpenteou por entre a multidão e alcançou o balcão do bar. O *barman* tinha os braços cobertos de tatuagens e uma barba à *hipster*. Não era mexicano, mas também não era claro se era americano.

A música estava alta. O tipo gritou por cima do ruído:

— O que é que posso servir-lhe, amigo? — Tinha um sotaque australiano.

Evan pousou uma nota de quinhentos pesos no balcão, mesmo que fosse só porque era o que se fazia nos filmes e séries quando se estava a tentar obter informações. Estendeu o telemóvel, exibindo uma fotografia de Charlotte.

— Estou a tentar encontrar a minha filha — mentiu. Partiu do princípio de que um *barman* talvez fosse mais compreensivo com um pai do que se pensasse que Evan era um polícia ou investigador privado, ou um velho sinistro à procura de uma rapariga jovem.

Evan ficou à espera de que ele lhe dissesse que nunca a vira na vida, que lamentava não poder ajudar.

O *barman* alisou a barba com uma mão, depois fechou o punho em volta do dinheiro.

— Já, já a vi.

CAPÍTULO 51

SARAH KELLER

Keller acordou com o telemóvel a vibrar. Ficou desorientada por um momento, tentando compreender porque é que a mesa de cabeceira era diferente, a janela do quarto não estava onde devia, e depois lembrou-se. O Nebraska. O motel. O velho despertador dizia que eram apenas 11h40 da noite, mas ela estivera a dormir profundamente. Ia ignorar a chamada, mas podia ser Bob, alguma emergência com os gémeos.

O número era do México. Keller sentou-se, acendeu o candeeiro, deslizou o dedo pelo ecrã.

— É a Carlita Escobar.

A mente de Keller ainda estava enevoada e durante um segundo ficou completamente em branco. Mas depois o nevoeiro levantou. Claro, a funcionária consular, a Carlita «não sou da família» Escobar.

— Olá, sim, obrigada por me ligar.

— Desculpe, acordei-a? Disse-me para ligar quando tivesse novidades, qualquer que fosse a hora. Posso voltar a ligar amanhã.

— Não, faça favor...

— Identifiquei a rapariga.

— A Hank? — perguntou Keller.

— O nome verdadeiro dela é Joanna Grace. Costumava ser conhecida por Joey. Aparentemente é do Oklahoma, mas não é nenhuma cabeleireira.

Keller sentiu um surto de adrenalina. A identidade falsa confirmava que o seu encontro com Matt não tinha sido um acidente, que o engodara para que fosse com ela, provavelmente com o intuito de o entregar a alguém, até aparentemente ter mudado de ideias.

— É uma rapariga que trabalha em festas — continuou Escobar. — Trabalha para uma empresa sediada em Nova Iorque.

— É como uma prostituta? — Keller estava agora de pé, a andar de um lado para o outro.

— Não exatamente. Estive a investigar, e o empregador basicamente funciona como uma empresa de aluguer. Mas, em vez de alugar produtos, aluga raparigas bonitas. As discotecas e as estâncias turísticas pagam para ter raparigas

americanas a frequentar os seus estabelecimentos; é estilo um serviço temporário.

— Isso existe mesmo, vá-se lá saber.

— No meu tempo, as discotecas tinham *lady's nights*, mas, pelos vistos, isso já não chega — disse Escobar. — Suspeito que algumas raparigas recebem dinheiro extra a fazer mais do que ter um aspeto bonito, mas excluindo isso, é uma empresa legal.

— Falou com ela?

Houve um longo momento de silêncio.

— Não. O motivo por que a identificámos tão depressa foi porque algumas das outras raparigas do seu grupo... estão todas a trabalhar numa discoteca chamada Moloko... a deram como desaparecida.

Keller sentiu o estômago afundar-se. Parou de andar de um lado para o outro, abriu as cortinas e olhou lá para fora sem qualquer motivo. Várias carrinhas das notícias estavam estacionadas no parque.

— Deixe-me então adivinhar: ninguém a vê desde a noite com o Matt Pine.

— Exatamente.

— Suponho que ela possa ter-se ido embora. O Matt disse que ela se acobardou, por isso talvez esteja escondida das pessoas com quem estava a trabalhar.

— Ela e as outras raparigas estavam alojadas em quartos por cima da discoteca. Fizemos uma busca ao beliche dela e ao cacifo. Deixou o passaporte. E o carro alugado que partilhava com mais duas raparigas foi encontrado abandonado em Chan Chemuyil, que fica a cerca de quinze minutos de Tulum.

— Escobar fez uma pausa. — Lamento.

Keller soltou o ar dos pulmões.

— Que mais sabemos dela? Antecedentes? Alguém conhecido a quem esteja associada?

— Tinha uma condenação anterior por posse de cocaína no Oklahoma, mas mais nada. Nada que identifique o homem que estava com ela na fotografia. Não tem tido uma vida fácil. O pai morreu no atentado bombista de Oklahoma City quando ela era pequena, passou a adolescência em famílias de acolhimento, depois trabalhou num clube de cavalheiros, que provavelmente foi onde entrou em contacto com a empresa de raparigas para festas.

— Nada quanto ao homem com a cicatriz do lábio leporino? — A tensão arterial de Keller estava a subir, o maxilar cerrado. Fechou as cortinas e sentou-

se na cama. Precisava de se acalmar, de pensar com clareza.

— É um fantasma. Mas parece que foi ele que arrendou a casa no endereço que me enviou.

A morada que a obstinada Maggie Pine descobrira através de um serviço de agregação de números de telemóvel. Ocorreu a Keller uma ideia ao acaso: talvez Maggie se tivesse tornado agente do FBI.

Escobar continuou:

— Deu como apelido Smith, pagou em dinheiro. O dono nunca tratou com ele em pessoa, ele enviou o dinheiro por estafeta, mas o vizinho viu-o algumas vezes. E o alojamento local foi esfregado com lixívia. Não me parece que alguma vez tenha ficado tão limpo.

— As equipas de limpeza normalmente não são tão minuciosas. Posso enviar umas pessoas e...

— Acho que não me está a ouvir. O local estava *limpo*. E não por um serviço de empregadas de limpeza. Mais por um especialista forense.

— Um profissional — disse Keller. Condição com a encenação do local do crime, os telemóveis apagados.

— Faz sentido — alegou Escobar.

— Existem câmaras de vigilância na zona? — Keller sabia a resposta, mas tinha de perguntar.

— Lamento. Não estamos em Manhattan, agente Keller.

— Há alguma coisa, qualquer coisa que seja, que nos ajude a identificar o tipo? — Keller também sabia a resposta a essa pergunta.

Escobar fez uma pausa, depois disse:

— Tenho a sensação de que o Gutierrez sabe de alguma coisa. É uma força policial bastante corrupta.

— O polícia que nos deu problemas com a entrega dos corpos? O que ameaçou o Matt Pine.

— *Sí*.

— Falou com ele?

— Tentei, mas ele recusa-se a falar comigo.

Keller matutou no assunto. Não podia forçar um agente de polícia municipal estrangeira a colaborar com eles. E Carlita Escobar era a pessoa que o Ministério dos Negócios Estrangeiros dissera ter as melhores hipóteses de lidar com a polícia de Tulum. E agora até ela estava a ser travada.

— Estou aberta a ideias — declarou Keller.

Depois de outro longo silêncio, Escobar disse:

— Talvez haja uma maneira de fazer com que o Gutierrez nos diga o que sabe.

Keller não tinha a certeza do que ela queria dizer com aquilo. A forma como Escobar o exprimira deixava Keller desconfiada.

— Como assim?

— Ele não vai responder às minhas perguntas. Sabe que estou condicionada pelas técnicas de entrevistas americanas...

Keller tentou digerir aonde Escobar queria chegar com aquilo, e não gostou.

— Mas sou amiga de família de um senador estadual. Ele tem influência sobre a polícia federal mexicana. E tenho a certeza de que conseguiria fazer com que interrogassem o Gutierrez.

Keller estava a começar a perguntar-se se, apesar dos seus protestos alegando o contrário, Escobar não seria de facto da família de Pablo. Imaginou o polícia local numa cave com um ralo no meio do chão.

— Claro que nunca lhes pediria para o fazerem — continuou Escobar. — Mas se o senador viesse a saber que o Gutierrez estava a deixar o Ministério dos Negócios Estrangeiros americano descontente, talvez tomasse o assunto nas próprias mãos...

Keller queria o homem do lábio leporino. Estava agora ligado ao desaparecimento de Joey Grace e à morte dos Pines. Mas não infringiria a lei.

— Vamos chamar-lhe o Plano B — disse Keller.

— Com certeza, não estava a sugerir...

— Descobriu mais alguma coisa? — perguntou Keller, poupando a Escobar a falsa negação.

— Mais uma coisa — respondeu Escobar. — O *barman* do sítio onde a rapariga trabalhava. Disse que a tinha visto com um homem que se encaixava na descrição. Só uma vez. Mas lembrava-se, porque a Joey Grace lhe fez uma oferta invulgar.

Keller sentiu um frémito de entusiasmo outra vez.

— Que oferta?

— Pagou ao *barman* quatro mil pesos para ligar para um número de telemóvel se alguém fosse ao bar à procura de uma rapariga americana.

— E ele chegou a ligar?

— *Sí*. Disse que um homem, um americano, apareceu no bar uma noite à procura de uma rapariga.

— O Evan Pine — disse Keller.

— *Sí*. Mostrei uma fotografia ao *barman* e ele confirmou.

Keller recapitulou mentalmente. O homem com a cicatriz do lábio leporino contratara uma rapariga que trabalhava nas festas da zona para se fazer passar por Charlotte num vídeo *deep fake* e atrair Evan Pine a Tulum, fazendo provavelmente com que fosse fácil Evan relacioná-la com aquela discoteca em particular. Depois pagara ao *barman* de lá para lhe ligar quando Evan chegasse e começasse a fazer perguntas.

Tinha de ser um profissional.

— Agradeço todo o seu trabalho neste caso — disse Keller.

— O prazer foi meu. — Depois, num tom casual que fez um arrepio percorrer as costas de Keller, acrescentou: — Entrarei em contacto quando encontrarmos o corpo da rapariga.

CAPÍTULO 52

MAGGIE PINE

ANTES

Maggie e o pai caminhavam lado a lado ao longo do trilho de terra das ruínas maias de Tulum, o sol da tarde a escaudá-los. A mãe corria atrás de Tommy, que se adiantara. As ruínas eram de alguma forma decepcionantes, pensou Maggie. Demasiados turistas. Poucas ruínas. Até havia um Starbucks, por amor de Deus. Lembrava a Maggie um *campus* universitário antigo feito de pedra a esboroar-se. A atração central era um templo virado para um terreno aberto, com edifícios mais pequenos no perímetro. A zona não ficava numa selva, como nos velhos filmes do Indiana Jones que Matt costumava ver repetidamente, mas no cimo de um penhasco com vista para o mar.

— Pai, sabes que isto não bate certo. É demasiado perfeito. A identificação da chamada traz-nos precisamente aqui. O *barman* do Moloko por acaso conhece a Charlotte de entre todos os clientes que lá aparecem todas as noites? Quer-te lá outra vez hoje à meia-noite... sozinho?

O pai ergueu as mãos, como que para a acalmar. Voltou a olhar para a mãe e para Tommy.

— Mais tarde falamos disto.

Maggie franziu o rosto. Não tinham tido oportunidade de conversar desde a noite anterior. E não gostava de estar a esconder aquilo da mãe. Olhou para o pai e teve o pressentimento de que nada do que pudesse dizer o deteria. O ciclo interminável da sua vida: Evan Pine obcecado por uma pista, a persegui-la até não dar em nada, a ficar desencorajado, a jurar que para ele acabara, e depois a identificar uma nova pista e a repetir o ciclo. Um viciado em drogas em busca de uma dose. Agora ia dar cabo daquela viagem — pôr-se em perigo! — ao cair numa armadilha. Seria uma armadilha? Ou uma partida de mau gosto? Alguém a tentar extorqui-lo? Ela não sabia. Mas sabia que alguma coisa não batia certo. E que tinham sido atraídos ao Moloko Bar.

— É um embuste — disse Maggie.

— Eu sei.

Aquilo surpreendeu Maggie. O pai não era de desistir tão facilmente. Mas naquele dia algo estava diferente.

— Então, não vais lá voltar esta noite?

— Ainda não decidi.

— Pode ser perigoso, pai.

Ele não respondeu, acenou só à mãe, que estava com um ar acalorado e exasperado enquanto barafustava com Tommy a caminho deles.

Maggie decidiu que não podia continuar a ocultar-lhe. Esperava que não fosse um erro. Mas contar-lhe do relatório que recebera sobre o telemóvel, da morada onde o telemóvel que lhe ligara estivera ativo, era a única forma de fazer com que se mantivesse afastado do bar.

— Preciso de te contar uma coisa. Uma nova pista. Mas só se prometeres não ir ao Moloko esta noite.

Ele encarou-a durante um longo momento.

— Descobri uma coisa. Pode dizer-nos quem está por trás disto. Quem te ligou realmente.

O pai olhou para ela daquela forma intensa como só ele sabia.

— O que é? — perguntou. — E porque é que não me contaste antes? O que...

— Preciso que prometas.

— Muito bem. Prometo.

— Estou a falar a sério — disse Maggie.

— Eu sei, *tão* a sério — respondeu o pai num tom brincalhão.

A mãe e Tommy apareceram. A mãe dirigiu-lhes um olhar cético.

— O que é que andam os dois a tramar?

— A Maggie decidiu tirar um ano sabático. Ou dois. Viver connosco até aos trinta — respondeu o pai.

— Por mim estaria tudo bem. — Liv deu-lhe um abraço de lado. Eram os dois tão embaraçosos.

— Na verdade — atalhou Maggie —, o pai disse que me ia levar a jantar hoje, só a *mim*.

— Ai, vai? O que é que os dois estão a congeminar?

Tommy interrompeu-os.

— O que é um sacrifício humano? — Pronunciou *sac-pri-prí-cio*.

— Onde é que ouviste isso, querido? — perguntou a mãe.

— Aquelas pessoas ali estavam a dizer que era onde se faziam sacrifícios humanos. — Apontou para uma plataforma de pedra no meio das ruínas.

Os pais entreolharam-se.

— Queres responder a esta? — perguntou o pai.

— É toda tua, bonitão — respondeu a mãe. — É o que acontece quando me dás uma tampa para o jantar.

CAPÍTULO 53

Maggie e o pai jantaram depressa num sítio chamado Burrito Amor e depois começaram a seguir o plano. Não tinham a noite toda para esperar que alguém saísse da casa identificada no relatório do telemóvel. Por isso, teriam de ser mais proativos.

Maggie escreveu uma mensagem simples:

SABEMOS QUE FIZERAM O VÍDEO A FINGIR SER A CHARLOTTE E
CHAMÁMOS A POLÍCIA.

Foram precisos alguns argumentos, mas convenceu o pai a tentar. Seria louco se fosse ao bar naquela noite. Era onde o queriam. Eles tinham de ser os caçadores, não as presas. Maggie sentia-se tão fixe naquele momento.

Pedalararam nas bicicletas até à pequena casa degradada à luz do crepúsculo. Maggie aguardou à esquina sob a proteção de um maciço de arbustos. Observou o pai ir de bicicleta até ao passeio rachado em frente à casa. Olhou em volta para ver se alguém estava a prestar atenção, depois pedalou até à entrada. O local era uma estrutura decrépita só com um andar e grades a proteger as janelas. Ela procurara a morada no Google e o resultado dizia tratar-se de alojamento local, por isso com alguma sorte o dono do telemóvel que dera sinal de atividade no local ainda lá estava. Senão, o novo inquilino provavelmente iria passar-se com a mensagem.

O pai estava de costas para ela, mas quando se voltou, ela viu que tinha colado a mensagem à porta. Posicionou a bicicleta a alguma distância, bateu à porta com força e depois pedalou como se a sua vida dependesse disso. O coração de Maggie batia desenfreadamente enquanto o observava a desaparecer em velocidade de corrida, rezando para que conseguisse fazê-lo sem ser visto. Com apenas segundos de avanço, sumiu ao virar da esquina quando a porta se abriu uma nesga. A silhueta de um homem emergiu na entrada e ele removeu a mensagem.

Pareceu passar uma eternidade, o homem ali parado como uma massa escura. O pai de Maggie dera a volta e estava agora ao lado dela.

— Está a lê-la — sussurrou Maggie.

Os movimentos do homem tornaram-se rápidos, impulsivos. A cabeça voltou-

se para um lado e para o outro, à procura de quem quer que tivesse deixado a mensagem. Depois virou-se e voltou para dentro, batendo com a porta.

Maggie e o pai entreolharam-se. O pai estava a transpirar, sem fôlego.

— E agora? — perguntou ele.

Sinceramente, Maggie não pensara com tanta antecedência.

Não precisou de decidir, porque a porta da casa escancarou-se. O homem estava de boné e óculos escuros. Pôs-se a caminhar de cabeça baixa. A sua passada sugeria que estava agitado. Disse qualquer coisa para um telemóvel.

Seguiram-no até à rua principal. Era fácil manter uma distância segura. Ele era alto e magro, e o boné vagueava acima da multidão. Sem deixar margem para dúvida, dirigiu-se para o Moloko Bar, que tinha um aspeto diferente à luz do dia. Aparentemente não abria antes de anoitecer.

Ele aguardou do lado da frente, como se estivesse à espera de alguém.

Saiu uma mulher bonita. Estava de calções e com a parte de cima de um biquíni.

O homem disse-lhe qualquer coisa. Ela abanou a cabeça repetidas vezes.

— Vamos tirar uma fotografia — sugeriu Maggie. Ergueu a câmara. Estava demasiado longe para ficar com uma imagem nítida, mesmo que usasse o *zoom*.

— Temos de nos aproximar. — E desceu da bicicleta.

— Não — disse o pai.

— Vem comigo, mantém-te de costas. Vão pensar que somos turistas.

O pai não teve tempo de protestar. Maggie empurrou o guiador da bicicleta dele, fazendo as rodas girar para trás para poder tirar a fotografia. Fingiu tirar uma fotografia ao pai. O rosto dele aparecia, mas Maggie estava a tentar obter uma imagem nítida do casal.

Eles estavam na penumbra, o néon do letreiro lançava um brilho sobre a mulher. No momento em que Maggie tirou a fotografia, o homem cobriu o rosto com a mão. A mulher pareceu fixar os olhos em Maggie.

— Temos de ir — disse Maggie. Virou-se, subiu para a bicicleta e começou a pedalar, o pai logo atrás dela. Não olhou para trás.

CAPÍTULO 54

MATT PINE

Estavam quatro caixões ao fundo da igreja, mas era o quarto — a caixa de madeira minúscula — que fazia com que cada enlutado arquejasse quando entrava na First Presbyterian Church. Os vitrais, as mesmas janelas através das quais Matt costumava olhar entediado de morte nos domingos da sua juventude, amorteciam a luz, condizendo com a ocasião sombria.

A igreja estava cheia, embora Matt não reconhecesse a maioria das pessoas. Muitos tinham ar de repórteres da televisão, o cabelo acachapado de demasiado *spray*. Rostos demasiado bronzeados para a primavera. A tia dissera que iam proibir a entrada à comunicação social, aos mirones e aos viciados em coisas tristes, mas não havia muito que pudessem fazer. Apesar do estatuto de *personae non gratae* dos Pines, muitos habitantes da cidade enchiam os bancos da igreja.

Enquanto Matt percorria o longo corredor, podia sentir todos os olhos postos nele, ouvir os murmúrios à medida que se dirigia para os quatro caixões. Limitou-se a olhar em frente, sentindo-se distante, vagamente dissociado do corpo.

Quando alcançou os bancos da frente, a tia Cindy deu umas palmadinhas num espaço vazio. Ao lado dela estava o avô, com uma expressão ausente, a sua enfermeira jamaicana mais pesarosa do que ele. Ao lado do avô encontrava-se o governador, o velho amigo da mãe. Tendo a prisão recusado que Danny comparecesse à cerimónia, aí estava ele, o contingente Pine.

Depois de se sentar, Matt sentiu umas mãos nos ombros. Virou-se e era Kala. Ao lado dela, o resto dos Brinquedos Desaparecidos. Estavam todos vestidos de forma conservadora, algo que nunca tinha visto desde que os conhecia. Até Ganesh estava de fato — um bem caro, pelo aspeto —, o contraste com o seu cabelo rebelde e rosto por barbear dando-lhe a aparência de um magnata das tecnologias. A cabeça de Curtis encontrava-se curvada em oração. Woo-jin parecia um gigante ao lado de Sofia, cuja maquilhagem estava já borrada ao longo das faces. Matt fez-lhes um aceno e voltou-se para a frente.

Fitou mais uma vez os caixões. Eram simples, discretos. Apesar da sua beleza, a mãe odiava ostentação. Quando a tia lhe enviara por *e-mail* o catálogo de caixões, Matt só precisara de um momento para escolher.

O velho pastor — o mesmo de há tantos anos — aproximou-se da frente da igreja e aguardou que a multidão sossegasse. Depois, com uma voz fraca que mais uma vez levou Matt de volta aos seus tempos de criança, iniciou a cerimónia.

Outra coisa que não mudara. Matt foi capaz de se abstrair dele instantaneamente. Concentrou-se nos caixões.

Engoliu em seco ao fixar-se no mais pequeno. Despediu-se mentalmente. *Tommy, lamento que o mundo não vá ter mais de ti. Eras amável, hilariante e chegaste às nossas vidas quando mais precisávamos de ti.* As lágrimas caíram-lhe. *Adeus, homenzinho.*

Os seus olhos deslizaram para o caixão seguinte. *Maggie.* Matt soltou um soluço. *Tu eras o coração desta família — a cola — e não passará um dia em que eu não vá sentir a tua falta. O mundo é um sítio pior sem ti. Mesmo quando estava longe, na faculdade, tu estavas comigo — a minha consciência, o meu melhor anjo, a minha prova da bondade fundamental das pessoas.* Adeus, Mags.

Agora tinha um nó alojado na garganta. Deu-se um movimento na igreja, e viu uma figura pegar no microfone. O governador.

Matt olhou para o caixão da mãe, depois para o do pai. Queria despedir-se antes que o político comesse com o seu palavreado. Os rituais, os discursos não significavam nada para ele. Não precisava do espetáculo.

Antes de se despedir, uma sirene soou lá fora.

O som intensificou-se, e a igreja encheu-se de vozes baixas e abafadas. Matt virou-se e olhou para os amigos. Ganesh estava a fazer uma expressão *mas que porra?* para os outros. Todos pareciam atónitos com o barulho. Exceto Kala, que era do Oklahoma.

Matt ouviu-a sussurrar:

— Aviso de tornado.

— Muito bem, amigos, odeio ter de fazer isto — estava o governador a dizer para o microfone. Ao lado dele, o pastor dava-lhe instruções. — Precisamos que se dirijam todos para a cave.

O barulho da multidão elevou-se.

— Já passámos por isto um milhão de vezes e provavelmente não é nada, mas mais vale prevenir que remediar, por isso vamos manter a calma e dirigir-nos para as escadas.

Rapidamente, os enlutados moveram-se uma fila de cada vez e seguiram pelo corredor. O pastor estava agora à cabeça, a orientar o tráfego.

Matt captou o olhar de Ganesh. O amigo ofereceu-lhe um sorriso matreiro e piscou-lhe o olho. Era um gesto estranho, mas de certa forma perfeito.

A saída decorreu ordeiramente. A tia Cindy tentou que Matt a acompanhasse, mas ele deixou-se ficar para trás, disse que queria ter a certeza de que os amigos não eram esquecidos. Na verdade, queria um momento para terminar as suas despedidas sozinho. Matt não tinha medo do tornado. Nos seus catorze anos em Adair houvera incontáveis avisos, um redemoinho ou dois a tocar nos campos de milho, mas ele nunca vira sequer um cúmulo-nimbo. A tia concordou com relutância, sobretudo porque precisava de cuidar do avô de Matt, que estava agitado pela confusão.

Na igreja vazia, Matt ficou sozinho com os caixões. O vento assobiava lá fora, e viu-se o raio de um relâmpago.

Pôs uma mão no caixão da mãe, outra no do pai.

Não havia palavras, decidiu.

Matt virou-se e, em vez de se dirigir para a cave, desapertou a gravata e caminhou em direção à tempestade.

CAPÍTULO 55

SARAH KELLER

Keller olhou-se ao espelho do quarto do motel. Envergava os habituais calças-casaco azul-marinho e camisa branca. Não era uma indumentária perfeita para um funeral, mas teria de servir. Ponderara faltar à cerimónia, perguntara-se como é que iria parecer — uma agente do FBI na igreja —, mas decidira arriscar. Embora nunca tivesse estado com eles pessoalmente, sentia que conhecia os Pines. Revistara os seus pertences, estudara as suas buscas na Internet, falara com os seus amigos, passara tempo com o filho que lhes sobrevivera. *Filhos* que lhes sobreviveram, plural, lembrou a si própria. Queria prestar-lhes homenagem.

O telemóvel tocou. Já estava a ficar atrasada, e ia ignorar. Queria esgueirar-se para dentro da igreja com o rebanho em vez de se precipitar à última hora com os holofotes todos sobre si. Mas a chamada era do Estabelecimento Prisional de Fishkill.

— Agente Keller — atendeu ela.

— Olá, daqui fala Marge Boyle de Fishkill a devolver-lhe a chamada. — A técnica de reinserção parecia aborrecida, letárgica.

— Obrigada por me ligar. Estou a encerrar o caso, a pôr os últimos pontos nos is, e pensei se poderia enviar-me o registo das visitas ao Daniel Pine nos últimos seis meses.

Tinha havido fugas de informação sobre a investigação vindas de várias frentes e Keller queria que a técnica pensasse que o pedido era uma coisa de rotina.

— Não há qualquer problema. Temos cópias em ficheiros eletrónicos. Se me der um segundo, posso enviar-lhe já por *e-mail*. Tenho-o algures, tenho a certeza, mas pode dar-me o seu endereço de *e-mail*?

Keller deu e aguardou, reunindo as chaves e a mala para poder correr porta fora e chegar a horas ao funeral. Ouviu um teclado do outro lado enquanto a técnica trabalhava, com uma lentidão atroz. A mulher funcionava ao ritmo da prisão.

— Para dizer a verdade, estou atrasada para o funeral, por isso tenho de...

— É mesmo terrível o que aconteceu ao Dan — comentou a técnica, não acusando a dica.

— Sim, é uma desilusão o diretor não ter autorizado que comparecesse ao funeral, mas compreendo que constitua um grande dispêndio de recursos e...

— Espere — disse a técnica. — Não sabe? Ninguém a notificou?

— Notificou-me do quê? — questionou Keller, sem fazer a pergunta óbvia sobre quem mais haveria de a notificar de alguma coisa senão a técnica de reinserção com quem estava ao telefone.

— Oh, santo Deus. — A mulher fez uma pausa. — O Dan Pine foi atacado ontem. Não sabem se se safa.

Passou mais meia hora até Keller chegar à igreja. Atrasara-se porque precisava de contar a notícia sobre Danny Pine a Stan antes que os meios de comunicação pegassem na história.

A igreja não era pitoresca. Não havia nenhum velho campanário com um recinto perfeito. Apenas uma estrutura de aspeto moderno que podia passar por um banco se não fossem os vitrais e a placa à entrada. Ao longo da estrada estavam carrinhas das notícias e tendas improvisadas feitas de oleados para proteger o equipamento da chuva iminente. Os jornalistas andavam em círculos, com café em copos de papel nas mãos e mirando-se em espelhos de bolso, à espera que a cerimónia terminasse.

Keller parou junto a diversos outros veículos estacionados ilegalmente na relva, na ponta mais distante do parque a transbordar. Caminhou depressa e os repórteres não lhe ligaram nenhuma. O ar estava estranhamente parado, o céu de um invulgar tom de verde. Sentiu uma corrente elétrica na atmosfera.

Lá dentro, a entrada frontal da igreja encontrava-se sossegada. Conseguia ouvir vozes vindas de trás de duas grandes portas que davam para a nave da igreja. Refletiu sobre se deveria esperar, não querendo interromper a cerimónia, mas um homem de fato escuro saiu por uma das portas e seguiu na direção de uma placa que indicava a casa de banho dos homens. Alcançando a porta antes que se fechasse, Keller sobressaltou-se com um barulho lancinante — uma sirene lamentosa — vindo lá de fora.

Mas que raio?

Keller apercebeu-se de que era um aviso de tornado. A família Pine pura e simplesmente não tinha tréguas.

As portas abriram-se e os enlutados começaram a sair em fila. Dirigiram-se para uma escadaria perto das casas de banho. Keller deu por si na fila, empurrada silenciosamente para as escadas para a cave. O velho à sua frente

resmungava enquanto descia um degrau doloroso a seguir ao outro.

— A exagerar como sempre — disse ele. — Já terá passado quando chegarmos lá abaixo.

Keller imaginou que fosse assim em todo o lado. Se se vivesse em Manhattan, era-se imune a avisos de terrorismo. Se se vivesse em São Francisco, não se ficaria perturbado quando a terra tremia. Se se vivesse na Florida, não se deixaria afetar pela monitorização de furacões. E se se vivesse ali, arrastar-se-ia calmamente para os pisos inferiores quando os cúmulos-nimbo ameaçavam cair do céu e destruir tudo no seu caminho.

Ela deve ter parecido abalada, ou talvez fosse óbvio que era forasteira, porque, assim que alcançaram a cave da igreja, uma senhora de idade pousou a mão no braço de Keller.

— Não se preocupe, querida. Passamos a vida nisto.

Ao fim de alguns minutos, os enlutados enchiam toda a cave. Keller ficou de pé junto a um quadro de avisos repleto de anúncios — vendas de bolos comunitárias, um horário dos encontros dos AA, um cartaz dos escuteiros — e tentou não derrubar as cadeiras de metal dobradas encostadas à parede. Procurando localizar Matt, examinou a multidão.

No canto mais distante, um pequeno grupo aglomerava-se à volta da tia de Matt. Uma mulher negra encontrava-se ao lado de Cindy, e Keller conseguia distinguir a cabeça de alguém — o avô, provavelmente — que estava sentado. Não viu Matt.

No outro canto, discerniu um grupo de miúdos com idade de universitários, um conjunto interessante. Uma loura linda de morrer, um rapaz indiano com ar travesso, um tipo coreano tão alto que tinha de se baixar para evitar bater com a cabeça no teto, um negro com olhos bondosos e uma mulher minúscula com o rímel esborratado pelas bochechas. Os amigos de Matt da NYU, assumiu. Matt também não estava com eles.

Precisava de falar com ele. Era a pior altura possível para lhe contar do irmão, mas não queria que ele soubesse do ataque pelo *feed* do telemóvel. Estava a tornar-se especialista em dar más notícias a Matt Pine.

Olhou para outro pequeno aglomerado. O governador estava no centro, rodeado do seu séquito. A única surpresa era que não tinha nenhuma câmara à sua frente. Não haveria gravações para a sequência de *Uma Natureza Violenta*, embora Keller imaginasse que a tia tivesse banido os Adlers da cerimónia. O pastor estava a abrir caminho por entre as pessoas para falar com o governador.

— Muito bem, amigos — disse o governador em voz alta, cortando o barulho. O pastor estava ao lado dele. — O aviso foi levantado. Posso pedir-vos para voltarem lá para cima? — Ele apontou com o braço para a escadaria. — Em fila indiana, por favor.

A multidão abriu alas para deixar o avô de Matt e a tia seguirem primeiro. Guiado por uma cuidadora, o avô parecia desorientado, confuso.

Keller observou toda a gente a subir enquanto procurava Matt, na esperança de poder puxá-lo à parte. Não, decidiu, pedir-lhe-ia para ir ter com ela depois do serviço fúnebre. Esperaria até lá para lhe contar do irmão. Verificou no telemóvel se o ataque a Danny chegara às notícias. Ainda não.

Dois *e-mails*, um a seguir ao outro, chamaram a atenção de Keller. Primeiro, a técnica de reinserção enviara o registo de visitas a Danny Pine. Podia vê-lo mais tarde. Segundo, a equipa informática descobrira quem enviara o vídeo da festa para o *site* Free Danny Pine: uma mulher de Adair cujo nome Keller não reconheceu.

Keller olhou de relance para a escada. A fila ficara parada. Para fazer tempo, enviou uma mensagem para a divisão regional para obterem o historial da mulher que encaminhara a informação anónima. A seguir, clicou no registo de visitas a Danny Pine. Não era extenso. Visitas dos pais. Advogados. Mas um nome saltou-lhe à vista: Neal Flanagan. O nome era tão familiar, mas Keller não conseguia situá-lo. Onde é que o ouvira? Decidiu usar a ferramenta secreta de combate ao crime por excelência de todos os astuciosos agentes do FBI e digitou o nome no Google.

Artigos de jornal iluminaram-lhe o telemóvel.

Flanagan estava embrulhado no escândalo sexual do antigo governador. Era um facilitador que organizava festas para o governador e respetivos benfeitores abastados. Raparigas menores. Drogas. Um júri de acusação indiciara-o, e estavam todos à espera que ele se virasse contra o antigo governador e outros do seu círculo.

Porque é que aquele fulano sinistro haveria de visitar Danny Pine? Apenas duas semanas antes de os pais terem sido mortos por um profissional. Lembrou-se do seu encontro com os realizadores. Tinham dito que Charlotte tinha uma vida secreta, homens mais velhos. Diversos jornais citavam o procurador principal, um membro da Associação do Exército dos Estados Unidos saído do gabinete do Ministério Público de Lincoln. Keller digitou um *e-mail* para Stan. Tinha de falar com Flanagan imediatamente.

CAPÍTULO 56

MATT PINE

Matt caminhou ao longo da estrada, o céu escuro e verde, uma única gota de chuva a salpicar-lhe a cara, o preâmbulo de mais a chegar. As sirenes haviam parado, pelo menos, não havia cúmulos-nimbo a formar-se, por isso a única coisa a que se arriscava agora era a ficar ensopado. Devia voltar para a igreja. Não queria olhar para trás e arrepender-se de ter faltado à cerimónia. Mas arrepender-se-ia mesmo?

Deambulou sem destino. A Papillion Road era uma fatia de asfalto que não ia dar a lado nenhum. Ele atalhara pelo parque infantil para os miúdos da catequese e por uma vedação lateral que delimitava o terreno, para evitar os jornalistas acampados do lado da frente.

A berma era pedregosa. Lembrou-lhe a sua marcha da morte em Tulum. Fora mesmo apenas três dias antes? Seria possível? Os pés doíam-lhe nos sapatos formais apertados. Só tinha um fato e um par de sapatos bons. Antes de sair de Nova Iorque, Ganesh arrastara-se até à residência de Matt e metera-os na mala para o funeral. Fora um gesto atencioso, e Matt não voltaria a dar os seus amigos por garantidos. Fizera-o demasiadas vezes ao longo da vida, por isso nunca mais.

Atrás dele, um carro deu duas buzinas curtas. Matt virou-se e olhou para o veículo, que ia a segui-lo. O para-brisas estava salpicado de chuva, e ele não conseguia ver quem ia ao volante. Não estava com disposição para falar com um jornalista. O carro rastejou até ficar ao seu lado, e a janela desceu com um zumbido.

— Hum, sabes que há um aviso de tornado, não sabes? — Jessica Wheeler olhou para ele de dentro do carro, um sorriso minúsculo nos lábios. Estava vestida de preto, o cabelo apanhado no alto, um colar de pérolas ao pescoço. Devia ter visto Matt escapular-se da igreja e seguira-o. — Para onde é que vais?

— Para lado nenhum.

— Já somos dois — disse ela. O carro manteve o ritmo lento do seu andamento.

Matt parou e o carro também se deteve. Ele olhou para o interior.

Jessica apontou com o queixo para o lugar do passageiro.

Matt queria mesmo estar sozinho; pelo menos, achava que sim.

Jessica ficou em silêncio, à espera de que ele decidisse.

Os pés até lhe doíam, pensou ele. Entrou para o carro e foi recebido pelo aroma do perfume de Jessica, uma fragrância agradável a especiarias.

Ela meteu a mudança e foram-se embora.

A chuva continuava a cair em gotas minúsculas, ainda não era um aguaceiro. Os limpa-para-brisas espanejavam de um lado para o outro, um arco castanho de sujidade e chuviscos.

— Queres falar? — perguntou Jessica, por fim.

— Nem por isso.

— Tudo bem. Queres beber?

— Isso parece mais aliciante.

Ela anuiu, olhou pelo retrovisor, depois fez uma inversão de marcha brusca mesmo no meio da estrada.

Não foi preciso muito tempo para Jessica estar a destrancar a porta do Pipe Layers. O bar só abriria daí a umas horas e estava escuro, sossegado. Jessica acendeu as luzes com um estalido, atirou as chaves para o balcão e foi até à *jukebox*.

Matt sentou-se num dos bancos e observou-a através do reflexo no espelho atrás do balcão. Com o seu vestido preto conservador, parecia deslocada, ali dobrada a espreitar para a *jukebox*. A música encheu o ar.

Jessica aproximou-se e passou por baixo do balcão.

— Bon Jovi? — comentou Matt.

Jessica estava agora à frente de Matt.

— O meu tio escolheu a dedo as músicas da *jukebox* há trinta anos, e ainda não tive coragem para mudar. E quem é que não gosta do Jon Bon Jovi? — Fez um gesto para as garrafas alinhadas na parede. — O que é que queres?

— Uma cerveja seria ótimo.

— Oh, vá lá — respondeu ela, desiludida com ele. — Espera, já sei. — Tirou um copo, deitou-lhe um único cubo de gelo enorme e começou a criar uma mistura. Deslizou o copo até ele.

Ele segurou a bebida à altura dos olhos, o cubo transparente banhado num líquido castanho com uma casca de citrino.

— O que é?

— Um *old-fashioned*.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Isto é uma fantasia à Don Draper tua ou...

— Cala-te. Prova!

Ele deu um gole. Na verdade, até era bastante bom. Com um sabor a fumo e um travo doce.

— Não me considerava um tipo que gosta de *old-fashioned*, mas é bom.

Ela assentiu e depois serviu-se de uma cerveja, sorrindo-lhe enquanto o fazia, reconhecendo silenciosamente que acabara de lhe dar na cabeça por querer algo tão prosaico como uma cerveja. Bebeu um gole, a espuma a cobrir-lhe o lábio superior.

Durante algum tempo não falaram. Ele acabava a bebida, ela preparava-lhe outra. Ela acabava a dela e enchia outra, como se fosse um concurso.

Em pouco tempo estavam ambos a sentir o álcool.

O telemóvel de Matt estremeceu repetidas vezes no bolso, mas ele nunca lhe pegou.

— O funeral foi agradável — comentou Jessica.

— Queres dizer, até às sirenes estridentes e o filho que sobreviveu se ter ido embora?

Ela fez uma careta.

— O teu avô estava com bom ar. Há séculos que não o via na cidade.

Matt segurou o copo na mão, contemplando-o.

— Não sabes o quanto te estou agradecido por isto, mas, a sério, não é preciso fazeres conversa. — Esvaziou o copo.

— Não? — perguntou ela. — Muito bem. — Debruçou-se sobre o balcão, agarrou Matt pelas lapelas do fato e puxou-o para um beijo. Ele não estava à espera, o que deu à adrenalina que o percorria mais um ímpeto. Sem tirar a boca da dele, Jessica trepou o balcão, derrubando copos e utensílios do bar, até estar do outro lado. Quando finalmente se afastou, ambos respiravam pesadamente, o cabelo dela a cair dos ganchos que o seguravam.

— Há um quarto lá em cima — disse ela.

Ele anuiu, seguindo-a por uma porta ao fundo. Ela procurou as chaves, beijando-o outra vez enquanto destrancava a porta para umas escadas estreitas. Pegou-lhe na mão.

Ele tinha a cabeça em água. Da bebida, da ânsia por ela, do dia surreal. Jessica subiu as escadas a cambalar.

Matt começou a ter dúvidas. Combateu-as, mas elas continuavam a assaltar-lhe a mente. Pensara naquela rapariga durante sete anos, e era assim que queria

que fosse? À toa, num quarto por cima de um bar, no dia do funeral da sua família, ainda por cima? Mas ele queria-a *mesmo*, e precisava de algo que o fizesse sentir-se bem naquele momento. Resolver os assuntos por resolver, como Kala dissera. Mas pensar em Kala só intensificou a sensação de que aquilo era um erro.

No cimo das escadas existia um pequeno quarto com uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira e uma televisão. Jessica tirou-lhe o casaco do fato, puxou-lhe a gravata frouxa por cima da cabeça e desabotoou-lhe a camisa, depois as calças. Então parou e disse:

— Espera aqui, eu volto já. — E esgueirou-se para a casa de banho contígua ao quarto.

Matt sentou-se na cama, em conflito consigo mesmo. O telemóvel começou a vibrar outra vez. A tia à procura dele, provavelmente. Os amigos. Tirou-o do bolso para pô-lo em modo silencioso.

Uma mensagem no ecrã principal chamou-lhe a atenção. Mostrava apenas algumas palavras, mas uma delas era *urgente*.

Não a devia abrir. *Não abras*. Mas o polegar não obedeceu, e lá saltou o texto completo da mensagem da agente Keller.

Urgente. Por favor, ligue-me.

Simples e direta, como Keller. Ela não era o tipo de pessoa que esgotava a palavra *urgente*. Clicou no número dela.

No momento em que Keller atendeu, Jessica saiu da casa de banho envergando nada a não ser o colar de pérolas. Fitando a sua pele branca como porcelana, Matt ficou um momento sem fala.

Ela era espantosa.

Estava prestes a desligar, quando a voz de Keller disse:

— Matt, obrigada por me devolver a chamada. Tenho péssimas notícias. — Esperou um momento e depois acrescentou: — É sobre o seu irmão.

CAPÍTULO 57

OLIVIA PINE

ANTES

Passaram outro dia inteiro na praia. Liv gostava de praia tanto como qualquer outra pessoa, mas era difícil ir com uma criança de seis anos. Não havia como relaxar. Ora se preocupava com a possibilidade de se afogar, ora com as idas incessantes à casa de banho, ora era obrigada a ir para o inferno dos castelos de areia. Não devia queixar-se, eles só eram pequeninos uma vez. Mas Liv sentia-se contente por estarem de regresso ao alojamento.

Também estava de olho em Holmes e Watson. Evan e Maggie davam o seu melhor a fingir que não estavam a trabalhar no caso, mas Liv conhecia-os bem. Seria de pensar que ficaria aborrecida, mas unia Maggie e o pai. Liv não conseguia encontrar nenhum pai e filha tão chegados como Evan e Mags. Toda a viagem estava de alguma forma relacionada com o caso de Danny, ela sabia. Mas naquele momento simplesmente não queria saber.

Liv estudou o marido. Estava sentado à bancada da cozinha a teclar algo no portátil, com Maggie a espreitar-lhe por cima do ombro. A filha parecia mais melancólica do que o habitual. Durante toda a viagem, Liv pressentira que alguma coisa a incomodava, que ela estava prestes a contar-lhe alguma coisa, mas que se continha no último minuto. Talvez fosse confessar que estavam a seguir pistas relativas ao caso de Danny, mas Liv decidiu que precisavam de passar tempo juntas, como mãe e filha. Depois de todos terem tomado duche, convidou Maggie para um passeio.

— O pai jantou contigo, agora é a minha vez.

Logo à saída da propriedade havia um caminho para o bosque. Evan disse-lhes para não se afastarem muito. Para levarem os telemóveis. Quem sabia o que havia naquela selva? Mesmo que não fizesse mais nada, nunca deixaria de se preocupar.

— Será que quero saber aquilo em que tu e o teu pai andam entretidos? — perguntou Liv, caminhando ao longo do carreiro, rodeadas de ambos os lados por árvores densas.

Maggie encarou-a. Esboçou o sorriso corado que exibia sempre que era apanhada numa petta.

— Vou deixar que ele te conte. Ele disse que ia contar hoje à noite.

Liv assentiu.

— Mal posso esperar...

— Ele não tem a intenção de deixar que o consuma — disse Maggie. — Só que não consegue aceitar o que aconteceu ao Danny e sente que, se desistir, toda a gente também vai desistir e...

— Não precisas de defender o teu pai. Às vezes pode não parecer, mas eu amo-o por isso. Tenho sido demasiado dura com ele, preocupada com vocês todos... o Matt... mas sei que o pai só está a fazer o que acha correto. Faria o mesmo por qualquer um de vocês. — Liv pensou na frase do livro que Evan adorava. *Tens o meu coração inteiro. Sempre tiveste.*

Caminharam durante bastante tempo, o sol a descer no céu, parcialmente oculto pelas copas das árvores.

— Há mais alguma coisa de que queiras falar?

Maggie parou no carreiro. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e depois lançou os braços à volta da mãe e começou a chorar.

— Está tudo bem, filhota — disse Liv, massajando as costas de Maggie enquanto o corpo da filha estremecia. — Podes contar-me seja o que for. Estou aqui. Conta-me.

E foi o que ela fez.

CAPÍTULO 58

MATT PINE

No piso superior do Pipe Layers, Matt estava sentado aos pés da cama, com a camisa aberta, o telemóvel colado ao ouvido.

— Acham que ele vai sobreviver? — perguntou a Keller.

Jessica, em toda a sua gloriosa nudez, retirara-se para a casa de banho, percebendo que a chamada era importante, o ambiente estava arruinado.

— Não sei — respondeu Keller. — Só soube mesmo antes do funeral e ainda não consegui falar com o médico.

Matt não sabia o que estava a sentir. A única sensação que lhe vinha à ideia era *entorpecido*.

— Acha que está ligado ao que aconteceu à minha família? — perguntou. — Ou foi só violência prisional?

— Não sei. Podemos falar disso mais tarde. Acabei de chegar ao gabinete do Ministério Público de Lincoln. Estou prestes a reunir-me com uma pessoa que talvez tenha algumas respostas.

— Quem?

— Depois ponho-o a par. Tenho mesmo de ir.

Matt não tinha energia para insistir.

— Está bem? — perguntou Keller. — Quando abandonou a igreja, toda a gente ficou preocupada.

— Estou bem, estou com uma velha amiga.

Jessica reapareceu vinda da casa de banho, vestida, com uma expressão apreensiva no rosto.

— Muito bem. Depois ligo-lhe. Só uma última coisa — acrescentou Keller. Tinha a voz ofegante, como se agora estivesse a caminhar. — Já sabemos quem enviou o vídeo da festa à sua irmã.

Matt não respondeu.

— Rastreámos o endereço do IP até um computador localizado na Stone Creek Road, número 15. A família Wheeler. A sua tia disse que os conhece.

Matt olhou para Jessica, que estava a prender o cabelo no alto, a fitá-lo com os seus olhos grandes.

— Sim — respondeu ele —, conheço.

CAPÍTULO 59

Matt não desviou o olhar de Jessica. Estava ligeiramente desalinhada, o rosto ainda afogueado.

— O que foi? — perguntou ela.

Tinha de agir com inteligência. Compartimentar. Pôr o funeral, o ataque a Danny, de lado. *Uma dentada de cada vez.*

— Era do FBI. — Ainda tinha a língua espessa da bebida, mas estava a ficar sóbrio. A adrenalina era como uma cafeteira cheia de café. — O meu irmão... foi severamente espancado.

— Oh, santo Deus — exclamou ela. — Vai ficar bem?

— Estamos à espera de saber.

Ela sentou-se ao lado dele na cama.

Matt levantou-se. Abotoou a camisa. Apontando para a cama com o queixo, disse:

— Desculpa por...

— Noutra altura. — Jessica voltou a corar.

Matt não sabia se haveria outra altura. E, por algum motivo, estava em paz com isso. Por agora precisava de respostas dela. Endireitando-se, desceu as escadas para o bar.

Agarrou nos copos, guardanapos e pequenas palhinhas que tinham atirado para o chão, amontoando os destroços sobre o balcão. Estendeu o braço e pegou no gargalo da garrafa de *bourbon*.

Jessica observou-o com uma expressão confusa.

— Estás bem?

Ninguém parava de lhe perguntar isso. Virou a garrafa ao contrário. Picou-lhe a garganta, depois aqueceu-o por dentro.

— O FBI também descobriu uma coisa.

Ela ergueu os olhos ao ouvir aquilo.

— Ah, sim?

— Sabem quem enviou o vídeo da festa à minha irmã.

Os olhos de Jessica não abandonaram os dele. Por fim, ela desviou o olhar. A expressão dela, o que era? Culpa? Preocupação? Não, resignação.

— Porquê? — perguntou Matt.

A palavra ficou ali suspensa uma eternidade.

Por fim:

— Sabes durante quanto tempo é que eu pensei em ti? — disse Jessica.

— Porquê? — repetiu Matt, ignorando a pergunta dela.

— Mudou tudo naquela noite — continuou ela. — A minha vida ficou arruinada.

Ele não fazia ideia do que ela estava a falar. E tinha imensa piada dizê-lo a Matt, logo a ele.

— O Ricky não voltou a ser o mesmo. Eu sabia que tinha acontecido alguma coisa à Charlotte. *Sabia*. Depois ele foi contra aquela árvore com o carro e desde então que tenho de tratar dele.

Antes ela falara da colisão do irmão como se tivesse sido um acidente, mas agora estava a insinuar outra coisa.

— O que é que estás a dizer?

— Sempre tive um pressentimento de que alguma coisa se passara naquela noite. Depois de me teres levado a casa do monte, vi o Ricky. Conte-te isso. — A voz dela tremeu. — Ele estava completamente bêbedo, a discutir com o par dele. Depois dessa noite, ficou mais fechado, deprimido. Tentou suicidar-se. Eu queria perguntar-lhe, mas ele agora fica confuso.

Matt continuava a não seguir o seu raciocínio, mas deixou-a continuar.

— Depois, no mês passado, o Ricky estava no bar quando saiu a notícia de que o Supremo Tribunal negara o recurso do teu irmão. As pessoas puseram-se a brindar e a pagar rodadas. Depois de fechar, ele estava podre de bêbedo e começou a chorar incontrolavelmente. Não me queria confessar porquê. Não parava de dizer: «Eles esmagaram-lhe a cara, eles esmagaram-lhe a cara, não tinham de lhe esmagar a cara.»

O coração de Matt deu um solavanco ao ouvir aquilo.

— Estava a ver um vídeo no telemóvel, a resmonear — continuou ela. — Estava mesmo à tua frente. De todos. E a única coisa em que as pessoas se conseguiam concentrar era no perfil do Ricky, como se ele fosse o Participante Desconhecido, uma pessoa que nem sequer existe. Inventaram-no.

O quebra-cabeças ainda não estava a delinear-se. Ela parecia estar a sugerir que Ricky estava envolvido na morte de Charlotte. Que havia qualquer coisa naquele vídeo que estava a escapar a todos.

As lágrimas transbordavam dos olhos de Jessica. Ela lutava por recuperar o fôlego.

Matt aproximou-se dela, pousou-lhe as mãos nos ombros.

— Respira fundo — disse, dando o exemplo ao inalar ruidosamente pelo nariz e ao expirar pela boca.

Quando pareceu estar a respirar normalmente outra vez, ela disse:

— O Ricky fica confuso, por isso eu não tinha a certeza. Não parava de dizer que não tinhas visto o que pensavas naquela noite. E não parava de ver o vídeo no telemóvel. Quando ele perdeu os sentidos mais tarde, procurei no telemóvel dele e encontrei o vídeo.

— O que é que estás a dizer, Jessica? — inquiriu Matt. — Que eu vi o Ricky a empurrar o carrinho de mão naquela noite, que ele me viu? Foi isso que ele te disse? — A mente de Matt saltou para sete anos antes. A figura a parar, a cabeça a virar-se diretamente para Matt como se estivesse a estabelecer contacto visual. Ricky pertencia à equipa de futebol e tinha um casaco correspondente, mas Matt vira o nome pine nas costas. Tinha a certeza disso. Mas ele nunca contara a ninguém que vira algo naquela noite, por isso Ricky tinha de ter estado lá.

— Não estás a ouvir — insistiu Jessica.

Ou era do álcool — no organismo de Matt ou no de Jessica — ou ela não estava a fazer sentido.

— Não foi o Ricky — disse ela.

— Então quem foi? *Quem*, Jessica? — Ela dissera que Ricky estava acompanhado naquela noite, mas não fazia sentido.

Jessica tinha o telemóvel na mão. A primeira imagem do vídeo da festa.

— Não sabia se ele estava confuso, se estava a imaginar coisas. Enviei o vídeo para o *site* Free Danny Pine, sabendo que tu o verias. Se o que o Ricky dizia fosse verdade, se os tivesses visto mesmo naquela noite, então perceberias o vídeo.

Passou o dedo pelo ecrã e apareceu a cena dos rapazes a emborcar cervejas, Danny de camisola interior, o perfil do homem-mistério — não, o perfil de Ricky — na periferia da imagem.

Foi então que Matt o viu, e quase caiu ao chão.

Virou-se e correu porta fora.

CAPÍTULO 60

SARAH KELLER

Keller escrutinou o homem na sala de reuniões do gabinete do Ministério Público de Lincoln. Ao lado dela estava uma advogada. Tinha cabelo encaracolado e um ar confiante.

A advogada olhou para Keller, depois para Trey Barnes, o procurador responsável pelo caso contra Neal Flanagan, o homem de confiança do antigo governador.

— Então *agora* querem ouvir o que ele tem para dizer? — perguntou a advogada. — O que é que mudou?

— Não tenho a certeza de que algo tenha mudado. Mas o FBI pediu que nos reuníssemos — o procurador indicou Keller com um gesto —, por isso aqui estamos.

— Ele tem muito para dizer. Mas preciso de um compromisso. Pena cumprida.

O procurador soltou uma gargalhada grosseira.

— Sylvia, haveria um pelotão de linchamento à porta do meu escritório. Algumas das raparigas tinham catorze anos.

Flanagan intrometeu-se:

— Eu não sabia...

— Silêncio — ordenou a advogada ao seu cliente, sem olhar para ele. Dirigindo-se ao procurador: — Eles compreenderão que fez o que teve de fazer. Será o maior caso da sua carreira. — Olhou para Keller. — Das vossas carreiras.

— Passa a vida a dizer isso — retorquiu o procurador —, mas preciso de mais do que os contos de fadas a que tem aludido. Não vou arruinar a reputação de boas pessoas sem nenhuma corroboração.

— Desculpem — atalhou Keller. — Cheguei a meio. Não faço ideia do que qualquer um dos dois está a falar. Que tal falarmos não oficialmente, uma proposta, deixarem-me fazer algumas perguntas e depois verem se dá para chegarem a um acordo?

A advogada de Flanagan cruzou os braços, depois anuiu relutantemente. O procurador fez sinal a Keller para começar a fazer as suas perguntas.

Keller inclinou-se para a frente, olhou para Flanagan.

— Preciso de saber porque foi visitar o Daniel Pine à prisão.

Flanagan esboçou um sorriso arrogante.

A acusação dizia que ele juntara uma trupe de jovens — fugidas, aspirantes a modelos, almas perdidas — e organizava festas para benfeitores ricos e poderosos que financiavam o seu estilo de vida extravagante. Era, resumindo, um chulo ao serviço de lambe-botas e pedófilos. Um dos seus mecenas fora o governador do Nebraska, forçado a demitir-se quando uma das raparigas tivera a precaução de gravar secretamente em vídeo os seus encontros, depois vendera o vídeo e as histórias de depravação a um tabloide. A divisão regional do FBI no Nebraska desvendou em pouco tempo toda a sinistra conspiração. A peça fundamental da engrenagem era Neal Flanagan.

O indivíduo desprezível falou enfim:

— Para além das minhas, aah, festas, costumava fazer outros trabalhos para o governador.

— Que tipo de trabalhos?

— Você sabe, projetos especiais. Desencantar coisas sórdidas sobre os políticos rivais, encontrar médicos com poucos escrúpulos a passar receitas, assegurar-me de que as pessoas que deviam estar caladas se mantinham assim, coisas desse género.

— É alguém que resolve assuntos — disse Keller.

O homem fez uma careta, mas não negou.

— Continuando... Não sei como, uma jornalista ao serviço do Turner deu-lhe a achega de que ouvira dizer que alguém tinha algo incriminador contra ele, algo grande, mas não sabia o quê. E o Turner já estava no cargo há séculos, por isso não tinha ideia do que pudesse ser. — Flanagan soltou umas risadinhas. — Quero dizer, ele é tão corrupto que podia ser qualquer coisa. Mas tinha um mau pressentimento de que a verdade estava prestes a vir ao de cima, que precisava de fazer contas à vida, por isso começou à procura de tudo o que tinha de valor. E decidiu tentar vender alguns indultos, por isso pôs-me a fazer as rondas. Qualquer pessoa que se candidatara a um indulto e que pudesse ter acesso a dinheiro. O Pine estava na lista.

— Ofereceu-se para lhe conceder um indulto em troca de dinheiro?

Flanagan assentiu.

— Ele está preso. Porque é que pensou que ele teria dinheiro?

— Ele tinha apoios de muita gente endinheirada, contratos para livros, por isso valia a pena tentar.

— O que é que ele lhe disse?

— Disse o mesmo que você: que não tinha dinheiro.

Keller olhou para ele, à espera que continuasse.

— Pensei que fosse só isso, sabe? Tínhamos outras coisas a tratar, vender alguma legislação aos lobistas e isso, na tentativa de arranjar um fundo de pensão ao Turner.

— Mas...

— Depois recebi um telefonema. Através do meu número encriptado que só dou a algumas pessoas. Teria de ser alguém de dentro para o ter. — O tipo quase que parecia orgulhoso de tudo aquilo.

Keller mordeu o interior da bochecha enquanto ele continuava.

— Então, recebo o tal telefonema, e o tipo, que não se identifica, mas eu acho que sei quem é, diz que quer que eu o ponha em contacto com alguém que faça trabalho definitivo.

— Um assassino contratado? — perguntou Keller.

— Sim. Respondi que não fazia esse tipo de trabalho. Sou um homem de negócios. Mas que, por uma quantia, talvez conseguisse arranjar um contacto. Um amigo de um amigo, uma cena desse tipo.

O homem era sórdido, mas fazia com que aquilo parecesse quase um negócio. Keller estava literalmente à beira da cadeira. Queria abanar o homem para que chegasse ao que interessava. Mas tinha um pressentimento de que sabia aonde aquela história ia dar. A pessoa que ligara a Flanagan contratara um profissional para matar Evan Pine. Maggie tirara uma fotografia do assassino, por isso ele matara-os a todos e encenara o local para fazer com que parecesse uma fuga de gás accidental. Depois fora atrás de Matt para se apoderar da fotografia.

— Vamos esclarecer as coisas — disse Keller. — Recebe uma chamada do nada a pedir que ponha a pessoa em contacto com um assassino contratado e limita-se a dizer «Certo, na boa»?

Flanagan encolheu um ombro.

— Quem ligou sabia coisas dos meus negócios.

— E pô-lo em contacto com um assassino contratado — intrometeu-se o procurador, como se estivesse a tentar acelerar as coisas. — Um profissional que ninguém parece ser capaz de verificar se sequer existe.

Keller estava a perceber porque é que a história ainda não fora a lado nenhum. O procurador achava que da boca de Flanagan só saíam tretas. E porque não haveria de achar? Flanagan estava desesperado, e a história era de doidos.

— Eu era só o intermediário. Não fazia ideia de que o homem...

O procurador acenou para que se calasse.

— Nós percebemos. Era um menino do coro.

— A pessoa contratada... nunca o conheci, só ouvi falar da reputação dele... não trata diretamente com os clientes. Disse-me para arranjar cem mil e o nome e a foto.

— Como é que entrava em contacto com ele? — perguntou Keller. — E o que é que quer dizer com tinha ouvido falar da reputação dele? O que é que ouviu?

— Quando se está no meu ofício, ouvem-se coisas. A pessoa contratada tinha a reputação de alguém que fazia um trabalho impecável, especializado em fazer as coisas parecerem acidentes.

— Tinha nome?

— Não, as pessoas chamavam-lhe apenas o Lábio.

Keller sentiu a pele dos braços arrepiar-se. Pensou na fotografia tirada por Maggie do homem com a cicatriz no lábio leporino.

— A pessoa que ligou deixa o dinheiro, mais a minha parte, num cacifo na sede do governo. E eu pego no dinheiro e no envelope para ir deixá-lo ao Lábio.

— Então e porque não transferir os fundos ou enviar ficheiros encriptados?

— Porque não era assim que ele queria — respondeu Flanagan, como se fosse a pergunta mais idiota que já ouvira. Keller presumiu que o dinheiro, o papel, era a única forma de assegurar que não haveria um rasto digital. O assassino contratado era da velha guarda.

— Mas, sabe, eu sou dos curiosos — continuou Flanagan.

Keller percebia. A doninha não se escondera apenas para ver quem deixara o envelope na sede do governo, também olhara lá para dentro. Não havia honra entre ladrões.

— Quem era o alvo?

— O tipo das notícias. Do programa da televisão. Evan Pine.

— Quem contratou o Lábio? — pressionou Keller, farta de que ele a mantivesse em suspenso.

A advogada pousou a mão no braço do seu cliente, impedindo-o de responder.

— Ele fica com pena cumprida — disse ela ao procurador.

Flanagan exibiu um sorriso untuoso que Keller quis esmagar com o punho. O procurador olhou para Keller. Ele deve ter sido capaz de adivinhar pela sua postura que Flanagan dissera algo que se encaixava. *O Lábio*. Corroborava a sua

história, fazendo a ponte com o homem da cicatriz no lábio leporino que Maggie fotografara. Não era uma coincidência. Flanagan estava a dizer a verdade.

— Faça o acordo — disse Keller.

— Isso está acima da minha categoria — respondeu o procurador. — Volto já. — Saiu da sala de reuniões.

Quando regressou quinze minutos mais tarde, olhou para a advogada de Flanagan e acenou.

A advogada olhou para o seu cliente repulsivo e disse:

— Conte-lhe.

CAPÍTULO 61

EVAN PINE

ANTES

— Estou cansado, papá — disse Tommy.

Ainda só eram seis da tarde, mas Evan supôs que fora um dia longo. O sol e o calor — e caminhar de um lado para o outro — tiravam energia. Tommy estava com um ar corado e não terminara o jantar que Evan lhe preparara quando Liv e Maggie tinham saído para dar um longo passeio. Não era típico dele deixar restos de macarrão com queijo. Liv obrigava-os constantemente a beber água engarrafada, por isso não achava que Tommy estivesse desidratado. A garrafa meio vazia estava ao lado do prato dele.

Evan pousou a mão na testa do filho. Um bocadinho quente. Provavelmente não era nada de cuidado, mas, desde o susto com o apêndice, Evan nunca encarava sintomas comuns de ânimo leve. Naquela noite, porém, parecia ser simples fadiga. Caramba, o próprio Evan estava capaz de se enrolar e ir para a cama naquele momento.

— Vamos deitar-te, pequenote — disse Evan. Tommy já estava a cabecear ali mesmo à mesa. O pai levou-o para o quarto. Desencantou o pijama da mala e depois pousou-o na cama.

— Braços para cima — disse Evan.

O filho levantou os braços, que pareciam esparguete. Evan tirou-lhe a *T-shirt*. Deslizou suavemente a parte de cima do pijama pela cabeça dele.

Tommy tombou de costas e Evan repetiu a manobra com a parte de baixo. Aconchegou-o debaixo dos cobertores, pondo o Sweet Bear ao lado dele.

Evan observou o filho. O seu peito minúsculo a subir e descer. O seu rosto bem-parecido. Deu-lhe um beijo na testa e apagou a luz.

De regresso à sala, Liv e Maggie tinham voltado do seu passeio. Pareciam melancólicas, vencidas.

— Está tudo bem?

Liv olhou para Maggie.

— Sim. Estamos só cansadas... Não é, Mags?

A filha lançou a Liv um olhar de admiração. Como se partilhassem um segredo e fosse só para elas.

— Sim, é só cansaço — confirmou Maggie.

— Há macarrão com queijo ou esparguete que sobrou — disse Evan. — Ou posso preparar-vos alguma coisa.

— Não tenho fome — respondeu Liv. — Já comi demasiado nestas férias. — Tirou uma garrafa de água do frigorífico e bebeu um gole.

— Talvez mais tarde — disse Maggie. Também tirou uma garrafa de água e depois foi para o quarto.

Sozinho com Liv, Evan perguntou:

— De certeza que está tudo bem?

Liv assentiu.

— Podemos falar mais tarde, mas ela está bem, prometo.

Evan perguntou-se se Maggie lhe contara o motivo da viagem. A investigação inútil. O casal que os levara a viajar para Tulum. Isso explicaria a disposição.

Tinha de engolir o próprio remédio e ser ele a contar a Liv. Tinha de ser sincero com a mulher, de outra forma a magia da viagem não seria real.

— Tenho uma coisa para te contar — começou ele.

Liv sentou-se ao lado dele à mesa de jantar.

Ele bebeu um longo trago de água, empatando, a pensar como haveria de explicar.

— Não fui totalmente honesto contigo em relação a esta viagem.

— Quando disseste que tínhamos dinheiro para ela? Sim, a modos que calculei.

— Não, não é isso. — Contou-lhe do telefonema de Charlotte, ou pelo menos da pessoa que se fizera passar por Charlotte. Sobre Maggie ter localizado o telemóvel. Sobre o casal que o fizera cair na armadilha. Sentiu-se tolo. Preparou-se para lhe contar o resto: o emprego, as finanças, ter tomado os comprimidos.

Antes que o pudesse fazer, Liv disse:

— Bem, também tenho uma coisa para te contar.

Evan inclinou a cabeça para o lado.

A mulher foi até ao quarto e voltou com uma pasta fina. Entregou-lha.

— A mulher do Ron Sampson deu-me isto quando estive no Nebraska. O marido disse-lhe que o ficheiro provava que o Danny era inocente.

— Porque é que não...? — Evan deteve-se. Não importava.

— Eu sabia que estávamos aqui por causa do Danny — continuou Liv. — Não sabia exatamente o que é que tu e a Mags andavam a tramar, mas sabia.

Desculpa não te ter dado a pasta antes. Estávamos a divertir-nos tanto, vocês não pareciam completamente consumidos pelo caso, por isso achei que podia esperar. A mulher do Sampson não parecia estar bem da cabeça, e aparentemente eram só papéis ao acaso, e achei que não havia nada que pudéssemos fazer com isto aqui de qualquer maneira, por isso eu...

— Não faz mal — disse Evan suavemente. Abriu a pasta, que continha três folhas de papel. Ao examinar as primeiras duas, disse: — São análises de sangue. Parecem análises a amostras do sangue da Charlotte e do Danny. — O ficheiro atribuía números às amostras. O de Charlotte era 4215, o de Danny, 5094.

Evan inspecionou o terceiro documento, percebendo que era uma página de um registo de provas. Porque é que Sampson teria aquilo com ele? E depois ocorreu-lhe. E se as análises ao sangue de Charlotte tivessem sido trocadas com as de outra pessoa qualquer? Porque a rapariga assassinada não era Charlotte. Deteve-se. Estava a fazê-lo outra vez. E a terceira página — pertencente aos registos da polícia que documentavam as provas — mostrava que ninguém tivera acesso à amostra de Charlotte. Depois apercebeu-se de que mostrava que alguém — Ron Sampson — tivera acesso à amostra 5094, o sangue de Danny.

Evan apontou para o registo.

— Parece que o Sampson teve acesso à amostra de sangue do Danny por algum motivo. E deve ter roubado a página do registo, porque não queria que ninguém soubesse.

— Então, o que é que isso significa?

Evan abanou a cabeça, zangado consigo mesmo. Passara milhares de horas a examinar os ficheiros a pente fino, a puxar cada ponta solta, a testar cada teoria. Mas estava em branco. Um branco completo e absoluto.

— Porque é que analisaram o sangue do Danny? — perguntou Liv. — Não encontraram o sangue dele no local do crime. Não havia provas de ADN contra ele.

— Para provar que era o pai do bebé. O seu suposto motivo — respondeu Evan. Depois atingiu-o como uma bala. — Cum caraças. Cum *caraças*!

— O que foi? — quis saber Liv, não contendo o entusiasmo na voz.

— O Danny não era O negativo. — Apontou com o dedo para a amostra 5094 no relatório.

— Sabes o tipo de sangue do Danny?

— Não — respondeu Evan. — Mas sei que *não podia ser* O negativo. Porque

eu sou AB.

Liv abanou a cabeça. Não percebia.

— Um pai com tipo de sangue AB não pode ter um filho O negativo.

— Como é que sabes isso? O que...

— A apendicite do Tommy — disse Evan. A cirurgia de urgência do filho.

Ela estava a fitá-lo, confusa.

— O Tommy precisou de sangue.

— Sim, obtiveram-no do banco de sangue enquanto nós estávamos a passar-nos.

A terrível recordação voltou-lhe à memória, aquele dia nas urgências. Evan a chegar tarde, o médico a explicar que o tipo de sangue de Tommy era raro — O negativo — e que pedira para enviarem sangue para o hospital, mas que seria mais rápido se Evan pudesse ser o dador. Liv não podia, porque era A positivo.

— Pediram-me para dar sangue — continuou Evan. — O Tommy é O negativo. — Apontou para a amostra de sangue de Danny, que tinha o mesmo tipo de sangue que Tommy.

Liv empalideceu.

— O médico puxou-me de parte, disse que não sabia como dar-me aquela notícia, mas que eu não podia ser o dador. Um tipo de sangue AB não pode dar sangue ou sequer ser pai de um O negativo.

Os olhos de Liv estavam húmidos.

— Sabias? Este tempo todo e sabias?

Ele assentiu.

— Mas porquê?

— Porque ele não deixa de ser meu filho — respondeu Evan. Há muito que pensava contar-lhe que sabia que Tommy não era seu filho biológico, mas nunca conseguia fazê-lo.

As lágrimas transbordavam dos olhos dela.

— Lamento, lamento tanto, tanto...

Evan pôs-lhe a mão no ombro, fez um *chh* baixo, olhando na direção do quarto de Maggie.

Liv não estava com bom aspeto. Bebeu um gole de água.

— Não sei o que...

— Amas-me? — perguntou Evan.

Ela olhou para ele.

— Olivia Pine, amas-me?

— Sim. — Ela procurou o rosto dele, o dela numa expressão de desespero e confusão.

— Então não precisas de dizer nada.

Ficaram sentados em silêncio, Liv a tentar recuperar o fôlego, com as mãos trémulas, o corpo a estremecer como se estivesse com frio.

— Quero-nos de volta — sussurrou Evan, não desejando que Maggie ouvisse.
— Como éramos dantes. Quero a nossa família de volta.

Liv soluçou:

— Foi tudo o que eu sempre quis. — Limpou o rosto com a mão.

Ouviram um barulho vindo do quarto de Maggie. Liv limpou o rosto e Evan concentrou-se de novo no computador, tentando agir naturalmente.

Então, Liv disse-o, aquilo que fez o mundo desnivelar-se:

— Se não era o sangue do Danny, se ele não é O negativo, então de quem é?

Evan olhou para ela por aquilo que pareceu uma eternidade até a cor lhe fugir do rosto outra vez:

— Do Noah? — disse ela.

— Não, do filho. Isto explica porque é que ninguém viu a Charlotte depois da festa. Explica os rumores sobre haver outro rapaz. Explica porque é que o Sampson trocava as amostras de sangue... Ele era amigo do Noah. Trocaram o sangue do Kyle Brawn pelo do Danny.

— O bebé não era do Danny — disse Liv —, era do Kyle.

Nesse momento Maggie surgiu do quarto.

— O que se passa? — perguntou, olhando para os pais. — O que é que está a acontecer?

— Apanhámo-lo, Mag-pie — declarou Evan. — Apanhámo-lo.

CAPÍTULO 62

MAGGIE PINE

ANTES

Maggie olhou para os pais.

— Não acredito. Pai, conseguiste! — A voz falhou-lhe; estava quase a vibrar de excitação.

O pai tinha uma expressão aturdida. Apertou a mão da mãe e disse:

— Não, conseguimos todos. E tu ficas com os maiores louros, Mag-pie. *Tu*.

Maggie sentiu o peito inundar-se.

— Mas o Kyle Brawn? Porquê? Não percebo.

— Não sei. Talvez a tenha engravidado e talvez não quisesse que isso lhe atrapalhasse a vida.

A mãe acrescentou:

— E talvez tenha tido ajuda a encobrir tudo.

— Achas que o pai dele... — Maggie não terminou a frase. Noah Brawn estivera do lado deles, um guerreiro do Libertem Danny Pine, tal como eles. Sentiu uma onda de traição. Ele não estava a tentar ajudar; estava a dispersar as atenções. Ricky, o amigo de Kyle, fora quem identificara o Participante Desconhecido. Noah Brawn fora quem fizera os realizadores focarem-se no Esmagador.

— Quem é o tipo com a cicatriz no lábio, e a rapariga? — perguntou Maggie.

— Talvez sejam vigaristas ou esquisitoides. Ou alguém que o Noah contratou para nos desviar do caminho quando a mulher do detetive Sampson deu as provas à mãe.

Maggie ainda não tinha bem a certeza. Porque é que haveriam de os atrair ao México? Porquê o estratagema elaborado para fingir que Charlotte estava viva? Mas essas perguntas podiam esperar.

— Vou mandar uma mensagem ao Matt!

Maggie estava tão entusiasmada que quase se sentia tonta. Foi disparada para o quarto e voou para cima da cama. Tirou o telemóvel do carregador e abriu uma mensagem para enviar a Matt. Por onde começar?

De um momento para o outro, os pensamentos ficaram todos baralhados. O quarto estava a oscilar. Não se sentia bem e tentou sentar-se.

Mas não conseguia mexer-se.

O que é que estava a acontecer?

Depois quase teve um ataque de coração.

Um vulto. Um homem a sair do armário! Maggie tentou levantar-se de um salto, tentou gritar, mas era incapaz. O que raio se passava? O coração saltava-lhe no peito, mas era como se estivesse paralisada. O corpo não ouvia as ordens do cérebro. *Levanta-te. Levanta-te!* Mas estava imóvel, madeira petrificada. O homem moveu-se dentro do seu campo de visão.

Cum catano, era ele. *Socorro! Pai!* As palavras não saíam. Um pânico terrível envolveu cada parte dela.

Maggie ainda conseguia sentir o telemóvel na mão. Os olhos ainda conseguiam mover-se e recaíram no ecrã brilhante, a mensagem aberta para Matt. O polegar. Estava a ter dificuldade em controlá-lo, mas mexia-se. Conseguiu tocar na lista de fotos. Surgiram todas as suas fotografias. A última, o casal. O homem no quarto dela! Tentou tocar-lhe, mas o polegar não obedecia.

Sentiu-se distante. Disse ao polegar para se mexer outra vez, e ele ressaltou no ecrã. A fotografia do casal estava anexada à mensagem para Matt. Só precisava de carregar em enviar.

O homem correu para ela. Mesmo antes de lhe ter tirado o aparelho da mão, ela julgou ter ouvido o assobio do envio da mensagem.

O homem desatou a praguejar para si mesmo quando examinou o telemóvel.

Ela estava à deriva.

O homem levantou-lhe o braço e depois largou-o. Parecia uma boneca de trapos. Agachou-se, olhou para as pupilas dela. Tinha uma cara vulgar, esquecível, à exceção de uma cicatriz que ia da narina ao lábio.

As pálpebras de Maggie estavam pesadas. Observou o homem a pegar na garrafa de água dela e a colocá-la num saco de lixo que trazia consigo. Estava a remexer no telemóvel dela, ligando-o a um dispositivo portátil. Depois limpou-o com um pano e voltou a colocá-lo na sua mão petrificada.

O terror abandonou-a.

Sentia-se quente, calma, amada e orgulhosa.

Conseguimos, papá. Conseguimos.

CAPÍTULO 63

OLIVIA PINE

ANTES

O júbilo resultante da descoberta da verdade, que o filho não era um assassino, o perdão do marido pela infidelidade, o orgulho na filha por nunca ter desistido foram subjugados por uma dor no peito.

— Sinto-me estranha — disse para Evan.

Evan perscrutou-a. O seu rosto ficou preocupado.

Os olhos dela fecharam-se.

— Não estou... — Quando os abriu, encontrava-se no chão. Tentou levantar-se, mas tinha os membros paralisados.

Com a cabeça turva, viu Evan curvado para a frente na mesa de jantar, a garrafa de água tombada, a pingar para o chão.

Não compreendia o que estava a acontecer. Tentou falar, mas a boca não lhe obedeceu.

Liv tentou alcançar o marido. Mas nada se mexia. Era como se estivesse enterrada em areia.

Os seus pensamentos estavam desorientados. Começou a rezar, mas não sabia porquê. Uma bênção a Evan e a cada um dos filhos.

Sentiu uma dor acutilante no abdómen e depois um espasmo de medo quando viu um par de pés. Os sapatos estavam envoltos em capas cirúrgicas.

Era uma marioneta com os fios cortados.

Mais escuridão e depois manchas à frente dos olhos.

Os seus pensamentos flutuaram para longe no mar azul. Olhou novamente para Evan. *Apesar de todos os meus erros, de toda a dor, voltaria a fazer tudo outra vez.*

E depois ficou tudo negro.

CAPÍTULO 64

EVAN PINE

ANTES

Evan era um amontoado de peso morto derramado sobre a mesa. Consequia sentir água no braço, a pingar para a perna, mas não conseguia mexer-se. Sentia a madeira do tampo da mesa na face e observou, zangado, enraivecido, enquanto o homem remexia no seu computador, no seu telemóvel. Como se estivesse a correr um programa para os apagar. Era ele, o homem que ele e Maggie tinham seguido até àquela casa. Evan tentou seguir o homem com os olhos, mas nem eles se mexiam. O homem curvou-se, fora do campo de visão de Evan.

Quando se levantou, Liv estava dobrada sobre o seu ombro.

O que é que estás a fazer? Larga-a! As palavras estavam presas dentro de si.

O homem pousou lentamente Liv sobre o sofá, que estava diretamente no campo de visão de Evan. O homem juntou-lhe as mãos, que estavam frouxas. Sem vida.

Não. Não!

O homem agarrou num livro na mesa junto ao sofá e pô-lo sobre o peito dela.

Evan precisava de encontrar a força, a vontade, para suplantar qualquer que fosse a droga, qualquer que fosse o veneno que ingerira. Sentiu humidade nas pernas. Depois compreendeu. As garrafas de água. O homem drogara-os a todos. Lembrou-se da fadiga súbita de Tommy, Liv a cair. O seu próprio desmaio. Tinha o braço estendido à sua frente. Viu os dedos mexerem-se. Percebeu que, se se concentrasse, se pusesse toda a energia dos seus pensamentos nisso, conseguiria mexer a mão. Mas também sabia que estava a perder forças rapidamente. Perto da sua mão direita estava uma caneta. Observou a mão contrair-se. Tinha de se concentrar. O cérebro disse à mão para agarrar na caneta. Fechou os olhos, visualizou-o. Quando os abriu, tinha agarrado na caneta.

O homem estava a reunir os documentos que a mulher do detetive Sampson dera a Liv. Pô-los, juntamente com as garrafas de água, no saco do lixo. Estava a usar luvas de látex.

A visão de Evan ficou turva.

O homem desapareceu pelo corredor e depois regressou.

Evan sentiu uma vaga de remorso. Uma onda de pânico. Uma onda de consciência a desvanecer-se.

Sentiu um toque no ombro. O seu corpo não teve qualquer reação, quaisquer reflexos. Foi içado ao ombro do homem.

Fitando o chão, o sangue a acorrer-lhe à cabeça, podia ver o seu braço a balouçar, a caneta ainda apertada na mão. Estava tudo distante e, por um momento surreal, perguntou-se se toda a cena não seria um pesadelo terrível.

Evan estava a sentir o apelo da escuridão. O mundo era um vídeo dos Pink Floyd. Concentrou cada neurónio do cérebro na sua mão direita.

Depois disse ao corpo para o fazer, usar todo e cada músculo que ainda permanecia sob o seu controlo. E apunhalou o homem no flanco com a caneta. Ouviu um grito — «porra» — e o homem deixou Evan cair ao chão.

O rosto do homem contorceu-se de raiva. Pontapeou Evan na cabeça. Evan viu estrelas. Estavam a cair-lhe gotas de sangue nos olhos. O mundo estava a apagar-se.

O homem cambaleou para fora do seu campo de visão outra vez. Quando regressou, tinha uma toalha de cozinha pressionada contra o flanco, uma faca grande na outra mão.

Encostou a faca ao pescoço de Evan, a lâmina fria sob a sua maçã de adão. Aterrorizado, Evan nem conseguia agora fechar os olhos para se preparar para o que vinha a seguir. Mas então o homem afastou-se dele, e Evan deixou de sentir o aço no seu pescoço.

O homem parecia estar a estudar a marca que deixara na cabeça de Evan com a sua bota.

Ergueu-se, de mãos nas ancas, examinando Evan e o rasto de sangue.

Depois pareceu tomar uma decisão. Levou Evan para o exterior e deixou o seu corpo frouxo no pátio.

Deitado de lado, Evan conseguia ver tudo. O homem olhou em volta, como se estivesse a verificar se ele era visível do lado de fora da propriedade. Desapareceu outra vez, mas voltou com aquilo que parecia ser comida do frigorífico. Deitou restos de molho bolonhesa para esparguete sobre Evan. Largou macarrão com queijo e pão perto do portão. Com as luvas de látex cobertas de vermelho do esparguete, destrancou o portão por algum motivo, abriu-o uma nesga.

— Tenho de admitir — disse o homem a Evan. — Tens muita garra dentro de ti. Vamos ver como te saís com os cães.

Evan não sabia o que ele queria dizer com aquilo.

Naquele momento, encontrava-se nas bancadas do campo de futebol de mão dada com Liv numa fria sexta-feira à noite em outubro, os miúdos — Matt, Mag-pie e de alguma forma até Tommy — sentados ao lado deles a aplaudir o lançamento que fizera o passe e vencera o jogo. O jogador arrancou o capacete, os olhos a perscrutar o público até os encontrar, apontando para Evan e a família, como se fosse tudo para eles.

E era.

CAPÍTULO 65

MATT PINE

A porta da frente encontrava-se aberta. Matt caminhou do vestíbulo até à sala. Bem decorada com cornijas e lambris de madeira, a divisão estava repleta de flores e coroas fúnebres.

Matt foi à cozinha e viu travessas no lava-louça, fatias de bolo meio comidas, aperitivos em pratos, os resquícios do velório da sua família.

Kyle Brawn entrou na cozinha, transportando mais pratos.

— Matt! Oh, caraças, assustaste-me — exclamou. — Estávamos mesmo a arrumar tudo. Tivemos tantas pessoas a querer prestar homenagem, a tua família era tão amada, foi tão...

Matt lançou-se a ele.

Kyle Brawn voou para trás, os braços balouçaram, os pratos voaram, caindo no chão. As costas de Kyle foram contra o grande frigorífico de aço inoxidável. O antebraço de Matt pressionou o pescoço de Kyle. Os olhos deste arregalaram-se, desnorteados de medo.

Matt gritou:

— *Achavas que te tinhas safado!*

Kyle agarrou no antebraço de Matt, tentando meter os dedos entre o braço dele e o pescoço, aliviar a pressão, permitir-se respirar. Olhou Matt nos olhos e abanou a cabeça.

Matt sentiu lágrimas quentes nas faces. Disse a si mesmo para se acalmar, controlar as emoções. Se pressionasse com um bocadinho mais de força, esmagaria a traqueia de Kyle. Mas porque não haveria de o fazer?

Os olhos de Kyle também estavam húmidos, as mãos ainda a tatear o braço de Matt. Tentou falar, a voz pouco mais que um rouquejo.

E a seguir Kyle fez algo inesperado.

Desistiu.

Os seus braços descaíram ao longo do corpo, qualquer luta nele extinta. Como se estivesse à espera — como se agradecesse — que Matt lhe estalasse o esófago.

Só mais um bocadinho de pressão, e Kyle teria o que queria. Mas, se morresse, tantas respostas morreriam com ele. Matt sacou o braço para trás.

Kyle levou as mãos ao pescoço, depois curvou-se a tossir. Uma tosse latida

nauseante. Por fim, endireitou-se, com as costas ainda contra a porta do frigorífico, e deixou-se deslizar para o chão.

Por um momento, Matt pensou que exercera demasiada força e que a traqueia de Kyle estava destruída. Que ele estava a morrer. Mas, sentado entre os pratos partidos e os restos de comida no chão, Kyle começou a chorar.

Pareceu que foi durante muito tempo, mas provavelmente só durou alguns segundos. Matt ainda tinha uma corrente elétrica a arrasá-lo interiormente. Esperou que Kyle dissesse alguma coisa, mas ele limitou-se a ficar ali sentado, todo o seu corpo a tremer.

Matt reconhecia alguém destroçado quando o via.

— Foi um acidente — disse Kyle, por fim.

— Mentiroso — afirmou Matt calmamente, mas a sua voz estava repleta de ameaça. — Mataste-a, depois levaste-a para o ribeiro e incriminaste o meu irmão.

Kyle inspirou um fôlego profundo e entrecortado. Não estava a dizer nada, mas abanava a cabeça violentamente.

— Acabou-se — declarou Matt. — O vídeo. Da festa. O Danny estava só com uma camisola interior de alças. *Tu* estavas com o casaco dele vestido. Foste *tu* que eu vi naquela noite. E tu viste-me, e durante todos estes anos deixaste-me pensar...

— Foi um acidente — disse Kyle outra vez. — Depois de toda a gente se ter ido embora, ela deixou-se ficar para trás. Estava zangada, disse coisas que não eram verdade, e quando lhe pedi para sair da minha casa, ela atirou-se a mim e eu empurrei-a, e ela caiu e bateu com a cabeça. Foi um acidente. — Ele estava com dificuldade em respirar.

Matt sentiu um assomo de raiva outra vez. Por um momento tumultuoso, ainda ponderou bater com a cara de Kyle no chão, esmagando-a contra os cacos partidos.

— O que é que o Danny, ou a minha família, alguma vez te fez?

— Não estávamos a tentar fazer mal ao Danny. Tentámos fazer com que parecesse o Esmagador.

Explicava porque é que a cabeça de Charlotte ficara abaulada, as diferenças em relação às mortes do Esmagador de que o pai estava sempre a falar.

— Durante todos estes anos julguei que o meu irmão... Mas foste *tu*... — Matt sentiu um remorso demolidor no peito. Odiara o irmão. Ressentira-se do pai. Fora um idiota tão grande, um idiota teimoso tão grande. — *Tu!* — gritou

Matt.

— Não foi ele — disse uma voz da entrada da cozinha.

Noah Brawn estava de pé com uma pistola na mão.

— Levanta-te, Kyle — disse para o filho.

Kyle limitou-se a erguer o olhar para ele, sem se mexer.

— *Levanta-te!* — gritou o pai.

Kyle pôs-se lentamente de pé.

— Vira-te — ordenou Noah Brawn a Matt.

Matt virou-se e sentiu o cano da arma a perfurar-lhe as costas. Noah conduziu Matt para fora da cozinha até ao salão. Estantes de livros forravam as paredes, mobiliário topo de gama, arte cara. Noah disse a Matt para se virar, pôr as mãos na cabeça.

Kyle entrou atrás deles. Noah parecia estar a debater o que fazer. Olhou através da grande janela de vidro para o quintal das traseiras, que estava iluminado com luzes de festa espalhadas pelo pátio.

Depois pareceu tomar uma decisão.

Matt não gostou da expressão no seu rosto.

— Encobriu-o? Incriminou o meu irmão — disse Matt.

— Nunca quis que o Danny ficasse com a culpa. Não faria isso à tua mãe. A polícia estadual informara o gabinete do governador de um assassino em série no Kansas que achavam que pudesse ter-se aventurado no Nebraska. Fiz chegar ao procurador e ao advogado de defesa do Danny dicas que ligavam o assassinio da Charlotte ao Esmagador.

Kyle acrescentou:

— Foi por isso que pus o Ricky a dar o testemunho da existência do Participante Desconhecido. Julgámos que fossem achar que era o Esmagador. Não sabíamos que o Danny ia confessar. Saiu tudo dos planos.

Talvez fosse verdade. Explicava a cabeça de Charlotte. Explicava porque é que Ricky era o único adolescente que tinha visto o Participante Desconhecido, criando um monstro que não fosse Danny a quem atirar as culpas. Explicava porque é que Ricky atirara com o carro contra uma árvore, por causa do sentimento de culpa.

— Pai, baixa a arma — disse Kyle. — Acabou-se. Eu digo-lhes que foi um acidente. Podemos dizer-lhes que fui eu que mudei o corpo de sítio, que tu e o Ricky não tiveram nada...

— Cala-te — ordenou Noah.

Estavam a formar-se imagens daquela noite na cabeça de Matt, os píxeis a juntarem-se: Charlotte a encontrar um sítio para se esconder na casa quando a polícia acabou com a festa. A encontrar Kyle num quarto. Kyle podre de bêbedo, a pôr-lhe as mãos em cima, Charlotte a empurrá-lo. Depois estava no chão, o sangue a escapar-se da cabeça. Kyle chamara Ricky para o ajudar, e levaram o corpo dela para o ribeiro. Kyle ainda estava com o casaco de Danny, que vestira durante as tropelias embriagadas da festa. Vira Matt no carro, entrara em pânico, ligara ao pai para o ajudar.

Talvez Kyle e Ricky se tivessem desentendido quanto a ligarem a Noah, a discussão que Jessica vira na noite em que Charlotte fora assassinada. Mas Jessica referira-se à pessoa como o pai de Ricky.

E depois ocorreu-lhe. Talvez Kyle não estivesse interessado em Charlotte. Talvez ela tivesse tropeçado em algo que não devia. O delegado de turma e a estrela da escola a regressar numa posição comprometedora.

— Ela descobriu que tu e o Ricky estavam *juntos*. Apanhou-vos. E mataram-na para que o vosso segredo não se soubesse. — Tão desnecessário. Adair não era o sítio mais liberal do mundo, mas ser homossexual não era propriamente um motivo para se matar alguém.

Kyle abanou a cabeça.

— Pai — voltou ele a dizer —, baixa a arma.

Noah manteve o braço estendido na direção de Matt.

— Não se vai safar com isto — disse Matt. — O vídeo mostra o Kyle com o casaco do meu irmão vestido. O FBI sabe. — Era mentira, mas tinha de tentar.

— O vídeo não prova nada.

— Então porquê? — perguntou Matt, o tom numa súplica. — Porquê matá-los? — A voz falhou-lhe. — Porquê matar a minha família? — Matt estava a tirar uma ilação. Mas acontecera tudo depois de aquele vídeo aparecer. E a única pessoa que tinha os recursos para matar a sua família, contratar um profissional, como Keller especulara, era Noah Brawn. Kyle era um estudante de Direito que contava com o pai para o sustentar, e Ricky estava incapacitado.

— Não era suposto ter corrido assim. Eu amava a tua mãe — disse Noah.

As palavras atingiram Matt como se tivesse levado com um taco na cabeça. Ele tinha razão.

— O que é que ele quer dizer, pai? — perguntou Kyle. — Do que é que ele está a falar?

Matt voltou a gritar.

— Está a falar de ter pago a uma pessoa para matar a minha família! Para te proteger a *ti* por teres matado a Charlotte. E o filho dela.

Kyle Brawn tinha uma expressão confusa, de quem levara um murro no estômago.

— *Não serias capaz.* — Kyle cuspiu as palavras para o pai. Olhou para ele, com os olhos a encherem-se de lágrimas. — *Não o fizeste!*

Noah ignorou-o.

— Vamos — disse a Matt. Fez um gesto para as portas de correr das traseiras.

— Oh, meu Deus — exclamou Kyle. — Por isso é que agiste de forma tão estranha por a mulher do polícia ter dado provas à Sr.^a Pine. As análises de sangue de que ela falava. Foste *tu*. A Charlotte não estava a mentir. — Kyle começou a respirar pesadamente, como se estivesse a hiperventilar.

— Depois falamos sobre isso, filho.

— *Não! Falamos sobre isso agora!* Eu disse-te que tinha sido um acidente. Eu disse-te que devíamos contar à polícia o que tinha acontecido. Ela estava a dizer aquelas coisas todas sobre ti e eu simplesmente empurrei-a para que ela se fosse embora. Mas tu...

— Eu o quê? Salvei-te o couro. Teria acabado com a tua vida.

— E com a tua — atalhou Kyle. — Ela disse que a forçaste.

Matt sentiu que todo o ar lhe fora extraído dos pulmões.

— Ela estava a mentir — contrapôs Noah.

— Ela disse que tinha provas. — Kyle inspirou uma lufada entrecortada de ar. — Disse que o bebé era teu!

Noah virou-se para o filho, a arma momentaneamente deixando de apontar para o peito de Matt.

— Não foi bem assim.

— Quando te levei para a veres no ribeiro. Julguei que ela ainda estava a respirar. Que ela se tinha mexido. Julguei... — Kyle e o pai encaravam-se. — Mas tu... tu pegaste naquela rocha e...

Matt lançou-se para a arma na mão de Noah Brawn, pensando que era a sua última oportunidade. Sentiu o metal frio no seu aperto enquanto puxava para afastar a arma dele.

Noah deu uma joelhada na barriga de Matt. Este aguentou-se, o ar expulso dos pulmões.

Mas Noah conseguiu libertar o puxão de Matt.

A arma disparou.

Matt viu-se no chão. O ombro ardia-lhe com um calor fervente. Tocou-lhe e a mão saiu coberta de sangue vermelho-escuro.

Noah estava a alguns metros, avultando-se sobre Matt, a arma apontada ao seu rosto. Matt precipitou-se para a arma, elevando violentamente o braço de Noah, alimentado apenas pela adrenalina e pela fúria. O mundo era um borrão, e depois a arma voltou a disparar.

Quando Matt reabriu os olhos, Kyle encontrava-se no chão.

— *Não!* — Noah Brawn correu para o filho. O vermelho infiltrava-se pela camisa de Kyle, os seus olhos distantes. — *Nãoooo!* — gemeu Noah, embalando agora o filho.

Matt ainda estava no chão, zozado da perda de sangue e da dor. Tinha de sair dali. Moveu-se para se levantar, quando a cabeça de Noah se virou repentinamente para ele.

— Tu e a merda da tua família. Não podiam deixar as coisas como estavam. — Noah pegou na arma no chão ao lado do seu filho morto.

— Por isso matou-os? Um rapaz de seis anos? Uma rapariga adolescente? A mulher que diz que amava? — Matt segurou-se à estante e pôs-se de pé. Tinha a cabeça a girar, a camisa encharcada em vermelho.

— Nada daquilo era suposto ter acontecido. Quando o vídeo apareceu, só queria que o teu pai desistisse. Depois a tua irmã encontrou-o, viu-lhe a cara, tirou-lhe uma fotografia no México. Ele disse que não tinha tido escolha. Nunca teria feito mal à tua mãe. Só queria que o teu pai... — Deixou as palavras morrer.

Noah queria que o pai deixasse de fazer parte do cenário. Talvez a mãe voltasse para ele. Ou talvez quisesse encerrar a investigação dos Pines de uma vez por todas matando a força motriz por trás dela.

Ouviram-se sirenes ao longe.

Noah olhou para o filho sem vida, ainda aninhado no seu colo. Os seus olhos escureceram. Pousou delicadamente o corpo de Kyle no chão com uma mão, apontando a arma a Matt com a outra. Pôs-se de pé.

Acabara-se. Matt conseguia vê-lo no rosto do homem.

Noah disse:

— Quero que morras sabendo que o teu irmão vai apodrecer na prisão para o resto da vida dele. E que o mundo saberá que confessaste ter contratado alguém para matar os teus pais por causa do dinheiro do seguro. Que mataste o meu filho.

Ele ia safar-se daquilo tudo. Mais uma vez. Diria que Matt e Danny tinham contratado o assassino para ficarem com o dinheiro do seguro. Diria que Matt entrara furtivamente e atacara Kyle, e que Noah o matara em legítima defesa.

Que se lixe. Hoje não.

Matt invocou todos os movimentos de futebol que alguma vez vira o irmão executar e investiu contra Noah, baixando-se sob a arma e lançando os braços à volta da cintura de Noah enquanto voavam para o chão. Matt pôs-se em cima dele e começou a dar socos, batendo-lhe repetidamente no rosto, enquanto Noah tentava segurá-lo, sangue por todo o lado. Quando Noah deixou de se mover, Matt cambaleou para se pôr de pé.

Noah disse algo ininteligível por entre o muco e o sangue.

Matt esticou-se para chegar à estante, retirando um cerra-livros de mármore. Pensou em Charlotte na margem do ribeiro. Ainda viva, a lutar pela vida, como Danny estava a fazer naquele momento. Pensou no pai e na mãe e nos irmãos mais novos. E ergueu o cerra-livros pesado acima da cabeça.

— Matt, não! — gritou uma voz atrás dele.

Ele virou-se e viu a agente Keller, um grupo de polícias locais atrás dela, um deles de arma em riste.

— Não quer fazer isso, Matt.

— Ele levou-me tudo — soluçou Matt.

— Nós sabemos, Matt. Temos as provas — disse Keller. — Mas não deixe que ele o leve a si também.

Matt baixou o olhar para Noah Brawn, que protegia o rosto com uma mão.

Matt ergueu o cerra-livros de mármore o mais alto que conseguiu e, com cada grama de força que lhe restava, atirou-o contra o chão.

Excerto de
Uma Natureza Violenta

Temporada 1/Último Episódio

EXT. STONE CREEK — DIA

Um dia lindo. O sol brilha. Ouve-se o som da água a correr pelo ribeiro.

GRANDE PLANO da margem onde o corpo de Charlotte foi encontrado.

EVAN PINE (EM VOICE OVER)

As pessoas acham que estou obcecado, que sou maluco. Que sou egoísta e um papalvo. Mas o que é que fariam se o vosso filho fosse condenado por um crime que não cometeu? Se estivesse preso para o resto da vida e soubessem no vosso mais íntimo que ele era inocente? Se a vossa família estivesse destroçada?

Temos duas escolhas quando somos confrontados com o nosso pior medo:

desistir ou lutar como um demónio.

E eu vou lutar até ao meu último fôlego pelo Danny, pela Liv, pelo Matt, pela Maggie, pelo Tommy — pela Charlotte — para desvendar a verdade.

FADE A NEGRO

EPÍLOGO

MATT PINE

DEPOIS

— É o teu irmão, Affleck?

— Foi o que eu disse, Reggie. Agora não olhe para a câmara. Jogue naturalmente como sempre. — Matt apontou a câmara *Blackmagic* aos dois homens a jogar xadrez em Washington Square Park, o sol a descer no horizonte. Danny chegara mais cedo, antes de Matt ter terminado a filmagem para a sua curta-metragem, e Reggie parecia fascinado com ele.

— És o que estiveste dentro? — perguntou Reggie.

— Exatamente — respondeu Danny. — Fishkill.

— Chiça, como é que um rapazinho bonito como tu sobreviveu ao Fish Killer? — Reggie olhou para o adversário do xadrez à frente dele, para confirmar.

O irmão de Matt sorriu.

— Mantive-me discreto, acho eu.

— E de rabo contra a parede — casquinou Reggie.

Danny não mencionou que quase não sobrevivera à prisão. Que estivera quase um mês hospitalizado.

— Ouvi dizer que o teu mano te tirou de lá. Foi? — inquiriu Reggie.

Matt baixou a câmara, derrotado.

— Não — disse ele. — A minha família tirou-o de lá. — Matt visualizou Maggie e o pai a passar a pente fino montanhas de indícios empilhados na secretária do escritório de casa, a mãe a arrastar-se para o Nebraska para pedir um indulto ao governador.

Danny pousou uma mão no ombro de Matt.

— Não estaria aqui sem este tipo. — Em parte era verdade, mas os louros iam para o novo governador, cuja primeira ação no cargo fora pressionar a comissão para indultar Danny. O seu predecessor, Noah Brawn, iria passar o resto dos dias numa cela na mesma prisão onde Danny fora encarcerado.

— Caramba, Affleck. Afinal, talvez ainda haja esperança para ti.

Matt ergueu a câmara.

— A sério. Estou a perder a luz. E ainda temos onde ir antes do pôr do sol.

Reggie lançou um resmungo e voltou-se para o tabuleiro de xadrez. Balbuciando para si mesmo, disse:

— Quem é que vai ver um filme sobre dois velhos a jogar xadrez, de qualquer maneira?

Uma hora depois, Matt e Danny estavam sentados numa esplanada na Fourteenth Street. Matt tinha uma caneca alta de cerveja à sua frente, o copo a transpirar, a bebida fria e perfeita num quente entardecer de verão. Danny bebericava um copo de água. Deixara de beber álcool.

— Quanto falta? — perguntou Danny.

Matt viu as horas no telemóvel.

— Dizem que é às oito e vinte.

O sol começava a aparecer no espaço entre os prédios. Saberiam que estava na hora quando as pessoas invadissem as ruas com os telemóveis na mão.

— Lembras-te do nosso primeiro Manhattanhenge? — perguntou Matt.

Danny olhou para cima, a tentar invocar a memória.

— Que idade tinhas? Cinco? Talvez seis?

— Seis.

— Como o Tommy — disse Danny.

Matt sentiu uma torrente de emoção.

— Como é que ele era? Quero dizer, o pai e a mãe falavam imenso dele, mas eu nunca... — Danny deixou que o pensamento se perdesse.

— Era engraçado, menino da mamã.

— Como tu naquela idade.

Matt sorriu.

— Já me lembro — disse Danny. — Foi na viagem em que tu tiveste o ataque de alergia quando fomos visitar o amigo da mãe que tinha um gato. Estavas com pieira e pregaste-nos um susto do caracas a todos.

Matt viu-se a si mesmo numa casa de banho que não lhe era familiar, a mãe a encher a divisão de vapor para tentar dilatar-lhe os pulmões. A sua voz tranquilizante. A mantê-lo calmo. A fazê-lo sentir-se seguro.

— Eras um esgotamento para a família. Tinha de ser tudo por tua causa — disse Danny, provocador. Era um reconhecimento do que tinham abdicado por ele. Depois Danny ficou sério. — Matty, quero que saibas que...

Matt ergueu uma mão.

— Não.

Danny engoliu em seco, fitou o irmão, com os olhos húmidos.

— Estamos a interromper, meninas? — perguntou uma voz.

Matt virou-se e viu Ganesh a semicerrar os olhos para o sol. Atrás dele, Kala, com um ar esplêndido, a pele banhada na luz dourada do sol. Puxaram duas cadeiras para a mesa pequena, Kala abrindo espaço junto a Matt.

Matt olhou de relance para o irmão, que lhe fez um pequeno aceno de aprovação.

— Onde é que estão todos? — perguntou Matt. Convidara o grupo todo de Rubin Hall.

Ganesh encolheu os ombros.

— O Curtis deve estar numa reunião do culto, e ver o pôr do sol é provavelmente demasiado simbólico da masculinidade tóxica do patriarcado para a Sofia. E não queremos o Woo-jin aqui porque iria tapar o sol.

— Recorda-me — pediu Matt —, porque é que somos amigos deste tipo?

Kala abanou a cabeça como se não fizesse a mínima.

— Vêm a caminho — disse ela.

Ganesh desapareceu dentro do bar. Danny então levantou-se, deixou algum dinheiro na mesa.

— Onde é que vais? — perguntou Matt. — Vais perdê-lo.

As pessoas estavam a chegar à rua, com os telemóveis ao alto, virando-se para se apanharem nas fotografias do sol à medida que se centrava entre dois edifícios.

— É só que adoro caminhar aqui fora ao ar livre — respondeu Danny. — Já venho ter convosco.

Matt observou Danny caminhar pela rua, de costas para o sol, com a mesma passada arrogante. Agora coxeava, um resquício do ataque na prisão, mas sem contar com isso, ainda era o caminhar de um homem confiante. Duas raparigas pararam-no, disseram algo, como se o reconhecessem de toda a cobertura dada à sua libertação da prisão. Danny tirou uma *selfie* com elas e depois continuou a andar.

Matt só tinha uma mágoa: que o pai não estivesse ali para ver.

Kala pegou-lhe na mão.

Um carro parou junto à mesa deles. A rua estava apinhada de peões a encher os seus perfis de Instagram com fotografias do sol a mergulhar lentamente abaixo do horizonte. O carro tinha as janelas descidas, a música a vibrar.

«Numb», dos Linkin Park.

— Está tudo bem? — perguntou Kala.

Matt fitou-a nos olhos.

Aqueles olhos.

— Agora está.

DEPOIS

— Tenho medo — confessou Keller em voz baixa para o seu telefone por satélite.

— Não me digas, eu também e estou a quase cinco mil quilómetros de distância, não numa cabana qualquer na Colômbia — respondeu Bob.

Ele nunca tentava dizer-lhe como se devia sentir, validava sempre as suas emoções, o que era estranhamente reconfortante. Dantes Keller nunca costumava ter medo de nada. Mas isso era antes de ter tanto a perder.

— O texano está aí? — perguntou Bob.

Keller olhou de relance para Cal Buchanan, o agente especial supervisor da divisão regional de Chicago que a ajudara a fazer uma vistoria à Marconi LLP. Cal encontrava-se junto a diversos homens com um aspeto duro que seguravam armas enormes e usavam equipamento tático. No rescaldo do caso Pine, Keller fora promovida a diretora da divisão de Nova Iorque quando o seu chefe Stan Webb fora convidado para trabalhar em D.C. Fazer a filha do presidente feliz compensava. Com o novo cargo, Keller podia reunir as equipas que queria. Alguns trabalhos requeriam primor, outros precisavam de um EDC.

Cal olhava para ela repetidas vezes como se estivesse a ficar inquieto por poderem perder aquela oportunidade.

— Quero falar com os gémeos — disse Keller, ainda a sentir os nervos.

— Falas com eles *depois*.

Bob tinha razão. *Pensa positivo*.

— Depois falo contigo — disse Bob. Sem nenhuma hesitação.

— Amo-te — disse ela.

— E eu mais. E, ei, tu consegues, mulher do governo.

Keller cortou a ligação, compôs-se. Dirigiu-se para o grupo reunido junto à única janela da cabana degradada.

— Temos alguém a dirigir-se para aqui — disse o vigia da janela.

— É difícil como o caraças ficar fora do radar — comentou Cal. — Como raio é que o encontraste?

— Os registos da companhia aérea — respondeu Keller sem entrar em pormenores. Aproximou-se do vigia, tirou-lhe os binóculos, espreitou por uma fenda nas cortinas.

Um homem com uma garrafa de água de plástico aproximou-se da entrada de uma cabana ainda mais pequena do que a deles. Era alto, magro, e a cabeça parecia ter sido rapada recentemente. Tinha um bigode. Mas o bigode não cobria por completo a cicatriz — da fenda palatina — que ia da narina direita até ao lábio.

O homem entrou na cabana e Keller entregou os binóculos ao agente.

— É ele.

A equipa pôs-se de pé em alerta, o som dos homens a apetrecharem-se e a carregarem as armas a encher a divisão.

— Podes ficar aqui — disse Cal. — Temos tudo controlado. Tenho os melhores homens de assalto que existem.

Keller pensou numa jovem destemida chamada Maggie que ia sempre ao ataque. Pôs-se em posição juntamente com o resto da equipa. Cal lançou-lhe um olhar de admiração.

Então, ela e os homens lançaram-se porta fora.

AGRADECIMENTOS

Este romance surgiu da forma mais antiquada — um escritor e um editor sentados num bar deprimente em Nova Iorque a falar sobre livros e sobre a vida — e de uma ideia que eu tinha para uma história sobre uma família separada e depois reunida por uma tragédia. Joseph Brosnan, és um génio, e terei sorte se passar o resto da minha carreira a beneficiar da tua orientação sábia e caneta perversa.

Sinto-me abençoado por ser representado pela melhor agente literária do meio, Lisa Erbach Vance. Por ti, punha as mãos no fogo, Lisa, o que é apropriado, porque já o fizeste por mim.

Também estendo a minha mais profunda gratidão à talentosa e dedicada equipa da St. Martin's Press, incluindo à Kelley Ragland, que imprimiu considerável força neste livro; Martin Quinn, Steve Erickson e Kayla Janas, que asseguraram com competência que o mundo ouviria falar dele; e Kaitlin Severini, que corrigiu todos os meus erros.

Um agradecimento especial aos meus amigos que leram rascunhos iniciais ou que ajudaram com a pesquisa médica, sobre o Ministério dos Negócios Estrangeiros e a tecnologia, incluindo Reeves A., Lou B., Mara B., Deborah C., Kimberley H., Brian H., Dawn I., Stanton J., Robert K., Barry L., Doug L., Tony M., Sheila S., Carmen V., e «o Esquadrão» de Recanati, na Itália (Stephanie G., Jennifer R., Lynn S., e Charlie S.).

Tenho também de prestar reconhecimento ao Center on Wrongful Convictions pelo seu trabalho angustiante, e aos exonerados que passaram anos das suas vidas presos por crimes que não cometeram. Retirei inspiração de algumas das suas histórias incluídas no excepcional *Anatomy of Innocence: Testimonies of the Wrongfully Convicted* (Liveright, 2017).

Como é evidente, tenho de agradecer à minha família. Ao criar os Pines, houve coisas tiradas dos meus filhos: as histórias do Jacob sobre a vida, a amizade e o xadrez na NYU; a maneira de ser tenaz da Emma e as nossas horas passadas a ver ininterruptamente as séries baseadas em crimes reais da Netflix; e o amor do Aiden pelo cinema e pelas viagens, bem como a sua admiração por um *caddie* malandro de um *country club*. Meninos, têm o meu coração inteiro. Sempre tiveram.

E nada disto seria possível sem a minha mulher, Trace. Como tudo o resto, este livro é para ti.